

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt



João Brandão

José Joaquim de Sousa Reis

JOÃO BRANDÃO E REMEXIDO:

Bandidos ou heróis? Culpados ou inocentes?

Helder da Conceição Mestre

Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares:

Área de Especialização em História

2017

UNIVERSIDADE ABERTA



***JOÃO BRANDÃO E REMEXIDO:
Bandidos ou heróis? Culpados ou inocentes?***

Helder da Conceição Mestre

Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares:

Área de Especialização em História

Dissertação orientada pela Professora Doutora Ana Paula Avelar

2017

Resumo

O objetivo desta investigação será analisar e decodificar o processo complexo que esteve na origem da construção de uma imagem dicotómica de duas personagens do século XIX português: uma liberal e outra absolutista, uma das Beiras e outra do Algarve. Visa-se desconstruir o processo que levou à imagem corrente de serem estas duas personalidades classificadas como bandidos ou heróis, inocentando-as ou culpabilizando-as.

Para cumprir esse objetivo dividimos o nosso trabalho em quatro capítulos. No primeiro, apresenta-se o contexto histórico/geográfico/político/ideológico em que as nossas duas personagens viveram e descrevem-se os seus percursos de guerrilheiros após a Convenção de Évora-Monte. No segundo, confrontam-se os percursos de vida, procurando as relações de causa/efeito entre a violência e os seus possíveis enquadramentos ideológicos e identificam-se possíveis modelações regionais das imagens de Bandido/Herói. No terceiro, analisa-se como a imprensa da época modelou João Brandão e Remexido como bandidos/heróis. No quarto, através de uma abordagem multidisciplinar, principalmente em termos mitológicos, filosóficos e antropológicos trataremos da temática bandido/herói, e exploram-se as semelhanças existentes entre estes dois bandidos/heróis portugueses, João Brandão e Remexido e os seus congéneres internacionais.

Palavras-chave: João Brandão, Remexido, Liberalismo, Absolutismo, Guerrilhas.

The aim of this investigation is to assess and decodify the complex process underpinning the construction of a dichotomical view of two characters from the Portuguese 19th Century: one a Liberal, the other an Absolutist; one from the Beiras, the other from the Algarve. The goal is to deconstruct the process which led to common views about these personalities, classified as bandits or heroes, innocent or guilty.

To achieve this goal, the work was divided in four chapters. The first chapter presents the historical / geographical / political / ideological background in which the two characters lived and describes their journeys as guerrilla fighters after the Évora-Monte Convention. The second chapter puts their life stories side by side, looking for the cause-effect relations between violence and their possible ideological frameworks, and identifies possible regional modulations of the Bandit / Hero types. The third chapter assesses how the press of that time modeled João Brandão and Remexido as bandits/heroes. Through a multidisciplinary approach, mainly mythological, philosophical and anthropological, the fourth chapter deals with the bandit/hero theme and explores the similitudes between these two Portuguese bandit/heroes, João Brandão and Remexido, and their international counterparts.

Keywords: João Brandão, Remexido, Liberalism, Absolutism, Guerrillas.

Dedicatória

Ao meu pai, que já partiu, pela dedicação que sempre demonstrou ao acompanhar-me a Grândola (ao polo regional da Universidade Aberta em Grândola) em todos os exames que fiz durante a licenciatura em História (2009-2012) .

À minha mãe, pelo incentivo que sempre deu à formação académica.

Ao Uolly, o meu cão-guia, fonte de grande motivação pela sua alegria e energia.

Agradecimentos

À minha orientadora, a Professora Doutora Ana Paula Avelar.

Aos meus irmãos e sobrinho, pela motivação.

À Alda, pelo apoio constante, a quem agradeço a ajuda dada na formatação final desta dissertação, dado eu ser cego, assim como no acesso a documentos da Rede de Bibliotecas de Lisboa.

Ao Gabinete de Leitura Especial da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, na pessoa de Paula Pereira.

Ao Gabinete de Referência Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, na pessoa de Maria da Conceição Romano.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	5
JOÃO BRANDÃO E JOSÉ JOAQUIM DE SOUSA REIS NO SEU TEMPO	5
1. Do Contexto Histórico, Geográfico, Político e Ideológico	6
1.1. As consequências da Guerra Civil entre Liberais e Absolutistas.....	7
1.2. Um enquadramento geográfico favorável à violência	8
1.2.1. João Brandão: residente nas Beiras	11
1.2.2. Caracterização do homem: de José Joaquim de Sousa Reis a Remexido.....	13
1.3. Percurso de Guerrilheiros.....	18
1.3.1. João Brandão e Remexido: Heróis durante a Guerra Civil, bandidos depois de 1834, depois da paz de Évora-Monte	19
1.3.2. Visão Dualista: Bandido / Herói: uma questão de ideologia.....	24
1.3.3. Fuzilamento do emblema e extinção da guerrilha.....	29
1.3.4 O Remexido, o emblema de uma ideologia	30
CAPÍTULO II.....	35
JOÃO BRANDÃO E JOSÉ JOAQUIM DE SOUSA REIS E AS <u>MODELAÇÕES</u> REGIONAIS DAS IMAGENS DE BANDIDO/HERÓI.....	35
2.1. Das Figurações de João Brandão e José Joaquim de Sousa Reis.....	36
2.1.1. Remexido, as ajudas externas para a defesa violenta de uma ideologia	36
2.1.2. João Brandão: da morte do Ferreiro de Várzea e da humilhação do seu irmão.....	38
2.1.3. Remexido: o assassinato, violação e profanação de Felicidade Perpétua.....	40
2.2. João Brandão: acusado pelo homicídio do padre Portugal	41
2.3. Remexido: acusado pelas mortes do padre Alexandre José Águas e do padre Malveiro 47	
2.4. Contrapondo percursos e escolhas de vida.....	49
2.4.1. A importância do estatuto social e influência local de João Brandão como a causa da sua condenação ao degredo	53
2.4.2 A transferência da figura do bandido/herói das Beiras para latitudes africanas.....	58

2.4.3. Remexido: uma questão de más práticas do líder ou do guerrilheiro e a sua condenação à morte	62
CAPÍTULO III.....	69
A IMPRENSA DA ÉPOCA E AS FIGURAÇÕES DE BANDITISMO/HEROÍSMO DE JOÃO BRANDÃO E DE REMEXIDO.....	69
3.1. João Brandão: os ataques de Joaquim Martins de Carvalho no jornal Conimbricense e no livro Os Assassinos da Beira	71
3.1.1. Visão apologética de Dias Ferrão?	73
3.1.2. A figura de João Brandão contada pelas visões antagónicas de Martins de Carvalho e Dias Ferrão	75
3.1.3 Dos Homicídios perpetrados por João Brandão.....	81
3.1.4 De uma imagem arquetípica de Bandido.....	93
3.2. Imprensa, testemunhos e acontecimentos da época que moldaram a imagem do Remexido	100
3.2.1. Na Gazeta de Lisboa: Quando Silves jurou fidelidade a D. Miguel	103
3.2.2. Uma visão romântica de Remexido pelo historiador Alberto Iria.....	104
3.2.3. Ação do Remexido vista através dos registos paroquiais de S. Bartolomeu de Messines.....	107
3.2.4 Remexido: o relato de Francisco António da Silva Cabrita em memória dos desastrosos acontecimentos de Albufeira.....	109
3.2.5 Registos de correspondência sobre o Remexido no Arquivo Histórico Militar: Operações contra a Guerrilha Miguelista (1834 -1844)	117
3.3. Das imagens arquetípicas de Bandido(s) e de herói(s)	122
CAPÍTULO IV	130
DO BANDIDO E DO HERÓI OU DOS PERCURSOS DE RECONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA	130
4.1. Várias tipologias de bandidos/heróis	132
4.1.1. Comparando João Brandão e o Remexido com bandidos sem o perfil dualista de bandido/herói: os casos de Diogo Alves e Matos Lobo	135
4.1.2. Comparando João Brandão com um perfil passional de bandido/herói: Urbino de Freitas e Vieira de Castro	139

4.1.3. Comparando João Brandão e o Remexido com outras figuras também com perfil político: Tomás das Quingostas e António Macário	140
4.1.4. João Brandão e o Remexido versus major Cristiano da Fonseca, o envenenador do Ervedal: um caso de moral e amoral familiar.....	142
4.1.5. Comparando João Brandão e o Remexido com o exemplo paradigmático português de bandido/herói: José do Telhado.....	144
4.2. Das imagens especulares de uma memória de João Brandão e do Remexido	149
4.2.1. De Robin Hood e do ideal de cavalaria em João Brandão e em o Remexido	149
4.2.2. O que há do modelo de ideal cavaleiresco em João Brandão/Remexido.....	152
4.3. Revisitando arquétipos através dos percursos de João Brandão e do Remexido	156
4.3.1. Os ensinamentos das Fábulas de Hesíodo e Esopo na problemática dualista de João Brandão/Remexido	159
4.3.2. Observando João Brandão e Remexido pela Filosofia Heraclitiana e Maniqueísta.....	161
4.3.3. O que há de Hércules em JOÃO Brandão e Remexido?.....	163
4.4. JOÃO Brandão um homicida precoce?.....	164
4.5. De José Joaquim de Sousa Reis, o seminarista até Remexido, o Lobo da Serra.....	165
4.6. Seguindo Eric Hobsbawm: João Brandão e o Remexido ou dois exemplos que podem confirmar a existência de um modelo uniforme de um banditismo social	167
4.6.1. Semelhanças com os cangaceiros do Nordeste brasileiro.....	167
4.6.2. Paralelismos com Pancho Villa e Emiliano Zapata	174
4.6.3. Comparando João Brandão/Remexido com alguns homólogos do Far West Norte americano.....	175
4.6.4. Comparando João Brandão com um bandido urbano: Al Capone.....	178
4.6.5. A vendeta como ponto de contacto entre os bandos/quadrilhas de João Brandão/Remexido e as organizações criminosas/mafiosas da Península Itálica	179

4.6.6. O que há de espírito de Vendetta nas atuações de João Brandão/Remexido	182
4.6.7. Existe ideal cavalheiresco em João Brandão/Remexido como em Salvatore Giulliano?.....	184
CONCLUSÃO	187
BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA.....	196
BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA	196
FONTE DAS IMAGENS	209
ANEXOS	210
Anexo I.....	211
Anexo II	212
Anexo III.....	213
ANEXO IV	216

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1 Robin Hood.....	148
Fig. 2 José do Telhado.....	153
Fig. 3 Antônio Conselheiro.....	173
Fig. 4 Juan Facundo Quiroga.....	181
Fig. 5 Salvatore Giuliano.....	184

INTRODUÇÃO

Na historiografia é recorrente depararmo-nos com a presença de personagens que são classificadas dicotomicamente como bandidos ou heróis. João Brandão e José Joaquim de Sousa Reis são duas personagens do século XIX português com essas características, que viveram durante e após os confrontos da guerra civil entre liberais e absolutistas. João Brandão teve como missão combater as guerrilhas realistas que se formaram nas Beiras, enquanto José Joaquim de Sousa Reis esteve no lado oposto ao lutar para restaurar esse mesmo ideal realista no sul do país. É sobre este contexto, acerca da ação conflitante destes dois atores sociais que nos propomos refletir. Procuraremos saber se os guerrilheiros João Brandão (1825-1880), natural das Beiras, Casal da Senhora-Midões-Tábua, e José Joaquim de Sousa Reis, mais conhecido por Remexido (1797-1838), natural do Algarve, (Estômbar) terão sido bandidos ou heróis, culpados ou inocentes. Será indispensável compreender como a construção e reprodução da memória destas duas personagens é constituída por uma mescla de ficção e realidade. Será importante aferir se existe ou não uma mistura dúbia de valores que dizem respeito, não só à forma como aos bandidos são aduzidos atributos, seja de herói seja de fora da lei. Pretenderemos questionar os estigmas acerca de si veiculados pelas instituições aplicadoras da justiça. Será que as representações criadas sobre atores sociais como João Brandão e Remexido, que constroem as suas vidas num cenário de marginalidade/contravenções, passam a ser idealizados como “heróis populares” e intérpretes de uma justiça alternativa?

O nosso objetivo é investigar esta problemática bastante ambígua, recorrendo a fontes locais, usando os instrumentos hermenêuticos de uma História local e regional. Contudo, e já num último momento, tentar-se-á inscrever esta mitografia regional num quadro cultural mais abrangente, ainda que este seja mais uma proposta de leitura especulativa.

Mas importa desde já assinalar que a generalidade dos relatos historiográficos defendem que João Brandão e Remexido foram até certa altura úteis às fações políticas litigantes: um foi guerrilheiro liberal/cartista (isto já depois do fim da guerra, enquadrado nas lutas entre antigos guerrilheiros, que infestavam a região) nas serranias beirãs, e o outro foi guerrilheiro absolutista (durante a guerra civil e até ao seu fuzilamento, que aconteceu quatro anos após a Convenção de Évora-Monte) na serra algarvia e no Sul alentejano.

Constatamos que estas duas figuras têm sido pouco exploradas por trabalhos de cariz académico, bem como pela História de Portugal,¹ mas em contrapartida têm sido bastante investigadas e até mesmo romanceadas por autores locais, menos conhecidos do grande público.² Tentaremos responder a algumas dúvidas: perceber o que representaram (no século XIX) estas duas figuras e ainda continuam a representar nos dias de hoje para os seus conterrâneos. Perceber a razão pela qual ainda mantêm na atualidade, em certas zonas, principalmente nas rurais, uma aura mítica em torno destas duas figuras.

Iremos circunscrever o nosso problema de investigação à História Local/Regional, principalmente, a partir da região das beiras e da serra algarvia, entre as décadas de vinte e setenta de Oitocentos, mas também extrapolando através de um processo comparativo com outras personagens nacionais e internacionais, de modo a compreender como a problemática dicotómica bandidos/heróis, culpados/inocentes, presente nas figuras de João Brandão e do Remexido, se mantém como um tema atual e global. Apesar de partirmos do estudo de duas figuras que tiveram prevalentemente uma relevância localista/regionalista, isso não nos impedirá, de, através do seu exemplo, tentarmos estabelecer um arquétipo universal e

¹ Por exemplo, nos volumes I e II de *Portugal Contemporâneo* de Oliveira Martins, onde não se encontra qualquer referência a João Brandão e encontrando-se apenas as seguintes leves passagens sobre o Remexido: «No extremo oposto do Reino, Sá da Bandeira segurava o Algarve, onde até aí imperava o Remexido.» [Volume I]; «Depois foi o ministro; e em 34 governador do Algarve, para bater as guerrilhas do Remexido.»; «D. Miguel preparava uma insurreição em Portugal e nas ilhas. O Remexido estava levantado no Algarve.» [Volume II]. Na História de Portugal de A. H. de Oliveira Marques, Vol. II, *Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias*, não encontramos quaisquer referências tanto a Remexido como a João Brandão. Na História de *Portugal Contemporâneo Político e Institucional* de autoria de João Medina apenas encontramos uma breve alusão a Remexido: «[...] ao mesmo tempo que, no Algarve e Alentejo, se davam motins suscitados pelas guerrilhas miguelistas chefiadas pelo «Remexido», que só em 1838 seria capturado e sentenciado à morte.»

Na História de Portugal organizada por José Tengarrinha não encontramos quaisquer referências a João Brandão ou ao Remexido.

² Nomes de alguns autores de âmbito local/regional que se debruçaram sobre a vida de João Brandão e de Remexido:

Sobre João Brandão: Joaquim Martins de Carvalho no jornal *O Conimbricense* e em *Os Assassinos da Beira*; Dias Ferrão na obra de nome *João Brandão*; Sousa Costa em *Páginas de Sangue*; César dos Santos em *O Desventurado de Midões*; Álvaro Costa em *O Herói da Beira*; José Manuel Castro Pinto em *O Terror da Beira*; o próprio João Brandão nos apontamentos de vida que escreveu durante o cativeiro na Prisão do Limoeiro.

Sobre o Remexido: Francisco António da Silva Cabrita em *Os Desastrosos Acontecimentos de Albufeira*; Ofir Chagas em *Remexido: Guerrilheiro Realista*; António do Canto Machado e António Monteiro Cardoso em *A Guerrilha do Remexido*; José Manuel Palma em *A Balada do Remexido*; JOÃO Manuel de Castro Pinto em *Remexido: Entre a Guerra e o Amor*; João Vasco Reis em *O Remexido*, José Joaquim de Sousa Reis; Maria Adélia Pinto C. Marques dos Santos em *O Remexido: Tendência Monárquica*; José Carlos Vilhena Mesquita em *O Remexido e a Resistência Miguelista no Algarve*; José Reis Sampaio em *A Guerrilha do Remexido no Concelho de Monchique*.

intemporal sobre esta matéria. Para esse efeito, no quarto capítulo recorreremos a Carl Jung com a tese do inconsciente coletivo (*Os Arquétipos e o Inconsciente Colectivo*) e a Joseph Campbell com o *Herói de Mil Faces* para perceber se estes estereótipos dualistas de bandido/herói poderão ser ou não uma marca inata do cérebro humano transversal a tempos e lugares.

Nesse sentido achamos relevante investigar este problema, porque a sua dissecação dar-nos-á, provavelmente, não apenas um retrato aproximado das pequenas sociedades rurais do Portugal de meados de Oitocentos como um retrato do homem universal. Objetivamos entender como, naqueles micro cosmos, mais que as pressões do poder régio central, poderão ter sido as questões locais/regionais materializadas em sentimentos menores: as invejas, as rivalidades, a procura de fama e glória, a influenciar o destino nefasto (condenação ao degredo e à morte) destas duas figuras oitocentistas. É este prisma localista, que entendemos inovador e fundamental, que esta investigação poderá proporcionar, trazendo benefícios, deste modo, ao conhecimento histórico das figuras em análise, tentando descobrir soluções para casos até agora mais particulares e pouco desvendados da nossa História.

Assim e porque João Brandão e José Joaquim de Sousa Reis, vulgo Remexido, foram duas figuras controversas das guerras fratricidas entre liberais e absolutistas do Portugal da primeira metade do século XIX, deixando uma imagem ambivalente, tanto no seu tempo como na atualidade, o objetivo mais geral da nossa investigação consistirá em analisar a ação de João Brandão e Remexido, com o intuito de perceber o motivo do sentimento dualista que provocaram nos seus coevos e continuam ainda a provocar hoje, colocando uma figura do lado dos liberais e outra do lado dos absolutistas, de modo a estabelecer o contraste.

Mas, para além deste objetivo mais geral, procuramos investigar como as múltiplas inter-relações de carácter local/regional estabelecidas entre os diversos agentes desde os membros da classe política, da hierarquia da igreja, do poder régio ou simplesmente do povo, contribuíram para a visão dualista existente acerca de João Brandão e do Remexido. De igual modo, pretendemos perceber como se revelava o comportamento da Igreja face a estas manifestações pró-liberais ou pró-absolutistas e como essa apologia religiosa influenciava o povo. Por outro lado, procuraremos examinar de que modo estas duas figuras eram acolhidas ou repudiadas pela população, e compreender como a política local influenciou e marcou os

processos judiciais destas duas personalidades, revelando as alianças mais ou menos temporárias que vieram em seu socorro, e as razões das mesmas.

Iremos organizar este trabalho em quatro capítulos. No primeiro, iremos dar a conhecer o contexto histórico/geográfico/político/ideológico em que João Brandão e Remexido viveram, bem como percorrer os seus trajetos de guerrilheiros a seguir à Convenção de Évora-Monte. No segundo capítulo iremos confrontar os seus percursos de vida, procurando as relações de causa/efeito entre a violência e os seus possíveis enquadramentos ideológicos, e identificar possíveis-modelações regionais das imagens de Bandido/Herói. No terceiro capítulo iremos dissecar a forma como a imprensa da época modelou João Brandão e Remexido como bandidos/heróis. Finalmente, no quarto e derradeiro capítulo desta dissertação, faremos uma abordagem de carácter multidisciplinar nesta temática do bandido/herói, principalmente, nas suas vertentes mitológica, filosófica e antropológica, tentando ainda explorar os pontos de contacto existentes entre estes dois bandidos/heróis portugueses, João Brandão e Remexido e os seus homólogos do estrangeiro.

CAPÍTULO I

JOÃO BRANDÃO E JOSÉ JOAQUIM DE SOUSA REIS NO SEU TEMPO

1. Do Contexto Histórico, Geográfico, Político e Ideológico

João Brandão e Remexido viveram, com toda a certeza, numa das épocas mais marcantes da História, já que tinham decorrido ainda poucos anos sobre datas tão marcantes como a Revolução Americana (1776) e a Revolução Francesa (1789). É um momento em que a ordem social vigente e a respetiva pirâmide social sofrem um forte abalo. Assiste-se ao irromper de novas ideias que irão colidir com o conservadorismo político e cultural e a ortodoxia religiosa de séculos. É o liberalismo a tentar impor-se ao absolutismo. A velha sociedade de ordens dá lugar à nova sociedade de classes. Os membros do povo terão, a partir de agora, mais legitimidade para ambicionar subir nesta nova organização hierárquica da sociedade, do que sucedia na muito rígida e arcaica sociedade de ordens, procurando também conquistar direitos até antes só usufruídos pelas camadas mais altas, visto que as velhas monarquias tiveram que aceitar reger-se por uma constituição. Todavia, estas novas ideias liberais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade (divisa da Revolução Francesa) que visavam ser a trave mestra de um novo modelo social, a Democracia, encontram grande oposição dos absolutistas que tentam travá-las em 1815 no Congresso de Viena.³

Em Portugal, a instauração de uma monarquia constitucional deparou-se com vários entraves. A Constituição Liberal de 1822 que tinha sido um reflexo da Revolução Liberal do Porto de 1820, seria substituída pela Carta Constitucional de 1826. Tentava-se, deste modo, retirar muitos dos direitos concedidos ao povo na Constituição Vintista por parte dos segmentos mais conservadores. Estas desavenças ideológicas entre a velha guarda e a nova guarda desembocariam na Guerra Civil de 1832-34. Seria já depois de finalizado o conflito, em 1838, e consequência da Revolução de Setembro (1836) que tentara repôr a constituição de 1822, que se iria chegar a uma solução de compromisso entre os liberais (com a fusão da Constituição Vintista com a Carta Constitucional) e os absolutistas. Surgiram assim os Cartistas e Setembristas. Esta bifurcação do liberalismo afectará a família dos Brandões: os

³ «[...]objetivo principal do Congresso de Viena era retomar o modelo político que ordenava a Europa antes das guerras napoleónicas, isto é, objetivava-se retomar as estruturas do Antigo Regime, com repressão às ideias liberais e às manifestações revolucionárias das quais a França foi o principal “cavalo de batalha”. Matternich, da Áustria, preconizou a defesa do retorno do poder às antigas famílias aristocráticas para que essas resguardassem a paz da Europa e impedissem a proliferação das ideias revolucionárias.» in: *Congresso de Viena. Aspectos do Congresso de Viena - História do mundo*. [cons. em 16-4-2017] Disponível na Internet:<URL: <http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/congresso-de-viena.htm>>

Brandões de Midões tornaram-se Setembristas, enquanto os do Casal da Senhora tornaram-se cartistas.⁴

1.1. As consequências da Guerra Civil entre Liberais e Absolutistas

As novas ideias liberais advenientes da Revolução Francesa espalhar-se-iam por quase toda a Europa, chegando a Portugal em 1807 com as invasões napoleónicas. O exército português demonstra uma total falta de reação contra a entrada destes franceses. É neste contexto que grupos de populares procuram pôr fim a esta total impunidade dos invasores.⁵ Com o intuito de defender o país da barbárie provocada pelas três invasões francesas (1807, 1809, 1810) dar-se-ia um fenómeno de nascimento de várias guerrilhas com a consequente proliferação de armas pelos civis.⁶

Contudo, esta inundação do reino de armas, muitas delas para mãos menos apropriadas, iria trazer problemas no futuro, causando um clima de violência quase generalizada, como sucederia nas beiras e nas províncias do Sul. Muitos dos componentes destas guerrilhas tornar-se-iam simples bandidos.⁷ A ação das duas personagens que estudamos, João Brandão/Remexido, enquadra-se no fenómeno organizativo de grupos de assaltantes que tem a sua origem de formação espontânea durante as invasões francesas.

⁴João Brandão, o seu pai e os seus irmãos optaram pelos cartistas (corrente mais à direita do liberalismo), enquanto o seu tio e os seus primos de Midões: Francisco Elísio e Manuelzinho optaram pelos setembristas (corrente mais à esquerda do liberalismo). (Costa, 2001, cap. IV)

⁵ «Nas províncias do Sul, as insurreições populares anti-francesas adquiriram muito mais claramente o carácter de movimento protonacionalista, com colorações de revolta social, do que o de movimentos animados pela religião.» (Ferreira, 2002, subcap. 2) «As tropas comandadas por Junot, entraram em Lisboa sem encontrar resistência. Os invasores espalharam-se por todo o país, confiscando, pilhando e roubando. A regência pelo ainda príncipe D. João, antes da partida para o Brasil, foi dissolvida, e o exército português parcialmente desmantelado. As atitudes abusivas dos invasores provocaram a organização de uma resistência popular que através de várias guerrilhas fez arrastar a revolta por todo o país.» (Álvaro Costa, *op. cit.*, cap. I)

⁶ «O povo português esteve em armas? Sem qualquer dúvida. Diversos conferencistas, entre os quais o Major Lousada citaram um número impressionante: uma população de três milhões e meio de pessoas conseguiu, durante seis anos, levantar em armas 110.000 homens, fora os irregulares. Ou seja, mais de três por cento da população total, um número nunca mais atingido até hoje.» *In* Expresso, “20 perguntas sobre as invasões francesas” [cons. Em 14-4-2017] <URL: <http://expresso.sapo.pt/actualidade/20-perguntas-sobre-as-invasoes-francesas=f279250>>

⁷*In: Guerrilheiros e bandidos no Douro na primeira metade do século XIX*, DOURO - Estudos & Documentos, vol. I, (3) 1997 (2ª) (Silva, 1997: 111-122)

A guerra intestina irromperá em 1828, quando D. Miguel põe em causa o poder liberal e faz-se aclamar rei absoluto, retomando as perseguições aos liberais que emigram em grande número. Os grupos populares, formados durante as invasões francesas, transformar-se-iam em milícias, agora já com experiência guerrilheira acumulada, sendo aproveitados na guerra civil de 1832-34 pelas forças políticas e militares conflitantes (os "corcundas" (absolutistas) e os "malhados" (liberais). Terminada a guerra civil, «ficou o gosto e o proveito da guerrilha por conta própria».⁸

É sob este quadro de instabilidade reinante que surgem figuras como João Brandão, Remexido, ou José do Telhado. Com o fim da guerra civil muitos dos soldados desmobilizados dispersar-se-iam dando origem a várias guerrilhas/bandos. Este fenómeno de quase caos perduraria até cerca de 1850, mais propriamente até à instauração da Regeneração (o novo regime político, que viria, por fim, trazer alguma acalmia ao país), acontecendo, sobretudo, no Minho, Douro, Beiras e Algarve. Este estado de coisas prevalecia acima de tudo nas zonas rurais, porque eram mais vulneráveis por parte de um estado ainda muito frágil.⁹ Alguns destes guerrilheiros/bandidos tomarão o lugar de guardiães do estado liberal, das suas novas ideias e instituições, estando prontos a punir quem não as aceitasse. Por outro lado, outros destes guerrilheiros/bandidos, aproveitando a instabilidade em que vivia o reino, não passavam de puros salteadores, vivendo na marginalidade. Este *status quo* será propício a uma certa anarquia, com uma grande falta de controlo da administração central, originando o nascimento de várias guerrilhas e o subsequente armamento civil do reino.

1.2. Um enquadramento geográfico favorável à violência

O banditismo floresce quase invariavelmente em áreas remotas e inacessíveis, tais como montanhas, planícies não cortadas por estradas, áreas pantanosas, florestas, ou estuários, com seu labirinto de ribeirões, e é atraído por rotas comerciais ou estradas de grande importância, nas

⁸ «E, por isso, violentas foram também as represálias, como era natural e humano, porque, se a vingança é o prazer dos deuses, que excedem os homens em perfeição, não é de estranhar que estes procurassem pagar aos seus inimigos as dívidas de atroz perseguições. Por isso, «não houve maldade que não realizassem, atrocidade que não puzessem em obra». Agregando a si um bando de libertinos, alguns dos quais recrutados entre os próprios vencidos, fizeram-se logo, e à força, libertadores da pátria. Estes acontecimentos repercutiam-se na Beira, e, especialmente em Midões, onde estes bandos percorreram bastantes léguas em redor, roubando, assassinando, e queimando as habitações.» (Ferrão, JOÃO M. Dias, *João Brandão*, cap. V, 1931)

⁹ Silva, *op. cit.*, pp. 111-122

quais a locomoção dos viajantes, nesses países pré-industriais, é lenta e difícil. Frequentemente, basta a construção de estradas modernas, que permitam viagens fáceis e rápidas, para reduzir bastante o nível de banditismo. Favorecem-no a ineficiência administrativa e a burocracia.¹⁰

Na realidade, os bandos do género dos de João Brandão/Remexido floresceram nas zonas mais remotas, e este remoto enquadra-se no que significavam as distâncias na primeira metade de Oitocentos. Não estranhar por isso que, nomeadamente, como acontecia no exterior, por exemplo nas montanhas da Sardenha,¹¹ também em Portugal, a serra da Estrela, tenha sido um palco para albergar inúmeras guerrilhas tal como aconteceu no Algarve, com a serra de Monchique, para a guerrilha do remexido.¹² Estes terrenos, de floresta e montanha, ainda se tornavam mais convidativos ao aparecimento de guerrilhas, dado que esse era um tempo em que a organização administrativa do Estado estava muito fragilizada devido à guerra civil.

Nessa linha, poderemos asseverar que um dos factores que mais contribuiu para o êxito das guerrilhas de João Brandão e do Remexido nas Beiras e no Sul do país, residiu no exímio conhecimento que ambos tinham das características destes ambientes, muitas vezes um meio físico inóspito, caracterizado por terrenos acidentados e florestas densas. O grande manancial natural que constituía o emaranhado das serranias beirãs e baixo-alentejanas/algarvias não só proporcionava excelentes lugares para esconderijo como também uma extraordinária fonte de recursos alimentares: caça, raízes e frutos. A configuração intrincada e colorida das florestas facilitava a dissimulação dos bandoleiros;¹³

¹⁰ Hobsbawm, 1975, cap. I

¹¹ *Ibid.*

¹² Sampaio, *op. Cit.*

¹³ A certa altura, com a degeneração de valores ético-morais dos membros que compunham os grupos/bandos/guerrilhas de João Brandão e de Remexido passa a ser mais apropriado chamar bandoleiros (Bandoleiro é sinónimo de: Assaltante; bandido; salteador, salteador de estradas. *In:* <https://www.dicio.com.br/bandoleiro/> [cons. em 13-4-2017] a esses homens, porque progressivamente mais não faziam do que aproveitar a anarquia reinante e a falta de um comando central forte para se dedicarem à vingança e à pilhagem pura e dura. No *modus operandi* desses homens deixa de existir qualquer lastro ideológico. Fazer, agora, parte das guerrilhas é ter uma excelente oportunidade para a prática do saque.

«No entretanto, Manoel Brandão, se concorreu para estas vinganças, de que se não pôde inteiramente defender, e com as quais parece ter ganhado, também é certo que ele e seus filhos procuraram, desde logo, manter a ordem e assegurar o prestígio da autoridade, como era preciso ao crédito e à estabilidade do regímen, embora para isso praticassem, por vezes, actos de energia e de violência, principalmente no desaparecimento dessas quadrilhas de salteadores, que impropriamente se nomeavam por guerrilhas, que continuavam a manter-se em campo, mais para a rapina, como já disse, do que para implantar de novo o regímen deposto, em que nenhuma fé tinham.» (Ferrão, *op. Cit.*, cap. V)

o seu relevo, muito acidentado, possibilitava uma melhor forma de defesa, as peculiaridades orográficas de regiões de montanha como aquelas em que viveram João Brandão e Remexido ofereceram-lhes uma melhor capacidade de defesa do que as regiões planas. Nesse sentido, transformar-se-iam em baluartes de resistência quase inexpugnáveis para quem os perseguia. Isso passava-se frequentemente com as autoridades, que necessitavam de ir no seu encalce para os capturar. Ao subirem nas suas incursões pela serra deparar-se-iam, inevitavelmente, com uma posição de desvantagem face aos guerrilheiros que se acantonavam nas partes mais altas da mesma. Os elementos das forças oficiais viam-se obrigados a olhar de baixo para cima, com todos os riscos que isso implicava, até como consequência do fenómeno da força da gravidade: é muito mais fácil atirar pedras de cima para baixo do que de baixo para cima.¹⁴

A visão panorâmica de quem se aquartelava nos cumes das serranias, era muito mais privilegiada do que a visão de quem subia a partir do sopé. Daí, que a única forma das forças governamentais capturarem a guerrilha do Remexido, tenha sido ameaçar pegar fogo à serra.¹⁵ Devido a estas condições bastante favoráveis para o desenvolvimento de uma luta de guerrilha, as serras funcionaram como núcleos de aquartelamento para João Brandão e Remexido, «conhecedor dos atalhos e veredas da serra, como o retratou João Baptista da Silva Lopes, o seu aparecimento e desaparecimento constituiu um quebra-cabeças para as tropas liberais durante quase uma década»¹⁶

Neste seguimento, acrescentamos ainda, que no objetivo de liquidação da guerrilha do Remexido, o principal adversário com que o coronel Fontoura se deparou,¹⁷ não terão sido tanto as dificuldades proporcionadas pela paisagem física, mas as dificuldades de uma

¹⁴ Pensamos que esta lei da gravidade já entrou no âmbito do senso comum... «Isaac começou a se indagar porque as coisas caíam. E para baixo. Era como se existisse uma força puxando as coisas, uma atração da terra sobre todas as coisas.» in Biografia de Isaac Newton: Teoria da Gravitação Universal - A maçã cai na cabeça de Newton? In: <http://www.biografiaisaacnewton.com.br/2013/12/Teoria-da-Gravitacao-Universal-A-maca-cai-na-cabeca-de-Newton.html> [cons. em 14 de abril de 2017]

¹⁵ «3. "Que todo aquele que for encontrado morando na Serra desde o 1 de Julho do corrente ano em diante, será considerado fazendo parte das guerrilhas, como tal tratado e sua casa queimada."» In: Pinto, João Manuel de Castro, *O Remexido: entre a guerra e o amor*, Lisboa: Plátano, 2005

¹⁶ Sampaio, *op. Cit.*

¹⁷ «Apesar de tudo, nunca na Serra deixou de haver uma forte solidariedade com a guerrilha. Quando o filho do Remexido, então já chefe da guerrilha, foi gravemente ferido e ficou inválido, os serrenhos mantiveram-no escondido na Serra, durante um ano, fazendo-o transportar de monte em monte. Só um grande espírito de união e sacrifício tornou possível este facto verdadeiramente espantoso.» (*Ibid.*).

paisagem humana que tinha conseguido construir uma rede de solidariedades locais bem sólida e que se havia transformado num dos principais pilares da sua sobrevivência. Se é verdade que João Brandão/Remexido conheciam bem os terrenos que pisavam, visto que eram originários daquelas regiões, a verdade é que também, por vezes, não podiam dispensar a ajuda dos seus homens que fossem mais próximos das populações das várias localidades por onde se movimentavam, de molde a estabelecer as referidas e tão imprescindíveis redes de solidariedade.¹⁸

1.2.1. João Brandão: residente nas Beiras

As rivalidades políticas/ideológicas e conflitos de interesses entre liberais e absolutistas desencadearam um clima de violência no Portugal de Oitocentos, sendo as beiras um dos redutos onde se atingiu um dos patamares mais altos de terror. O período (1828 a 1834) em que D. Miguel reinou em Portugal como rei absolutista deixou o país a ferro e fogo, fez-se muito sangue e deixou-se as sementes para ajustes de contas futuros. As atuações de absolutistas como Teles Jordão e o Conde de Basto deixaram nos liberais uma sede insaciável de vingança, pois nessa época os partidários do liberalismo foram perseguidos sem piedade executados/mortos, muitas vezes de forma sumária.¹⁹

¹⁸ «Por outro lado, o mais precioso auxílio dos serrenhos à guerrilha consistia no apoio que lhe davam escondendo os guerrilheiros nos seus montes, abastecendo-os com alimentos e roupas, e informando-os sobre a marcha das tropas liberais. Como os liberais se sentiam assim ludibriados, viam-se na necessidade de ameaçar [...]» (*Ibid.*)

«Não é o prestígio nem a inteligência de homens como Remexido, Rachado, Cabrita e outros chefes que suportam esta guerra ruínosa; são os oito mil habitantes da serra e os da antiga comarca de Ourique que na realidade a fazem viver». Consciente da protecção e apoio prestados de diversas formas pelos habitantes da serra ao movimento rebelde, o general Celestino Soares dirigiu-lhes uma proclamação logo após a sua nomeação para o cargo de Chefe Civil e Militar. Aí, incitava os camponeses a não se deixarem enganar pelos facciosos, ameaçando todos os que lhes prestassem «ajuda voluntária», fornecendo-lhes armas, munições, alimentos ou avisando-os dos movimentos das forças governamentais, de serem eles próprios considerados como rebeldes e punidos como tal. Simultaneamente, Celestino Soares apresentava-se como «amigo e protector», convidando-os a colocarem-se sob a sua protecção, a deslocarem-se com os seus bens para as aldeias e vilas que tivessem uma guarnição militar e a colaborarem na luta contra os revoltosos. Como estes apelos não encontraram resposta entre os camponeses da serra e do sul do Alentejo pouco tempo depois o Chefe Civil e Militar adoptou medidas destinadas a forçar uma «colaboração» que não surgia espontaneamente.» (Ferreira, *op. Cit.*, pp. 185-186)

¹⁹«Quando D. Miguel voltou a Portugal em 1828, e organizou o seu ministério, Oliveira Barros foi chamado para se encarregar das pastas do Reino e da Marinha. Apesar da sua idade já muito avançada, salientou-se pelas violências que praticou durante o tempo do absolutismo. Defensor dedicado do sistema absoluto, não duvidava sacrificar na força todos aqueles que professassem ideias liberais; foi Oliveira Barros quem mandou ao Porto a célebre alçada, encarregada de condenar sem compaixão os promotores da revolução de 16 de maio de 1828.

A família dos Brandões, era formada por um tronco com três ramos: os Brandões de Midões, os Brandões do Casal da Senhora e os Brandões do Pombeiro (estes últimos não se envolveram nestas quezílias políticas).²⁰ Manuel Rodrigues Brandão era o representante principal dos Brandões do Casal da Senhora, sendo o pai de João Brandão. Este ramo dos Brandões era partidário do liberalismo tal como os seus primos de Midões. Contudo, mais tarde, iriam posicionar-se em campos opostos do poder liberal: os Brandões do Casal da Senhora ficariam do lado dos cartistas, enquanto os Brandões de Midões optariam pelos setembristas.

Deve-se esclarecer que, nas Beiras, no concelho de Midões, na primeira metade do séc. XIX, depois da revolução de Setembro de 1836, aconteceu uma fratura nos liberais, surgindo os cartistas, defensores da carta constitucional de 1826, como os Brandões do casal da senhora, que eram mais conservadores.²¹ Do outro lado, os Setembristas, defensores da

D. Miguel, reconhecido aos serviços prestados pelo seu ministro, o agraciou no referido ano de 1828 com a comenda da Torre e Espada; em 1829 concedeu-lhe a grã-cruz de Cristo e o título de conde de Basto, por decreto de 18 de janeiro do mesmo ano. Este título não foi reconhecido pelo partido constitucional.» *In: José António de Oliveira Leite de Barros, conde de Basto - Portugal, Dicionário Histórico*” <http://www.argnet.pt/dicionario/basto1c.html> [cons. Em 14-4-2017]

«e das cadeias era a nova nação inimiga, irreconciliável, que todos os dias crescia (1) ganhando força, e a segurança de uma vitória final inevitável. Se a crueldade horroriza, a pequenez vil com que os presos eram martirizados repugna. Amontoando-os nas masmorras, e picando-os a toda a hora com insultos, maus tratos e tentações, os tiranos esperavam dobrar, educar esses ânimos rebeldes, essas almas pervertidas pelo maçonismo. Quem ensinara tão diverso método? O educador moderno, o jesuíta, com o Directório de Alma viva nas mãos (2). D. Miguel, ou quem em seu nome governava, chamara-o para missionar e converter os perdidos. Fr. Fortunado pusera a sua pena ao serviço deles (O Defensor dos Jesuítas). Tinham chegado a Lisboa (13 de Agosto de 29), e depois de o cêrbero da Torre, o Teles Jordão, preparar com inauditas violências e torpezas o ânimo dos prisioneiros, foram vê-los, convidando-os, piedosa, cuidadosamente, a renegar, arrependidos, os seus erros (Lopes, *Istoria do Cativoiro dos Prezos d'Estado na Torre de S. Julião da Barra de Lisboa Durante a Dezastroza Epoca da Uzurpação do Legitimo Governo Constitucional Deste Reino de Portugal*, 1832)

«As cadeias: O Limoeiro era em Lisboa a sala de espera de S. Julião, cujas casamatas e segredos regurgitavam de habitantes. Durante o Terror miguelista via-se o que se vira na França e por toda a parte, em condições idênticas» «O Teles Jordão era o tipo do demagogo fardado. Ardiam-lhe no peito todas as cóleras plebeias contra os malhados.» *In: MARTINS, Oliveira – Portugal Contemporâneo*, 8ª ed. Vol. II. Lisboa: Guimarães Editores, 1976-77.

²⁰ «Não fala a história dos Brandões, que ficaram em Pombeiro, porque não intervieram em lutas políticas, nem crearam ódios, e nem lhes foram atribuídos crimes. Entregues ao labor dos campos, obscuros e ignorados, têm levado a vida tranquilamente, sem paixões nem sobresaltos.» (Ferrão, *op. Cit.*, cap.2)

«E, se agora falo deles, é tão somente para mostrar que nem toda a família dos Brandões abandonou a terra do seu nascimento e nem toda foi acometida do virus da política que arrastou os de Midões para o embate dos partidos e para o ódio das paixões.» (*idem*)

²¹ «Enquanto João Brandão comandava o Batalhão Nacional de S. João de Areias, batendo-se pelos ideais cartistas, os seus primos controlavam o renovado Batalhão Nacional de Midões, sob as ordens da Junta do Porto (setembristas).» (Costa, *op. Cit.*, cap. IV)

Constituição de 1822, que eram mais radicais, como os Brandões de Midões. Os Brandões do Casal e os de Midões tornaram-se assim inimigos mortais, perpetuando o ódio e a matança ainda por muitos anos.

João Brandão nasceu e cresceu num palco propício à violência. «Midões foi o centro nevrálgico das movimentações políticas e lutas partidárias.»²² Os Brandões, para não serem presos ou mortos, tiveram que fugir às perseguições levadas a cabo pelos absolutistas. Foi nesta altura, com o fim da guerra civil de 1832/34, com a vitória dos liberais, que se deu na Beira uma fase de grande violência, caracterizada por desordem e vinganças, surgindo várias guerrilhas realistas. Nasceram, deste modo, diversos bandos de guerrilheiros, daqueles homens que não se quiseram desmobilizar da guerra. Na sua maioria eram Miguelistas derrotados, mas também contemplavam outros ex-combatentes, querendo apenas roubar e matar, passando a fazer disso o seu modo de vida.

As quadrilhas que se formaram, pouco já tinham de ideológico, diferentes da do Remexido, no sul do país. A guerrilha dos garranos, chefiada por António da Costa Macário, o Caca, foi uma dessas guerrilhas formadas por antigos combatentes da causa miguelista, que, praticamente, só se dedicavam a práticas violentas como vingança, extorsão e roubo.

A título informativo, deixamos o nome de outras guerrilhas: - os Poetas, de Sameice; os Crespos de Lagos; os Calistos da Lageosa; Agostinho Vaz Pato de Abreu e Castro de Santa Ovaia; padre Joaquim de Carregoselo, que levava tudo diante de si a ferro e fogo; Estanislau Xavier de Pina, etc.²³ E foi neste contexto de grande violência, na Beira, que se ia moldando o carácter e personalidade, de João Brandão, que por esta altura, era ainda uma criança.

1.2.2. Caracterização do homem: de José Joaquim de Sousa Reis a Remexido

Depois de já termos esmiuçado aspetos da sua vida enquanto ator beligerante, interessa-nos agora perscrutar as vertentes culturais, psicológicas, sociais e políticas que moldaram a pessoa de José Joaquim de Sousa Reis, desde o seu nascimento até se

²² «Mas os bandoleiros miguelistas, não conformados com a derrota, continuavam, por seu turno, a manter-se em pé de guerra para agredir os seus adversários triunfantes, que procuravam abater e despojar dos seus bens. Era a continuação da guerra civil, sob um aspecto novo, e ainda mais horrível.» (Ferrão, *op. Cit.* cap. V)

²³ *Ibid.*

transformar no temível Remexido e ser fuzilado em Faro em 1838. A faceta conservadora do Remexido provavelmente deveu-se ao seu nascimento e crescimento num ambiente que preservava a conservação dos valores, num contexto rural, muito virado para uma vivência religiosa de grande fervor católico, e que no caso de JOÃO de Sousa Reis seria exponenciado pelo facto do seu tio ser o pároco de Alcantarilha, o que, certamente, influenciou o seu futuro ingresso no Seminário de Faro.²⁴

Movimentava-se assim num quadro que ainda privilegiava os valores estruturantes do Antigo Regime, como: a tradição e o sagrado na forma católica, que contribuíam para a hegemonia do poder real absoluto e da Igreja Católica, assente ainda numa anacrónica ortodoxia de usos e costumes. Entretanto, os ideais saídos da Revolução de 14 de julho em França, como: a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade, vieram pôr em questão estes valores conservadores do Antigo Regime. Poder-se-á estranhar a posição pró-absolutista, de manutenção do *status quo*, perfilhada pelo Remexido, um homem que proveio da plebe, e que, previsivelmente, deveria almejar pôr em causa as instituições e convenções que o oprimiam, mas isso explica-se pela escalada social que o casamento lhe proporcionou, entrando na baixa nobreza detentora de terras.²⁵

Esta revolução liberal poria em cheque os seus interesses, escorados no arcaico sistema fiscal fundiário e religioso (sisa, dízimo etc.), porque o Remexido passara a ser Alferes de Ordenanças, cobrador de impostos em S. B. de Messines e Silves. Para agravar ainda mais o estatuto do Remexido e da sua família, a nova ordem constitucional liberal instaurava a taxação sobre as propriedades, o que se iria refletir no que herdara com o casamento com Maria Clara Machado de Bastos. Terá sido inconcebível para quem nasceu numa família camponesa de escassos recursos, e agora se tinha alcandorado a uma posição de privilégio, voltar a perder esses privilégios com as mudanças de regime. Entretanto, o

²⁴ «Com catorze anos de idade José Joaquim de Sousa Reis, o pequeno órfão, prepara-se para transpor a primeira barreira da sua vida. Por influência do tio pároco vê abrirem-se-lhe as portas do Seminário de Faro, que lhe oferecia uma existência pacífica e iluminada.» *In: CHAGAS, Ofir, Remexido: guerrilheiro realista do Algarve*, [S.I.], publicação do autor, 1997

²⁵ «Perante esta situação de mudança e de reformismo, e face à evolução social com que o casamento bafejara o próprio Remexido, permitindo-lhe transitar da plebe camponesa para a fidalguia fundiária, não admira que conduzisse o seu destino para a conservação dos seus interesses pessoais, cuja sustentação estava ameaçada pela introdução do radicalismo reformista, arrasador do velho sistema fiscal, do qual dependia quase em exclusivo a sua sobrevivência, como cobrador dos dízimos da Mitra e do Cabido em S. Bartolomeu de Messines, assim como da Siza e das décimas da Câmara de Silves.» *In: MESQUITA, op. Cit.*

Remexido, devido à sua posição social, em 1820 foi convidado pelo poder liberal para Juiz da Vintena, cargo que aceitaria e exerceria vários anos na década de vinte.²⁶

Quanto à fama de herói e justiceiro que adquiriu (nomeadamente junto das classes mais desfavorecidas), poderá ter tido a sua raiz nalgumas obras de âmbito social que erigiu em Messines como a construção de um forno público para cozer pão, uma escola básica masculina para as crianças mais pobres e uma feira anual franca (Feira da Nossa Senhora da Saúde). Foi graças ao prestígio adquirido por estas realizações de cariz beneficente que o Remexido subiu ainda mais a sua popularidade e prestígio social no Algarve, o que lhe permitiu ser convidado em 1831 para comandar as tropas miguelistas no Algarve. É neste contexto que o Remexido se torna líder e comandante de cerca de trezentos homens com o desígnio de defender D. Miguel e o direito deste ao trono de Portugal.²⁷ Muitos destes homens iriam com o Remexido refugiar-se e esconder-se na serra algarvia e alentejana, formando assim a resistência e derradeiro baluarte miguelista no Algarve.

Será após a Convenção de Évora-Monte, que oficializou a derrota miguelista e o conseqüente exílio de D. Miguel, que o Remexido assumirá o maior protagonismo em Portugal como guerrilheiro. Assim, com a vitória do liberalismo, existirão segmentos da população que não estão dispostos a aceitar a nova ordem que poria em causa o Antigo Regime conservador. É nesta nova conjuntura político-social que o Remexido se assumirá como o grande protagonista da causa realista, ao resistir às novas instituições liberais.²⁸

No entanto, será importante clarificar que, contrariamente ao que é veiculado pela maior parte das versões historiográficas, o primeiro movimento guerrilheiro no Sul do país não foi no Algarve, nem foi liderado pelo Remexido, tendo sido sim o assalto à prisão de Ourique, comandado pelo alentejano João da Baioa (Ervidel-Beja). O Remexido confirma isto quando no seu *Memorial das operações realizadas pelas forças sob o meu comando*,

²⁶ *Ibid.*

²⁷ «Essa notoriedade seria reconhecida e reforçada, em 1831, com o convite para integrar o recém formado Batalhão de Voluntários Realista de Faro, ao qual tinham aderido as principais figuras da cidade, nomeadamente eclesiásticas, o que parece um contra-senso, face ao pacifismo cristão, mas que atesta a indefectível fusão política entre o Trono e o Altar que inspirava ideologicamente o miguelismo.» (*Ibid.*)

²⁸ «A carreira político-militar de Remexido, que duraria até ao fim da sua vida, teve influência neste conflito que bipolarizou o país. Neste mesmo ano ele é nomeado capitão de milícias, cargo que desempenhou com tal relevo que lhe valeu o convite para integrar o Batalhão de Voluntários Realistas, ao serviço da causa de D. Miguel, que entretanto se havia organizado em Faro.» (Chagas, *op. Cit.*, 1997)

apresentou o ataque contra o destacamento do 4º Regimento de Infantaria, estacionado em S. Bartolomeu de Messines, como a primeira operação que conduziu depois de ter reunido forças perto da foz do Zebro, na paróquia de S. Barnabé.²⁹

O bando chefiado por Remexido, no seu princípio não ultrapassaria os 50 membros. Estes homens, na sua maioria provinham das antigas ordenanças e não eram apenas comandados pelo Remexido, que era o seu cabecilha, mas também pelo seu filho e ainda por mais dois oficiais. A experiência e reputação adquiridas por José Joaquim dos Reis tornavam-no uma espécie de «chefe natural», atraindo assim os insubmissos do Alentejo para o seu lado. Não é por isso, de espantar, que homens como os irmãos João e Francisco (um voluntário realista de Beja) da Baioa e o padre Marçal se tenham posto, rapidamente, à sua disposição. Os homens do Alentejo aceitaram a chefia do cabecilha algarvio, bem como também o seu terreno de acção: a serra e as regiões do Sul do Alentejo que lhe estavam adjacentes.³⁰ Estes guerrilheiros começariam por atacar as aldeias periféricas situadas na fronteira das duas províncias, onde roubavam provisões, armas, cavalos e, por vezes, gado para o seu próprio abastecimento, tendo o cuidado de não maltratar os seus habitantes. Este facto não impediu a existência de alguns ajustes de contas com constitucionais que os guerrilheiros fuzilaram «pelos seus crimes».

O Remexido, neste seu movimento reacionário contou com o auxílio da igreja católica que inoculava no povo camponês e iletrado a mensagem de que os liberais eram a encarnação do anticristo, os portadores do mal e da heresia³¹

Do Tirocínio ao temível "Lobo do Mato",³² a guerra civil estende-se até ao sul, especificamente ao Alentejo e ao Algarve, e logo em 1833 existem relatos de ações do Remexido em terras algarvias. O Remexido terá em agosto desse ano atacado Monchique, com o fito de vingar a morte de Luís Freire Craveiro. Logo nesta ação o Remexido terá sido implacável e matado os responsáveis pela morte do correligionário. Segundo alguma biografia compulsada para este trabalho, o bando do Remexido não terá matado apenas os

²⁹ Ferreira, *op. Cit.* cap. 2.5

³⁰ *Ibid.*

³¹ *Ibid.*

³² CABRITA, Francisco António da Silva - *Memória dos Desastrosos Acontecimentos de Albufeira*. Lisboa: Alfa, cop. 1990

responsáveis pelo dito assassinato, como terá também executado de forma sumária e pública, numa eira, todos os familiares daqueles, que não conseguiram escapar a tempo.³³

Durante os dois anos da guerra civil, o maior feito do Remexido terá acontecido, em abril de 1834, quando, em parceria com Tomás Cabreira, infligiu retumbante derrota ao exército liberal de Sá da Bandeira, na serra, junto da ermida de Santa Ana, perto de S. B. de Messines.³⁴ Esta vitória do Remexido deveu-se ao conhecimento prodigioso que ele detinha da serra algarvia, porque o exército de Sá da Bandeira em termos de armamento, até estava mais bem apetrechado. Todavia, a partir daqui e da morte de Tomás Cabreira o Remexido iria perder todos os combates com as tropas liberais.³⁵

Diga-se, no entanto, que esta atividade beligerante de resistência levada a cabo pelo Remexido contra o poder e instituições liberais no sul do país ficaria mais conhecida depois do desfecho da guerra civil, ou seja, depois da capitulação miguelista na Convenção de Évora-Monte. Ficara decidido nesta convenção de paz, que se deveria terminar a guerra e existir um indulto para os derrotados. Mas os focos de guerrilha ainda continuariam, com vários ajustes de contas dos liberais, como a humilhação praticada por Sá da Bandeira contra as filhas e mulher do Remexido em Messines.³⁶

Com uma conjuntura completamente desfavorável aos miguelistas, resta ao grupo do Remexido manter-se escondido na serra a fim de inviabilizar o desejo de vingança dos liberais. E esse desejo de vingança vai recrudescer, quando o comandante da Guarda Nacional em Messines vai tentar prender o Remexido e é ele quem é capturado e morto. Este

³³ «De facto, o Remexido atacou Monchique a 23 de Agosto de 1833, motivado pelo desejo de vingar a morte do seu correligionário, o bacharel Luís Freire Craveiro. Autores como José A. Guerreiro Gascon relatam as humilhações que sofreram os liberais e familiares que não lograram escapar, tendo alguns deles sido fuzilados na Eira de S. Sebastião.» (Sampaio, *op.cit*)

³⁴ "Lutas Liberais no Algarve: Evocar a Batalha de Santa Ana (com fotos)", [em linha], [cons. em 24-03-2018]. Disponível na Internet:<URL: <http://barlavento.pt/arquivo/lutas-liberais-no-algarve-evocar-a-batalha-de-santa-ana-com-fotos>

³⁵ «Todavia a mais estrondosa vitória miguelista seria imposta a Sá da Bandeira, por Tomás Cabreira e o Remexido, em Sant'Ana, a 24 de Abril desse ano, com enormes baixas.» (Sampaio, *op. cit.*)

³⁶ «Segundo alguns biógrafos e historiadores, as razões que levaram o Remexido a voltar a pegar em armas deveu-se às humilhações, vinganças e perseguições a que ele e a sua família foram submetidos após a vitória liberal. Ele teve que se esconder na gruta do Barranco e Maria Bastos, sua mulher, foi humilhada publicamente com palmatoadas no Largo da Igreja, em Messines.» (*Ibid.*)

episódio ficaria conhecido como o “*casus Belli*”.³⁷ Será este caso que fará com que as autoridades liberais decidam extinguir por completo os "bandoleiros" que se acoitavam na serra. Estes bandoleiros que agora se agrupavam na serra obrigavam os proprietários mais abastados a pagar-lhes uma espécie de imposto contrarrevolucionário. Como mandam as convenções sociais, quem depois da guerra continua a praticar guerrilha é um fora da lei, um bandido, um bandoleiro etc. E era assim que o Remexido e o seu grupo eram vistos, o que levou este a cogitar entregar-se às autoridades, amparado pela amnistia em vigor. O Remexido tentou testar a autenticidade dessa amnistia enviando o seu filho Manuel da Graça Reis às ditas autoridades instituídas em Messines, mas ele viria a ser detido e remetido para a prisão de Silves. Segundo reza alguma História, foram essas humilhações perpetradas contra a sua família que levaram o Remexido a romper o armistício.³⁸

O episódio que mais deve ter revoltado e incentivado o Remexido a regressar à guerrilha, terá sido a humilhação pública inflingida sobre a sua mulher, Maria Bastos, que incluiu a raspagem de cabelo e palmatoadas. Segundo várias fontes, isto aconteceu em S. B. de Messines junto à igreja. A fim de vingar estas humilhações, e também por continuar a ser perseguido, o Remexido tem que se esconder na serra, mais concretamente na gruta do Barranco onde está mais de dois anos sem voltar às armas. Volta às lides de guerrilheiro em 1836, reativando esta guerrilha, que duraria até 1840. O Remexido voltará a utilizar a violência com o objetivo de vingar as referidas humilhações de que foram vítimas a sua família, bem como para vingar os saques e incêndios que infligiram contra as suas propriedades em S. B. de Messines.³⁹

1.3. Percurso de Guerrilheiros

³⁷ «[...] fizera uma sortida contra «os guerrilhas matadores que se refugiarão nas Serras», acabando por ser assassinado durante a caçada em que ele próprio fora a principal presa. Estava assim criado o *casus belli* com que as autoridades instituídas pretextaram a necessidade de extermínio dos bandoleiros que se acoitavam na serra.» In: MESQUITA, *op. Cit.*

³⁸ *Ibid.*

³⁹ «[...]que, após a Convenção de Évora Monte, ele que leal e prontamente dissolveu a coluna que comandava, voltasse a reorganizá-la, em face da perseguição feroz que os liberais lhe moveram? Que estranheza pode causar o facto de ele, encontrando em Benafim o tenente Alberto António da Fonseca, o principal instigador do insultuoso castigo infligido, dias antes, a D. Maria Bastos, sua mulher - 24 palmatoadas dadas por um soldado no adro da igreja de S. Bartolomeu de Messines! - se lançasse, como uma fera, sobre o insultador e o matasse com um tiro, rugindo, fora de si:- Não tornas a mandar dar palmatoadas em mulheres!?» (Pinto: 2005)

O Remexido foi, no sul do país, o principal e mais famoso líder dos movimentos de rebeldes e insubmissos, daquelas resistências populares que se opunham ao liberalismo (1834); enquanto que João Brandão, nas beiras, foi o principal combatente dessas mesmas resistências miguelistas.

Neste subcapítulo iremos assistir à decadência social de Remexido e de João Brandão. Veremos como o Remexido deixará de ser visto como o tenaz guerrilheiro e o derradeiro baluarte miguelista no sul do país passando, ao invés, a ser visto como um simples bandido; enquanto João Brandão a partir do momento em que deixou de ser útil aos políticos da sua região, ou seja, quando a sua influência deixou de ser determinante nos jogos eleitorais da sua província, passaria a ser perseguido implacavelmente por uma justiça que outrora lhe havia sido bastante favorável, isto, no tempo em que o poder liberal dele precisara para o apaziguamento de umas beiras, então, a ferro e fogo.

Agora, que João Brandão já não tem poder nem amigos influentes é o momento adequado para fazê-lo pagar por todos os crimes, inclusive até por aqueles que não cometeu. É isso que irá acontecer no julgamento em que está acusado pela morte do padre Portugal. O mesmo sucederá com o Remexido, que, no julgamento que ditou o seu fuzilamento, será condenado tanto pelo massacre de Albufeira, que tudo indica, foi mesmo ele o responsável, como pelo morticínio de Loulé, que com quase toda a certeza, foi realizado sob as ordens do outro líder miguelista, da zona do sotavento, o Major André Camacho. Deste modo, o desenlace do percurso da vida destes dois homens como guerrilheiros revelar-se-á funesto: o trilho do guerrilheiro algarvio parará no fuzilamento e o beirão trilhará a sua “via sacra” até ao degredo em Angola.

1.3.1. João Brandão e Remexido: Heróis durante a Guerra Civil, bandidos depois de 1834, depois da paz de Évora-Monte

“O banditismo tendia a tornar-se epidémico em épocas de pauperismo ou de crise económica”⁴⁰

A entrada de João Brandão/Remexido numa atividade à margem da lei não foi por causas económicas mas por motivos ideológicos. Assim se pode verificar que estas duas

⁴⁰ Hobsbawm, 1975, cap. I

personagens diferem dos bandidos clássicos, que, habitualmente eram camponeses que, aquando da precarização do seu nível de vida, já de si muito baixo, no limiar da pobreza e de subsistência, viam-se compelidos a entrar numa vida de banditismo. As péssimas condições a que muitos camponeses estavam sujeitos também levaram muitos deles a rebelarem-se contra a subjugação de senhores de terras e capatazes prepotentes e crueis. Diferentemente desses camponeses que apenas se rebelavam para obter a sua subsistência e a das suas famílias, João Brandão/Remexido tornaram-se "marginais," numa primeira fase, para ascender socialmente, para chegar a uma burguesia fundiária, e numa segunda fase, já por questões ideológicas. E o seu problema, irá ser, depois, a determinada altura, essas preferências ideológicas passarem a estar do lado oposto às do poder vigente, visto que, tanto João Brandão como o Remexido já não teriam grandes carências de índole económica, nem estariam sujeitos aos desmandos de senhores, até, porque, eles próprios, eram proprietários rurais.⁴¹

Durante o período da guerra intestina que varreu Portugal, JOÃO Brandão e Remexido foram vistos, pelos seus apaniguados como estando do lado certo da barricada. Este estado de coisas mudaria depois da capitulação dos prosélitos do "Usurpador"⁴² em 1834. A partir desta data, de um lado estavam os vencedores e detentores da verdade oficial (os liberais), enquanto que do outro lado, estariam os derrotados que perfilhavam a ideologia errada e que fora responsável pelo morticínio entre irmãos (os absolutistas). Será importante, por isso, destrinçar os percursos de João Brandão e do Remexido a seguir à paz de Évora-Monte.⁴³

Se o "estado de graça" do Remexido terminou a seguir a essa data, já que a sua ideologia miguelista foi derrotada, passando por isso a ser considerado um bandido, que

⁴¹ «Apesar de ter crescido numa região dominada por uma certa aristocracia fundiária, a sua família ter-se-ia desenvolvido na área da burguesia rural, com estreitas relações de parentesco que se foram desenvolvendo com a classe dominante.» (Costa, *op. Cit.* cap. VII)

«face à evolução social com que o casamento bafejara o próprio Remexido, permitindo-lhe transitar da plebe camponesa para a fidalguia fundiária, não admira que conduzisse o seu destino para a conservação dos seus interesses pessoais, [...]» (MESQUITA, *op. Cit.*)

⁴² Assim ficou conhecido D. Miguel pelos liberais por ter usurpado o trono a Dona Maria da Glória, filha D. Pedro I do Brasil e IV de Portugal. Esta viria a tornar-se D. Maria II.

⁴³ PINTO: 2005

combatia o poder instituído e punha em causa a ordem, os Brandões, primeiro capitaneados por Manuel Brandão, o pai de João Brandão, e depois por este mesmo, ainda teriam um papel importante na estabilização da nova ordem liberal nas Beiras. É nessa sequência, que o governo iria aproveitar os seus préstimos de antigos guerrilheiros «As guerrilhas dos Brandões, encapotadas no eufemismo legalista do Batalhão Nacional de Midões».⁴⁴

Todavia, João Brandão não se limitaria a cumprir o papel de que tinha sido incumbido pelas entidades oficiais, de apaziguar a sua região, de capturar as guerrilhas que tinham posto as Beiras a ferro e fogo. João Brandão exorbitou nos poderes para que tinha sido mandatado, aproveitando-os para realizar muitos ajustes de contas de cariz pessoal. É nessa conjuntura, de abuso de poder, que ele é acusado de ter sido o responsável pelo homicídio, em 1842, do juiz de Direito de Midões. Este juiz tinha sido enviado, por Costa Cabral, para solucionar o clima de anarquia em que vivia a Beira, especialmente a comarca de Midões, para pôr a justiça local em ordem.

Para pôr fim a esta deplorável situação o govêrno de Costa Cabral mandou para a comarca de Midões o juiz Dr. Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco Teles, natural da Agueira, concelho de Águeda, reconhecido liberal, emigrado do tempo de D. Miguel, que considerava digno e austero, e, a todos os respeitos, muito capaz de fazer justiça direita, sem tergiversar deante das ameaças ou dos perigos que se lhe pudessem deparar deante da sua nobre missão.⁴⁵

Este assassinato causou grande consternação no reino, porque, apesar do clima atribulado que se vivia, foi a primeira vez que se assassinou um juiz de Direito no país. Devido a este facto, o governo seria fortemente pressionado para fazer prender os responsáveis por tão atroz crime. João Brandão, com apenas 16 anos e alguns dos seus familiares mais próximos, incluindo o seu pai, irão ser considerados culpados. Tentou-se, à pressa, até recorrendo a testemunhas de credibilidade duvidosa (Major Cristiano Augusto da Fonseca, do Ervedal, e Brandões de Midões como José Joaquim Brandão, e o seu filho Manuelzinho) incriminar os Brandões do Casal da Senhora. No entanto, parece que os verdadeiros criminosos tinham fugido para o Brasil, e João Brandão seria absolvido.⁴⁶

⁴⁴ Sousa Costa, 1919, capítulo 13

⁴⁵ Ferrão, *op. Cit.* capítulo VII

⁴⁶ «a gente em Midões dizia que foi este sargento o autor da morte do Dr. Nicolau Baptista, e as circunstâncias assim o parecem confirmar. Aqueles militares emigraram para o Brasil e nunca foram julgados» (Pinto, 2005: cap. III)

O *modus faciendi* utilizado por personagens do género antinómico de João Brandão/Remexido, é propenso a uma interpretação dúbia por parte daqueles que são os juizes do seu comportamento, e os que os vão catalogar de figuras benignas ou malignas para as sociedades em questão. Isto porque se movimentam num mundo de constantes contradições. As catalogações de cariz negativo, os estigmas, recaem-lhes impiedosamente neste momento, em que passam a ser banais perdedores e deixam o círculo do poder. É esta abordagem antropológica dos conflitos e dos seus agentes que nos permite dizer que tudo depende de se ser um derrotado ou vencedor da história.⁴⁷

O seu comportamento dicotómico sempre contribuiu para a ordem e a desordem, sempre oscilou entre o legal e o ilegal; na sua ambiguidade de proceder e interagir sempre tiveram práticas conflituosas e comportamentos desviantes, mudando, portanto, apenas a percepção de quem os rodeava. O seu entorno social, aliás, como sucede amiúde, ficou intolerante para quem é vencido. Quem deixa de ter poder, não pode distribuir “prebendas”. A partir deste cenário: o derrotado do mundo oficial terá que optar por ser um vencedor do mundo oficioso. Terá que voltar a ganhar o respeito da sua comunidade, agora inserido numa atividade marginal. Agora como “repartidor público”, ainda que encoberto, oculto, porque a visibilidade é para os vencedores.⁴⁸

É a partir deste contexto desfavorável que antes adulados heróis passam a hediondos bandidos, a partir do momento em que já não podem ser úteis às entidades oficiais. Isto sucedeu com o Remexido quando já não podia servir o rei D. Miguel, e com João Brandão, depois do país estar apaziguado e já não carecerem dos seus serviços. Nestas alturas, a justiça que tinha sido “tolerante” passa a ser implacável. Implacável ou até injusta, como sucedeu,

⁴⁷ "Neste caso, derrotados os ideais que defendeu, é natural que o nome de Remexido viesse a ser sobrecarregado pelos acontecimentos nefastos, genocídios e todo o género de maldades cometidas, que sempre se verificam num clima de guerra civil. É incontestavelmente verídico que, durante um período de cinco anos, tempo que viria a durar esta conflituosa contenda de disputa do trono português, largo tempo em que o crepitar das armas era a voz da razão, um homem endurece o próprio carácter e altera, por vezes, o seu comportamento, por necessidade de sobrevivência. Pode-se não perder as qualidades espirituais, fruto de uma educação que desenvolve o espírito e a inteligência do homem, mas a guerra endurece o sentido prático da vida e todo o respeito que nos merece o ser humano, quando nos confrontamos com a sobrevivência física, que procuramos a cada passo.» (CHAGAS, *op. cit*)

⁴⁸ «daí enfrentou, até morrer, a arrogância dos vencedores, que ele sempre desafiou. Vencedor, não lhe faltaria a admiração das gentes, as apoteoses triunfalistas, uma estátua, talvez, um nome na própria História...Vencido, caiu varado por balas, em nome da justiça e do bem, cortejado pela maldição e zombarias públicas. Hoje, Remexido é apenas uma "lenda"...`» (*Ibid.*)

com João Brandão, no caso do suposto assassinato do padre Portugal. E isto, porque tudo indica que João Brandão não terá sido o responsável por esta morte.⁴⁹ Contudo, era o tempo certo de regenerar a instituição Justiça. João Brandão que tinha passado quase incólume noutros casos como o da morte do Ferreiro de Várzea, do qual foi absolvido, não obstante ter sofrido a perseguição das autoridades durante sete anos, era agora condenado ao desterro, por um crime que não terá cometido. Não esquecer, porém, que já tivesse estado prestes a isso, quando o juiz Vilela, de forma preconceituosa e discricionária, tentou incansavelmente encontrar provas para o condenar pelo assassinio do juiz Nicolau Batista. João Brandão, nos *Apontamentos da Vida de João Brandão: por ele escritos nas prisões do limoeiro envolvendo a história da beira desde 1834*,⁵⁰ acusa o juiz Vilela de ele se ter servido dos seus inimigos e de ter usado meios ilícitos com o objetivo de o comprometer.

⁴⁹ «UMA OPINIÃO FINAL SOBRE O ASSALTO - João Brandão não actuou como mandante: Isso vai contra toda a lógica das circunstâncias, como já vimos. Mas mais importante é dizer que, se tivesse actuado como mandante, a acusação teria conseguido apresentar facilmente, não só uma prova, mas muitas provas. Ora, não apresentou nenhuma, nem uma única: - Tudo o que apresenta, como provas ou indícios, são suposições e mentiras, algumas delas escandalosas e ridículas. Fosse como fosse, ter deixado fugir os outros três acusados, ter deixado ir embora D. Rosa e não ter averiguado várias coisas: os cães, as mossas na porta, etc. - tudo isso teve como objectivo que não houvesse provas para afirmar, sem dúvida nenhuma, que não tinha sido João Brandão.» (Pinto, 2005: cap. XIX)

⁵⁰ «Transferido então para Midões o juiz de direito, o sr. Vilela, lá chegou mandou chamar à sua presença o nosso parente José Joaquim Brandão, seu filho o Manuelzinho, e o major Cristiano do Ervedal, que se haviam associado à facção setembrista, e que pela divergência de princípios políticos se tinham declarado nossos fígadais inimigos. Belo ensejo foi esse que se lhes proporcionou para saciarem o seu rancor. — Foram esses homens, e outros subornados por eles, que serviram de testemunhas contra nós, e com seus falsos depoimentos nos culpavam. Chegou a sua impudência a jurar mesmo, que nos tinham visto assassinar o infeliz juiz de Direito, quando este alta noite recolhia a sua casa, e chegava à porta. Os perversos, tendo vendido a consciência a Satanás, mentiram despejadamente. — No dia em que foi morto o juiz, José Joaquim Brandão estava na cidade do Porto; seu filho Manuelzinho junto aos Fiães a assassinar o Silva de Travanca, e o major Cristiano a muitas léguas de distância do lugar do delito. Era tal o ódio, e o desejo da nossa ruína, que sabendo eles que a minha família andava então a ferro e fogo com Manuel Homem, de Gouveia, e com seu primo Tristão, de Vila Mendoa, do distrito da Guarda, e que se achavam culpados em Midões, mandaram, de combinação com o juiz Vilela, chamá-los à sua presença, e este prometendo de os despronunciar, como despronunciou, conseguiu deles que servissem também de testemunhas contra nós. — Não podendo jurar de vista, como os meus parentes, por isso que viviam a mais de 50 quilómetros de distância, disseram que meu pai os havia convidado para a morte do juiz!!! Quão impudentemente foi postergada a verdade. Quem acreditará que meu pai fosse tão longe convidar dois inimigos seus, para a consumação dum crime tão grave e tão atroz? Estes são os próprios a confessar ainda hoje, que se prestaram às rogativas dos nossos perseguidores para se verem livres dum crime que os Mouras de Gouveia lhes tinham forjado injustamente. Não páram aqui todavia, as iniquidades do juiz, pois que levando para sua casa Maria de Sousa, de Midões, menor de 15 anos, a obrigou a dar contra nós, como ela depois declarou no dia do nosso julgamento, um depoimento o mais engenhoso e terrível! Nesse tempo começou o meu nome a ser lembrado pelos inimigos de meu pai. Até então, porque tinha tenra idade, o estudo era a minha ocupação, os livros as minhas armas, porque me destinava à carreira das letras.» *In: BRANDÃO, João, Apontamentos da vida de João Brandão - por ele escritos nas prisões do limoeiro, em 1870, envolvendo a história da beira desde 1834.* Lisboa: Vega, 1990

Percebemos, deste modo, que quando caem em desgraça, os antes heróis, antes quase inexpugnáveis, passam a “comuns mortais” e vulneráveis. Chegando-se ao ponto de prometer liberdade a bandidos em troca de juramentos falsos. “E parece que as mencionadas testemunhas, obtidas pelo suborno, vieram a declarar depois que só se prestavam a desempenhar aqueles torpes papéis para se verem livres de um processo odioso que contra elas tinham forjado os Mouras, de Gouveia”.⁵¹ A antes manipulada e manobrada justiça das Beiras, tornara-se agora, em relação aos Brandões do Casal da Senhora, uma feroz perseguidora.⁵²

1.3.2. Visão Dualista: Bandido / Herói: uma questão de ideologia

Se durante os confrontos da guerra civil, com os inevitáveis excessos e arbitrariedades aí cometidos, as fronteiras entre bandido e herói eram bastante ténues, porque ainda não se sabia qual seria a ideologia vencedora, a partir de 1834 com a Convenção de Évora-Monte, isso mudaria radicalmente de figura, e o Remexido passaria a ter um ferrete com uma matiz negativa, um bandido, visto que era agora defensor de uma ideologia derrotada. O armistício ratificado em Évora-Monte legaliza/legítima a ideologia liberal e ilegaliza/ilegítima a ideologia absolutista. Doravante, as guerrilhas miguelistas, como a do Remexido, seriam vistas apenas como grupos de bandidos, que se batiam por doutrinas espúrias e apócrifas ou, então, apenas aproveitavam a estrutura/logística da guerrilha para a vingança e o saque.

O Remexido esperou ter um pretexto político-ideológico para reabrir as hostilidades beligerantes, o que sucederia quando D. Miguel, em Roma, apelou aos portugueses para "retornarem à causa da Pátria e da Santa Religião". E é já, novamente como guerrilheiro que irá vingar a humilhação pública da sua mulher, contra o autor da mesma, o tenente Alberto António da Fonseca em Benafim: atacar a prisão de Ourique onde libertou vários

⁵¹ Ferrão, *op. Cit.* capítulo VII

⁵² «onde o delegado—António José de Carvalho Montenegro — lho prestou com inteiro menosprezo das suas elevadas funções, e da rectidão e imparcialidade que devem ser peculiares à boa administração da justiça. Foi assim organizado o feito, sendo intimado o despacho de pronúncia ao indiciado em junho do mesmo ano, nas cadeias da relação do Pôrto.» (Ferrão, *op. Cit.* cap. XVI)

companheiros de guerrilha e vingar o que o povo e autoridades de Messines haviam praticado contra a sua família e as suas propriedades.⁵³

A região algarvia terá sido das mais violentas durante a guerra civil, e isto deve-se em grande parte à serra, que proporcionava excelentes condições para a prática de guerrilha. As florestas cerradas, proporcionavam não apenas um magnífico esconderijo como também ofereciam razoáveis fontes alimentares para os guerrilheiros. Foi pois na serra, que o Remexido, derradeiro baluarte da causa miguelista, decidiria instalar o seu quartel-general. O bando do Remexido passaria ao ataque em julho de 1836, em localidades como Ourique e Messines. Este estado bélico, serviu para muitos ajustes de contas como "liquidar" dívidas insolúveis, matando os credores.⁵⁴

A guerrilha do Remexido nesta segunda existência obteria várias vitórias militares, espalhando o terror e o saque por aquelas localidades mais desprotegidas do Algarve. A verdade é que este bando atuava de forma desorganizada e anárquica e muitas das vezes apenas o que almejava era a pilhagem, o que obrigou muitos dos habitantes das zonas rurais a refugiarem-se nas localidades urbanas do litoral. Note-se que até existem certos relatos, que dizem que o próprio Remexido se insurgiria sobre estas práticas, de puros salteadores de estradas, que a maioria dos seus homens vinham adotando à sua revelia.⁵⁵

⁵³ «[...]Que estranheza pode causar o facto de ele, encontrando em Benafim o tenente Alberto António da Fonseca, o principal instigador do insultuoso castigo infligido, dias antes, a D. Maria Bastos, sua mulher - 24 palmatoadas dadas por um soldado no adro da igreja de S. Bartolomeu de Messines! - se lançasse, como uma fera, sobre o insultador e o matasse com um tiro, rugindo, fora de si: - Não tornas a mandar dar palmatoadas em mulheres!?» (Pinto, 2005)

⁵⁴ «O senhor Aleixo sabe muito bem que me não deixaram entrar em S. Bartolomeu, e que não pude evitar certas coisas que ali se fizeram.» (Chagas, *op. Cit.*)

«Muitos lavradores, mas não só, juntavam-se à guerrilha como forma de poderem queimar papéis de impostos e dívidas nas câmaras municipais. Muita gente da época confessa que, não só os guerrilhas, mas outras pessoas, quando eram devedores de dinheiro, procuravam nestas lutas matar os seus credores, para ficarem assim Remexido e Camacho livres das dívidas. Também encontramos muitos lavradores, mesmo os das povoações grandes e não só os da Serra, colaborando em grande escala nos saques feitos a outras povoações; as mulheres também participavam, recolhendo o produto dos saques e transportando-o em burros.» (Pinto, 2005)

⁵⁵ «O próprio Remexido se insurgia por vezes contra esses bandos de salteadores que em seu nome derramavam o sangue inocente dos aldeões, contribuindo para o descrédito da causa miguelista, para o acicatar dos ódios e para a desertificação da serra, cujos pacíficos proprietários se refugiavam nas cidades à procura de protecção. O próprio Remexido chegou a denunciar ao Governador Militar de Loulé que alguns dos seus homens, contrariando as suas ordens, se preparavam para atacar as aldeias de Paderne e Boliqueime, transformando-se em ladrões e assassinos, comportamento esse que muito o aborrecia e desapontava» (Mesquita, *op. Cit.*)

É com esse propósito, que o Remexido alertaria o governador militar de Loulé, para que ele se pudesse defender a tempo de alguns dos homens do seu grupo, que iriam atacar Boliqueime e Paderne a seu contragosto. A coroa de glória do Remexido chegou quando D. Miguel, desde o exílio o nomeou Governador do Reino do Algarve e Comandante Interino das Operações do Sul. Existe neste momento uma vontade de reativar a causa miguelista no Algarve. Para tal, o Remexido contacta José Maria do Carvalho, antigo líder das tropas miguelistas a fim de reunir e reativar essas forças militares.⁵⁶

Todavia, esta já não seria a época para o miguelismo e o absolutismo reviverem, e nesse sentido e para os eliminarem definitivamente, as autoridades centrais e locais de Portugal reforçarão os contingentes militares no Algarve, desencadeando uma autêntica caça ao Remexido na serra do Algarve e Baixo Alentejo. O medo e o terror infundido pelo grupo do Remexido nas populações, era de tal forma, que o Remexido chegava a espargir uma aura sobrenatural e de cariz messiânico em certas zonas do interior do Algarve e Baixo Alentejo, como Saboia, onde diziam que o Remexido era invencível: "que elle Remexido he guardado pelos Anjos, que o fazem invencível quando passa pelos Liberaes"⁵⁷. O Remexido, ciente desta impressão mística que causava, tentou transmitir a mensagem da guerra entre absolutistas e liberais como uma guerra santa, de caráter maniqueísta, o bem da fé absolutista contra os anticristos do liberalismo.⁵⁸

Um dos fatores que iria contribuir decisivamente para o enfraquecimento e ulterior capitulação da guerrilha do Remexido seria a formação da Quádrupla Aliança, entre Inglaterra, França, Espanha e Portugal, uma aliança que tinha por objetivo impedir que as doutrinas absolutistas, miguelistas e carlistas regressassem ao poder nos respetivos países. O articulado desta aliança não permitia que houvesse uma junção de esforços entre as

⁵⁶ «É nessa qualidade de Governador do Algarve que se dirige a José Maria do Carvalho, antigo tenente coronel de Infantaria 14 ao serviço de D. Miguel, chamando-o a reunir-se-lhe para restabelecer a causa antes perdida. Nessa carta confia a sua intenção de ressuscitar todos os regimentos de infantaria, de caçadores, artilharia e cavalaria que antes serviram a sua causa, embora agora estivessem sujeitos à nova ordem política.» (*Ibid.*)

⁵⁷ *Ibid.*

⁵⁸ «O Remexido chegou a invocar a Guerra Santa, como se vivêssemos no tempo das Cruzadas, fazendo alarde das proposições invocadas por Frei Fortunato de S. Boaventura, no sentido de considerar os liberais como ateus e inimigos da Santa Religião. Nesse sentido, e em nome do Remexido, mandou-se publicar e divulgar uma amnistia para os liberais que aderissem ao miguelismo, exceptuando-se os governantes, os Pares e os Deputados envolvidos na expulsão de D. Miguel.» (*Ibid.*)

guerrilhas dos dois países, sob pena da sua invasão. Por tal motivo, as autoridades portuguesas tiveram sempre a zona da fronteira bem guardada para não serem ocupados por tropas estrangeiras.⁵⁹

Para azar do Remexido, em 1836 os carlistas deixaram a Andaluzia, possibilitando assim uma transferência das forças militares portuguesas radicadas na raia para as zonas algarvias e do Alentejo mais desprotegidas pelo governo. Tamanha era já a saturação provocada pelo bando do Remexido nas populações algarvias, que o povo e as câmaras de diversas povoações fizeram as mais variadas sugestões à rainha D. Maria II para acabar de vez com o grupo do Remexido, como: incendiar a serra, impedir os habitantes de ter mais do que o estritamente necessário para a sua alimentação, a fim de não poderem dispensar alimentos para o bando do Remexido, ou ainda trazerem os habitantes da serra e povoações rurais para as cidades.⁶⁰

A rainha acederia a este pedido, enviando um batalhão militar incumbido de neutralizar definitivamente os guerrilheiros serranos do Remexido. Entretanto, o Remexido conseguia intercetar e roubar o correio, sabendo assim das notícias com antecedência, podendo dessa forma arranjar soluções para os futuros problemas. O segundo semestre de 1837 revelar-se-ia bastante difícil para o governo liberal, porque surgiriam várias revoltas,

⁵⁹ «A Quádrupla Aliança (formada em 24-4-1834 entre Portugal, Espanha, Inglaterra e França, para obstar que as causas absolutistas de D. Miguel e de D. Carlos retomassem os tronos ibéricos) impedia, no seu articulado tratadístico, o conluio de esforços bélicos entre as guerrilhas miguelistas do Remexido e as Carlistas acoitadas na raia espanhola, sob pena duma intervenção militar internacional. Consciente dessa possibilidade e do perigo de ver a pátria invadida por exércitos estranhos, o governo Setembrista mantinha-se em constante alerta, temendo o estreitamento das relações militares entre as guerrilhas dos dois lados da fronteira, pois que tal daria permissão legal ao exército espanhol de Isabel II para invadir o território português sob o propósito de bater as guerrilhas absolutistas, receando-se a instalação por tempo indeterminado das tropas isabelinas.» (*Ibid.*)

⁶⁰ «A forma fácil e desimpedida como os rebeldes se movimentavam, solicitou à Rainha que se tomassem enérgicas e radicais medidas para exterminar aquela «perigosa cabilda». Por um lado, sugere ao Soberano Congresso que «declare a serra em estado de sítio», suspendendo todas as garantias e transferindo os habitantes fiéis para a cidade. Por outro, alvitra soluções radicais, nomeadamente «queimar parte da serra, estabelecer nella colonas volantes, guarnecer os povos que habitão as faldas, recolher os habitantes a povoações para que voluntários ou constrangidos não forneção alimentos aos guerrilheiros, retirar os gados, e formar uma guerrilha constitucional para perseguição daquela». (*Ibid.*)

conspirações e focos de outras guerrilhas absolutistas, o que obrigaria a que as tropas se transferissem do Algarve para lhe acorrer.⁶¹

Este novo fôlego do Remexido permitiu-lhe chegar ao litoral com mais facilidade, chegando mesmo até a regiões já no distrito de Setúbal, como: Alvalade, Grândola e Porto Covo. Depois mudariam o seu raio de ação para a raia algarvia, onde manifestavam um tamanho à vontade e superioridade sobre as populações, que exigiam delas como que um tipo de tributo. A guerrilha do Remexido recrudescia nos assaltos, pilhagens e extorsões, quando não lhe chegava o auxílio material vindo dos amigos ricos da causa restauracionista de D. Miguel. Isso passaria a suceder forçosamente após a prisão de Baldi, que era quem fazia esse trabalho, de fortalecer a máquina das guerrilhas, como adquirir os víveres, os alimentos, as armas e cartuchame, etc.⁶²

Tornava-se desta maneira, cada vez mais difícil financiar as guerrilhas, e no caso que nos interessa, o do Remexido, devido à degradação em que se encontrava a causa miguelista, com alguns nobres a ficarem com os fundos que deviam remeter para o Remexido, que se batia, tenazmente, no terreno para fazer retornar D. Miguel ao trono. As autoridades aumentavam a caça ao bando do Remexido, valendo-se para tal, de cláusulas de exceção, porque esta guerrilha com o clima de instabilidade que vinha provocando ao longo dos anos, com os assassinatos, com os assaltos, criara problemas, que desencadearam outros, como os de ordem económica, prejudicando de sobremaneira a agricultura, a pecuária e o comércio, impedindo dessa forma que os proprietários rurais pudessem contribuir com a devida tributação fiscal para os cofres do Estado.⁶³

Será nesse quadro que, para obviar a este problema, o governo designa o coronel José Joaquim Gomes Fontoura com o único objetivo de liquidar de uma vez a guerrilha que não parava de perturbar a boa harmonia social. O coronel Fontoura decide publicar em maio de

⁶¹ «Conspiração das Marnotas», ocorrida em Loures, e a «Revolta dos Marechais», no Verão de 1837, concentraram as forças governamentais junto da capital em lutas partidárias que degeneraram em sangrentos confrontos militares.» (*Ibid.*)

⁶² «Mas quando Baldi foi preso em Grândola, o Remexido ficou sem meios e entregue à sua sorte, voltando a ter que assaltar os montes e aldeias para sustentar os seus homens e a causa miguelista.» (*Ibid.*)

⁶³ «[...]tomar medidas mais concretas e acções mais eficientes para livrar o Algarve daquela cáfila de ladrões e assassinos que empestavam a serra, flagelando as suas gentes e impedindo o desenvolvimento da agricultura, da pastorícia e até do trato comercial, mercê da insegurança que grassava nas estradas.» (*Ibid.*)

1838 um edital que exige a evacuação dos residentes na serra para as vilas e cidades mais próximas, com o intuito de deixar a guerrilha do Remexido sem possibilidade de realimentar a sua máquina com os mantimentos e víveres fornecidos pelas gentes da serra alentejana e algarvia. Com efeito, o grupo do Remexido irá ser enfraquecido gradualmente com esta manobra bastante radical e violenta tomada pelo Coronel Fontoura, e cada vez terá mais dificuldades em angariar fundos para se manter, pois cada vez os assaltos rendem menos e isso levará a que os seus homens comecem a desertar do bando.⁶⁴

1.3.3. Fuzilamento do emblema e extinção da guerrilha

O Remexido será vítima de uma denúncia em 28 de julho de 1838, quando estava na Portela da Corte das Velhas, sendo mais tarde capturado no monte do Grou, nas imediações de S. Marcos da Serra, pelas tropas governamentais. Primeiro seria acorrentado e levado para Loulé, seguindo depois para Faro onde seria julgado em Conselho de Guerra e condenado à pena de morte no dia 1 de agosto de 1838. No dia seguinte, no Campo da Trindade, o Remexido seria fuzilado e deste modo morreria não apenas José Joaquim de Sousa Reis como toda a causa miguelista no Algarve e em Portugal, porque o Remexido havia sido o mais sólido e fervoroso defensor da causa miguelista nos seus derradeiros dias. Malgrado, o seu filho ainda durante cerca de um ano continuaria na serra, não sendo, no entanto, portador do carisma mítico do seu pai o que provocaria o alheamento e consequente falta de auxílio dos serrenhos à guerrilha.⁶⁵

A guerrilha do Remexido acabaria neste último ano de liderança de Manuel da Graça Reis, por fazer finalmente *jus* à fama com que as autoridades liberais a conotaram desde o seu início. Degeneraria assim em grupos de bandidos e salteadores de estrada. O padre Marçal José Espada e Francisco José Camacho ainda prosseguiriam esporadicamente ações

⁶⁴ «Em todo o caso, os rendimentos das pilhagens e os apoios financeiros, obtidos interna ou externamente, eram cada vez mais escassos. Disso resultavam deserções, falta de abastecimentos e condições de manutenção das forças militarizadas, evidenciando-se, assim, um irreversível processo de enfraquecimento das hostes rebeldes.» (*Ibid.*)

⁶⁵ «O filho, Manuel da Graça Reis, herdou a difícil tarefa de manter a guerrilha unida e em redobrada actividade, o que, apesar dos ataques que realizou nas freguesias do Cercal, Santa Luzia, Giões, Martim Longo e Azinhal, não foram suficientes para granjear das populações serrenhas a aura de prestígio e respeito ostentada pelo pai.» (*Ibid.*)

de guerrilha, mas agora sem o "líder espiritual" e praticamente esvaziada de ideais, logo se extinguiria definitivamente, com a morte destes três últimos líderes em 1840.⁶⁶

1.3.4 O Remexido, o emblema de uma ideologia

Vamos agora enquadrar em termos filosóficos a ação do Remexido, avaliando os seus fatores estéticos e éticos, plasmados numa ideologia de sangue. Nesta altercação, porventura uma discussão de caráter político-filosófico, o Remexido pode ser visto como um emblema de uma ideologia. E essa ideologia, obviamente, será a ideologia absolutista, que em Portugal se concretizou em personagens reais como Carlota Joaquina e D. Miguel. Esta fação conservadora passar-se-á a designar de corrente Miguelista, que incorpora os valores anteriores à Revolução Francesa, os valores daqueles que não se conformavam com os ideais saídos de 1789, ou seja, os reacionários ao liberalismo.⁶⁷

A figura do Remexido, também se pode consubstanciar na corrente estética do Romantismo, que tinha chegado a Portugal na primeira parte do século XIX. Sendo essa corrente artística eivada de valores como o nacionalismo, a tradição, o selvagem e o heroísmo. A figura do Remexido encaixa na figura do herói romântico que nem uma luva e isso pode ser ainda hoje atestado pela forma como, principalmente as gentes mais velhas da serra algarvia, recordam José Joaquim de Sousa Reis, revestindo-o de uma aura mítica, de guerrilheiro, herói-justiceiro.⁶⁸

Até o escritor Camilo Castelo Branco encomiasticamente descrevia, em *A Brasileira de Prazins*, o Remexido como o arquétipo do guerrilheiro de aura romântica, talvez ainda contagiado pela mesma aura que tinha dispensado a José do Telhado, com quem privara,

⁶⁶ «[...]em 1840, junto a Mértola, foram “caçados” os últimos cabecilhas da guerrilhas miguelistas: Alferes Ventura, Silvestre Joaquim Cabrita e Joaquim Nogueira Camacho. Pode-se dizer que a partir desse ano deixou de existir uma oposição armada ao novo regime, sendo considerados literalmente exterminados os bandos de rebeldes que infestavam a serra algarvia. » (*Ibid.*)

⁶⁷ *miguelismo* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-04-17]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/miguelismo>

⁶⁸ «Ainda hoje «o tempo dos guerrilhas» ocupa um lugar de relevo no imaginário de muita gente, sobretudo dos mais idosos, que o receberam e o transmitiram. O protagonista deste período seria José Joaquim de Sousa Reis Remexido, uma espécie de figura romântica, que para uns foi um herói, uma vítima e um justiceiro implacável, [...]» (Sampaio: *op. Cit.*)

aquando da sua reclusão na prisão da Relação do Porto, e immortalizara nos seus romances.⁶⁹ Do outro lado de apreciação, estão aqueles que veem no Remexido a personificação do bandido, do contrarrevolucionário.⁷⁰

A ação do Remexido vai desenvolver-se numa época de grande efervescência social e política em Portugal, que é a altura da implantação do liberalismo em Portugal. É depois da Revolução Liberal, do dealbar dos anos vinte deste século, da Carta Constitucional de 1826, e de todas as dificuldades com que os novos atores do poder liberal se vão deparar para consolidar as suas novas ideias e instituições. Será mais concretamente depois da guerra entre liberais e absolutistas de 1832-34, a partir de 1836, depois da derrota da sua ideologia na Convenção de Évora-Monte (1834).⁷¹

O Remexido, como católico devoto, perfilhava um dos valores basilares do absolutismo, mas mesmo assim aquando do ataque em 1833 a Monchique, não poupou o padre do seu casamento Alexandre José Águas. Desta forma, verificamos como a construção e evolução do seu olhar histórico, sociológico e cultural se transformou em pouco tempo. Um homem que no princípio da sua vida chegou a vestir a batina da igreja Católica, apesar de manter-se do lado do absolutismo e do rito católico, irá violar de forma grosseira os

⁶⁹ «Voltaram as minhas desconfianças anteriores, instigadas pelas repetidas paragens que o visinho fazia ao pé do meu quarto. Uma vez communiquei a José Teixeira do Telhado as minhas suspeitas, e este me disse: — Esteja descaçado. Se aqui alguém tentasse contra a sua vida, três dias e três noites não chegariam para enterrar os mortos. Pacifiquei-me com este programma de José do Telhado. Não o achei exagerado nem impraticável, nem despido de interesse dramático. É certo que, d'aquelle dia em diante, ao escurecer, José Teixeira andava sempre passeando nas proximidades do meu quarto. N'uma ocasião atravessava eu de noite os corredores, e vi que era seguido pelo Cruz, talvez sem intenção. Parei, e encostei-me á parede para lhe sondar o intento; mas, ao approximar-se elle de mim, estava José do Telhado a dois passos d'elle. O Cruz passou, e o celebre sargento da junta disse-me ao ouvido: « Agora parece-me que todas as cautelas são necessárias.» N'esse tempo, em um jornal de Lisboa, appareceu um artigo, onde se alludia ao perigo em que estava a minha vida na cadeia. O senhor Camillo Aureliano, funcionario cujas intenções são sempre boas e honradas, disse que eu estava fazendo romances. Estimei sinceramente que o senhor procurador régio se não enganasse. De feito, eram romances o meu susto; porque é já agora coisa de todo o ponto certa que eu oão Air sequer assassinado pelo senhor Cruz. Procurou-me um dia o meu jubiloso visinho para me dizer que sua consorte estava restabelecida, e vinha brevemente para o Porto. Elogiei-lhe a dedicação de sua esposa, e o ditoso marido chorou de ternura.» In: (Castelo Branco, Camilo, 1868, pp. 2) In: Castelo Branco, Camilo - *Memorias do carcere* : Free Download & Streaming : Internet Archive [cons. em 15-4-2017] <URL: <https://ia902305.us.archive.org/epub/index.php?id=memoriasdocarce01brangoog&dir=/8/items/memoriasdocarce01brangoog&doc=memoriasdocarce01brangoog&type=epub>>

⁷⁰ «[...] e para outros um contra-revolucionário e um salteador. A maneira como as façanhas do Remexido têm apaixonado tanta gente pode traduzir-se hoje na imensa bibliografia que sobre ele tem sido publicada.» (Sampaio, *op. Cit.*)

⁷¹ Pinto, 2005, *op. Cit.*, III parte

sagrados mandamentos do evangelho, ao cometer o pecado mortal de liquidar o liberal que era padre, mas um membro da igreja.⁷²

Porventura, neste caso, na sua consciência foi mais forte o grande ódio dispensado aos malhados do que a sua devoção e respeito aos representantes da hierarquia católica? E como interpretar os diversos assassinatos cometidos em nome da causa miguelista, e que apenas visaram saldar com o preço do sangue, dívidas monetárias insolúveis, como aconteceu por exemplo aquando do ataque a Messines em 1836? O Remexido viria a defender-se destas acusações, alegando que sempre deu ordens aos seus homens para não matarem. É verdade que também existem algumas teses que dizem que se atribuem crimes à guerrilha do Remexido, que nunca foram perpetrados pela mesma.⁷³

No entanto, os acontecimentos mais badalados e que mais comoção provocaram nas populações, que alegadamente foram levados a cabo pela guerrilha do Remexido, foram os morticínios de Loulé e Albufeira, na década de trinta. Nestas mortandades, a execução de Felicidade Perpétua Claudina ainda hoje é recordada como um exemplo de barbárie e selvajaria praticada pelo bando do Remexido. Ainda nesta sequência, estes homens realistas, que deveriam defender a santa igreja, sustentáculo do seu ideal, nem os padres poupariam mais uma vez nas suas ações violentas, como poderá ter sucedido com o padre João da Mata. Contudo, esta liquidação do prior João da Mata eventualmente poderá não ter sido uma obra do grupo do Remexido, mas simplesmente um expediente utilizado pelo seu compadre para se vingar dele, e já não ter que lhe pagar o ouro que tinha em débito. Outro pároco que foi barbaramente assassinado pelo grupo do Remexido foi António de Matos Malveiro em Boliqueime.⁷⁴

⁷² «[...] casar-se com Maria Clara a 26-7-1818 na Igreja Matriz de S. Bartolomeu de Messines, cuja cerimónia seria celebrada pelo Padre Alexandre José Águas, o qual, anos mais tarde, seria assassinado pela guerrilha do próprio Remexido.» (Mesquita, *op. Cit.*)

⁷³ «MORTICÍNIO EM LOULÉ - Remexido, levado pelos acontecimentos, não terá de início consentido este comportamento dos seus homens e terá tentado mesmo evitar o morticínio, chegando, por isso, a ser ameaçado pelos seus. Perante a dimensão que este brutal acontecimento atingiu, Remexido ter-se-á retirado da vila, para não assistir aos desmandos. Poderá não ser muito conclusiva esta atitude do caudilho, uma vez que ele era o comandante geral dos assaltantes. Porém, o facto é que, algum tempo depois, ele terá mandado julgar e fuzilar os principais cabecilhas, que deram início ao massacre, e que tinham desobedecido às suas ordens. (Chagas, *op. Cit.*).

⁷⁴ «António de Matos Malveiro. Prior de Boliqueime. Temendo este digno eclesiástico as ameaças dos guerrilheiros, que diariamente iam àquela freguesia aliciar gente, pediu uma escolta do batalhão nacional, comprometendo-se sustentá-la à sua custa; o que efectivamente cumpriu. Em 20 de Julho de 1833 retirou a

Existem algumas teses que argumentam que estes acontecimentos não foram da responsabilidade do Remexido, mas resultado de uma sofreguidão pelo saque, pela vingança de bandidos que faziam parte da guerrilha, ou melhor dizendo, neste caso da «quadrilha», já que se comportavam como autênticos malfeitores. Diz-se que o Remexido castigava, até fuzilava aqueles que matavam os civis. Na verdade, durante a guerra civil, a guerrilha do Remexido careceu de uma estrutura organizada e do apoio da infantaria e artilharia do exército miguelista, para poder submeter as cidades mais difíceis do Algarve, praças fiéis à constituição liberal, como Olhão ou Lagos.⁷⁵

Poderá ter sido por ausência de uma estrutura bem organizada, que houve espaço para a materialização de atos selvagens por parte de alguns dos membros da guerrilha do Remexido. Conscientes dessa desorganização, imprevisibilidade e indisciplina os membros da guerrilha do Remexido preferiam atacar as povoações mais vulneráveis, mais abertas e roubar os proprietários mais ricos. Por isso, atacaram pequenas povoações como Alvor, Mexilhoeira Grande, onde massacraram e saquearam os seus membros mais abastados. Com efeito, este rasto de destruição por onde passavam os homens do Remexido provocava a revolta dos seus habitantes, porque estes verificavam que o único objetivo era o saque, o ajuste de contas, especialmente contra as classes burguesas. Isto mostrava que não existia qualquer substrato ideológico subjacente às suas incursões, e isto depauperou irremediavelmente a imagem realista no Algarve.⁷⁶

escolta para Albufeira, então ameaçada de ser atacada pelos guerrilhas sob o comando do Remexido. Nesse mesmo dia retirou-se o padre para um sítio da sua freguesia, onde no dia seguinte foi assassinado pelos seus bárbaros fregueses, sem os conter nem o carácter sagrado, nem as virtudes religiosas e civis e nem os cansados anos do respeitável pastor.» (*Ibid.*)

⁷⁵ «Durante o segundo semestre de 1833 o caudilho empenhou-se, de forma bastante activa, na contra-ofensiva realista no Algarve, tomando de assalto outros pequenos povoados. Não era, todavia, este enquadramento militar que Remexido desejava. A submissão de toda a província algarvia ao poder de D. Miguel, fazendo proclamar aqui a soberania do rei absoluto, exigia uma organização militar mais complexa, apoiada por outras forças, nomeadamente a artilharia, com as quais pudesse pressionar praças bastante mais fortes, que se matinham fiéis ao regime constitucional, como eram os casos de Faro, Lagos e Olhão.» (*Ibid.*)

⁷⁶ «Numa tentativa desesperada para fugir à fúria dos assassinos, muitos foram os liberais que procuraram esconder-se em qualquer lugar. Na rua da Misericórdia foram mortos Joaquim Cândido e o boticário Ângelo, que se tinham refugiado em casa do padre Neto, de onde foram arrastados. O major Severino Samora e o capitão Biker foram encontrados acolhidos na casa escura dos utensílios da Misericórdia, acabando por serem chacinados à coronhada e à pedrada. Nesta sanha sangrenta houve, igualmente, lugar a muitos ajustes de contas e vinganças. Como terá sido o caso do alferes Raimundo Alves de Moura que, velho e quase cego, quis fugir à fúria de um célebre coxo, de Cabana do Monte Velho, que o perseguiu e acabou por matá-lo. E também o frade franciscano, Frei Gonçalo, que, encontrado por Inácio Coelho, da Patã, foi morto por este com um tiro, despido e depois roubado.» (*Ibid.*)

Paradoxalmente, as populações houveram que pedir auxílio ao governo liberal para fazer face a esta guerrilha do Remexido, porque cada vez se registava uma maior adesão de homens ao bando do Remexido. Isto confirma que o grupo do Remexido, por esta altura, já não era uma guerrilha de libertação das populações, mas um vulgar grupo de bandoleiros, que cada vez cativava mais os bandidos para nele entrarem e poderem beneficiar dos resultados dos saques às populações. O Remexido confrontar-se-ia progressivamente com a degradação da qualidade humana dos membros do seu grupo, tornando-o cada vez mais anárquico e incontrollável. Desse modo, o Remexido ou qualquer outro cabecilha, dificilmente consegue controlar um grupo de homens quando ele é constituído por grande heterogeneidade. Estes homens, na sua esmagadora maioria, eram muito pouco instruídos,⁷⁷ uma autêntica amálgama que podia incluir tanto rudes camponeses como desertores do exército liberal.

⁷⁷ «Perante a circunstância dos factos, somos forçados a ter que admitir que as guerrilhas não se regiam, ou pelo menos não assumiam, os preceitos e a disciplina militar a que tudo indicava estarem sujeitas. Existem, portanto, incontestáveis indícios de o partido absolutista estar entregue no Algarve a grupos armados, sem preparação nem disciplina militar, que se comportavam como bandoleiros e saqueadores.» (Mesquita, *op. Cit.*)

«Para a agregação da guerrilha importa doutrinar os ignaros camponeses infundindo-lhes fortes ideais de justiça social que suportem objectivos políticos, nomeadamente regimes como o absolutismo monárquico, o alianças profano religiosas como foi o caso do binómio Trono-Altar, ou de alceamento de certas figuras políticas, como foi exemplo D. Miguel, em Portugal, ou D. Carlos, em Espanha.» (*Ibid.*)

CAPÍTULO II

JOÃO BRANDÃO E JOSÉ JOAQUIM DE SOUSA REIS E AS MODELAÇÕES REGIONAIS DAS IMAGENS DE BANDIDO/HERÓI

João Brandão e Remexido nem sempre atuaram em nome das suas ideologias. A violência que muitas vezes usaram também visou tirar benefícios materiais. Essa violência recrudescerá a partir do momento em que as suas ideologias forem derrotadas, bem como, no momento, em que os antigos laços de lealdade com figuras proeminentes da sociedade começarem a faltar.

2.1. Das Figurações de João Brandão e José Joaquim de Sousa Reis

Neste subcapítulo iremos explorar dois dos episódios mais marcantes em que se viram envolvidos os bandos de João Brandão e do Remexido. Falamos dos assassinatos, tanto de João Nunes, o Ferreiro de Várzea como de Felicidade Perpétua Claudina, e ainda da profanação dos seus cadáveres. Os processos utilizados, nestes dois acontecimentos, pelos membros destes dois bandos são de tal forma violentos que marcariam de forma negativa e irreversível as imagens dos seus líderes, João Brandão e Remexido. Terão sido, muito provavelmente, estes dois episódios, dos que mais contribuíram para a modelagem de bandidos destas duas figuras oitocentistas.

2.1.1. Remexido, as ajudas externas para a defesa violenta de uma ideologia

O Remexido terá sido verdadeiramente abnegado pela ideologia absolutista, a causa miguelista, ou, pelo contrário, simplesmente um mercenário? O Remexido, além da colaboração ora voluntária, ora involuntária, das populações algarvias e sul alentejanas, terá também recebido algum apoio material das altas instâncias absolutistas portuguesas e internacionais?

A bibliografia compulsada permitiu-nos perceber que, na realidade, até ao reconhecimento por parte do Papado em Roma de D. Maria II como legítima monarca de Portugal, as guerrilhas absolutistas espalhadas pelo país beneficiavam de contribuições monetárias provenientes dos amigos da causa miguelista para manterem as suas ações subversivas, com o intuito de vir a restaurar o absolutismo em Portugal.⁷⁸ A guerrilha do

⁷⁸ «[...] sabemos que pelo menos 30 mil cruzados terão efectivamente chegado às mãos do Remexido. Os financiamentos vinham de Roma para o Algarve através de João Plácido Baldi, que também recebia fundos de Espanha e de Gibraltar.⁴⁶» (Mesquita, *op. Cit.*)

Remexido, por ser a mais vigorosa e aguerrida, teria sido mesmo a que mais teria recebido. O problema para as guerrilhas, é que muitos desses auxílios materiais destinados a operar no terreno eram desviados pelos seus mensageiros, os nobres que deviam zelar pela causa do trono e do altar. As ajudas que chegaram, procederam essencialmente da nobreza europeia, especialmente italiana, de bancos internacionais, da Santa Sé, de artistas ricos apoiantes do absolutismo.⁷⁹ Lamentavelmente, para a causa do Remexido, esse aporte material para o seu grupo findaria aquando da detenção de João Plácido Baldi em Grândola, que era quem coordenava e tratava da parte logística da causa miguelista.⁸⁰ Para fazer face a este revés, o bando do Remexido voltou a assaltar as populações de modo a poder continuar a manter a sua máquina bélica. E foi nesta altura de necessidade extrema, devido a já não usufruir das ajudas internacionais, que o *modus operandi* do bando do Remexido em relação aos camponeses vai sofrer uma alteração. Os homens do Remexido passariam a utilizar processos mais violentos para obter os mantimentos que tanto precisavam.⁸¹ Esta inopinada e agreste forma de relacionamento, proporcionará uma quebra na rede de solidariedades entre as duas partes. Doravante, a antiga solidariedade, não raras vezes, vai ser substituída pela delação, o que contribuirá decisivamente para a derrocada do último bastião miguelista no sul do país, bem como para a captura do seu respetivo líder, o Remexido.⁸²

⁷⁹ «[...] e do Conde de Cabral (António Jacinto Xavier de Cabral), artista e professor de pintura em Roma, muito rico que emprestou largas somas em numerário, das quais sabemos que pelo menos 30 mil cruzados terão efectivamente chegado às mãos do Remexido.» (*Ibid.*)

⁸⁰ «[...] quando Baldi foi preso em Grândola, o Remexido ficou sem meios e entregue à sua sorte, voltando a ter que assaltar os montes e aldeias para sustentar os seus homens e a causa miguelista.» (*Ibid.*)

⁸¹ «dificilmente as guerrilhas poderiam organizar-se como exércitos coesos e disciplinados. A falta desses meios fazia com que as guerrilhas recorressem ao assalto, ao roubo, à pilhagem e à extorsão, para obterem o mínimo de condições de sobrevivência. Por isso, no seu período inicial, a guerrilha do Remexido foi entendida e avaliada como uma cáfila de ladrões, que sob a capa política da resistência miguelista, exerciam o bandoleirismo como forma de sobrevivência. Enquanto não receberam apoios financeiros do exterior não obtiveram sucesso nem prestígio militar, razão pela qual não lograram obter a atenção do governo para os encarar com uma ameaça à segurança da pátria [...]» «quando Baldi foi preso em Grândola, o Remexido ficou sem meios e entregue à sua sorte, voltando a ter que assaltar os montes e aldeias para sustentar os seus homens e a causa miguelista.» (*Ibid.*)

⁸² «havia que tomar medidas mais concretas e acções mais eficientes para livrar o Algarve daquela cáfila de ladrões e assassinos que empestavam a serra, flagelando as suas gentes e impedindo o desenvolvimento da agricultura, da pastorícia e até do trato comercial, mercê da insegurança que grassava nas estradas.» (*Ibid.*)

«[...] para fazer imediatamente destacar das tropas do seu Commando às ordens do Governador Militar do Algarve hum Batalhão para ser empregado incessantemente, com as outras forças que tiver á sua disposição, na deligencia de perseguir até total exterminio a quadrilha do faccioso Remexido, de forma que os Povos

2.1.2. João Brandão: da morte do Ferreiro de Várzea e da humilhação do seu irmão

Este é um dos episódios que mais fortemente marca o percurso de vida de João Brandão e que melhor molda a sua imagem ambivalente de bandido-herói de que estamos a tratar.⁸³ Com efeito, João Brandão neste episódio consegue consubstanciar a medida e a desmedida. E fá-lo quando presta um serviço à sua comunidade, eliminando dela João Nunes, o Ferreiro de Várzea, que se havia tornado um perigoso bandido, autor dos mais odiosos crimes, pondo em constante sobressalto a sua região.⁸⁴

João Nunes, durante a Patuleia, tinha pertencido ao bando de Manuel Brandão, pai de João Brandão, tendo depois optado pelo setembrismo e seguido para o lado dos Brandões de Midões, (os Brandões do Casal da Senhora eram cartistas). A aversão do Ferreiro de Várzea a João Brandão vinha desses tempos da Patuleia, quando João Brandão era chefe do

vizinhos da serra do Algarve não têm mais a recear as calamidades de que tem sido ameaçados por aqueles bandidos. Palacio das Necessidades, em 7 de Dezembro de 1836. Manoel da Silva Passos.» (*Ibid.*)

«No entanto, a pressão exercida sobre os serrenhos deu como fruto a delação dos principais esconderijos e locais de reunião das guerrilhas que, apesar de escaparem sucessivamente ao apertado cerco das tropas, acabariam por sofrer significativas baixas.» (*Ibid.*)

⁸³ Duas das fontes secundárias que ilustram esta dicotomia bandido/herói são os livros: *João Brandão: O Terror das Beiras*, de José Manuel Castro Pinto e *O Herói das Beiras* de Álvaro Costa, mencionados na bibliografia desta dissertação.

⁸⁴ «[...] pois de ouvir João Brandão, mandaria pôr em prática as deliberações constantes na portaria de 10 de Setembro de 1853, e a conseqüente nomeação dos administradores que teriam à muito, sido indicados para os vários concelhos da Beira, especialmente de Francisco Augusto da Costa Amaral para o concelho de Tábua, que teria sido recusada, tal como todas as outras, pelo anterior governador civil de Coimbra - conselheiro António Luis de Sousa Henriques Seco, agora substituído no cargo pelo general Jerónimo da Silva Maldonado de Eça. Das conclusões a que chegaram o ministro do Reino, o administrador de Tábua e o governador civil de Coimbra, tomaria conhecimento João Brandão que ficaria incumbido de dar "caça" ao Ferreiro de Várzea. Para esta mesma tarefa seria designado o Destacamento de Infantaria 14, aquartelado em Midões, e comandado pelo sargento Augusto César de Carvalho Vasconcelos. Eram cerca de 230 homens que iriam dar início a uma das maiores perseguições jamais efectuadas por terras da Beira. Foram muitos os quilómetros percorridos, e as tentativas falhadas para apanharem o ferreiro. João Nunes e seu irmão Miguel Nunes Jorge, que o acompanhava nesta fuga interminável, teriam a intenção de fugir para Espanha, para se livrarem da perseguição e da morte. [...] Por isso, deixaram ficar o cadáver no chão e deram-lhe muitos tiros, que o irmão viu disparar, encostado a uma parede, esperando a cada momento ser fuzilado também. Foi, por isso, testemunha petrificada de tão horríveis cenas, e foi também ele que fez surgir do fundo da sepultura do irmão os primeiros elementos para fazer vingar a sua morte, acusando os seus matadores com rara energia, e repetindo, 70 anos depois, com inteira fidelidade, as declarações que fez nos autos, perante as justiças de Arganil.» (Pinto, 2004, cap.VIII)

bando. O Ferreiro de Várzea, não perdoa a João Brandão, a essa data chefe da guerrilha paterna, as violências durante o cabralismo perpetradas contra os primos.⁸⁵

João Nunes não se conformava com a paz imposta pela Regeneração que tornava João Brandão muito poderoso e o senhor absoluto daquela região. Em 1854 o Ferreiro vai desafiar ostensivamente João Brandão quando propõe uma lista de deputados, pelo círculo de Midões ao parlamento, diferente da proposta por João Brandão, que era a mais importante figura da região na escolha destes elementos políticos. João Brandão havia sido mandatado pelo ministro do reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães, para capturar João Nunes, isto depois do Ferreiro ter matado dois guardas e ter-se posto a monte. Contudo, João Brandão exorbitaria nas funções que os governantes lhe tinham atribuído, quando é responsável pela morte, a sangue frio, do Ferreiro de Várzea, pela profanação do seu cadáver e ainda pela humilhação de Miguel Nunes, o irmão da vítima.

João Brandão estava ciente do crime cometido e da conseqüente severidade da pena. Sabendo também que não tinha nenhuma influência na comarca de Arganil, tentou, durante a noite, trasladar o cadáver do Ferreiro para uma comarca onde tinha influência, o julgado de Avô.⁸⁶ A forma como João Brandão (ou algum dos homens do seu bando) assassinou o Ferreiro de Várzea não contribuiu para a sua moldagem como herói. Para um bandido chegar ao panteão dos heróis, é imprescindível que se bata com honra e dignidade com os seus adversários. O herói não se pode bater com o seu adversário, recorrendo a uma superioridade numérica.⁸⁷ Muito distinto, da forma como "fuzilou ou fuzilaram" à queima roupa João Nunes.⁸⁸

⁸⁵ «Depois da revolução de setembro, deixou-se aliciar nas hostes dos Brandões de Midões, que procuravam crear prosélitos para a lucta feroz que iam travar contra os seus adversários, e, nomeadamente, contra os seus parentes do Casal da Senhora.» (Ferrão, *op. Cit.*, cap. XI)

⁸⁶ «[...] mandaram o Miguel ir segurando o irmão assassinado. A frente, o Anjinho segurava a rédea do cavalo. Mas tinham de andar depressa, enquanto era noite, para saírem do julgado de Arganil. Uma vez entrados no julgado de Avô, começou a festa: "Dizia o Anjinho: - Quem quer comprar marral fresca?"» (Pinto, 2004, cap. VIII)

⁸⁷ Aqui podemos dar o exemplo dos duelos "um contra um", registados no Far West Americano, em que dois homens se posicionavam um de frente para o outro, respeitando assim um código de honra, vencendo quem fosse mais rápido a apertar o gatilho.

⁸⁸ «Concluída a ceia, vão, já depois da meia noite, consumir o assassinato. Entram na casa do sapateiro, accendem luz para melhor encarar a victima; o sicário João Brandão crava-lhe a primeira bala no corpo; logo depois o malvado Anginho o atravessa da garganta á nuca; e seguem-se os mais.» (Carvalho, 1890, cap. III)

2.1.3. Remexido: o assassinato, violação e profanação de Felicidade Perpétua

Um dos episódios que afastará mais perentoriamente o Remexido da possibilidade de se alancorar ao panteão dos heróis foi o assassinato brutal, eivado de misantropia, em 1833, durante o morticínio de Loulé, de Felicidade Perpétua Claudina, rica proprietária desta cidade, e a maneira como posteriormente alguns membros do seu bando profanaram um cadáver feminino: «onde a mataram à paulada, e a lançaram morta sobre uma estrumeira, enterrando-a tão mal, que lhe ficaram as pernas de fora».⁸⁹ Terá sido, indubitavelmente, este um dos actos em que o bando do Remexido mais se afastou da convivência civilizacional e se aproximou da barbárie. Os membros do bando do Remexido responsáveis por este assassinato hediondo terão usado de tal violência sobre uma mulher indefesa, que este foi um dos acontecimentos que mais chocou a opinião pública coetânea. O assassinato e os requintes de malvadez levados a cabo sobre Felicidade Perpétua são descritos por um testemunho coevo nestes termos:

Quando entraram as guerrilhas em Loulé, aonde cometeram imensas mortes horrorosas, D. Felicidade fugiu de sua casa e refugiou-se em casa de uma parteira que lhe assistia na sua moléstia, porém esta denunciou-a por dinheiro e por isso levaram-na para uma casa na vila e o José Maria Bandeirinha principiou a confessá-la, para que ela declarasse onde tinha as suas riquezas. (...) Com o maior escárnio levaram-na sobre uma estrumeira, cortaram-lhe os peitos, picaram-lhe o corpo todo com as pontas das baionetas e enfiaram-lhe uma grande estaca pelas suas partes, e depois semiviva, enterraram-na na estrumeira com os pés e mãos de fora.⁹⁰

Por vezes, os bandidos também podem ser considerados heróis, nomeadamente, pelos mais desprotegidos da sua comunidade como demonstra Eric Hobsbawm no capítulo I de *Os Bandidos*, dedicado ao banditismo social,⁹¹ e isto, devido à simpatia que infundem nas classes mais desfavorecidas e, principalmente, nas mulheres. Muito diferente é este episódio que patenteia um *modus operandi* de tal maneira eivado de misantropia, que os afasta dessa catalogação de forma liminar. À primeira vista, esta atrocidade perpetrada pelos homens do bando do Remexido poderia indiciar também uma prática eminentemente misogina já que parece revelar grande ódio ao género feminino. Todavia, esta tese não parece corresponder à realidade, visto que, no morticínio de Loulé, esta mulher terá sido a única vítima da ferocidade dos guerrilheiros realistas. A verdade, é que a morte de Felicidade

⁸⁹ Chagas, *op.Cit.*

⁹⁰ *Ibid.*

⁹¹ Hobsbawm, 1975, cap. 1

Perpétua poderá ter sido encomendada pelo seu marido, que era um ferrenho miguelista.⁹² Este momento resultaria numa mancha inapagável na imagem do Remexido. Muita da hostilidade votada ao Remexido, tanto pelas populações como pelos investigadores, provém das extremas crueldades levadas a cabo pelos seus homens, em 23 de julho de 1833, em Loulé e em Albufeira,⁹³ ainda que, Remexido, como comandante do grupo, sempre deles se tenha tentado demarcar, ao afirmar que esses actos selváticos foram praticados à sua revelia e ainda que tenha mandado fuzilar os verdadeiros responsáveis.⁹⁴ Veremos de forma mais desenvolvida no fim deste capítulo, que também existem autores que não consideram o Remexido como o chefe da guerrilha responsável pelo morticínio de Loulé, mas sim o Major André Camacho, que era o líder da guerrilha na zona do sotavento algarvio.⁹⁵

2.2. João Brandão: acusado pelo homicídio do padre Portugal

Pese embora, João Brandão, no seu passado conflituoso e belicoso, já se tivesse deparado com diversas acusações e pleitos judiciais,⁹⁶ será o assassinato do Padre Portugal

⁹² «Felicidade Perpétua Claudina. Era casada com Florêncio Cavaco, tenente de uma força da 2-linha. Este tenente era um miguelista "enragé". De forma que Florêncio Cavaco, o marido de Felicidade, era legitimista encarniçado. Vivía separado da mulher, não sabemos se por questão de princípios políticos, se por questão de honra, se por questão de génios diferentes. O certo é que Felicidade foi a única mulher morta pelos guerrilhas em Loulé; o que fêz crêr a muita gente que a sua morte fora ordenada pelo marido.» (Chagas, *op. Cit.*)

⁹³ «E à ferocidade e vileza, como a maioria desses crimes foi executada, é que o Remexido ficou a dever a sua execrável popularidade, sendo crescente o ódio que lhe dedicavam as gentes cidadinas. Por essa razão é que quando, após Évora-Monte, desejou regressar ao convívio dos seus familiares foi-lhe negada essa possibilidade, mercê da sede de vingança que grassava entre as vítimas das suas sanguinárias atrocidades.» (Mesquita, *op. Cit.*)

⁹⁴ «Mas o mais bárbaro ataque das guerrilhas miguelistas aconteceu na vila de Albufeira, perpetrado a 26-7-1833, onde, para além das acostumadas sevícias, pilhagens e roubos de toda a casta, também se cometeram indesculpáveis excessos, dos quais o próprio Remexido se haveria de arrepender, tentando depois justificar-se com o fuzilamento dos principais algozes de tão cruel arremetida militar. Acerca desse selvático episódio, que manchou de forma indelével a figura popular e o prestígio militar do Remexido, existe um pequeno livro de autor nunca desvelado, publicado em 1838, sob o título *Memória dos Desastrosos Acontecimentos de Albufeira*, no qual se revelam ao pormenor todas as atrocidades cometidas. (*Ibid.*)

⁹⁵ Chagas, *op. Cit.*

⁹⁶ Martins de Carvalho recorrentemente alude à forma como João Brandão escapava às malhas da justiça, e como tinha mesmo a proteção desta. «Confio em que o processo que se vai instaurar, sendo regulado pela verdade dos acontecimentos e pela certeza dos factos, não pôde dar, como deseja, base para procedimento algum criminal contra os matadores involuntários do bemquisto Ferreiro. No entanto ao governo e ás autoridades superiores tenho para agradecer a boa vontade, e n'estas circunstancias, não podendo ser indiferente a essa boa vontade, tenho a declarar a V. Ex^a com a lealdade que é própria do meu character, que retiro os compromissos que contraiu com V. Ex^a relativamente a eleições, tanto mais quanto me consta que o actual administrador, justamente resentido pelo modo por que se apreciam os seus grandes serviços, vai pedir a sua demissão. Fico pois livre para obrar na eleição próxima como me aprouver. Sou com toda a consideração

o acontecimento decisivo para a sua condenação mais pesada, o degredo para África. Contribuíram para esta condenação de João Brandão pela justiça, não só o lastro de violência que tinha acumulado ao longo de vários anos como o enquadramento social e ideológico em que foi julgado.⁹⁷ João Brandão vai pagar através do processo do homicídio do Padre Portugal toda a atividade passada, relacionada com a violência perpetrada na sua região.⁹⁸

Este caso correspondeu à abertura da sua caixa de Pandora,⁹⁹ ou seja, este processo demonstra que João Brandão deixara de ter influência e era agora vulnerável aos ditames da

e respeito. —De V. Ex^a criado e muito respeitador. — João Victor da Silva Brandão.» (Carvalho, 2004, cap. VII)

Martins de Carvalho recorrentemente alude à forma como João Brandão escapava às malhas da justiça, e como tinha mesmo a proteção desta. No entanto, João Brandão irá ser condenado pela morte de João Nunes, o Ferreiro de Várzea, e isto, porque o crime foi cometido numa comarca onde ele não tinha influência.

«Se lhe pudesse restituir a vida, como Cristo fêz a Lázaro, estou certo que o faria, para se libertar de tão graves consequências. Mas o mal já não tinha remédio. O Ferreiro estava morto, e o poder judicial ia tomar conta do feito. Era necessário preparar desde já a defeza. Para êste, fim de pouco lhe valia o administrador de Tábua, porque não só estava fóra da sua jurisdição, como também, julgando a deligência bem entregue a João Brandão, foi comodamente instalar-se em Pomares, em casa do Dr. Pinto Ferreira, deixando correr o marfim.» (Ferrão, 1928, cap. XIII)

«Passada a tempestade, que se armou sôbre a sua cabeça pelo assassinato do Ferreiro de Várzea, em que mais uma vez se viu claramente a influência enorme de que dispunha em toda a Beira, sem o que não era possível viver nesta província sete anos de vida errante, culpado pela justiça e perseguido pela fôrça pública, tudo parecia indicar que lhe estava reservado um largo periodo de paz octaviana, em que a tranquilidade e a quietação viriam obliterar-lhe as paixões e os ódios das luctas anteriores, em que tanto se envolveu. Não manifestava ambiciosas tendências, porque se as possuísse não lhe teriam faltado os meios de as realizar, como melhor lhe apeteceesse. Pela sua mão passou uma larga cornocópia de favores e de serviços, que dinheiro não havia que os pagasse, como a defeza da propriedade e da própria vida de muitos dos seus adversários, numa época revolta, em que as paixões políticas, ainda quentes das últimas refregas, se agitavam convulsas como as ondas do mar encapeladas pela impetuosidade dos ventos do polo.» (Ferrão, 1928, cap. XIV)

⁹⁷ *Ubi non est justitia, ibi non potest esse jus* (onde não existe justiça, não pode haver direito). Achámos interessante megalhar nas origens do modelo herdado do direito romano, por sua vez inspirado no do panteão grego, aquele que os homens desde antanho elegeram o mais perfeito para dirimir os seus conflitos, baseados num modelo de raiz consuetudinária. A instituição *justitia* nasceu na Grécia Antiga, tendo como suas representantes Témis (deusa guardiã dos juramentos dos homens e da lei, sendo costume invocá-la nos juramentos perante os magistrados) e suas filhas Dice, deusa da justiça, vingadora das violações da lei (empunhava uma espada na mão direita para impor a justiça pela força e uma balança na esquerda) e Astreia deusa virgem, protetora da humanidade, era também um símbolo de justiça. No panteão grego, Témis tinha como principal adversário, Aries, deus da guerra.

⁹⁸ «Certa parcialidade contra o réu, por isso mesmo mais repreensível; de modo que a pressão que o mesmo réu e os seus, por tanto tempo, exerceu na província, essa mesma pesou agora sobre ele!» (Pinto, 2004, cap. XVI)

⁹⁹ Figura primordial feminina da mitologia grega, criada a pedido de Zeus por Hefesto e Atena, para agradar aos homens.

justiça, muito diferente do que acontecera antes, noutros processos. Começa assim, nesse momento, a fase descendente da sua vida, de onde iriam sair todos os males que resultariam na sua desgraça pessoal e social.¹⁰⁰

Esta perspectiva antagónica de como os conterrâneos de João Brandão viam a figura feminina, num confronto entre a casta e pura mulher neorromântica à imagem da Virgem Maria *versus* a malévola Pandora ou a depravada e lasciva Lilith,¹⁰¹ era uma forma machista/misogena do povo, de meter o ónus do sucedido na D. Rosa, contribuindo para atenuar as culpas do possível autor masculino do assassinato, bem como o seu subsequente perfil/imagem de bandido.¹⁰²

O assassinato e conseqüente processo judicial do Padre Portugal, com a acusação de João Brandão representa para este o fim da sua “Era e Raça de Ouro” que se consubstanciara num período de primavera vivencial. Na mitologia grega esta era terminaria quando Prometeu¹⁰³ revelou o segredo do fogo à humanidade, neste caso o fogo das armas que João Brandão utilizou nos seus assassinatos, mais concretamente no eventual assassinato deste

¹⁰⁰ «Assim terminou, tão tristemente, o julgamento do mais deplorável e iníquo processo de todos quantos na Beira se têm julgado. Nêle se desenrolou, a par de um trama preverso para perder o réu, o mais lastimável e vergonhoso desleixo das autoridades, que o formaram e instruíram. Não procuraram então descobrir os ladrões e assassinos do pobre Pe. Portugal, que não deviam estar longe, mas tão sómente anular a influência do réu, infamando-o pelo crime de roubo que jamais alguém ousou atribuir-lhe e privá-lo da sua liberdade, que é um direito originário do cidadão.» (Ferrão, *op. Cit.*, Cap. XVII)

¹⁰¹ Na tradição judaica e islâmica Lilith aparece como a primeira mulher de Adão e que mais tarde se transformou na serpente que induziu Eva à desobediência. No entanto esta crença aparece pela primeira vez por volta do século VII, sendo que Lilith já era adorada na antiga Mesopotâmia associada aos ventos e tempestades portadores de doenças e morte.

¹⁰² «Pela madrugada de sábado, sentindo próximos os seus últimos momentos, mandou sair os que estavam no seu quarto, ficando só com D. Rosa, com quem falou durante algum tempo. O que seria esta entrevista?! Ninguém o sabe. Mas em todos ficou a impressão nitida de que êle pretendia declinar só para ela os nomes daquêles que o haviam mortalmente ferido ou pedir-lhe contas do atentado de que foi vítima. Mas se êle, na realidade fêz esta revelação ou a recriminou por a reputar cúmplice da sua morte, D. Rosa reservou-a no mais profundo sigílio, porque se limitou a dizer que êle lhe tinha dito que desconfiava dos Britos de Várzea, por Manoel de Brito ter sido quem lhe ajudou a encartuxar o dinheiro e guardá-lo na gaveta da comoda vendo-lhe meter a chave no bolso do colête no dia anterior à noite trágica, em que o atentado se deu. [...] Nesta dúvida terrível ou na suspeita da infamante traição, se ía despedir dêste mundo.» (Ferrão, *op. Cit.*, Cap. XV)

¹⁰³ No panteão grego Prometeu era um titã defensor da humanidade, astuto e inteligente e responsável por roubar o fogo de Héstia e de o dar aos homens, algo que Zeus temia por medo de que os homens se tornassem tão poderosos quanto os deuses.

sacerdote e que desencadearia a sua derrocada social e o fermento para os seus futuros maiores sacrifícios.¹⁰⁴

Esta narrativa de carácter mitológico, o poema épico *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo tem muitos paralelismos com a vida de João Brandão, principalmente, com o processo judicial que redundaria no seu degredo para Angola, porque nesta obra Hesíodo glorifica o trabalho e a justiça como as únicas formas legítimas de ter uma vida digna.¹⁰⁵ E neste processo do eventual homicídio do Padre Portugal por parte de João Brandão ele terá faltado aos dois requisitos defendidos por Hesíodo, o Trabalho e a Justiça. Tal facto resultaria no seu castigo divino, concretizado no repúdio quase geral a que João Brandão se viu votado, por parte de testemunhas, jurados e juízes, ao não serem imparciais, equânimes e muitas vezes faltando à verdade e cometendo, por isso, perjúrio.¹⁰⁶ Tudo indica que Hesíodo concebeu este poema dirigindo-o ao seu irmão Perses, como uma alegoria para simbolizar a forma como este se apropriara indevidamente da herança que seria pertença dos dois.

Hesíodo retrata estes defeitos e vícios humanos que viu no seu irmão na fábula *O Gavião e o Rouxinol*, onde alerta para a importância do valor do trabalho de molde a atingir uma conduta ética e moral e ao mesmo tempo fugir à ambição desmedida.¹⁰⁷ Paralelamente

¹⁰⁴ Zeus, pelo roubo do fogo, suplicaria Prometeu no monte Cáucaso, acorrentando-o onde uma águia lhe dilacerava, diariamente, o fígado. Hercules será o seu libertador, ficando voluntariamente no seu lugar o centauro Quíron; e para punir os homens, na sua globalidade, pelo roubo do fogo, castigá-los-ia com a abertura da caixa de Pandora e o aparecimento de todos os males na Terra. No fim da Idade de Ouro, a deusa Astreia, uma das representantes da justiça, abandona a Terra para não assistir ao sofrimento da humanidade.

¹⁰⁵ «Ora, o trabalho é uma lei imposta pela vingança de Zeus. O mito de Prometeu e Pandora explica a origem dessa lei, assim como todas as desgraças que atormentam o homem (versos 42-105). A experiência histórica demonstra que é "inteiramente impossível escapar aos desígnios de Zeus". A necessidade da justiça é demonstrada pelo mito das Cinco Idades: a dedicação ao trabalho e à justiça assegura a prosperidade nesta vida e a recompensa na outra. Ao revés, os que se deixam dominar pela hýbris, pela "démeseure", pelo descomedimento, serão implacavelmente castigados nesta e no além. Pertencemos todos à idade do ferro, da hýbris (versos 106-201). A lei do descomedimento reina em Téspias, [...]» (Brandão, Junito, 1986, cap. VIII)

¹⁰⁶ «Na sua desorientação os esbirros de Tábua apresentaram-no de começo, como sendo ele próprio autor do crime, tendo vindo de Avô, pela calada da noite, através de cerrados pinhais, a Várzea, roubar e matar o P.E Portugal. E para isso arranjaram testemunhas que juraram que ele faltou naquela vila, depois de terminar o ofício da Paixão, durante cinco horas. Como estes miseráveis perjuros contaram as horas!... Mas a breve trecho verificaram que uma tal versão era insustentável porque sabiam que tinham estado em Avô, ao pé do réu, pessoas categorizadas e respeitáveis, que não se demorariam em vir desfazer semelhante cabala. Mas ainda assim não desarmou a sinagoga das autoridades de Tábua e dos seus aderentes.» (Pinto, 2004, cap. XVI)

¹⁰⁷ «É necessário, pois, que Perses adquira riquezas e considerações, mas não pela violência e sim pelo trabalho e pela justiça.»

ao irmão de Hesíodo, também a origem da desgraça de João Brandão está no factor material: o suposto roubo do Padre Portugal. Continuando a citar Hesíodo podemos perceber como a existência de João Brandão, passaria, a partir da acusação pela morte do Padre Portugal, a realizar-se pelas adversidades das Idades com uma configuração mais escarpada e ligadas ao sofrimento da raça humana.¹⁰⁸

Este autor grego concretiza esses estados de sofrimento, nas Idades do Bronze e do Ferro, quando depois da morte, acontece a ida para o Érebo (submundo) para junto de Hades, deus do mundo dos mortos o mundo inferior (o inferno), ou seja, para onde vão aqueles que pelas suas ações prejudiciais, como crimes, não terão lugar no Olimpo, e terão que ser fustigados por castigos. Seguindo este modelo ancestral de representação do comportamento dos homens, também na comunidade de João Brandão, foram muitos aqueles que logo o culpavam pelo crime do Padre Portugal, bem como pediram a sua prisão.¹⁰⁹ Devido a esta condenação *à priori* quase generalizada dos seus conterrâneos, será difícil enquadrar João Brandão na *Era e Raça dos Heróis*, daqueles como Aquiles e Odisseu que pelejaram na guerra de Tróia.

João Brandão mesmo tendo combatido em diversas batalhas úteis aos governantes, a verdade, é que não terá direito à Ilha dos Bem-Aventurados e nem mesmo aos Campos Elísios,¹¹⁰ que correspondem, no cristianismo, ao paraíso. Na sua decadência social, já ninguém se lembrava do que, no passado, ele tinha dado de benéfico à sua comunidade e ao seu reino. Neste contexto, o seu papel de herói, apenas poderia ser reconhecido pelo povo e

¹⁰⁸ «Pelo referido juiz foram pronunciados, por despachos de 19 de maio e 16 de junho de 1866, os quatro réus, João Brandão, Antonio Brandão, José de Mattos e Brito Penalva. Da cadeia de Coimbra foi conduzido João Brandão a Taboa, para alli responder a perguntas. O interrogatório feito em Taboa durou seis horas e meia. Foi o mesmo João Brandão pronunciado naquella comarca, por dar o plano e instrucções para os crimes de roubo de um conto de rãs aproximadamente, e homicídio voluntário, practicado na pessoa do padre José da Anunciação Portugal, da cidade de Aveiro, que teve logar na noite do dia trinta para trinta e um de março ultimo (sexta feira santa para sabbado de alleluia), pela uma hora pouco mais ou menos, nas casas pertencentes ao digno par do reino, visconde de Almeidinha, sitas no logar de Várzea, freguezia de Candosa, julgado de Taboa. D'alli foi outra vez removido João Brandão para a cadeia de Coimbra, aonde chegou no dia 2º de maio. (Carvalho, 2004, cap. XLV)

¹⁰⁹ «A opinião geral accusou logo de mandante ao grande sicário João Brandão, que de propósito fora passar a noite de sexta feira santa, em que se practicou o crime, a casa de um amigo de Avô, procurando assim antecipadamente testemunhas para mostrar que não tomara parte nesse crime. João Brandão pôde ser preso em Lourosa, no dia 7 de maio do mesmo anno de 1866, pelo administrador do concelho de Oliveira do Hospital, o bacharel Luiz Pereira de Abranches» (*Ibid.*)

¹¹⁰ Onde estavam durante mil anos a purificarem-se das influências terrenas e depois alguns reencarnavam ou realizavam metempsicose, reencarnação em animais.

por alguns militares que lhe facilitaram a fuga às malhas da justiça. Sucedeu a João Brandão o que sucedia aos heróis que praticavam a injustiça, podendo ser considerados deuses menores, e, por isso, enviados para o Tártaro para toda a eternidade, o denominado mundo inferior, que se situava debaixo do Hades (Inferno para os cristãos).¹¹¹

Tântalo, rei da Frísia ou da Lídia, filho de Zeus e de Plota, era muito apreciado pelos deuses, sendo habitualmente convidado a partilhar com eles as refeições no Olimpo, mas num desses banquetes abusaria da confiança desses deuses roubando-lhes um pouco de nectar e ambrósia,¹¹² alimentos que concediam a imortalidade, porém um privilégio somente dos membros do Olimpo.

De forma a reconciliar-se com os deuses, Tântalo que continuava obcecado por atingir a eternidade/mortalidade não mostrou qualquer tipo de remorsos em sacrificar o seu próprio filho Pélops como forma de manjar para esses deuses.¹¹³ Se o rei da Frígia ou Lídia não se eximiu do holocausto do mais valioso que um pai tem, já João Brandão não se coibiu de sacrificar, em determinadas ocasiões, a sua honra e escrúpulos, e isto para ascender socialmente de forma a estar ao mesmo nível das figuras mais proeminentes da sua sociedade, os políticos, que poderemos designar como os "deuses" locais. À semelhança de Tântalo, seria supliciado. Se o rei da Frígia/Lídia atingiu uma eternidade dolorosa, onde nunca mais conseguiu nem comer nem beber, João Brandão perdeu a liberdade no seu país, nunca mais voltou a ver a sua esposa, sendo degredado para Angola,¹¹⁴ onde acabaria traído pelo seu sócio Eduardo Braga.¹¹⁵ Ou seja, por alguém que como ele, também agiu pela cobiça

¹¹¹ Tártaro *in* Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico, [em linha], [cons. em 3-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/vocabulario/tartaro>>

¹¹² Significado / definição de ambrósia no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, [em linha], [cons. em 04-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.priberam.pt/dlpo/ambr%C3%B3sia>>

¹¹³ Artigo de apoio Infopédia - Suplício de Tântalo, [em linha], [cons. em 14-5-2017]. Disponível na Internet: <URL: [https://www.infopedia.pt/\\$suplicio-de-tantalo](https://www.infopedia.pt/$suplicio-de-tantalo)>

¹¹⁴ «João Victor da Silva Brandão embarcaria no navio D. Pedro, em 9 de Outubro de 1870, com destino a Angola.» (Costa, 2001, cap. VI)

¹¹⁵ Que pela ignomínia de ter servido de guia às autoridades que foram no encalce de JOÃO Brandão para o capturar mereceria do povo o epíteto de Braga "o ladrão".

e gula material, isto na suposição de que foi o autor moral do roubo e assassinio do padre Portugal.¹¹⁶

João Brandão acabaria por ser degredado para Angola, onde também fez fortuna, graças ao seu empreendedorismo. Em Angola construiu uma nova família, da qual teve uma filha, tendo ainda um filho de outra relação. No entanto, grande parte dessa fortuna não ficaria na posse dos seus filhos devido aos processos ardilosos usados pelo seu antigo sócio Eduardo Braga, que se apoderou de quase tudo.¹¹⁷

2.3. Remexido: acusado pelas mortes do padre Alexandre José Águas e do padre Malveiro

Apesar da maioria dos membros da hierarquia da igreja apoiarem a causa miguelista, houve também inúmeros clérigos que optaram pela causa liberal, o que em alguns casos lhes custou a vida. Daí que o padre Alexandre José Águas e o padre Malveiro não tenham sido as únicas vítimas da guerrilha do Remexido. A estes dois clérigos podemos acrescentar outros nomes como: o do prior de Alcantarilha, o do padre António Alexandre Gonçalves, o do franciscano frei Gonçalo, o do padre Lamim.¹¹⁸

Com efeito, desde o reinado de D. José, sobretudo, através das medidas anticlericais do Marquês de Pombal, passando pelas confirmações dessa índole do regime liberal, que terão o seu ponto mais forte com Joaquim António de Aguiar, o Mata-Frades, em 1834, que

¹¹⁶ Ainda hoje é controversa a condenação ao degredo de João Brandão e isso pode ser confirmado nesta passagem: «Passado que está mais de um século após a sua morte, o nome de João Brandão continua gravado na memória do povo da Beira, que nunca esquecerá o infortúnio, as privações e as perseguições sofridas por um homem de grande alcance político, traído pela sua generosidade e frontalidade nas palavras e nos actos. Se é certo que o seu nome ficou para sempre gravado na nossa História, como exemplo de uma das mais injustas e tenebrosas atitudes do poder político e judicial português, não será menos verdade que nomes como D. António Alves Martins, bispo de Viseu, Rodrigo da Fonseca Magalhães, ministro do Reino, Martins de Carvalho, director do jornal *Conimbricense*, João das Neves Ferreira Júnior, governador do distrito de Benguela, Manoel Celestino Emídio, juiz, e muitos outros, ficarão também gravados na memória do povo como exemplo da mais vil cobardia e traição aos ideais do Liberalismo. Como foi possível sustentar durante tantos anos que aquele homem pudesse ser o responsável por todos os crimes, roubos e desgraças que ocorreram nas Beiras, numa época bastante conturbada da História de Portugal, onde proliferavam inúmeros bandos de malfetores que espalhavam o terror a mando das mais variadas e ilustres autoridades da época? Para analisarmos o comportamento social de João Brandão e de sua família, não os podemos separar do contexto político e económico da região, longe dos poderes de decisão num século recheado de lutas sangrentas entre absolutistas e liberais, cartistas e setembristas, cabralistas e patuleias.» (Costa, *op. Cit.*, cap. VII)

¹¹⁷ «Após a tragédia, Eduardo Braga apoderar-se-ia de todas as propriedades que seriam vendidas mais tarde a outros colonos, entregando apenas à herdeira a propriedade S. Pedro, última residência de João Brandão. Por este facto Eduardo Braga ficaria conhecido por todos como o "Braga ladrão".» (*Ibid.*)

¹¹⁸ Cabrita, 1990, *Memória dos desastrosos Acontecimentos de Albufeira*

o clima se tinha tornado muito adverso para a hierarquia religiosa, nomeadamente, para as suas ordens. Ainda que seja difícil conceber, acima de tudo, para alguém que esteve quase a seguir a carreira de sacerdote, como José Joaquim de Sousa Reis, ir no futuro ser responsável pela eliminação física de vários ministros da igreja que era a sua, e isto, apenas, porque esses padres perfilhavam uma ideologia política oposta, o liberalismo. Um dos sacerdotes liberais que viria a ser vítima da fúria do bando do Remexido foi António de Matos Malveiro, prior de Boliqueime, em 1833.¹¹⁹ Outro homicídio de um clérigo, que achamos simbólico, podendo servir para aferir do nível de violência e irracionalidade que pairava naquela época refere-se ao perpetrado contra Alexandre José Águas, morto à paulada, em Monchique, por um bando de realistas.¹²⁰ Porque o Remexido nem pouparia aquele que havia celebrado o seu sacramento matrimonial, em São Bartolomeu de Messines, no ano de 1818, o padre Alexandre José Águas.

Depois de demonstrarmos como o Remexido foi capaz de liquidar dois eclesiásticos somente pelo facto de eles serem simpatizantes da "heresia liberal",¹²¹ é pertinente perguntar: punha ele a ideologia política acima da ideologia religiosa? A resposta poderá ser afirmativa se a fundamentarmos com o caso de um clérigo absolutista: o padre Marçal José Espada, que chegou mesmo a ser seu secretário particular, bem como, após o seu fuzilamento, ter sido o derradeiro líder da guerrilha, isto no ano de 1839. Nesta escolha entre o absolutismo e o catolicismo, personificada nas figuras dos padres católicos liberais assassinados pelo seu bando, fica demonstrado que, quando teve que optar, o Remexido optou pelo absolutismo em detrimento do catolicismo.

¹¹⁹ «António de Matos Malveiro. Prior de Boliqueime. Temendo este digno eclesiástico as ameaças dos guerrilheiros, que diariamente iam àquela freguesia aliciar gente, pediu uma escolta do batalhão nacional, comprometendo-se sustentá-la à sua custa; o que efectivamente cumpriu. Em 20 de Julho de 1833 retirou a escolta para Albufeira, então ameaçada de ser atacada pelos guerrilhas sob o comando do Remexido.» (Chagas, *op. cit.*)

¹²⁰ « [...] cuja cerimónia seria celebrada pelo Padre Alexandre José Águas, o qual, anos mais tarde, seria assassinado pela guerrilha do próprio Remexido.» (Mesquita, *op. Cit.*)

¹²¹ «Finalmente, e antes de passarmos a outro tipo de considerações, realce-se também o facto de, apesar do alinhamento da mais elevada hierarquia da Igreja com D. Miguel e do apoio que este suscitava em muitos, porventura a maioria, dos membros do clero e dos frades, ter havido não poucos que optaram pela causa liberal, pagando até tal opção com a vida.» (Cabrita, *op. Cit.*, prefácio)

2.4. Contrapondo percursos e escolhas de vida

O que representa estar do lado certo ou errado? Estar do lado certo, não será apenas limitar-se a seguir as convenções sociais? Esta escolha não será apenas uma escolha de carácter estético? Mas, existem homens que pensam que cada indivíduo deve fazer escolhas independentes, e depois sofrer as consequências ao longo da sua existência, nem que para isso se vejam obrigados a ter que suplantar todas as normas morais estabelecidas, as estruturas sociais e todas as outras normas comuns, e, no fim deste percurso de cariz emancipatório, arriscarem-se a adquirir o rótulo de marginais/rebeldes/bandidos. Foi isso que sucedeu na vida de Remexido, quando ele põe o miguelismo à frente do catolicismo, nomeadamente, quando ele foi responsável pela morte dos padres liberais.¹²² Deste modo, nenhum sistema de valores imposto, mesmo que sejam os mandamentos bíblicos poderão alterar a responsabilidade de cada homem. E isto, mesmo para os homens que acreditam ser os sujeitos dos acontecimentos, ainda que vivendo um existencialismo cristão,¹²³ ou seja, movendo-se num quadro de valores, fundamentado, principalmente, na relação do homem com Deus. João Brandão e Remexido, procuraram agradar a Deus, mesmo que fosse de uma forma paradoxal. Foi nestes momentos, que se confrontaram com a angústia da escolha. Escolhas essas, que muitas vezes provocariam danos na sua imagem junto dos seus conterrâneos. Mas optaram por usar o seu livre arbítrio. Uma escolha, mesmo que errada, deve ser feita para que os homens sintam que vivem de forma genuína.

O postulado pelo filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855), de que o universo é, essencialmente, paradoxal serve para tentarmos explicar o mar de contradições que envolveu as vidas de João Brandão e Remexido. Será que João Brandão e Remexido nas suas vidas, optaram por viver um existencialismo cristão, baseado numa ligação pessoal com Deus? Para Kierkegaard cada pessoa deve-se inserir num dos três planos de existência: o estético, o ético e o religioso. A maioria das pessoas, segundo ele, vive uma vida estética em que nada importa, além da aparência, prazer e felicidade. Trata-se, de acordo com os desejos

¹²² «Este facto deu motivo a que se generalizasse o grito de "traição"... "traição"... e que se iniciasse uma perseguição aos liberais, e se consumasse, em seguida, o massacre. [...] seguiu-se o padre Lázaro, prior de Alcantarilha, assassinado quando tentava fugir ao barulho; [...]» (Chagas, *op. Cit.* p. 47-52)

¹²³ PROAÍRESIS - *Kierkegaard, um existencialista cristão* [em linha], S. l.: s.d.. Atual.: s.d. [cons. em 04-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://conhecerepensar.wordpress.com/2016/05/21/kierkegaard-um-existencialista-cristao/>>

desse plano, que as pessoas sigam as convenções sociais. Kierkegaard também considerou a violação das convenções sociais por motivos pessoais (por exemplo, na busca de fama, de reputação, de rebeldia), como sendo uma escolha estética pessoal. Um grupo muito menor é formado por aquelas pessoas que vivem no plano ético, que dão o seu melhor para fazer as coisas corretas e ver passar as graças superficiais e ideias da sociedade. O terceiro e mais alto plano é o plano da fé. Para estar no plano da fé, Kierkegaard diz que é preciso dar a totalidade de si mesmo para Deus.¹²⁴ E tanto João Brandão como o Remexido não deram a sua totalidade para Deus. Viveram uma existência cheia de contradições e paradoxos. Tanto praticaram boas ações como ações condenáveis.

Quando o filósofo grego Zenão de Cítio (342-270 a.C., Chipre), fundou o estoicismo, doutrina filosófica que preconiza a indiferença e o desprezo pelos males físicos e morais, foi ao encontro dos sentimentos mais apreciados pelo povo, a nível universal, desde tempos imemoriais, ou seja uma forma de valorização daqueles homens que se mostram mais impassíveis perante a desgraça e a adversidade. Na hora de fazerem a sua defesa, tanto João Brandão como o Remexido fizeram *jus* aos princípios estoicos, bem como puseram em relevo as suas singulares inteligências. Não deixaram de manifestar à sociedade os seus soberbos dons tanto de escrita como de oratória, mas, sobretudo, a sua coragem e valentia.¹²⁵

O comportamento distinto que revelaram naquela hora de enorme pressão, onde tentaram demonstrar possuir predicados de grande honradez, sinceridade e humildade, *quicá*, tenha sido o momento em que mais se aproximaram do panteão dos heróis.¹²⁶ E isto, porque

¹²⁴ «Para Kierkegaard o cristianismo era ao mesmo tempo tão arrebatador e tão contrário à razão que só podia ser “ou isto ou aquilo”. Não era possível ser cristão “só um pouco” ou “até certo ponto”. Pois ou Jesus ressuscitou no terceiro dia ou não. E, se ele realmente voltou dos mortos, se realmente morreu por nossos pecados, isso é algo tão avassalador que deveria nortear toda a nossa vida.» (*Ibid.*)

¹²⁵ «Muitas vezes lutei então com a miséria: muitas vezes tive fome. E, no entanto, consta-vos que eu assaltasse na estrada o viandante para o roubar? Consta-vos que eu entrasse em qualquer propriedade para levar d’ela o valor d’um real? Não. Eu, que extermei em tôda a Beira as quadrilhas, que a infestavam, poderia morrer de fome e frio, mas era impossível descer á vileza de me tornar um ladrão, porque meus paes, senhores jurados, ensinaram-me desde o berço a ser um homem brioso e honesto. Essa foi decerto a epoca mais tormentosa da minha vida. Durante ela quantas vezes não fui bater, horas mortas, ás portas dos principaes cavalheiros d’esta província para lhes pedir abrigo e agasalho? E essas portas nunca me deixavam de ser abertas, mesmo na calada da noite, com a mais plena confiança. Pronunciava o meu nome, e abriam-me os braços a tôda a hora e sempre! Pratiquei eu então alguma infamia? Abusei da hospitalidade que encontrei sempre no seio das famílias mais opulentas, mais respeitadas e mais ilustres da Beira?» (Ferrão, *op. Cit.* cap. XVII)

¹²⁶ «Porque nunca me desviei um só passo da carreira da honra: porque nunca roubei a pessoa alguma o valor d’um unico ceutil. Segundo o seu infame sistema de perseguição, os meus algozes já me daguerreotinavam, então, como uma fera sanguinaria, como a onça traçoieira como a vibora. Mas tôdas as povoações da Beira

não está ao alcance dos homens mais comuns conseguirem, nos momentos das maiores provações, já que estava em equação a sua condenação à pena máxima: degredo/morte, apresentar/aparentar uma tranquilidade de espírito e calma estoica, naquilo que poderemos assemelhar a um estado de ataraxia.¹²⁷ Estribados nesta doutrina filosófica: pensamos que João Brandão e Remexido, nos processos que os levaram às condenações, tentaram criar forças anímicas, ou seja, uma estratégia de auto-mentalização para melhor conseguirem enfrentar a dor e a adversidade que, obviamente, essas situações limite representariam. Perante a sua triste realidade, consubstanciada numa inexorável condenação a um degredo e um fuzilamento, não lhes restava mais do que aceitar as suas realidades.

Porventura, nesta fase limite, João Brandão e Remexido, já se encontrariam num período de grande ceticismo existencial próximo da *apatheia*, ou seja, imersos numa apatia e ausência de paixão, de quem já não acredita em quase nada. Parece ser esse o estado de João Brandão quando deu entrada no tribunal de Tábua para receber a sentença que o conduziria para o degredo em Angola. João Brandão nesse momento sugeriria um estado de calma e benevolência. Pensamos que ele apresentaria, antes, um estado de ataraxia funesta. De quem no seu íntimo sabia que não lhe restaria outra condenação que não a pena máxima.¹²⁸ Ao princípio deu a aparência de uma descontração irreal, que esconderia o receio do seu fim. Nestas alturas, quando os homens se deparam com a forte possibilidade de estar prestes a sua finitude terrena, a esperança passa, num segundo momento, a dar lugar ao pessimismo e normalmente surge uma descrença absoluta.¹²⁹ Entra-se num labirinto onde

conheciam bem a falsidade de tão repugnantes calúnias, e não chegavam nunca, apesar dos seus ardilosos estratagemas, a confundir a desgraça com o crime. Mas quando a miséria me atormentava de dia e de noite: se quando me via a braços a cada instante com as mais penosas privações: se quando cheguei mesmo a ter fome nos dolorosos transe do meu prolongado homizio, nunca me degradei a ponto de cometer um furto, como é possível conceber-se que eu me tornasse ladrão exatamente quando na época em que melhorei de posição pelo meu casamento?» (*Ibid.*)

¹²⁷ *Ataraxia* (filosofia) - ideal de tranquilidade de espírito preconizado pelos filósofos epicuristas e estoicos. In Dicionário Infopedia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico, [em linha], [cons. em 04-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ataraxia>>

¹²⁸ «Segundo A. A. Teixeira de Vasconcelos, João Brandão "ao entrar saudou o juiz e os circunstantes com sorriso afável, dando então à fisionomia certo ar de benevolência bem apostado aos sentimentos de ferocidade que lhe são atribuídos. Depois ficou sério e parecia às vezes receoso... Vinha vestido de negro, de sobrecasaca, manta preta, formando laço no peito, segura por um alfinete de oiro e colarinhos voltados, dos mais largos e modernos.» (Costa, *op. Cit.*, cap. V)

¹²⁹ «Terminado assim o conselho, Remexido encruzou os braços e os olhos arrasaram-se de lágrimas. Desde logo deixou de ser o homem da serra para se lembrar de sua extremosa esposa e de seus infelizes filhos, e quase

imperava a distopia e o niilismo,¹³⁰ tudo está agora próximo de se reduzir a nada e de se aniquilar. Falta espaço e tempo para a salutar e muito humana ilusão.¹³¹ Este estado de desânimo e desilusão apoderar-se-ia também de João Brandão quando, numa derradeira tentativa de comutação da sua pena, endereçou um pedido de ajuda ao Visconde do Rio Sado, que não teria qualquer resposta.¹³² João Brandão e Remexido, podendo neste momento fazer uma retrospectiva da sua vida, puderam recordar-se, de como em muitas ocasiões, foram como a seita anarquista russa que defendia a destruição da ordem social estabelecida, sem estar nos seus propósitos substituí-la por outra.

No entanto, estes dois homens estavam bastante cientes, tal como no mito de Sísifo, do absurdo em que se tornava agora a sua existência. Tinham sido vítimas de dois julgamentos viciados à partida, porque afinal eram dois derrotados do atual *status quo* político. Mas isso não impediu que quisessem dar uma última imagem positiva. Nesse sentido, foi ver João Brandão a lembrar os bons serviços que havia prestado quando era o chefe do Batalhão de S. João de Areias, e como nessa altura nunca tinha utilizado o poder que usufruía em proveito próprio.¹³³ Por seu turno, o Remexido, como bom conservador, fez

em delírio disse: - "Já não há esperança! Oh! meu Deus! Que terrível exemplo eu vou dar ao mundo. E minha mulher?! E meus filhos?! O que será deles em tamanho desamparo!."» (Chagas, *op. Cit.*, p. 107)

¹³⁰ *Niilismo* – (Filosofia) - doutrina que nega a possibilidade da verdade (niilismo crítico); doutrina que nega a existência de qualquer realidade substancial (niilismo ontológico); doutrina, ou atitude, que não aceita nenhuma norma moral (niilismo ético). (Política) - doutrina, difundida particularmente na Rússia oitocentista, que não aceita nenhuma coerção sobre o indivíduo, que nega a necessidade do Estado (niilismo político ou anarquismo). *In* Dicionário Infopedia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha], [cons. em 04-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/niilismo>>

¹³¹ «Eu não extranho a terrível fatalidade, que me persegue, porque a desgraça para mim é uma herança de família. Na minha existência atribulada, inquieta e sempre aventureira, as privações, os infortúnios, e os contra tempos sucedem-se uns aos outros com uma rapidez pasmosa, e como que formam os elos d`uma cadeia imensa.» (Chagas, *op. Cit.*,)

¹³² «Todavia, a pena não foi comutada. Os inimigos de João Brandão não tinham dasarmado. A opinião criada pela imprensa, ainda o perseguia, como o perseguiu depois na história. E os homens do govêrno, ou não estavam convencidos da injusta decisão do tribunal de Tábua, ou receiavam perder o prestígio e a aura do seu nome, pronunciando-se a favor do homem que foi condenado pelos crimes dos outros e bem serviu a pátria trabalhando por ela nas colónias, onde deixou vestígios do seu esforço e um nome honrado.» (Ferrão, *op. Cit.*, cap. XVIII)

¹³³ «Durante 5 anos tive ás minhas ordens um batalhão de soldados, a quem obriguei a conservar sempre a mais austera disciplina dentro da estreita esfera da obediência e da ordem. Se algum queria cometer qualquer furto, por mais insignificante que fôsse, nunca deixei de o punir severamente para castigo seu e exemplo dos outros [...].» (Ferrão, *op. Cit.*, cap. XVII)

um apelo de índole familiar, apelando a que o seu filho, Manuel da Graça Reis, que o tinha substituído no comando do bando, se entregasse, de modo a ser indultado pela rainha.¹³⁴

2.4.1. A importância do estatuto social e influência local de João Brandão como a causa da sua condenação ao degredo

João Brandão e os seus parentes do Casal da Senhora granjearam muitos inimigos ao longo das suas vidas. Esse rol de antipatias e invejas, vai-se refletir na hora de se decidir sobre a pena a aplicar a João Brandão. Isso ficará demonstrado cabalmente quando o Dr. Agostinho Vaz Pato de Abreu e Souza - de Santa Ovaia, comarca de Tábua foi escolhido como um dos membros do júri do seu julgamento. Se ele era um antigo adversário e inimigo de João Brandão, porque tinha sido chefe de uma guerrilha realista rival, este facto põe desde logo em causa a imparcialidade do julgamento.¹³⁵ A constituição do júri foi uma prova evidente dessa ausência de imparcialidade e de isenção, já que a maioria dos seus membros eram ou tinham sido inimigos de João Brandão ou da sua família mais próxima, a do Casal da Senhora.¹³⁶

Mas, neste momento, o mundo conspirava contra João Brandão. Ele tinha perdido a sua influência política. Agora concertavam-se vontades de modo a condenar João Brandão à pena máxima. Até aqueles que se deveriam de assumir como guardiões irredutíveis da justiça estavam contra João Brandão, como procuradores e juizes. Os advogados de João Brandão clamavam por justiça, mas o Tribunal da Relação do Porto negaria provimento ao

¹³⁴ «Essa comovente carta de despedida que o Remexido escreveu ao filho foi publicada no jornal *O Eco*, n.º 297 de 28-8-1838; merece leitura atenta por ser reveladora dos mais sublimes sentimentos de um chefe de família e de um homem bom, imagem essa que não se coadunava com a do facínoroso assassino que a propaganda liberal havia espalhado aos quatro ventos.» (Mesquita, *op. Cit.*)

¹³⁵ «O réu podia, por lei, rejeitar três dos jurados que saíssem no sorteio, mas isso de nada vale se os nomes que lá estão são todos da mesma "cor"! Durante anos, João Brandão, como tantos outros liberais, travou uma guerra de morte contra os miguelistas: matavam-se uns aos outros. Pois apareceram como jurados sorteados: César Augusto Oliveira, filho de um acérrimo miguelista; Bartolomeu Orneias, ex-cadete miguelista, da cavalaria de Chaves; Francisco Neves, que fez parte das guerrilhas miguelistas do Algarve; Jaime Garcia Mascarenhas, do partido setembrista (como o primo Manuelzinho), que foi aliado do miguelista; e Jerónimo Monteiro, genro do padre Joaquim Miranda, declarados inimigos da família de João Brandão. Mas o cúmulo dos cúmulos foi aparecer o nome de Agostinho Vaz Pato, de Santa Ovaia, comarca de Tábua, um dos mais destacados chefes miguelistas da região como major de cavalaria!» (Pinto, 2004, cap. XV)

¹³⁶Costa, *op. Cit.*, cap. V

recurso intentado pelo seu advogado Dr. Custódio Vieira.¹³⁷ João Brandão tinha mesmo caído em desgraça, daí que todos lhe virassem as costas. Exemplo desse desamparo quase generalizado, a que se via agora votado, fica ilustrado pela grande influência movida pelo desembargador Aristides Ribeiro Abranches Castelo Branco, filho do Visconde de Midões, que desprezaria as provas dos autos, contribuindo assim para agravar a situação do réu João Brandão.¹³⁸ O paradoxo, é que este desembargador era nada mais nada menos que o filho do padrinho do réu "*seus padrinhos o já referenciado Dr. Roque Ribeiro de Abranches Castelo Branco, e sua esposa D. Julia*".¹³⁹

Importa ressaltar, que na Beira, por esta altura, registavam-se sinais de quem se quer afastar das nuvens negras do velho terror. Aparentemente assiste-se a uma fase de pacificação política. Finalmente, é hora de reagir contra os criminosos que vinham pondo aquela região a ferro e fogo.¹⁴⁰ Tenta-se passar a ideia de que, daqui em diante, as autoridades liberais da Regeneração irão agir com sinceridade.¹⁴¹

Depois do processo baixar à comarca de Tábua (João Brandão foi julgado na comarca de Tábua, visto que Midões deixara de ser comarca, em consequência dos abusos praticados pela sua família),¹⁴² em 19 de Outubro de 1867, seriam acusados pelo homicídio do Padre Portugal e constituídos réus João Brandão, António Brandão, Matos de Vila Chã e Brito

¹³⁷ «O juiz interpretaria a lei à sua maneira, e avançou para a chamada dos jurados que, segundo o sorteio, ficaria com a seguinte composição:...» (Costa, *op. Cit.*, cap. V)

«Dias Ferrão fundamenta a sua acusação de que o juiz Celestino aguardou o julgamento para o ano seguinte, para poder contar com os jurados que lhe interessavam. No caso deste julgamento, também se conseguira que o júri fosse misto, isto é: em vez de os jurados serem só da terra - Tábua - também seriam das duas comarcas mais próximas, assim se procurando evitar que João Brandão pudesse exercer influências. Mas também neste caso, como iremos ver, houve "manobras". E também houve uma outra espécie de manobras: as manobras militares para intimidação das pessoas simpatizantes do réu. Conta Dias Ferrão: "Para esse fim formou-se uma coluna volante, que ora se separava em diferentes direcções, ora tocava a reunir, composta de cavalaria, infantaria e caçadores, com as autoridades à sua frente, que percorreu quase toda a área da comarca de Tábua, em sucessivos aboletamentos, para intimidar os povos e convencê-los de que João Brandão jamais teria liberdade [...].No dia 24 de Maio...» (Pinto, 2004, cap. XVI)

¹³⁸ (Ferrão, *op. Cit.*, cap. XVI)

¹³⁹ *Ibid.*: cap. IV

¹⁴⁰ «Chegou mesmo a impôr ao júri o seu desejo e a sua ambição, declarando-lhe que, ou o condenasse ou não, tinha «chegado o momento de regeneração da Beira.» (Ferrão, *op. Cit.*, cap. XVII)

¹⁴¹ (*Ibid.*)

¹⁴² Costa, 1937?

Penalva.¹⁴³ Em 1869, seguir-se-ia o julgamento de João Brandão, por onde desfilaram várias testemunhas, algumas revelando grandes contradições nos seus depoimentos. O sapateiro da Várzea de Candosa, José da Costa, seria a testemunha que provocaria mais controvérsia, ao dar o dito pelo não dito.¹⁴⁴ Esta testemunha afirmou que os irmãos Brito tinham feito testemunhos falsos, de modo a que João Brandão fosse condenado. Estes Tavares de Brito odiavam João Brandão por se sentirem prejudicados numa disputa de heranças que opunha as suas mulheres à esposa de João Brandão, Ana Eugénia Correia Nobre, já que esta tinha sido a escolhida para ser a herdeira de uma senhora rica que não tinha descendentes.¹⁴⁵ É de acrescentar que D. Rosa Cândida, amante do visconde de Almeidinha e última pessoa a estar com o padre Portugal, já houvera igualmente enviado uma carta ao tribunal, onde escrevia que o padre Portugal no seu estertor teria dito que desconfiava dos irmãos Tavares de Brito.¹⁴⁶

Pelas irregularidades expostas, infere-se que o tribunal de Tábua se tinha transformado num cenário onde a justiça não estava a ser dignificada. Os defensores de João Brandão viam este processo como um processo viciado à partida, onde havia uma forte premeditação das várias autoridades administrativas e judiciais de modo a condená-lo. Isso pode ser exemplificado pelo caso em que Tavares de Brito pediu a algumas testemunhas, nomeadamente, ao sapateiro José da Costa, para fazerem depoimentos falsos de molde a culpabilizar João Brandão e inocentar os seus irmãos.¹⁴⁷ Mas não eram só as cumplicidades

¹⁴³ «[...] que os autores destes crimes foram os reos João Victor da Silva Brandão, António Brandão, Matos, de Vila Chã e Brito Penalva, [...]» (Ferrão, *op. Cit.*, cap. XVI)

¹⁴⁴ «Mais tarde, José da Costa voltaria à sala de audiências, e numa atitude irreconhecível, desmentiria as suas polémicas afirmações, dizendo que tinha comido queijo e bebido uns copos de aguardente, e que isso tinha contribuído para ele não ficar bom da cabeça. Confirmaria, definitivamente, o seu primeiro depoimento. O juiz acabaria por expulsá-lo do tribunal sob o olhar desprezível da assistência.» (Costa 2001, cap. V)

¹⁴⁵ «José Tavares de Brito e António Tavares de Brito eram três irmãos da Várzea de Candosa, todos eles casados com sobrinhas de uma senhora que vivia numa companhia da esposa de João Brandão, D. Ana Correia Nobre, a qual teria sido escolhida para herdeira da dita senhora. Os Britos, que assim se tinham visto excluídos da possível herança das suas esposas, nutriam por João Brandão um ódio de morte, dispondo-se desde a primeira hora a Jurar contra ele, mas também a convencerem outras testemunhas para o mesmo fim.» (*Ibid.*)

¹⁴⁶ «Por outro lado, D. Rosa Cândida, a primeira pessoa que se abeirou do moribundo padre Portugal afirmou em declaração escrita enviada ao tribunal de Tábua, que o padre lhe teria confessado que apesar de não ter certezas "desconfiava dos Britos" por ter sido o Manuel quem o ajudou a contar o dinheiro e o vira meter a chave da gaveta no bolso do colete no dia anterior à noite do crime.» (*Ibid.*)

¹⁴⁷ «Esta testemunha declarou também que José de Brito» regedor de Candosa, irmão da testemunha António de Brito Tavares, que já depôs, lhe ofereceu vinte libras para ir jurar que viu João Brandão, o irmão António, José de Matos e Brito Penalva, a fugir logo após o tiro, e para andar pelas feiras e arraiais a fazer propaganda contra estes indivíduos.» (Ferrão, *op. Cit.* cap. XVII)

de carácter familiar como as dos irmãos Brito que recorriam a todos os meios para condenar João Brandão, como também outros membros do aparelho judicial, como delegados, procuradores, juízes, jurados e mesmo testemunhas de acusação.¹⁴⁸ Querendo dar uma imagem de verdade e boa fé da justiça, o juiz mandou prender o sapateiro da Várzea de Candoza, acusando-o de perjúrio. Esta decisão, que podia ser interpretada como contendo certa parcialidade, por parte do juiz, amedrontou e condicionou as testemunhas de defesa que iriam depor a seguir. Para ilustrar como o julgamento tinha perdido toda a credibilidade, cabe dizer que José da Costa regressaria à sala de audiências, e numa atitude pouco edificante, mudaria radicalmente o seu depoimento *"desmentiria as suas polémicas afirmações, dizendo que tinha comido queijo e bebido uns copos de aguardente, e que isso tinha contribuído para ele não ficar bom da cabeça"*.¹⁴⁹

Findos os depoimentos de todas as testemunhas, seguir-se-ia o interrogatório a João Brandão. Depois das perguntas ao réu, o juiz endossou a palavra, primeiro ao delegado do Ministério Público, depois, a Dr. Trony, advogado de defesa do réu, e por fim questionou se João Brandão tinha alguma coisa a alegar em sua defesa. O Delegado do Ministério Público acusou João Brandão de autor moral do roubo e homicídio do padre Portugal *"O réu delineou e mandou, e é na qualidade de mandante do roubo e do assassínio que responde agora perante a justiça"*.¹⁵⁰ O advogado de defesa, Dr. Trony, pediria a absolvição do réu, defendendo a sua inocência; afirmando que só aceitou defender João Brandão, porque estava convencido da inocência deste tanto em termos materiais como morais; acrescentando ainda a inexistência de provas e indícios que pudessem levar à sua condenação.¹⁵¹ Chegada a hora

¹⁴⁸ «E acrescentou que o administrador, Rebelo Veloso, lhe prometeu um emprego em Lisbôa de 1.000 reis diários, se, quando viesse, depôr no sumário da querela, tornasse as culpas da morte do Pe. José a João Brandão e aos demais arguidos de que se falava; que, no dia em que foi prestar êste depoimento, o dito administrador, Rebelo Veloso, estava à sua espera, à entrada de Tábua, para lhe lembrar o juramento em que lhe tinha falado; que, à volta do tribunal, o voltou a esperar no mesmo sítio para lhe perguntar o sucedido, respondendo-lhe a testemunha: «lá fica enterrado o João Brandão até ás orelhas, com seiscentos mil diabos»; que, no dia imediato áquêle em que depoz no tribunal de Tábua, o mandaram para Lisbôa, com uma carta de recomendação para o Visconde de Almeidinha, e êste o empregou logo no serviço da camara municipal, com o salário diario de 1.000 reis, como lhe havia sido prometido; [...]» (*Ibid.*)

¹⁴⁹ (*Ibid.*)

¹⁵⁰ (*Ibid.*)

¹⁵¹ «Eu venho aqui sustentar que o réu não roubou nem matou o padre Portugal, nem mandou praticar por outrem os atentados criminosos de que o acusam. Não vejo provas nem indícios que o culpem, e nesta

de João Brandão alegar algo em sua defesa, ele não quis limitar-se a ser mais um entre muitos dos réus que passam pelos bancos dos tribunais, mais um daqueles que se defendem com argumentos banais e óbvios, apelando à sua inocência e dizem ser vítimas de acusações ignóbeis e terríveis.¹⁵² Nesse desiderato, não teve nenhum reboço em ostentar a sua superior inteligência, até porque deveria estar bastante ciente que jogaria naquele momento a sua última cartada de modo a tentar persuadir quem o julgava, passando então a defender-se através de um processo alegórico, estabelecendo uma analogia entre o seu caso e o de Bastide que aconteceu nos tribunais franceses.¹⁵³ João Brandão desfilou depois através de uma prosa rica um extenso rol de causas, que, na sua opinião, faziam com que se encontrasse naquela situação, afirmando que era vítima de um destino de ordem familiar marcado pelo infortúnio e pela desgraça, bem como ainda era vítima dos sentimentos mais mesquinhos por parte dos seus inimigos, como calúnias, inveja, ódio, rancor e rivalidades. O réu passaria depois a enumerar as múltiplas ocasiões em que ele, o seu pai e os seus irmãos contribuíram para a pacificação da região.¹⁵⁴ Era afinal a tentativa de apresentar uma extensa lista de serviços relevantes à pátria como forma de mitigar ou anular, a mais que provável, dura pena a que estaria destinado. João Brandão chamou então ao pleito judicial os seus créditos morais, aduzindo atributos como a grandeza de caráter, honestidade, coragem, filantropia, altruísmo etc.. E foi escorado neste arcaboço moral que julgava possuir que apelou a alguém da audiência que o pudesse defender.

convicção profunda, sincera, e reflectida é que aceitei o espinhoso encargo da defeza.» (Ferrão, *op. Cit.*, cap. XVII)

¹⁵² «Eu podia dizer outro tanto, defendendo-me a mim próprio desta acusação ignóbil, mas terrível, que vae absorver a seiva, que a alimenta, no odio inveterado, rancoroso e profundo dos meus inimigos. Mas a causa principal que levou Bastide a dispensar, na audiência final, o auxilio quasi omnipotente d'um dos mais inspirados oradores dos tribunaes da França, monsieur [...]» (*Ibid.*)

¹⁵³ «Terminado este período o juiz perguntou ao réu se tinha alguma coisa a alegar em sua defesa. João Brandão levantou-se, retirou do bolso uns papéis manuscritos, e com grande firmeza alegaria: "Senhor juiz, senhores jurados: Defendendo-se nos tribunaes francezes de dous crimes infames o homicidio e o roubo, Bastide, celebre proprietário das vizinhanças dr Rhodes, dizia aos seus juizes naquela hora solene: "O meu defensor lutou com bastante custo contra a desgraçada sorte que me persegue, auxiliando-me com os seus conselhos. De nada mais careço presentemente.» (Costa, 2001, cap. V)

¹⁵⁴ «Durante 5 anos tive ás minhas ordens um batalhão de soldados, a quem obriguei a conservar sempre a mais austera disciplina dentro da estreita esfera da obediência e da ordem. Se algum queria cometer qualquer furto, por mais insignificante que fôsse, nunca deixei de o punir severamente para castigo seu e exemplo dos outros.» (*Ibid.*)

O apelo seria em vão, e, tal como Bastide que acabou na guilhotina, também João Brandão seria condenado à pena máxima (beneficiando de uma revisão de 1867 na constituição, a sua pena seria comutada para trabalhos públicos perpétuos na África Ocidental e nas custas). No entanto, o regular funcionamento deste julgamento esteve sempre ferido de morte. O juiz Manoel Celestino Emídio, ao relatar as provas de defesa e acusação que serviriam para, a seguir, o júri decidir a sorte do réu, demonstrou uma grande falta de isenção, pouco compatível com uma aplicação equitativa da justiça, abusando completamente dos seus poderes ao proferir argumentos como : “*fosse ele condenado ou não, tinha chegado o momento de regeneração da Beira [...]*”.¹⁵⁵

Enquanto aguardava pelo resultado do recurso da sentença, João Brandão seria levado para as cadeias do Porto, e depois para as cadeias do Limoeiro, em Lisboa. Mais tarde ser-lhe-ia confirmado o degredo em Angola decidido pela sentença do tribunal da Comarca de Tábua.¹⁵⁶

Resta acrescentar, que João Brandão quando clamava estar inocente, não o deveria estar a fazer de forma gratuita, porque tudo indica que ele saberia quem havia sido o verdadeiro autor do crime. Contudo, sendo ele um homem que prezava certos valores de carácter, como a lealdade, nunca quis trair um amigo de longa data. Apoiando-nos nas teses insuspeitas de autores como José M. Castro Pinto, na obra *João Brandão o Terror das Beiras* (cap. XIX), onde afirma que o verdadeiro autor do homicídio do padre Portugal teria sido com relativo grau de certeza, José de Matos, o presumível amante da moradora da casa, D. Rosa, e que esta estava a par dos trâmites que iriam desaguar no assalto fatídico: «*Tudo parece convergir para que o "amigo" de D. Rosa, e "necessitado de dinheiro", e "mal informado" sobre o pouco dinheiro que havia - era o José de Matos.*»¹⁵⁷

2.4.2 A transferência da figura do bandido/herói das Beiras para latitudes africanas

¹⁵⁵ (Costa, 2001, cap. V)

¹⁵⁶ «Posteriormente ser-lhe-ia confirmada a sentença do tribunal da Comarca de Tábua.» (Costa, 2001, cap. V)

¹⁵⁷ (Pinto, 2004, cap. XIX)

João Brandão estava agora livre das antigas lutas políticas da Beira, das perseguições e das injustiças, porém, carregando consigo o fardo de uma condenação, também ela injusta e ignóbil. João Brandão irá granjear respeito e admiração desde Moçâmedes à Catumbela.¹⁵⁸ Em 9 de outubro de 1870 o beirão João Brandão embarcaria com destino a Angola para experimentar uma segunda vida. Fixar-se-ia em Benguela, onde, mesmo usufruindo de alguma liberdade, não deixaria de sentir as agruras de uma existência cheia de restrições. Na condição de condenado, ficaria obrigado a apresentações periódicas às autoridades locais.

O homem que fez uma escalada social nas Beiras, voltou a mostrar o seu dinamismo e empreendedorismo em terras da África Austral, onde iria criar vários negócios, como uma companhia agrícola (Sociedade Agrícola do Cassequel) e uma fábrica de destilação de aguardente sacarina.¹⁵⁹ Mas como estava impedido de constituir bens em seu nome, porque as leis penais daquela época impunham aos condenados a "morte moral", que lhes não permitia adquirir bens, juntou-se a um sócio de nome Eduardo Braga para contornar esse impedimento.¹⁶⁰ Esta associação de negócios revelar-se-ia funesta para o futuro do beirão. Isso vir-se-ia a confirmar, mais tarde, na sua plenitude. Consta que o novo governador, o conselheiro João das Neves Ferreira Júnior fora incumbido, por ordens superiores, de eliminar definitivamente João Brandão.¹⁶¹ Nesse sentido impôs medidas mais apertadas para os condenados, com o fito particular de atingir o desventurado de Midões. Uma dessas novas medidas implicava que os degredados se apresentassem, na fortaleza de Benguela, de uniforme à formatura: "*O governador marcaria nova formatura, avisando o comandante*

¹⁵⁸ (Costa, 2001, cap. VI)

¹⁵⁹ «No Cassequel e no Bocóio, fazia-se a destilação de aguardente sacarina actividade, que fazia de João Brandão um homem com prestígio e muito admirado e respeitado na região, [...]» (Costa, 2001, cap. VI)

¹⁶⁰ «Porém, como João Brandão a não podia possuir em seu nome, porque as leis penais do seu tempo impunham aos condenados a morte moral, que lhes não permitia adquirir bens, teve de procurar um sócio, em nome de quem esta exploração devia correr e a favor de quem devia ser passado o respectivo título de aquisição. Quiz o acaso que esta escolha recaísse num indivíduo, pouco escrupuloso, de origem franceza, chamado Desir Eduardo Braga, que depois veio a ser conhecido pelo Braga Ladrão. Foi com êste que trabalhou e começou a desenvolver a sua grande actividade colonial, chegando a produzir muita cana de assúcar, com que alimentava a sua fábrica de aguardente, e a levantar construções com materiais nesta produzidos, como o tijolo e a cal, que fabricou com muita perfeição.» (Ferrão, *op. Cit.* cap. XVIII)

¹⁶¹ «A 17 de Maio de 1880 chegaria à província o novo Governador, conselheiro João das Neves Ferreira Júnior que ao que parece traria instruções para eliminar de uma vez por todas o injustiçado colono.» (Costa, 2001, cap. VI)

*que na próxima queria ver João Brandão com o uniforme do regulamento e não de sobrecasaca e chapéu".*¹⁶²

João Brandão não se quis vergar a esta humilhação e fugiu para o interior do sertão. Seria neste momento, que se revelaria o verdadeiro caráter do seu sócio, porque a ganância de Eduardo Braga levá-lo-ia a trair João Brandão, guiando as autoridades até ele, contribuindo para o assassinato deste pelo comandante (tinha ordens do governador para o trazer vivo ou morto) com um disparo cobarde à queima-roupa. Era o epílogo da vida do beirão, no lugar da Caata, a 27 de Novembro de 1880. Eduardo Braga, depois de consumada a vil traição, estando todas as propriedades em seu nome, conseguiu vender todo o património a outros colonos, ficando Deolinda Brandão, a legítima herdeira, apenas com a propriedade de S. Pedro, que tinha sido a derradeira residência do seu pai. João Brandão deixou um rasto de simpatia e devoção nos indígenas, como demonstra a maneira como veneravam a sua sepultura, que se transformou num autêntico lugar de culto e romaria.¹⁶³ Não é de espantar esta devoção dos autóctones, sendo até recíproca, já que com o passar do tempo João Brandão acabara por se ligar a Angola, como atesta a sua ligação a uma mulata de nome Teresa Brandão, a quem ele carinhosamente tratava por "*senhora Brandoa*", com a qual teve uma filha, a atrás referida Deolinda Brandão. João Brandão teve ainda, de outra mulher angolana, outro filho de nome João Augusto Brandão que foi um ervanário proeminente na região.¹⁶⁴

Se é verdade que João Brandão acabou por se acostumar a Angola, é verdade igualmente, que tanto ele como a sua esposa de Portugal, Ana Correia Nobre, tentaram a comutação da pena decidida no tribunal da comarca de Tábua. Ele teve sempre essa expectativa, alicerçada no facto de achar que tinha sido condenado erradamente, bem como nos bons serviços que vinha prestando na colónia. João Brandão, mesmo não conseguindo o regresso a Portugal, tinha pelo menos a esperança da amenização da pena, e a respetiva

¹⁶² (*Ibid.*)

¹⁶³ «O local foi durante muitas décadas venerado pelos indígenas, que nunca esqueceriam a bondade de tão distinto colono, que teria sido o responsável pelas obras de canalização de águas da cidade de Moçâmedes e da estrada que liga Benguela ao Lobito.» (Costa, 2001, cap. VI)

¹⁶⁴ «Para além de Deolinda Brandão existia ainda outro filho em Boloquinhás, freguesia de Vide, João Augusto Brandão que exercia a profissão de ervanário e era uma pessoa muito conceituada na região.» (*Ibid.*)

autorização para se poder juntar a um sobrinho que vivia em S. Tomé e Príncipe, Dr. Evaristo. No entanto, nos momentos de maior desespero e descrença, João Brandão tinha a plena consciência de que o seu comportamento imaculado registado em Angola pouco adiantaria no objetivo da retificação da pena, a isto ainda se podendo juntar os esforços votados ao insucesso da sua mulher em Portugal, onde agora se debatia com o total desamparo daqueles que antes o adulavam, os ricos e poderosos, que frequentaram a sua casa nos tempos aureos em que se aproveitavam do seu valor e da sua dedicação.¹⁶⁵

Completamente dececionado¹⁶⁶ e sem nada poder esperar dos seus conterrâneos, em 21 de dezembro de 1875, enviou uma carta para Lisboa, ao seu antigo amigo, o Visconde do Rio Sado, para que este movesse a sua influência no sentido da comutação da sua pena. Entretanto, este seu último apelo, também seria saldado por um rotundo fracasso, e isto, porque os inimigos de João Brandão e a opinião muito desfavorável construída acerca de si pela imprensa da época obstaculizaram a revisão da sentença.¹⁶⁷

O derradeiro contacto com João Brandão é a forma mais concludente e esclarecedora de avaliar como as populações da metrópole e da colónia modelaram a sua figura ambígua. Enquanto que em Portugal foi repudiado, principalmente, pelas classes superiores, os ricos e os políticos, em Angola foi venerado, sobretudo, pelos membros das classes inferiores, os pobres e os indígenas. O cadáver de João Brandão foi degolado, acabou por ser vítima de uma profanação que podemos equiparar ao que o seu bando fez ao cadáver do Ferreiro de Várzea na comarca de Arganil.¹⁶⁸

Longe dos apetites eleitorais e guerras políticas da Beira, João Brandão teve um tratamento muito diferente do dispensado ao cadáver de João Nunes, visto que as suas exéquias/inumação mereceram honras de herói em terras angolanas. Como atesta a

¹⁶⁵ «Igualmente não ignorava a ineficácia do esforço da sua pobre mulher, naquela época abandonada por todos os ricos e poderosos, que frequentaram a sua casa nos tempos aureos em que se aproveitavam do seu valor e da dedicação de seu marido, para agora lhe virarem as costas.» (Ferrão, *op. Cit.* cap. XVIII)

¹⁶⁶ «Conhecedor de que nada podia esperar dos seus conterrâneos, recorreu a outra amizade de longe da sua terra.» (*Ibid.*)

¹⁶⁷ Todavia, a pena não foi comutada. Os inimigos de João Brandão não tinham dasarmado. A opinião criada pela imprensa, ainda o perseguia, como o perseguiu depois na história...» (*Ibidem*)

¹⁶⁸ «O cadáver de João Brandão teria sido degolado e a sua cabeça e vísceras metidas num barril de aguardente, transportado até à Fortaleza de Benguela, onde seria feito o reconhecimento.» (Costa, 2001, cap. VI)

generosidade e dedicação do seu fiel amigo, o soba Onjo, ao dar-lhe a suprema dignidade da última morada numa campã rodeada de pedras e por algumas árvores plantadas pelo próprio soba.¹⁶⁹ Este local seria, durante várias décadas, venerado pelos indígenas, que nunca esqueceriam a bondade de tão distinto colono, que teria sido o responsável pelas obras de canalização de águas da cidade de Moçâmedes e da estrada que liga Benguela ao Lobito.¹⁷⁰ Foi desta forma que o "*bandido*" condenado sem apelo nem agravo no tribunal de Tábua, teve que palmilhar a Via Sacra do degredo, o *nadir*, para atingir o zénite no panteão dos heróis.

2.4.3. Remexido: uma questão de más práticas do líder ou do guerrilheiro e a sua condenação à morte

Morticínios de Loulé, de Messines e de Albufeira, manchas inapagáveis da guerrilha do Remexido. Depois do fim das hostilidades no Algarve, ocorridas durante a guerra civil, as tropas miguelistas ficaram órfãs de um comando central, capaz de manter a organização, e isto, em consequência do assassinato do seu coordenador geral, o tenente-coronel Sebastião Martins Mestre.¹⁷¹ É nesse contexto, que surgirão alguns homens dessas forças anárquicas, dispostos a ingressar na guerrilha e no assalto aos fidalgos detentores de terras e dos cofres do estado liberal.

O Remexido tinha a esperança que, através de uma numerosa força guerrilheira, depois das tropas liberais abandonarem o Algarve, pudesse reaver as povoações algarvias para a causa miguelista.¹⁷² Com o auxílio do major Camacho conseguirão reconquistar muitas das vilas e cidades do sotavento, como aconteceu em Loulé. E foi aqui em Loulé que

¹⁶⁹ «O cadáver degolado do infortunado beirão seria sepultado na Caata, pelo soba Onjo, seu amigo dedicado, numa campã rodeada de pedras e por algumas árvores plantadas pelo soba.» (*Ibidem*)

¹⁷⁰ (*Ibid.*)

¹⁷¹ «Convém esclarecer que nesta altura existiam oficiosamente organizadas três guerrilhas nas terras do interior algarvio, sob o comando de diferentes chefes militares, a saber: André Camacho a leste, Remexido a oeste, e ao centro o capitão José Pedro de Barros, do sítio dos Canos, em Loulé. Mas acima deles, coordenando o comando e as actividades militares dos três, estava o tenente-coronel Sebastião Martins Mestre, Governador da Praça de Vila Real de Santo António, que seria assassinado logo após a Convenção de Évora-Monte.» (Mesquita, *op. Cit.*)

¹⁷² «Sousa Reis passava a ter às suas ordens 345 homens armados, dispostos a baterem-se pela causa miguelista, muitos dos quais o seguiriam para a resistência armada nas fragas da serra algarvia.» (*Ibid.*)

a fama do Remexido ficaria para a posteridade com uma das marcas mais negativas, porque nesta terra foram perpetrados os atos mais hediondos contra a população.

Por esta altura o Remexido era o chefe/caudilho da causa miguelista na parte do barlavento algarvio e deparava-se com uma força muito imprevisível e desorganizada. Porém, estranho e incompreensível à luz das relações de amizade, proximidade e fraternidade, seria a decisão do Remexido, um ano antes da Convenção de Évora-Monte em 1833, atacar a sua própria terra, S. Bartolomeu de Messines.¹⁷³ Este ataque desferido sobre a sua própria terra, só é compreensível num quadro de ajuste de contas pessoal. Todavia, não seria apenas para ajuste de contas particulares, mas também para violentar e saquear os proprietários mais ricos da aldeia de Messines (podemos interpretar estes ajustes de contas como um tipo de vendeta).¹⁷⁴ Estes factos atestam como a figura do guerrilheiro não é só uma bandeira ideológico-política, como ao mesmo tempo pode fazer enveredar e degenerar a sua ação em atos condenáveis na sua sociedade.¹⁷⁵

Foram estas ocorrências, com a disseminação da barbárie, mesmo contra inocentes. É que os homens do Remexido dizimavam tudo por onde passavam: roubavam, queimavam, violentavam, os proprietários mais abastados, os cofres públicos e quem eles rotulassem de liberal e não partidário da santa fé católica e de D. Miguel. Arrasou colheitas, lagares, casas, adegas, celeiros etc..¹⁷⁶ A guerrilha do Remexido espalharia a devastação e o terror social em

¹⁷³ «A primeira coisa que o Remexido fez foi atacar, a 19-7-1833, a sua própria aldeia de S. Bartolomeu de Messines, dando claramente a entender que a sua campanha militar não passaria de uma rasoira de vinganças e de desaforos contra inimigos pessoais e outras ofensas de carácter privado» (MESQUITA, *op. Cit.*)

¹⁷⁴ «Um costume da Córsega e da Itália, que consiste num espírito de vingança, entre famílias/clãs, provocado por uma ofensa ou um assassinio.» "Significado / definição de *vendeta* no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa", [em linha], [cons. em 21-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.priberam.pt/dlpo/vendeta>

¹⁷⁵ «no povoado tratou de trucidar a guarnição que defendia a aldeia, de saquear as casas e de chacinar alguns cidadãos, num gesto de barbárie muito comum entre guerrilheiros, que apenas pretendem satisfazer com sangue os seus ódios e desavenças privadas. A violência dos seus homens não tinha limites, [...]» (*Ibid.*)

¹⁷⁶ «E quando não encontrassem os dinheiros públicos nem os proprietários mais ricos, cevavam o ódio de vingança nos cidadãos acusados de simpatizarem com a causa liberal, tratando de molestar-lhes as famílias e de despedaçar-lhes os bens, incendiando casas, arrombando adegas e celeiros, derramando vinhos e azeites, despedaçando colheitas e roubando tudo o que tivesse valor. Sucedeu assim nos ataques às aldeias mais próximas, cujas defesas militares o próprio Remexido conhecia ao pormenor, nomeadamente em Alcantarilha, Estombar (sua terra natal), Mexilhoeira, Ferragudo, Porches, e nas vilas de Portimão e Lagoa.» (Mesquita, *op. Cit.*)

quase todo o barlavento algarvio (Lagoa, Portimão, Porches, Alcantarilha, Ferragudo etc). Anote-se que nem Estombar, a sua terra natal pouparia.¹⁷⁷

A amplitude de ação do bando do Remexido não se circunscreveria somente ao barlavento algarvio onde ele conhecia bem os terrenos, veredas e defesas das povoações, como se estenderia até ao Baixo Alentejo, em localidades como Almodôvar, Ourique e Odemira. Sob este ímpeto de propagação do terror social perpetrado pela guerrilha absolutista do Remexido, no Algarve, no dia 23 de Julho de 1833, produzir-se-ia um dos acontecimentos mais escabrosos, que foi a matança de Loulé.¹⁷⁸ O senso comum e alguma bibliografia costumam atribuir este ato inominável ao grupo do Remexido,¹⁷⁹ e isto, muito provavelmente, porque na mesma manhã desse dia 23 começariam os desastrosos acontecimentos de Albufeira.¹⁸⁰ A chacina de Albufeira essa sim foi perpetrada pelo bando do Remexido. Contudo, se o Algarve estava dividido em duas partes, com dois líderes distintos no comando dos guerrilheiros, e Loulé é no sotavento, e o Remexido era o responsável pelo barlavento algarvio: dever-se-á continuar a responsabilizar o Remexido por este acontecimento, ou, em alternativa, o major André Camacho que era o cabecilha responsável pelo sotavento?¹⁸¹

¹⁷⁷ Sucedeu assim nos ataques às aldeias mais próximas, cujas defesas militares o próprio Remexido conhecia ao pormenor, nomeadamente em Alcantarilha, Estombar (sua terra natal)» (*Ibid.*)

¹⁷⁸ «A 24 de Julho de 1833, precisamente no mesmo dia em que Lisboa caía às mãos das tropas do Duque da Terceira, as mesmas que no Algarve haviam desembarcado exactamente um mês antes, as guerrilhas miguelistas comandadas pelo Major André Camacho, atacavam ferozmente a vila de Loulé perpetrando as maiores crueldades e indescritíveis atrocidades, [...] A chacina de Loulé, perpetrada pela guerrilha do Camacho, excedeu todos os limites, tornando-se num dos mais abjectos e desumanos episódios militares ocorridos durante as lutas liberais.» (*Ibid.*)

¹⁷⁹ «Entretanto, em Loulé começam a organizar-se pequenos grupos, nomeadamente nas freguesias de Alte e Salir, os quais se propunham acompanhar o guerrilheiro Remexido, dado que corria a notícia que Loulé seria o próximo reduto na mira do caudilho miguelista.» (Chagas, *op. Cit.*, pp. 52-53).

¹⁸⁰ «Na manhã do dia 23 de Julho de 1833, precisamente no mesmo dia em que se davam os acontecimentos sangrentos de Albufeira, a vila de Loulé iria sofrer, igualmente, a incontrolável fúria dos assaltantes, apoiados por muitos adeptos miguelistas residentes.» (*Ibid.*)

¹⁸¹ «A 24 de Julho de 1833, precisamente no mesmo dia em que Lisboa caía às mãos das tropas do Duque da Terceira, as mesmas que no Algarve haviam desembarcado exactamente um mês antes, as guerrilhas miguelistas comandadas pelo Major André Camacho, atacavam ferozmente a vila de Loulé perpetrando as maiores crueldades e indescritíveis atrocidades, resultando tudo num imperdoável banho de sangue, a fazer lembrar os tempos da barbárie e da incivilidade.» (Mesquita, *op. Cit.*)

A partilha do poder no comando da guerrilha miguelista, acordada em Almodôvar entre Remexido e Camacho, havia dividido ao meio o território algarvio, no qual actuariam os dois chefes realistas. Foi na sequência desta reunião que Remexido iniciou a sua acção, primeiramente tomando S. Bartolomeu de Messines e, depois, impondo cerco a Albufeira, enquanto Camacho se propunha aclamar D. Miguel em todas as localidades do sotavento algarvio?¹⁸²

Joaquim José Pincho. Mataram-no os guerrilheiros e depois deram-lhe fogo. Esta morte mais infamante foi o resultado de outra *infamici*, pelo Pincho praticada, de entrar no templo de Salir e ali calcar aos pés as santas partículas guardadas no sacrário. Tinha este Pincho ainda outro irmão, que conseguiu escapar em Loulé dos guerrilhas, indo todavia ser mais tarde vítima dos mesmos, na estrada de Beja e muito próximo desta cidade, na ocasião em que ali foi reconhecido pela guerrilha do Camacho, a mesma que entrara em Loulé.¹⁸³

Esta passagem parece sugerir que o morticínio não foi perpetrado pelo grupo do Remexido, mas sim pelo do Camacho.¹⁸⁴ Entretanto, a autoria destes atos, juntamente com a chacina de Albufeira, foram atribuídos ao grupo do Remexido, o que deixaria nas populações ofendidas um sentimento de ódio e o consequente desejo de vingança que duraria para sempre.¹⁸⁵ Por tais acontecimentos, depois da putativa paz saída da Convenção de Évora Monte, quando o Remexido pretendeu voltar para Messines e regressar à sua pacata vida civil, não lhe foi permitido esse desejo, pelo ódio e desejo de vingança que as populações lhe nutriam. Não será de espantar estes sentimentos dispensados pelas populações, principalmente urbanas, em relação ao Remexido, porque o seu bando não respeitava nem as populações civis. Era uma guerrilha que não seguia as mais elementares regras da ética, direito e disciplina militar. O bando do Remexido fuzilou e violou; não poupou ninguém,

¹⁸² (Chagas, *op. Cit.*, pp. 53-58)

¹⁸³ (*Ibid.*)

¹⁸⁴ «[...] não tardou muito que o Major Camacho lograsse alcançar os seus intentos, pois que a 24 de Julho, quando os liberais tomavam Lisboa, caía quase em simultâneo a vila de Loulé nas mãos dos miguelistas, debaixo da rasoira de um banho de sangue absolutamente inadmissível, bárbaro e desumano, que apenas serviu para acicatar os ódios e tornar de todo irreconciliáveis as facções políticas e as forças beligerantes. Ao mesmo tempo que nas ruas da vila se passavam pelas armas ou pelo gume das baionetas os cidadãos indefesos conotados com o partido liberal, no edifício da Câmara o Major André Camacho procedia, pela tirânica imposição da força, à nomeação duma nova vereação de indefectíveis servidores da causa miguelista, [...]» (Mesquita, *op. Cit.*)

¹⁸⁵ «A matança foi tão ferozmente cruel que nunca mais o Remexido poderia sair impune do tablado da História, mesmo que o seu partido se sagra-se vencedor da guerra-civil. (*Ibid.*)

incluindo, velhos, mulheres e crianças.¹⁸⁶ Não só depois, mas principalmente depois da assinatura do armistício de Évora-Monte, parece que a defesa dos direitos miguelistas ao trono por parte deste grupo do Remexido, já não passava de um mero pretexto para a prática da pilhagem e de assassinatos discricionários.¹⁸⁷ Se o sucedido em Loulé já tinha deixado uma nódoa irreversível na reputação do Remexido,¹⁸⁸ o que depois sucederia em Albufeira, que foi ainda uma pilhagem mais generalizada e uma chacina mais grave contribuiria ainda mais para o descrédito e maculação da imagem do Remexido junto das populações urbanas.¹⁸⁹ Este último acontecimento é um dos que o Remexido utilizaria para se defender durante o seu julgamento, argumentando que não fora o responsável pelo sucedido na vila de Albufeira, e disse que até fuzilara os verdadeiros responsáveis pelo que sucedera. Temos hoje acesso a um livro de autor incógnito, que descreve estes acontecimentos de 1833, cujo título é "*Os Desastrosos Acontecimentos de Albufeira*".

Contudo, essa obra foi escrita em 1836, e depois publicada em 1838, apenas cinco anos após o acontecimento de Albufeira, o que pode questionar a distância, a neutralidade, a imparcialidade do seu autor.¹⁹⁰ Sabendo-se que este acontecimento marcou de forma incontornável, porque terá sido uma das matanças mais hediondas que se praticaram nos dois últimos séculos em Portugal, e estribando-nos nas ferramentas que o historiador deve ter

¹⁸⁶ « [...] de tão cruel arremetida militar. Acerca desse selvático episódio, que manchou de forma indelével a figura popular e o prestígio militar do Remexido, existe um pequeno livro de autor nunca desvelado, publicado em 1838, sob o título *Memória dos Desastrosos Acontecimentos de Albufeira*, no qual se revelam ao pormenor todas as atrocidades cometidas. O que se passou na vila de Albufeira foi uma verdadeira chacina, uma matança indiscriminada de gente inocente, perseguida por uma horda ululante de facínoras sedentos de sangue e de ouro, violando, fuzilando, acutilando, ou trespassando à baioneta e à facada tudo e todos, não poupando crianças nem mulheres. Os cadáveres amontoados foram enterrados em valas comuns sendo, ainda hoje, desconhecido ao certo o número de vítimas, havendo quem diga que foram vinte, quarenta ou mesmo oitenta as vidas ceifadas naquela vila pelos selváticos guerrilheiros do Remexido.» (*Ibid.*)

¹⁸⁷ *Ibid.*

¹⁸⁸ Chagas, *op. Cit.*, pp. 53-58

¹⁸⁹ *Ibid.* p. 47-52

¹⁹⁰ «Fomos forçados a alterar não a essência, mas um pouco a forma do texto, em consequência do receio de ferir susceptibilidades de pessoas que ainda existem, e que desempenharam papéis menos simpáticos naquela tragédia; e também por delicadeza para com os descendentes dos que, já falecidos, se afastaram também um pouco do bom caminho: esqueçamos e perdoemos os erros e até os crimes dos vivos, e respeitemos as cinzas dos mortos, já que não podemos rasgar essas páginas da história, que os nossos pais tanto mancharam, com os seus ódios, as suas represálias e todo o cortejo de maldades que acompanha a guerra de irmãos contra irmãos.» (Cabrita, 1990, Apresentação)

presente na construção da sua narrativa, parece-nos que este livro de autor desconhecido foi escrito numa época ainda muito pouco propensa à História Ciência.¹⁹¹ Independentemente da neutralidade do incógnito autor da narração historiográfica deste massacre, o que não restam dúvidas, é que terá sido mais um acontecimento de grande selvajaria e cometido supostamente pelo bando do Remexido, e que jamais permitiria que os povos dessas localidades o perdoassem, mesmo depois da amnistia geral decretada no fim da guerra civil.¹⁹²

Mas a verdade, é que Remexido, no seu julgamento, e perante o Conselho de Guerra, ao ser confrontado com acusações como os derramamentos de sangue registados, em 1933, em S.B. de Messines, em Loulé e em Albufeira, escudou-se no seu cargo de oficial de ordenanças para justificar os seus tempos de chefe de guerrilha. Aliás, uma função que já antes lhe tinha sido atribuída pelo poder liberal e que D. Miguel, em abril de 1834, reforçara, promovendo-o a capitão de ordenanças.¹⁹³

Podemos vislumbrar na vida de João Brandão e de Remexido o absurdo daqueles homens conquistadores, daqueles guerreiros que acreditaram nas promessas de eternidade. Tal como o Sísifo¹⁹⁴ da mitologia grega (fundador e rei de Corinto) que ficou célebre na mitologia como sendo o homem mais ardiloso que já existiu, também João Brandão e Remexido, muitas vezes, nas suas vidas, usaram métodos ardilosos para ascender socialmente. O mito de Sísifo descreve o esforço inútil de uma pessoa, bem como o árduo e rotineiro trabalho que desenvolve, mas que, paradoxalmente, nunca terá um fim. Podemos

¹⁹¹ «Diga-se, desde já, que através deste documento, da autoria de um indivíduo a quem pelo seu posicionamento político e por ter escapado à morte por uma unha negra não se poderia exigir a objectividade do historiador — ou que idealmente este deverá ter —, é, no entanto, possível compreender que, nesse tempo de conflitos civis e de afrontamentos ferozes, os miguelistas não tiveram o monopólio dos actos arbitrários, da violência gratuita, dos ajustes de contas. Veja-se, por exemplo, as referências de passagem à forma gratuita como, antes mesmo do assalto a Albufeira, foi queimada a casa de um partidário de D. Miguel (p. 56) ou ainda como foi morta uma mulher que fugia durante um reconhecimento liberal (p. 58).» (Cabrita, 1990, Prefácio)

¹⁹² «A matança foi tão ferozmente cruel que nunca mais o Remexido poderia sair impune do tablado da História, mesmo que o seu partido se sagra-se vencedor da guerra-civil. (Mesquita, *op. Cit.*)

¹⁹³ «Seria promovido a capitão já em Abril de 1834, o que significa que, para o Governo de D. Miguel, a sua acção se inscrevia no quadro das suas funções nas ordenanças. Aliás, seria com este argumento que, face ao Conselho de Guerra que o julgaria e condenaria em Agosto de 1838, ele justificaria a actividade desenvolvida até ao final da guerra civil.» (Cabrita, 1990, Prefácio)

¹⁹⁴ Mito de Sísifo in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-05-28]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$mito-de-sisifo](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$mito-de-sisifo)

vislumbrar este absurdo de um trabalho sem fim, quando João Brandão, em Angola, mesmo com todo o esforço e trabalho desenvolvido em prole da comunidade, não seria premiado, mas antes, seria castigado pelas autoridades locais. Do mesmo modo que Sísifo, também João Brandão e Remexido, nas suas vertentes de guerrilheiros, desejaram alcançar a eternidade, almejaram equiparar-se aos deuses e derrotar a morte.

CAPÍTULO III

A IMPRENSA DA ÉPOCA E AS FIGURAÇÕES DE BANDITISMO/HEROÍSMO DE JOÃO BRANDÃO E DE REMEXIDO

A imprensa contemporânea de João Brandão contribuiu, em grande parte, para formar (ou "deformar?") a imagem destas figuras de perfil ambíguo. João Brandão e Remexido foram duas dessas figuras, que, ao longo da sua vida, tanto praticaram ações positivas como negativas. A maldade ou bondade das ações destes dois homens dependia da avaliação dos seus coetâneos. Nessa altura, a taxa de analfabetismo era enorme.¹⁹⁵ Daí, que a maioria das pessoas, nomeadamente as das classes mais baixas, aquelas que não podiam ir à escola, não estivessem em condições de elaborar grandes juízos críticos sobre a informação que lhes era fornecida.¹⁹⁶ (Esse estado de coisas não espanta, visto que mesmo hoje muitas pessoas não têm a capacidade para filtrar a informação recebida, pensando que a informação passada pelos jornalistas é o retrato fiel dos acontecimentos).¹⁹⁷

No séc. XIX não seria apenas a informação jornalística que formava a opinião pública, mas igualmente a ficção, através dos romances.¹⁹⁸ As vidas de João Brandão e de Remexido não foram ainda objeto da pena de um grande escritor. Alguém que ficcionasse as suas biografias, de molde a cativar os leitores. Não tiveram um retrato panegírico de carácter moral discutível/ambivalente, como fez Camilo Castelo Branco, em *Memórias do Cárcere*, com José do Telhado.¹⁹⁹

¹⁹⁵ Reis, Jaime. *O analfabetismo em Portugal no século XIX: uma interpretação*. [Em linha], [Cons. em 11-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://prezi.com/kcbqvkjbbe1c/o-analfabetismo-em-portugal-no-seculo-xix/>>

¹⁹⁶ Construíram-se muitas escolas primárias [...] porque 90% da população era analfabeta [...] A Cartilha Maternal, do Professor João de Deus, foi o primeiro livro escolar [...] A maioria das crianças continuaram a não ir à escola porque precisavam de ajudar os pais na agricultura. Sobral, Anabela Silva (2012) *O ensino e a população em Portugal do século XIX*. [em linha], [cons. em 11-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://pt.slideshare.net/anabelasilvasobral/o-ensino-e-a-populao-em-portugal-do-sculo-xix>>

¹⁹⁷ “Os mass media têm uma grande influência na vida das populações, pois através dos vários meios de comunicação, os mass media conseguem transmitir e moldar a opinião social. Através de publicidades, notícias e outras coisas, os mass media podem influenciar a opinião pública sobre um determinado tema, ou até [...]”. Bento, Tó (2010). *A Influência dos mass media na nossa sociedade*. [em linha], [cons. em 11-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://regressofuturo.blogspot.pt/2010/03/influencia-dos-mass-media-na-nossa.html>>

¹⁹⁸ Rafael, Gina Guedes (2012). Jornais, romance-folhetim e a leitura feminina no século XIX: influências transatlânticas? *IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia*. v. 1, n. 1, p. 32-42, 2012 [em linha], [cons. em 11-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/18181>>

¹⁹⁹ Camilo Castelo Branco e José do Telhado dividiram as dependências da prisão da Relação do Porto, -quando ambos respondiam a processos. É nesta altura, que Camilo Castelo Branco, com base no que lhe relatou o saltador e com a crescente admiração que por ele vai nutrido, constrói a imagem heroica do companheiro e protetor. Protetor porque José do Telhado garantiu segurança ao escritor, que se via ameaçado por um "matador assalariado": “Esteja descansado. Se aqui alguém tentasse contra a sua vida, tres dias e tres noites não chegariam para enterrar os mortos. Pacifiquei-me com este programma de José do Telhado.” (Castelo Branco,

Ainda que, também exista uma obra romanceada, sobre uma das personagens que estudamos, mas de um escritor muito menos conhecido: E. S. Tagino, pseudónimo literário de António José da Costa Neves. Essa obra é o romance *Amor nos Anos de Chumbo*, que ficciona um ataque a Grândola pela guerrilha do Remexido.²⁰⁰

Os nossos protagonistas foram, no entanto, objeto de notícias várias, sendo os seus percursos de vida categorizados na sua dupla representação de bandido/herói. As suas vidas foram, principalmente, motivo de análise da imprensa e dos escritores locais. E essa dissecação de carácter local foge, frequentemente, à objetividade que a História, como ciência, requer. Por isso, não é de estranhar visões contraditórias de bandido face a herói.

3.1. João Brandão: os ataques de Joaquim Martins de Carvalho no jornal *Conimbricense* e no livro *Os Assassinos da Beira*

Como ponto prévio é imperativo esclarecer como nasceu o jornal *O Conimbricense* e aferir a respetiva linha editorial/ideológica.²⁰¹ A primeira publicação do periódico o *Observador* surgiu em Coimbra no dia 16 de novembro de 1847, a seguir ao fim da guerra civil, tendo sido o bacharel José Maria Dias Vieira o seu primeiro editor. Os responsáveis deste periódico propunham-se defender com todo o vigor a causa da liberdade e combater sem quaisquer receios os despotismos do governo cabralista: «*Os facínoras da província da Beira soffreram do mesmo periódico uma guerra sem tréguas, e que ficou memorável*».²⁰²

Entretanto, o segundo editor do *Observador* iria fazer tábua rasa dos princípios ideológicos que o jornal se havia proposto defender, quando cedeu às pressões dos mais poderosos e proeminentes da sua sociedade, tentando impedir a denúncia no seu jornal de

Camilo, 1862: 201-202) *Memórias do Cárcere*. 8a ed. conforme a 3a, última rev. pelo autor. Lisboa : Parceria A. M. Pereira, 1966

²⁰⁰ “A ilusória incoerência desse ataque, nunca explicado e apenas a florado, colateralmente, na tese de doutoramento de Maria de Fátima Sá e Melo Ferreira, publicada em 2002”, impressionou o autor, “durante mais de trinta anos, desde que, no âmbito de um trabalho académico sobre a História Política e Institucional do Século XIX, pela primeira vez, dele, tomou conhecimento.” Tagino, E.S. (2009) Folheando com...E. S. Tagino. *Portal da Literatura* [em linha], [cons. em 11-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.portaldaliteratura.com/entrevistas.php?id=23>>

²⁰¹ Carvalho, 2004, cap. XXXIX

²⁰² *Ibid.*

alguns factos que pudessem prejudicar tanto a eles como aos seus amigos.²⁰³ Para este editor, só as maldades de alguns mereciam publicação, ao invés, quando elas eram perpetradas por gente influente deveriam ser abafadas. Assim sucedeu, nos finais de 1853 e princípios de 1854, com Joaquim da Marinha, antigo administrador do concelho de Lavos, que teria como grande protector o seu compadre Frutuoso José da Silva, que era o proprietário mais abastado de Coimbra, nessa altura. Por seu turno, este Frutuoso José da Silva seria amigo íntimo do editor do *Observador*, o bacharel José de Moraes Pinto de Almeida.²⁰⁴

Este desvio da linha editorial do *Observador* provocaria o desalinhamento de alguns dos seus jornalistas, como Joaquim Martins de Carvalho, levando-os a criar um novo jornal, que não pactuasse com uma informação condicionada e só ao serviço de alguns.²⁰⁵ Martins de Carvalho, beneficiando da sua amizade com o governador civil de Coimbra, o conselheiro Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, e em comunhão de ideias com o mesmo, rapidamente fez as alterações imprescindíveis no jornal para que se continuasse na pegada dos sicários e dos seus protectores. Tornando-se assim o novo editor do jornal, que se passou a chamar *O Conimbricense* «mudando imediatamente o titulo do periódico e passando nós a ser o editor responsável d'elle»²⁰⁶. Como o *Observador* se tinha mostrado permeável às pressões, deixando de denunciar as malfetorias dos bandidos da Beira, Martins de Carvalho tinha-se visto obrigado a fundar o periódico *O Conimbricense* que saiu com um novo rosto, no dia 24 de janeiro de 1854.

Depois de traçarmos uma breve perspetiva histórica sobre a trajetória jornalística de Martins de Carvalho, passaremos agora a expor a sua relação com João Brandão. Há que referir, desde logo, que o diretor do antigo jornal *Observador*, que mais tarde passaria a

²⁰³ “De modo que o bacharel José de Moraes, que nem uma única palavra escrevia como redactor ou collaborador do periódico, pretendia servir-se da circumstancia de ser o editor d'elle para obstar á guerra feita aos assassinos de Lavos, satisfazendo assim ao seu amigo Frutuoso José da Silva, para este também satisfazer ao seu compadre Joaquim da Marinha!” (*Ibid.*)

²⁰⁴ *Ibid.*

²⁰⁵ *Ibid.*

²⁰⁶ *Ibid.*

jornal *O Conimbricense*, trata João Brandão recorrentemente por sicário e facínora, e isto, obviamente, com o firme propósito de, logo à partida, lhe colocar o ferrete de bandido.²⁰⁷

Martins de Carvalho, através do seu jornal, assumia-se, sem pruridos, como um autêntico delegado de ministério público de um qualquer tribunal popular, sem quaisquer regras, no papel de acusador e inquisidor, esquecendo as mais básicas regras de ética e deontologia da profissão jornalística, sem quaisquer preocupações tanto de verificação das fontes como do contraditório.²⁰⁸ Estas suas qualificações parecem demonstrar um julgamento sumário e preconceituoso acerca do carácter e da ação de João Brandão. A vida de João Brandão, devido à sua complexidade, não poderá ser qualificada de forma tão apressada e perentória, pois sobre ele existem teses de cariz acusatório, mas também de cariz apologético. Por exemplo, ulteriormente aos escritos de Martins de Carvalho, surgirá, em 1928, uma obra da autoria de Dias Ferrão, com um perfil mais de defesa desta personagem. Acrescentamos ainda que, obviamente, a obra mais apologética é a de carácter autobiográfico, escrita durante o cativeiro de João Brandão na Prisão do Limoeiro, em Lisboa: *Apontamentos da Vida de João Brandão*. Sendo um testemunho em causa própria, deve ser interpretado com as devidas cautelas, não deixando, porém, de constituir um bom documento de consulta para perceber as várias dinâmicas que se estabeleciam, entre fações antagónicas, naquela altura bastante conturbada da Beira.

3.1.1. Visão apologética de Dias Ferrão?

Um dos autores que rebateu as teses de carácter acusatório de Martins de Carvalho com maior firmeza foi o atrás já mencionado, Dias Ferrão (Bacharel formado em Direito

²⁰⁷ “O Ferreiro de Várzea acaba de expirar, victima do bacamarte do infamissimo chefe dos sicários João Brandão de Midões, e sua eohorte. Era criminoso, mas não assim o irmão d'este, assassinado não obstante dias antes, só porque teve a desdita de que a mesma mãe os parisse.” (Carvalho, 2004, cap. V)

²⁰⁸ “Não sabemos se a cáfila dos assassinos tem de ficar agora impune, mas para que nenhuma auctoridade administrativa e judicial pretexte ignorância de provas, aqui estampamos mui determinadamente os nomes de diversas pessoas perante as quaes, todos ou parte, o sicário dos sicários teve a audácia cynica de confessar o assassinato. São os srs: Lucas da Trindade Leitão, juiz de direito de Taboa!!! Antonio Dias de Figueiredo, delegado na mesma comarca!!! Cesar Augusto de Figueiredo, proprietário, de Mancellos. José Sebastião de Brito, de Sinde, Luiz Augusto de Figueiredo, de S. Facundo. — Além de outros. Se negarem o factio, chamados ajuízo, que ninguém mais os tenha por homens de bem — atraçoam a consciência e juramento! Senhoras auctoridades judiarias, ahí tendes testemunhas. Se carecerdes de força, pedi-a ao governo, que não a nega, nem pôde negar; a prova está no como ainda ha menos de um anno a prestou e toda contra os criminosos de Lavos.” (*Ibid.*)

pela Universidade de Coimbra) no livro *João Brandão*, republicado em Lisboa, em 1831 pela Livraria Morais.

As duas citações que se seguem são elucidativas da maneira como este autor confronta as teses, marcadas por uma extrema animosidade para com a figura de João Brandão, do diretor de *O Conimbricense*: “*Se Martins de Carvalho não escrevesse sob a impressão cega do ódio, não se teria feito eco desta pantomina, [...]*”; “*donde se conclui que inventava delitos dêstes a esmo*”.²⁰⁹

A forma apologética ou, pelo menos, em certo grau, desculpabilizadora como aborda a figura de João Brandão fica logo patente na advertência e no prólogo do seu livro:

A benevolência dos leitores deste livro e o grande favor da critica deram-me o alento necessário para o lançar de novo no mercado, no propósito de o tornar conhecido do país, e, especialmente, da Beira, a que é dedicado, para corrigir os episódios refalsados das crônicas, e as lendas terroristas, que tanto têm concorrido para infamar os homens e para encobrir a verdade histórica [...] O desejo de fazer justiça a todos, e de levantar, no conceito público aqueles que o passado deprimiu e infamou, deve, até certo ponto, atenuar a minha manifesta insuficiência. Nêste propósito inflexível, afastei-me dos que têm apresentado na imprensa o vulto de João Brandão como um criminoso comum, um bandoleiro, um chefe de quadrilha, que infestava as estradas e arremetia contra as povoações, um sicário vulgar, a quem têm atribuído todos os crimes e atrocidades, que se deram no seu tempo em toda a Beira. Quero-o repor no seu verdadeiro lugar, que foi o de um político, que viveu numa época revolta em que os derradeiros écos da guerra civil, ainda se não tinham extinguido através do espaço, e as paixões políticas continuavam a debater-se com grande intensidade».²¹⁰

Percebemos, através desta citação, que Dias Ferrão demarca-se daqueles autores que fizeram julgamentos sumários acerca das ações praticadas por João Brandão. Não quer seguir o caminho daqueles autores, como o atrás referenciado, Martins de Carvalho, que não quiseram enquadrar João Brandão e o seu *modus operandi* no contexto generalizado de violência que se vivia nas Beiras por aquela altura.²¹¹

Dias Ferrão, deste modo, poderá estar a sugerir-nos uma narrativa eufemística/desculpabilizadora, tentando enquadrar o *modus faciendi* de João Brandão nas suas circunstâncias, fruto das condicionantes da sua conjuntura social e política. Tenta afastar de João Brandão o rótulo "naturalista" de um homem atreito à violência resultado da

²⁰⁹ Ferrão, 1931, Aditamentos

²¹⁰ *Ibid.*

²¹¹ Ferrão, 1931, Prólogo

herança que recebeu do pai, como fez Martins de Carvalho, primeiro no jornal *O Conimbricense* e, depois, em *Os Assassinos da Beira*.

3.1.2. A figura de João Brandão contada pelas visões antagónicas de Martins de Carvalho e Dias Ferrão

Estes dois autores terão sido os principais modeladores da imagem antagónica bandido/herói de João Brandão. Martins de Carvalho foi contemporâneo de João Brandão, enquanto Dias Ferrão viveu pouco tempo depois dele. Sendo ainda de referir, que não sendo Dias Ferrão contemporâneo de João Brandão, ainda entrevistou Miguel Nunes, irmão do Ferreiro de Várzea, João Nunes, que esteve com o irmão até aos seus últimos momentos.

Daí que possamos considerar tanto *Os Assassinos da Beira: Novos Apontamentos Para A História Contemporânea*²¹² como *João Brandão* de Dias Ferrão duas fontes primárias, e as *opus maters* sobre a figura que estudamos. M. de Carvalho foi contemporâneo de João Brandão. Através das suas tribunas de opinião nunca escondeu a sua grande animosidade para com os Brandões do Casal da Senhora. Nos seus escritos são abundantes as classificações negativas de João Brandão, do seu pai e dos seus irmãos. Recorre constantemente a adjetivos como: bandido, ladrão, assassino, criminoso, facínora, sicário, celerado, feroz, delinquente, desalmado, malvado, perverso etc., para adjetivar João Brandão. Em oposição, Dias Ferrão demarca-se da posição, de certa forma, inquisitória do diretor do *O Conimbricense*, preferindo inserir os atos de João Brandão no contexto de grande violência que se vivia na Beira do seu tempo.

É baseado, principalmente, nos escritos destes dois autores que, nos anos vindouros, se irá escrever sobre a figura controversa de João Brandão. Será a partir das suas perspetivas marcadas por uma oposição inconciliável que surgirão obras como *João Brandão: o Herói das Beiras* de Álvaro Costa e *João Brandão: o Terror da Beira* de José M. Castro Pinto. Estes dois autores não vão pelo caminho fácil do paracronismo, ou seja, de ver o passado com os olhos do presente. Ao invés, preferem contextualizar as ações de João Brandão no clima de enorme violência que se vivia na sua época. *João Brandão: o Herói das Beiras* é,

²¹² Carvalho, 1890

sem dúvida, uma obra de carácter reabilitativo, por vezes, até apresentando uma gradação laudatória;²¹³ enquanto *João Brandão: o Terror da Beira*, não obstante, ter um título com uma carga pejorativa, no seu conteúdo, o autor, demonstra grande equilíbrio na análise dos acontecimentos, visto que tanto ataca João Brandão como o defende. Com efeito, Castro Pinto, logo no prefácio, propõe-se examinar a vida de João Brandão com toda a imparcialidade, e na nossa opinião, é dos autores que mais o cumpriu. Tanto dá razão a João Brandão, como aos seus inimigos. Este autor diz que João Brandão não fez apenas coisas boas, mas também não poderá ser responsabilizado por todos os males que se passaram no seu tempo na Beira.²¹⁴ São inúmeros os episódios que contribuem para esta moldagem de bandido/herói, culpado/inocente na imagem da figura de João Brandão. E quando referimos episódios, esses episódios representam, sobretudo, assassinatos e roubos. A acusação de morte (para roubar) atribuída a João Brandão que mais contribuiu para a sua moldagem como

²¹³ “Regressei a Lisboa com enorme vontade de relembrar aos portugueses a vida errante de João Brandão e as injustiças de que foi alvo que acabariam por determinar o seu assassinio em Angola.” (Costa, 2001, Prefácio)

“Aprenderia as primeiras letras na escola do professor Bento Inácio Duarte de Almeida, em Midões, que viria a ser seu inimigo político, e um pouco mais tarde estudaria latim em Cabanas, com o vigário Joaquim Miranda, revelando-se um garoto com grande capacidade de aprendizagem e uma inteligência viva e penetrante.” (Costa, 2001, cap. II)

“Passado que está mais de um século após a sua morte, o nome de João Brandão continua gravado na memória do povo da Beira, que nunca esquecerá o infortúnio, as privações e as perseguições sofridas por um homem de grande alcance político, traído pela sua generosidade e frontalidade nas palavras e nos actos. Se é certo que o seu nome ficou para sempre gravado na nossa História, como exemplo de uma das mais injustas e tenebrosas atitudes do poder político e judicial português, não será menos verdade que nomes como D. António Alves Martins, bispo de Viseu, Rodrigo da Fonseca Magalhães, ministro do Reino, Martins de Carvalho, director do jornal *Conimbricense*, João das Neves Ferreira Júnior, governador do distrito de Benguela, Manoel Celestino Emídio, juiz, e muitos outros, ficarão também gravados na memória do povo como exemplo da mais vil cobardia e traição aos ideais do Liberalismo. Como foi possível sustentar durante tantos anos que aquele homem pudesse ser o responsável por todos os crimes, roubos e desgraças que ocorreram nas Beiras, numa época bastante conturbada da História de Portugal, onde proliferavam inúmeros bandos de malfeitores que espalhavam o terror a mando das mais variadas e ilustres autoridades da época?” (Costa, *op. Cit.*, cap. VII)

²¹⁴ “Daí resulta que às vezes dou razão a João Brandão e outras vezes aos seus inimigos. Posto isto, dizer que João Brandão só fez coisas boas, ou quase, não corresponde à verdade. Dizer, pelo contrário, que foi um grande criminoso, culpado de todos os males de que então a região da Beira padecia -é uma grande mentira.” “Mas os seus próprios inimigos -que o odiavam e só ambicionavam sacrificá-lo -dizem que era preciso castigá-lo, que há "indícios" de que foi ele o criminoso, mas também dizem que, provas, não há...” (Pinto, 2004, prefácio)

“Uma opinião final sobre o assalto - João Brandão não actuou como mandante: Isso vai contra toda a lógica das circunstâncias, como já vimos. Mas mais importante é dizer que, se tivesse actuado como mandante, a acusação teria conseguido apresentar facilmente, não só uma prova, mas muitas provas. Ora, não apresentou nenhuma, nem uma única: - Tudo o que apresenta, como provas ou indícios, são suposições e mentiras, algumas delas escandalosas e ridículas.” (Pinto, 2004, cap. XIX)

bandido e culpado foi a morte do padre Portugal.²¹⁵ Todavia, existiram outras acusações de mortes atribuídas a João Brandão que o foram moldando como bandido, como um sicário da pior espécie em terras da Beira.

Antes de enumerarmos os vários crimes ligados a João Brandão será importante dizermos que Martins de Carvalho nunca deixou de apregoar veementemente, nos seus escritos, que João Brandão contou com o beneplácito das autoridades oficiais (militares e administrativas) para a prossecução dos seus crimes. Ele fundamentava a sua opinião, nos amplos poderes delegados a João Brandão, pelo governo, na pessoa da rainha Maria II, do ministro Rodrigo da Fonseca Magalhães, do governador civil de Coimbra Maldonado.²¹⁶ Esta amplidão de poderes outorgados a João Brandão, conferir-lhe-ia um estatuto de quase total inimputabilidade, o senhor plenipotenciário da Beira, dos distritos: de Coimbra, de Viseu e da Guarda.

Martins de Carvalho diz que João Brandão exigiu ao ministro Rodrigo da Fonseca Magalhães que só fossem nomeados para administradores de concelho quem ele indicasse, ou seja, os seus amigos íntimos.²¹⁷ Francisco Augusto da Costa Amaral foi um desses amigos de João Brandão, que foi nomeado para administrador do concelho de Tábua. M. de Carvalho considerava que desta forma, a Beira iria ter a perseguir os assassinos, o chefe dos assassinos. M. de Carvalho, não deixou de frisar que o conselheiro Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco (amigo do diretor de *O Conimbricense*), enquanto foi governador civil de Coimbra, nunca deu execução aos decretos que conferiam todos aqueles poderes a João Brandão, e que isso só viria a suceder quando o general Jeronymo da Silva Maldonado o substituiu no cargo em 1854 (para Martins de Carvalho o primeiro governador civil era um homem ímpoluto enquanto o segundo era um homem com muito menos escrúpulos).²¹⁸

²¹⁵ Ferrão, 1931, cap. XV-XVI-XVII-XVIII

²¹⁶ “Animado o assassino João Brandão com os amplos poderes do governo sobre as auctoridades militares e administrativas dos districtos de Coimbra, de Vizeu e da Guarda, quiz tornar o seu dominio permanentemente organizado na Beira. Para isto exigiu e conseguiu do ministro do reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães, que fossem nomeados administradores de concelho os seus Íntimos amigos, por elle indicados. Um d’elles foi Francisco Augusto da Costa Amaral, de Covas, o qual foi nomeado administrador do concelho de Taboa, Ora nomear este individuo era o mesmo que nomear a João Brandão.” (Carvalho, 2004, cap. II)

²¹⁷ *Ibid.*

²¹⁸ “O governador civil de Coimbra, conselheiro Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, recebendo do ministério do reino os indignos decretos, despachando os alludidos administradores de concelho, deu-lhes a

Ao desfilar esse rol de homicídios em que João Brandão terá tido alguma intervenção como autor material ou moral, vamos começar pela morte do juiz de direito de Midões, Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco Teles, na noite de 28 de agosto de 1842. Este crime aconteceu numa altura em que os juízes e jurados desta comarca, estavam completamente à disposição dos bandidos. Caso decidissem contra a vontade dos sicários as suas vidas correriam grandes riscos. Martins de Carvalho não tem dúvidas em responsabilizar os Brandões pela anarquia reinante no tribunal de Midões: «*Em plena audiência geral era frequente ver entrar no tribunal os Brandões e declarar em voz alta aos jurados: — Esse acusado deve ser livre; ou: - Esse acusado deve ser condenado.*»²¹⁹

Foi debaixo deste clima, de enorme desrespeito pelas autoridades judiciais, que Manuel Brandão seria acusado do assassinato deste juiz, conhecido por não tergiversar perante as dificuldades, e que, por isso, havia sido indigitado para restabelecer a justiça em Midões. Na história, João Brandão ficaria ligado a esta morte, muito mais por ser filho de Manuel Brandão-O-Velho, do que pela sua efetiva participação no mesmo. Mas a realidade, é que, o que de negativo era associado ao seu pai também ia contribuindo para reforçar a sua imagem negativa, como confirma esta citação presente em *Os Assassinos da Beira*: «[...] o velho Manuel Brandão, pae da sucia Brandoal».²²⁰

Martins de Carvalho através das suas tribunas de opinião em no *Observador*, *O Conimbricense* e *Os Assassinos da Beira*, não tem qualquer dúvida em veicular a ideia de que foi Manuel Brandão o autor deste homicídio.²²¹ Dias Ferrão rebate esta ideia, defendendo

execução que elles mereciam: raaeteu-os n'uma das gavetas da sua secretária; e quando em março de 1854 cessou de exercer o cargo de chefe do districto por causa da celebre entrudada académica, deixou ficar os referidos decretos no governo civil sem execução alguma.”

“Com a nomeação, porém, do general Jeronymo da Silva Maldonado d:Êça para governador civil de Coimbra, no mesmo anuo de 1854, mudaram as cousas inteiramente de face. Maldonado não tinha os mesmos escrúpulos do sr. Henriques Secco, e por isso foram promptamente postos em execução os decretos nomeando os administradores, particulares amigos e fieis aliados de João Brandão.” (Carvalho, *op. Cit.*, cap. II)

²¹⁹ Carvalho, *op. Cit.*, cap. XXIV

²²⁰ Carvalho, *op. Cit.*, cap. XXI

²²¹ “Depois que no dia 28 de agosto de 1842 foi assassinado o honrado juiz de direito, Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco Telles, porque se não prestava a ser instrumento dos Brandões, como aliás o tinham sido os seus antecessores, o governo, conforme o promettera em cortes, mandou para Midões um destacamento, a fim de dar força ás auctoridades na punição dos criminosos.” (Carvalho, *op. Cit.*, cap. XXIV)

que o juiz foi assassinado por dois guardas que se evadiram para o Brasil.²²² Se, por esta altura, João Brandão, tinha apenas 16 anos de idade, e teria outras prioridades, pensando ainda seguir uma carreira no mundo das letras, estudando latim em Cabanas com o padre Joaquim Miranda, dificilmente poderia ter sido a cabeça deste assassínio.²²³ Mesmo imerso nesta atividade literária João Brandão ver-se-ia, juntamente com o seu pai e com o seu irmão Manuel Brandão, pronunciado pela morte do juiz Nicolau Baptista.²²⁴ Dias Ferrão, não deixa de realçar que o novo juiz de Direito nomeado para a comarca de Midões não escondeu, desde logo, a sua grande vontade em condenar a família dos Brandões do Casal da Senhora. Nesse intento, não se inibiu, de arrolar para testemunhas de acusação contra este ramo dos Brandões, alguns dos seus maiores inimigos figadais, como os seus primos setembristas de Midões e mesmo o envenenador major Cristiano da Fonseca. Este juiz foi ainda mais além ao comprar uma série de testemunhas no intuito da condenação da família dos Brandões do Casal:

E ainda, no mesmo propósito de forjar testemunhas falsas, o juiz Vilela chamou a sua casa a menor Maria de Souza, da vila de Midões, para jurar contra Manoel Brandão e seus filhos, como depois declarou no plenário deste processo, na presença de todo o auditório que a êle assistiu.²²⁵

Este juiz, mediante processos ao arrepio da retidão que manda a justiça, conseguiu com que João Brandão, o seu pai e o seu irmão mais velho, Manuel, fossem pronunciados. Este seu irmão, foi imediatamente remetido para a cadeia de Viseu, onde esteve durante dois anos e nove meses encarcerado, enquanto João Brandão e o seu pai se viram obrigados a fugir, para não terem a mesma sorte. No fim do processo, o juiz Vilela, viu-se compelido a absolver todos os Brandões do Casal da Senhora, ficando por castigar os verdadeiros executores do assassínio do juiz Nicolau Baptista, ou seja, os dois militares que haviam fugido para o Brasil, e que nunca prestariam contas à justiça.²²⁶ Devido à incompetência

²²² Ferrão, 1931, cap. VII

²²³ “Tinha a êste tempo João Brandão apenas 16 anos de idade, e estudava latim em Cabanas com o vigário Joaquim Miranda.” (*Ibid.*)

²²⁴ “No entretanto foi pronunciado conjuntamente com seu pai e seu irmão mais velho, Manoel, [...]” (*Ibid.*)

²²⁵ *Ibid.*

²²⁶ “[...] Os restantes membros da sua família, igualmente culpados, salvaram-se na fuga, e só mais tarde foram absolvidos, e os verdadeiros executores do crime, os dois militares, fugiram para o Brazil, como já disse, e nunca prestaram contas à justiça.” (*Ibid.*)

revelada pelos membros do aparelho judiciário local, bem como o descrédito em que a comarca de Midões havia caído, a mesma seria extinta: “Assim ficou por vingar a morte do Dr. Nicolau Baptista, vindo depois, por êsse motivo, a ser suprimida a comarca de Midões, que ficou pertencendo à comarca de Tábua, creada por êsse tempo, e recentemente suprimida [...]”²²⁷

Mas se era difícil, para Martins de Carvalho, através os seus escritos, fazer crer que o ainda bastante jovem João Brandão, teria sido, em 1842, o autor material do homicídio do juiz Nicolau Baptista, não se iria eximir de avançar com uma nova versão: a do feroz ataque perpetrado por João Brandão, em Viseu, contra o criado do juiz Vilela, em 1847, para vingar uma antiga afronta deste contra si. No intuito de monstrualizar ainda mais a figura de João Brandão, o diretor de *O Conimbricense*, declara que João Brandão teria chegado ao ponto de querer matar o seu irmão Roque, mas que tinha cedido aos pedidos lancinantes da esposa e filhos do criado do juiz, para que não matasse o marido:

Estava o sicário com uma faca na mão para matar aquelle infeliz, como se estivesse para matar um porco; e ao pé, de joelhos, e com as mãos erguidas, se achavam a mulher e os filhos menores do mesmo, pedindo com lagrimas e gritos a João Brandão que não matasse seu marido e seu pae.²²⁸

Roque Brandão foi sensível aos pedidos, permitindo a fuga do criado da prisão de Viseu, mas consciente do que o irmão era capaz de fazer, também ele procurou um esconderijo seguro. Esta traição deixaria João Brandão num estado de fúria incontrolável, teria percorrido toda a cidade de Viseu, onde terá chegado a oferecer grandes somas de dinheiro a quem desse informações sobre o paradeiro do seu irmão: “Parecia um tigre! Percorria toda a cidade de Vizeu para descobrir o irmão”.²²⁹ E só não matou o irmão, por esta perfídia, porque o pai o pôs na ordem, impondo a este, a reconciliação entre irmãos.²³⁰ Resta acrescentar, que, obviamente, João Brandão, nos *Apontamentos da Vida de João Brandão*, refuta todas estas acusações desferidas contra si por Martins de Carvalho. Pelo contrário, diz que, em Viseu, nesta data, salvou da morte este homem que tanto o tinha ofendido a si e à sua família, visto que ele se apressava para ser consumido pela ferocidade

²²⁷ Ferrão, *op. Cit.*, cap. VII

²²⁸ Carvalho, *op. Cit.*, cap. XXIV

²²⁹ *Ibid.*

²³⁰ *Ibid.*

dos soldados, a quem, presumivelmente teria provocado e insultado: “*Mal diria ele, quando me perseguiu, que tinha de dever-me a vida!*”.²³¹

3.1.3 Dos Homicídios perpetrados por João Brandão

João Brandão também foi acusado por M. de Carvalho de cometer assassinatos para se vingar de quezílias de ordem familiar. Este jornalista diz que João Brandão, juntamente com o seu irmão Roque Brandão, mataram o seu primo, Manuel da Silva Brandão, o Manuelzinho, em 1845.²³² Dias Ferrão diz que João Brandão não foi responsável por este crime, visto que nem houve processo sobre o mesmo.²³³ Martins de Carvalho acusou João Brandão no jornal *O Conimbricense*, de 5 de dezembro de 1854, de também ter morto o seu primo Francisco Elísio da Silva Brandão, que era farmacêutico em Midões, em 1851.²³⁴ Dias Ferrão atribui a autoria da morte deste primo Francisco Elísio, a António Soares de Cabanas, Albergaria.²³⁵

Uma morte menos conhecida e também ligada, pelos seus detratores, a João Brandão é a de Januário Mendes, prior de Sameice, concelho de Seia que morreu assassinado na noite de 6 para 7 de janeiro de 1857. Martins de Carvalho, em *Os Assassinos da Beira*, não tem contemplações em responsabilizar João Brandão pela autoria moral deste crime, quando diz que José de Matos, “*cego instrumento de João Brandão*”²³⁶, foi o executor do homicídio. Neste capítulo podemos assistir à predisposição do diretor de *O Conimbricense* em culpar João Brandão pelo roubo do padre. Alegadamente João Brandão teria sido chamado pelo prior de Sameice para servir de mediador entre ele e a sua família. Martins de Carvalho declara que João Brandão imediatamente quis colher benefícios do caso: “*João Brandão, que de tudo tirava partido para haver dinheiro, não tardou a pedir ao prior 300\$000 reis*

²³¹ Brandão, 1990, Cap. XX

²³² “Mataste em 1845 próximo de Midões a teu primo, Manoel Rodrigues da Silva Brandão.” (Carvalho, *op. Cit.* cap. VIII)

²³³ “[...] a de Manoel Rodrigues da Silva—o Manuelzinho—de que não houve processo; [...]” (Ferrão, *op. Cit.*, cap. XVII)

²³⁴ “Mataste em 1851 a teu primo, Francisco Elysis da Silva Brandão.” (Carvalho, *op. Cit.* cap. VIII)

²³⁵ “E a de Francisco Elísio foi obra de António Soares de Albergaria.” (Ferrão, *op. Cit.*, aditamentos, pp. 338)

²³⁶ (Carvalho, *op. Cit.*, cap. capítulo XLII)

emprestados”.²³⁷ Contrariamente, Dias Ferrão defende que João Brandão nada teve a ver com este roubo e homicídio, já que os tribunais não tomaram qualquer procedimento contra ele ou contra o seu "ajudante" José de Matos. Para reforçar a sua ideia, apresenta um documento sob a forma de abaixo assinado dos familiares mais próximos da vítima, em que estes declaram perentoriamente que João Brandão nada teve a ver com o homicídio e que ele até era amigo do padre, dizendo que os responsáveis pelo crime foram os dois pronunciados pelo Tribunal da Relação do Porto, o vendeiro Martinho José e o padre Joaquim Costa, bem como o irmão deste, António Joaquim Costa; e ainda outras pessoas, que não tinham sido indiciadas, que, por "decência", se escusavam de explicitar.²³⁸

Para Dias Ferrão, Martins de Carvalho quando imiscui João Brandão no homicídio e roubo do padre Januário Mendes, está a fazê-lo, baseado numa versão inventada por um seu adversário político e com quem combatera em Tábua: Luís Augusto de Figueirêdo, que tinha sido um antigo capitão de milícias Miguelistas, residente em S. Fagundo. Logo, uma fonte pouco imparcial.

Martins de Carvalho, também acusa João Brandão de, em 8 de janeiro de 1850, à entrada de Lourosa, concelho de Oliveira do Hospital, ter assassinado o antigo guerrilheiro realista, Estanislau Xavier, com a conivência do governador civil de Coimbra, Thomaz d'Aquino Martins da Cruz: “*Mataste em 1850 a Estanislau Xavier de Pina, de Várzea de Meruge, concelho do Ervedal*”.²³⁹ Martins de Carvalho defende que as autoridades cabralistas tudo fizeram para livrar João Brandão deste crime. Reforça essa ideia, dizendo que o administrador do concelho de Avô, José Correia de Brito Valles, “*cometeu a*

²³⁷ *Ibid.*

²³⁸ “Abaixo assinados, eu D. Vitoria Mendes, e José Pinto Ferreira Marvão, irmã e sobrinho do Prior de Sameice, Januário Mendes, declaramos que sempre estivemos e estamos persuadidos que os assassinos do nosso irmão e tio, foram Martinho José, padre Joaquim da Costa, e seu irmão Antonio Joaquim da Costa, de Sameice, dos quaes os dois primeiros foram pronunciados como autores d’aquelle crime, entrando mais duas pessoas n’ele, que não ficaram indiciadas, e que nós não nomeamos por decencia, mas que todas são de Sameice; sendo certo que João Victor da Silva Brandão, de Midões, não tomou parte nem concorreu directa ou indirectamente para a morte do nosso infeliz irmão e tio, Prior de Sameice, antes era seu amigo, e de todas as pessoas d’aquella freguezia bemquisto e respeitado, tendo sempre durante o tempo que andou foragido, antes, e depois d’ele, em que a frequentava, um comportamento exemplar. E por ser verdade, e esta nos ser pedida a passamos, e assignamos. — Pinhanços, 24 de maio de 1864. — Vitoria Mendes — José Pinto Ferreira Marvão (Ferrão, *op. Cit.*, aditamentos-pp. 31-33)

²³⁹ Carvalho, *op. Cit.*, Cap. XX)

*torpíssima indignidade de fazer um officio, duas vezes falso",*²⁴⁰ para que se conseguisse inocentar João Brandão de mais este crime. Na opinião do diretor do *O Conimbricense*, este officio fora uma forma artilosa encontrada por José Correia de Brito Valles de modo a legitimar João Brandão como capitão do batalhão de S. João de Areias, para que ele detivesse Estanislau Xavier, comandante da guerrilha miguelista. O officio era duas vezes falso porque a guerrilha não existiria e quando o officio foi expedido a requisitar "os bons préstimos" de João Brandão já o guerrilheiro havia sido morto por este "infame sicário": "*N'esse officio requisitava Brito Valles a João Brandão, como capitão do batalhão de S. João de Areias, a força do seu comando para vir dispersar a guerrilha miguelista, que alli acabava de apparecer, commandada pelo Estanislau.*"²⁴¹

Martins de Carvalho, acrescenta ainda, que para cúmulo, João Brandão, ao invés de ser punido pelas autoridades oficiais, receberia ainda, a 15 de janeiro de 1850, do governador civil de Coimbra, um officio de louvor por este acontecimento: "*Do attentado practicado na Beira deu logo conhecimento ao publico o Observador, em o numero de 19 de janeiro de 1850; e em o numero de 22 de janeiro publicou o mesmo periódico um enérgico artigo a este respeito*".²⁴² Martins de Carvalho insurgia-se assim fortemente contra as cumplicidades patenteadas entre as autoridades cabralistas e os bandidos. Acusava-as de terem posto a força pública nas mãos destes bandidos, bem como de os proteger e condecorar a troco do seu auxílio nas eleições. Para o diretor do *O Conimbricense*, os bandidos como João Brandão, utilizavam, constantemente, essa força em proveito próprio. Para demonstrar como os Brandões eram premiados pelas autoridades, o *Observador* publicava uma lista dos cargos de alguns membros deste clã. João Brandão e o seu irmão Roque, eram officiais do batalhão de S. João de Areias, que, na opinião de Martins de Carvalho, só servia para assassinar os mais fracos. João Brandão era também vereador da câmara de Midões²⁴³. Por seu turno, para Dias Ferrão, Estanislau Xavier Pinto Abranches de Pina, antigo capitão de voluntários realistas do concelho de Ceia, já não estaria entre aqueles velhos guerrilheiros miguelistas que se rebelaram após a revolta da serra, e que depois não respeitaram a paz acordada com

²⁴⁰ *Ibid.*

²⁴¹ *Ibid.*

²⁴² *Ibid.*

²⁴³ *Ibid.*

o convênio de Gavinhos: “*Discutiram-se bem as bases da nova era de paz, abateram-se as bandeiras das facções, e os congressistas caíram nos braços uns dos outros, esquecendo ou fingindo esquecer antigos agravos*”.²⁴⁴

Mas, como as decisões de paz não se decidem por decretos, muitos destes antigos guerrilheiros já não queriam voltar para o trabalho, porque estavam demasiadamente habituados a esta vida aventureira, e que era para eles a sua verdadeira profissão. Dias Ferrão poderia justificar neste não acatamento da ordem a legitimação da ação de João Brandão contra o guerrilheiro Estanislau, e, dessa forma, mitigar a sua eventual responsabilidade na morte deste antigo guerrilheiro realista. Mas este autor desconsidera a hipótese de João Brandão ter ido combater a guerrilha de Estanislau em 1850, afirmando que este já era demasiado velho para essas andanças/escaramuças, e que havia realmente deposto as armas no convênio de Gavinhos. Dias Ferrão, para desmontar a farsa arquitetada pelo diretor do *O Conimbricense*, nunca publicou o dito ofício, no qual diz que o administrador de Avô (José Correia de Brito Valles) delega todos os poderes a João Brandão para capturar a guerrilha de Estanislau Xavier de Pina, porque, simplesmente, esse ofício não existiu. Foi pura invenção da sua parte, bem como todos os comentários que sobre ele proferiu.²⁴⁵ Para Dias Ferrão, foi o administrador de Midões, Dr. José Augusto da Silva Coelho, quem convidou João Brandão para esta diligência. D. Ferrão refuta também a acusação em que Martins de Carvalho afirma que o verdadeiro móbil do crime perpetrado por João Brandão contra Estanislau Xavier de Pina se prendeu com a firme vontade deste em casar com a sua neta: “*As informações particulares, que colhi sobre este episódio, dizem-me que João Brandão nunca conheceu a neta de Xavier de Pina, nem jamais pretendeu casar com ela, como torpemente se insinuou*”.²⁴⁶

Vamos agora falar da morte do Ferreiro de Várzea.

No passado, António Nunes, o pai de João Nunes, teria tido boas relações com Manuel Rodrigues Brandão, o pai de João Brandão. No entanto, assim não iria acontecer mais tarde com o seu filho, João Nunes, o Ferreiro de Várzea, que optaria, antes, por

²⁴⁴ Ferrão, *op. Cit.* cap. V

²⁴⁵ “Ora o ofício era falso na matéria, porque tal guerrilha não existia, e falso na data, porque quando o indigno administrador do concelho d’Avô o fez, já o Estanislau estava assassinado.” (Ferrão, *op. Cit.*, cap. IX)

²⁴⁶ Ferrão, *op. Cit.*, cap. XIX

estabelecer um relacionamento muito próximo com os Brandões de Midões, nomeadamente, com Francisco Elísio da Silva Brandão. Desse modo, João Nunes seria persuadido pelos Brandões de Midões, do partido setembrista, para combater os Brandões do Casal da Senhora, do partido cartista. Foi, desta forma que o Ferreiro de Várzea entraria numa guerra que não era a sua.²⁴⁷ E, passando, doravante a dispensar aos Brandões do Casal da senhora, particularmente a João Brandão, uma grande animosidade, que recrudescer quando o seu amigo Francisco Elísio foi morto. João Nunes estava convencido que João Brandão teria sido o autor da morte de Francisco Elísio e tudo iria fazer para vingar a morte do amigo: “*E, finalmente, para cumulo das tuas atrocidades, mataste a João Nunes, Ferreiro de Várzea de Candosa, da maneira mais barbara, na noite de 9 para 10 de novembro ultimo, no sitio da Bemfeita.*”²⁴⁸

Martins de Carvalho vai ao ponto de defender que João Brandão contou com a colaboração do governador civil de Coimbra, Maldonado, para a perseguição e captura de João Nunes. Dizendo que logo após a nomeação do general Maldonado para governador civil de Coimbra, deu-se uma junção de interesses de molde a capturar o Ferreiro de Várzea: “*Era mister prender e assassinar o seu figadal inimigo, João Nunes Ferreiro, de Várzea de Candosa;*”²⁴⁹.

Nesse sentido, rapidamente foram executados os decretos que davam a João Brandão plenos poderes para perseguir e prender todos os assassinos da Beira. Na opinião de Martins de Carvalho, a execução destes decretos, e as consequentes nomeações de amigos de João Brandão para cargos importantes na Beira, teve como corolário, que este executasse as suas vinganças pessoais. João Brandão não queria apenas prender João Nunes, mas também o queria matar. E isso agora tornava-se mais fácil, porque Francisco Augusto da Costa Amaral, administrador de Tábua, concedeu a João Brandão toda a força pública. Martins de Carvalho não vai ao ponto de afirmar que o governador civil Maldonado autorizasse declaradamente o assassinato do Ferreiro de Várzea: “*Não afirmamos que o assassinato do Ferreiro fosse*

²⁴⁷ “Criando grande amizade com Francisco Elísio, filho de José Joaquim Brandão, de Midões, desde logo seria aliciado para a luta odiada que era travada entre os Brandões, de Midões, e os seus familiares do Casal da Senhora, que pertenciam a outro partido (cartistas).” (Álvaro Costa, *op. cit.*, p. 62-63)

²⁴⁸ M. de Carvalho, *op. Cit.*, cap. VIII

²⁴⁹ M. de Carvalho, *op. Cit.*, cap. II

*autorizado directamente pelo governador civil Maldonado,...*²⁵⁰, ainda que, não deixe de dizer que este teria o desejo, pelo menos implícito, que isso se efetuasse, facilitando de todas as formas esse homicídio. O governador ambicionava ser reeleito no cargo, e o Ferreiro de Várzea era seu adversário nesse desiderato, ao contrário de João Brandão que era seu partidário, o que leva Martins de Carvalho a dizer que o governador civil tenha ficado completamente dependente de João Brandão: «*sse haver collocado na sua ignominiosa dependência por causa das próximas eleições, para assassinar o seu inimigo*».²⁵¹

Desta forma, bem amparado pelas autoridades oficiais²⁵² (o governador civil e o administrador), a 5 de novembro de 1854, João Brandão parte de Tábua juntamente com os seus homens, nas palavras do diretor do *O Conimbricense*: “os sicários”, para prender o Ferreiro de Várzea de Candosa, «*entre cabos de policia, e gente assalariada por João Brandão, orçavam por duzentos os indivíduos reunidos para a montaria*».²⁵³ Segundo Martins de Carvalho, este grupo de homens era composto por uma súcia variada dos piores bandidos daquela região. Ao longo do trajeto vão espancando as pessoas que não sabem ou que se recusam a dar informações sobre o paradeiro do Ferreiro.

Por sua vez, Dias Ferrão diz que as relações entre os Brandões e os Nunes nem sempre se pautaram pela hostilidade. O pai de João Brandão, depois de abandonar a profissão de ferreiro, chegou a recorrer aos serviços de António Nunes, (também ele ferreiro) que era pai de João Nunes. Conforme a versão deste autor, o problema, foi que este filho de António Nunes que fora um honesto mestre da sua arte, se deixou influenciar, depois da revolução de Setembro, pelos Brandões de Midões. Estes parentes de João Brandão conseguiram arregimentar João Nunes para a sua causa setembrista contra os seus primos cartistas do

²⁵⁰ *Ibid.*

²⁵¹ *Ibid.*

²⁵² “[...] envolvendo assumptos eleitoraes, em que João Brandão estava sendo agente do mesmo governador civil, com a prisão do Ferreiro, o que por todos os motivos era uma indignidade: — “Acabo de vèr o seu officio confidencial, de 4 do corrente, ao qual respondo que fico d'elle scieute, e bem satisfeito com o que n'elle me diz, relativamente a negócios de eleições; assim como as diligencias que está fazendo para effectuar a prisão do tal Ferreiro, e mais malvados, de que me empenho em livrar este districto. Muito me satisfazem os serviços que v. s.a está disposto a prestar-me em ambos os pontos. — Coimbra, 6-11-54. — Jeronymo Maldonado.”

“Ninguém desconhecia o que queria dizer para João Brandão, intimo do administrador de Taboa — livrar este districto dos malvados. [...] Entre cabos de policia, e gente assalariada por João Brandão, orçavam por duzentos os indivíduos reunidos para a montaria.” (*Ibid.*)

²⁵³ *Ibid.*

Casal da Senhora.²⁵⁴ O primo de João Brandão, Francisco Elísio, era amigo de João Nunes, que facilmente o convenceu a passar para as suas fileiras: «[...]tantas promessas lhe fêz, por tal fôrma o persuadiu da celebridade que havia de alcançar na defeza heróica do povo que estava oprimido e escravizado por João Brandão, o maior déspota de toda a Beira, que o Ferreiro de Várzea aceitou o convite, [...]».²⁵⁵

Entretanto, Francisco Elísio seria morto. João Nunes não se abateria por este facto, pelo contrário, redobraría de ânimo, jurando vingar a morte do amigo e juntar-se-ia aos outros irmãos da vítima, José Joaquim Brandão, antigo capitão de milicianos, e António Rodrigues Brandão, tenente-coronel da Patuleia, no encalce de João Brandão. Este grupo, acrescido do conhecido José da Manta, atacaria João Brandão e o seu irmão Roque na noite de 27 de agosto de 1852. Quando estes vinham de casa de Francisco Augusto da Costa Amaral, de Cóvas, para sua casa, à Ponte de Várzea «[...]e lhe atiraram alguns tiros, que o não atingiram [...]».²⁵⁶ Como o anterior ataque falhou, no dia seguinte o mesmo grupo voltou a atacar João Brandão, que seguia acompanhado, de entre outros, com o seu irmão António Brandão, fazendo-lhes uma emboscada detrás duns pinheiros, no Alto do Veríssimo. Este ataque desencadearia a abertura de processos crime contra os atacantes no julgado de Tábua. As testemunhas arroladas, confirmariam as acusações do queixoso João Brandão. Entretanto, os ofendidos, desistiriam das ações crime, concedendo o perdão aos acusados. Devido à desistência desta querela, as pazes entre João Brandão e os Brandões de Midões estavam feitas, temporariamente, como veremos mais tarde. Se os primos de João Brandão não seriam julgados, o mesmo não aconteceria com o Ferreiro de Várzea, que ficaria isolado indo a julgamento.²⁵⁷ E como a chama do ódio de João Nunes em relação a João Brandão não se extinguía, voltaria a atacá-lo por várias vezes, como sucederia na feira de Viseu, aqui acompanhado pelo grande celerado, o Boa-Tarde Junior. João Brandão salvar-se-ia de mais este ataque com alguns ferimentos, mas do qual resultaria morto o seu amigo António Sousa Abranches. Segundo Dias Ferrão, é devido a esta instabilidade provocada na Beira, pelo

²⁵⁴ “Depois da revolução de setembro, deixou-se aliciar nas hostes dos Brandões de Midões, que procuravam crear prosélitos para a lucta feroz que iam travar contra os seus adversários, e, nomeadamente, contra os seus parentes do Casal da Senhora.” (Ferrão, *op. Cit.*, cap. XI)

²⁵⁵ Ferrão, *op. Cit.*, cap. XI

²⁵⁶ *Ibid.*

²⁵⁷ *Ibid.*

Ferreiro de Várzea, que o ministro do reino, Rodrigo da Fonseca, chama a Lisboa João Brandão.

É, por isso, com o objetivo de pacificar a Beira, que após ouvir João Brandão, este ministro mandaria pôr em prática as deliberações constantes na portaria de 10 de Setembro de 1853. A mesma portaria, que M. de Carvalho atrás declarou ter servido como um excelente expediente arranjado entre as autoridades locais e João Brandão, de forma a se verem livres do incómodo, que para as suas aspirações representaria João Nunes. A fim de escapar a esta perseguição, João Nunes, acompanhado pelo seu irmão mais novo, Miguel Nunes Jorge, tentariam fugir para a Espanha. Quando tentavam descansar numa casa situada no lugar da Catraia da Fonte de Espinho, no antigo concelho de Feijão, foram surpreendidos por alguns homens do bando de João Brandão, que feriram gravemente João Nunes num braço. Ajudado pelo irmão, que muitas vezes teve que o carregar às costas, o Ferreiro de Várzea conseguiu chegar, finalmente, cerca das quatro da manhã, a um abrigo na localidade de Bemfeita, concelho de Arganil, onde estes sabiam existir dois curandeiros para tratar o ferido.²⁵⁸

Para Martins de Carvalho, foi um destes homens, José da Fonseca, barbeiro de profissão (barbeiro era um tipo rudimentar de cirurgião), que traiu o Ferreiro, delatando o seu paradeiro ao grupo de João Brandão. João Nunes e o irmão, escondidos no palheiro de António Quaresma que lhes forneceu alguns alimentos, não imaginavam que os seus perseguidores já os haviam localizado e se aproximavam rapidamente do derradeiro capítulo da caçada ao Ferreiro. Passadas algumas horas, os hóspedes do palheiro, foram, desagradavelmente, surpreendidos por um barulho junto à porta, aparecendo José de Brito e José de Matos, que de imediato lhes apontaram as armas e lhes davam ordem de prisão. De seguida surgiram João Brandão e José Ramos "o Anjinho", e ouviu-se um disparo, sendo de um deles o tiro que alvejou o Ferreiro mortalmente no coração. Para Martins de Carvalho, João Brandão foi sem qualquer margem para dúvidas o autor do homicídio, enquanto que para Dias Ferrão, o autor do crime, teria sido José Ramos - "o Anjinho". Para este autor, interessava mais a João Brandão capturar o Ferreiro vivo, para obrigá-lo a depor no tribunal.

²⁵⁸ Álvaro Costa, *op. Cit.*, cap. IV

João Brandão achava que o Ferreiro não passava de um testa de ferro dos seus inimigos.²⁵⁹ Seria uma forma de obrigar João Nunes a denunciar quem o estava a proteger, e também a instigar e a armar contra ele. A verdade, é que João Brandão começou-se a preocupar com o facto desta morte ter acontecido dentro do perímetro de jurisdição do concelho de Arganil, onde as autoridades judiciais lhe eram muito adversas. Devido a este motivo, João Brandão ordenou que carregassem o cadáver do Ferreiro para o concelho de Avô: «*Foi por este facto que ordenou ao irmão da vítima que o carregasse para cima de um cavalo e o fosse deixar junto à cruz de Anceriz, local que ficava sob a jurisdição da comarca de Avô*».²⁶⁰

Foi neste momento e neste local que João Brandão terá cometido um dos atos mais hediondos da sua vida e que mais o aproximam do perfil de bandido. A profanação de um cadáver afasta, inexoravelmente, qualquer um que pretenda ascender ao panteão dos heróis «*e já com o cadáver estendido junto à referida cruz, foi ainda alvejado com vários tiros que o irmão pôde testemunhar, [...]*».²⁶¹ João Brandão, com esta série de tiros queria iludir as autoridades de Avô e fazê-las pensar que o crime tinha sido ali perpetrado. O espectáculo dantesco ainda não tinha terminado, pois, quando o cadáver ia sendo transportado pelo cavalo, os homens de João Brandão iam anunciando: «*Quem quer carne fresca?*»²⁶² João Brandão seria alvo de uma receção apoteótica por ter prestado mais este "serviço à população".²⁶³ Contudo, isso não impediria que fossem acusados pela morte do Ferreiro de Várzea de Candosa e julgados no tribunal da comarca de Arganil sete anos depois, João Victor da Silva Brandão, José de Matos e José de Brito, que seriam absolvidos pelo juiz Joaquim José da Mota, em 19 de Abril de 1861, após um longo e conturbado processo judicial. M. de Carvalho, critica fortemente este juiz, da comarca de Arganil, por ele ter sido bastante complacente com o “celerado” João Brandão.²⁶⁴

²⁵⁹ “Este malvado que em vida achava todo o apoio e toda a proteção nas autoridades locais, ainda agora depois de morto desperta nas autoridades superiores, por insinuação dos que o protegiam e mandavam, sentimentos de vingança e perseguição contra quem se viu forçado por defeza própria, no acto da prisão, a fazer desaparecer da face da terra uma existencia tão cheia de crimes e atrocidades!!” (Ferrão, *op. Cit.*, cap. XIII)

²⁶⁰ Álvaro Costa, *op. Cit.*, Cap. IV

²⁶¹ *Ibid.*

²⁶² *Ibid.*

²⁶³ “João Brandão que foi recebido em triunfo pela população.” (*Ibid.*)

²⁶⁴ “João Brandão entrara em Arganil com grande comitiva; e o juiz de direito permittiu a este assassino e aos seus dois sócios que se recolhessem á sala livre, onde eram visitados por muita gente e muitos cavalheiros,

João Brandão e os seus protectores ter-se-ão valido de todos os meios, até de ameaças e corrupção sobre as testemunhas e os jurados, de molde a que os assassinos do Ferreiro fossem absolvidos, afirmando que algumas das testemunhas cometeram perjúrio:

Se o juiz de direito da comarca de Arganil, Joaquim José da Motta, e o respectivo jury, assim tivessem procedido com as abjectas testemunhas que torpemente depozeram na audiência em abril de 1861, já o paiz não teria presenciado a indignissima absolvição do grande sicário João Brandão; [...].²⁶⁵

Este autor, também não deixa de censurar as autoridades judiciais, pelo tratamento de excepção dispensado ao “sicário” João Brandão, primeiro, na prisão de Arganil e, depois, durante o seu breve cativeiro na prisão de Coimbra. Achamos bastante relevante não deixar de frisar que Martins de Carvalho nunca esconde a profunda antipatia que dispensa aos Brandões do Casal da Senhora. É recorrente em alusões negativas não só a João Brandão, como ao seu pai e seus irmãos. Isso pode ser confirmado em várias passagens dos *Assassinos da Beira*. Este jornalista também nunca escamoteia a sua vontade em ver João Brandão condenado com a pena máxima. Vejamos, igualmente, que Martins de Carvalho até se ufana de utilizar o seu periódico como um instrumento na batalha que levava a cabo para derrotar João Brandão. Vai ao ponto de escrever que utilizava o seu jornal como um meio para pressionar as autoridades da Beira, incluindo o governador civil de Coimbra, de modo a prenderem e fazerem condenar o seu inimigo João Brandão.²⁶⁶

João Brandão, durante vários anos em fuga, soube escolher o momento certo, em que as circunstâncias do julgamento lhe pudessem ser mais favoráveis, para se entregar à justiça: “Tinha finalmente chegado a ocasião, por João Brandão julgada oportuna para se apresentar na cadeia de Arganil; e dizemos oportuna porque assim a classificou este sicário,

havendo alli diariamente grandes jantares, a que assistiam muitos dos apaniguados de João Brandão. Era uma verdadeira orgia. Mostrava-se grande desejo de fazer correr o processo a vapor, e assim era necessário para os réus poderem ser julgados no mez de outubro ou no principio de novembro.” (Carvalho, *op. Cit.*, cap. XIV)

²⁶⁵ Carvalho, *op. Cit.*, cap. XLV

²⁶⁶ “Ia-se, portanto, preparando o grande escândalo da absolvição dos assassinos. Desde que os sicários se haviam apresentado na cadeia de Arganil, aproveitando a oportunidade que se lhes oferecia para o julgamento e absolvição, não cessávamos com os nossos enérgicos artigos no Conimbricense, prevenindo o governo e o paiz do attentado que ia practicar-se n'aquella comarca. Em vista dos escândalos que se estavam praticando em Arganil, e dos mais que se preparavam, exigimos da maneira mais positiva a transferencia dos assassinos para a cadeia de Coimbra até á ocasião do seu julgamento. De accordo com as nossas reclamações e as ordens superiores, o governador civil determinou a transferencia dos sicários para esta cidade, e com esse fim marchou para Arganil uma força de cavallaria e outra de infantaria.” (Carvalho, *op. Cit.*, cap. XIV)

numa carta que por esse tempo lhe publicou um periódico de Coimbra.”²⁶⁷ Desta forma, *O Conimbricense* continuava na pegada de João Brandão, e não se cansava de publicitar os escândalos que se praticavam na Beira; assegurando que os assassinos tinham altos protectores: tanto do aparelho político como do judicial.

O caso da morte do Ferreiro de Várzea é um dos casos que faz uma demarcação bem vincada entre os autores que atacam e os que defendem João Brandão. Ou seja, aqueles que com os seus escritos contribuíram para lhe moldar uma imagem de bandido e os outros que repudiaram a criação desse arquétipo. As três próximas citações ilustram bem como Martins de Carvalho retratava João Brandão e como ele tudo fazia para que João Brandão fosse condenado pela morte do Ferreiro de Várzea. Na primeira, denuncia as fortes alianças que João Brandão tinha e que o protegiam. Expõe o grande poder que, por esta altura, ele usufruía na Beira. Como ele punha e dispunha. Denuncia as altas solidariedades que o auxiliavam.²⁶⁸ Na segunda, mostra como o poder judicial estava ao seu serviço.²⁶⁹ Na terceira, alerta as autoridades governamentais para a falta de justiça que imperava na Beira, avisando que não frenará os seus esforços no sentido de João Brandão, e os seus sequazes pagarem por toda a sorte de crimes que têm cometido na beira.²⁷⁰

Dias Ferrão, foi dos primeiros autores a insurgir-se contra esta forma persecutória de como Martins de Carvalho retratava João Brandão nos seus escritos, dizendo que não seguia uma conduta ética como jornalista quando se referia a João Brandão.²⁷¹ Álvaro Costa em

²⁶⁷ *Ibid.*

²⁶⁸ “João Brandão entrara em Arganil com grande comitiva; e o juiz de direito permittiu a este assassino e aos seus dois sócios que se recolhessem á sala livre, onde eram visi-tados por muita gente e muitos cavalheiros, havendo alli diariamente grandes jantares, a que assistiam muitos dos apaniguados de João Brandão. Era uma verdadeira orgia.” (Carvalho, *op. Cit.*, p. 70)

²⁶⁹ “O juiz de direito Joaquim José da Motta, contrariando o delegado e favorecendo os réus, marcou apenas metade do tempo por elle requerido para a inquirição da testemunha de Loanda; pelo que o delegado aggravou para a relação do Porto.” (Carvalho, *op. Cit.*, p. 71)

²⁷⁰ “Desde que os sicários se haviam apresentado na cadeia de Arganil, aproveitando a oportunidade que se lhes offerencia para o julgamento e absolvição, não cessávamos com os nossos enérgicos artigos no *Conimbricense*, prevenindo o governo e o paiz do attentado que ia practicar-se n'aquella comarca.” (*Ibid.*)

²⁷¹ “Mas não era isso empreza fácil, porque o seu director, Joaquim Martins de Carvalho, era um puritano teimoso, e a sua pena era uma espada, cujos fios se não embutavam no combate.” (Ferrão, *op. Cit.*, p. 242)

João Brandão o Herói da Beira comunga desta visão de Dias Ferrão acusando igualmente Martins de Carvalho de ser um dos maiores responsáveis pela diabolização de João Brandão.²⁷² Para estes dois autores João Brandão é apenas um produto das suas circunstâncias. Dias Ferrão contesta as reiteradas catalogações de cariz negativo, como de assassino, sicário etc., feitas por Martins de Carvalho a João Brandão. Dando mesmo o exemplo de quando durante a guerra da Patuleia ele teve um ato de grande clemência para o seu antigo mestre escola, o professor primário Bento Inácio Duarte de Almeida e a sua mulher, visto que, naquele momento, se situavam em trincheiras ideológicas completamente opostas.²⁷³ Todavia, algumas fontes vão contra as teses de Dias Ferrão, considerando Martins de Carvalho como um dos maiores jornalistas da época, senão o maior, e um exemplo de verticalidade no seu ofício.²⁷⁴ É devido a estas posições antagónicas que resta questionar se a grande aversão de Martins de Carvalho para com os Brandões do Casal da Senhora não teria uma raiz de índole política. Serem adversários inconciliáveis no processo da revolução da Patuleia?²⁷⁵ Uma origem que estivesse no facto de João Brandão ser cartista e Martins de Carvalho ser setembrista. O jornalista pertenceu ao Partido Patuleia e esteve preso, em 1847, por ter participado na guerra com o mesmo nome. Neste conflito, os Brandões do Casal da Senhora participaram do lado da Rainha,²⁷⁶ enquanto Martins de Carvalho lutou contra o

²⁷² (Álvaro Costa, *op. Cit.*, cap. VII)

²⁷³ “Um dos principais inimigos que então tinha João Brandão, era aquele que o tinha ensinado a ler. O professor primário Bento Inácio Duarte de Almeida. [...] O senhor Bento, se tivesse a infelicidade de cair nas suas mãos, como acaba de cair nas minhas, eu era com certeza votado á morte? [...] Muitos dêstes lances de nobreza e generosidade teve João Brandão com alguns dos seus mais irreconciliáveis inimigos, como eles próprios foram obrigados a reconhecer e a confessar no seu último julgamento.” (Ferrão, *op. Cit.*, cap. VIII)

²⁷⁴ Maltez, José Adelino - *Joaquim Martins de Carvalho*. [Em linha]. Almocreve das Petas [blog]: 2003. Atual.: s.d. [Cons. em 08-08-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://maltez.info/respublica/portugalpolitico/classepolitica/carvalhojoaquimmartinsde.htm>>

²⁷⁵ “Os setembristas ou patulêas, que se viram ludibriados, levantaram o grito da revolta popular em Coimbra, tendo por pontos de junção as vilas de Góis e Condeixa, e conseguiram sublevar a cidade invicta, onde formaram a Junta Provisória do Govêrno, sob a presidência do Conde das Antas, antigo cabo de guerra miguelista” (Ferrão, *op. Cit.*, cap. VIII)

²⁷⁶ “João Brandão, que tinha tomado parte nesta campanha com o Batalhão de Midões, ainda em 1846 voltou a ser chamado para ir combater os patulêas. E quando ia próximo de Lagares com o administrador do Carregai,—o facínora António Soares de Albergaria, acompanhado de uma fôrça de infantaria 14, recebeu ordem do general da divisão, José de Barros Abreu, Barão do Casal, para se recolher a sua casa, seguindo a fôrça para Vizeu, porque a revolução estava terminada estando toda a Beira no domínio da Junta Provisória, do Pôrto.” (*Ibid.*)

poder instituído. Lutou contra o cabralismo ao serviço do Partido Patuleia. Segundo algumas fontes, Martins de Carvalho bateu-se sempre pela democracia/liberdade,²⁷⁷ bem como pela limpeza da Beira dos assassinos que a dilaceravam.²⁷⁸ Serão estas incompatibilidades ideológicas que desencadeiam a acidez da escrita de Martins de Carvalho acerca de João Brandão?

3.1.4 De uma imagem arquetípica de Bandido

Como anteriormente afirmámos, a morte (para roubar) atribuída a João Brandão que mais contribuiu para a sua representação como bandido e culpado foi a morte do padre Portugal. Este acontecimento é o solo que irá construir a imagem arquetípica de Brandão como Bandido, *quicá* herói, que correrá nos textos e no imaginário popular. Foi este processo judicial que levou João Brandão a ser condenado à pena máxima. Foi este alegado homicídio do padre Portugal que o obrigou a deixar a sua família em Portugal e o enviou para o degredo em Angola. Contudo, este processo, para muitos não obedeceu aos requisitos indispensáveis que devem estar subjacentes a um processo judicial. Para muitos João Brandão pagou neste processo pela morte do padre Portugal por tudo de mal que teria feito no passado. E é precisamente pela eventual condenação injusta de João Brandão, que, ainda hoje, muitos defendem a sua inocência.

João Brandão, estava agora prestes a completar 37 anos, e depois de durante sete anos andar em fuga para fugir à perseguição das autoridades judiciais devido à sua acusação no processo pela morte do Ferreiro de Várzea de Candosa, decidiu que era hora do descanso do guerreiro. No intuito de organizar a sua vida, decidiu casar com Ana Correia Nobre, de Candosa, que além de ser uma distinta senhora, era igualmente detentora de uma apreciável

²⁷⁷ “Na luta contra o cabralismo [...] irá evidenciar convicções políticas da maior intransigência democrática, batendo-se na primeira linha pelas reclamações do chamado “partido patuleia”. Entre Fevereiro e Junho de 1847 paga no cárcere do Limoeiro o tributo do seu indefetível amor à Liberdade [...] desempenhará também um papel muito ativo no ano seguinte, quando em Coimbra decorrem secretamente os trabalhos de organização da Carbonária Lusitana.” Costa, Rodrigues (2015), A Cerca de Coimbra. *Coimbra e as suas personalidades: Joaquim Martins de Carvalho* [em linha], [cons. em 08-08-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://acercadecoimbra.blogs.sapo.pt/coimbra-e-as-suas-personalidades-33203>

²⁷⁸ “[...] desferiu os mais certos golpes contra o banditismo que infestava a região das Beiras, invetivando a impunidade criminosa dos malfeitores João Brandão e António Rodrigues, o “Boa tarde” [...] que chegaram mesmo a projetar a sua eliminação física...” (*Ibid.*)

fortuna. No entanto, em Julho de 1864, quando participava numa festa em Vila do Mato, em casa do seu amigo José Soares de Albergaria Pereira, viu-se embrenhado numa acesa discussão política, que o iria fazer regressar às disputas eleitorais:

E no meio de uma acalorada discussão política com o candidato do governo, pelo círculo de Arganil, Dr. António Abílio Gomes da Costa, às eleições gerais, entrou em desacordo de ideias dado a prepotência do referido candidato, jurando ali mesmo que para ser eleito teria de o ter como adversário político.²⁷⁹

Esta reviravolta na sua decisão voltar-lhe-ia a trazer grandes dissabores, como inimizades e rivalidades, por parte daqueles candidatos que João Brandão ajudava a derrotar.²⁸⁰ E tudo indica que foram estes candidatos derrotados pela influência de João Brandão, que numa atitude revanchista, o vão fazer pagar, agora, por todos os seus crimes do passado com um crime que não terá cometido: a morte do padre José da Anunciação Portugal.²⁸¹

Este clérigo, era capelão e administrador dos bens do Visconde de Almeidinha. O Visconde (João Carlos do Amaral Osório de Sousa Pizarro), possuía em Várzea de Candoza uma casa, onde tinha uma sua íntima amiga (amante), de 36 anos, D. Rosa Cândida de Nazaré e Oliveira. Os boatos, que se iam avolumando, sobre o comportamento menos recomendável desta bela senhora, levaram o visconde a incumbir o padre da venda de todos os bens que possuía naquela região, incluindo esta casa. O padre trazia consigo uma carta de apresentação dirigida a João Brandão, que desde logo ficou comprador das propriedades do Visconde, que lhe custariam um conto de réis. Quando estava hospedado nesta casa para tratar da sua venda o padre seria misteriosamente assassinado por desconhecidos: *«foi na véspera de 31 de Março de 1866, que por volta da meia-noite, quando o padre se encontrava a dormir, o seu quarto foi invadido por três homens armados, de rostos cobertos [...]»*.²⁸² É ainda de assinalar, que sobre esta transação, que resultou na compra da terra de rega e da casa onde vivia a D. Rosa, logo surgiu o rumor de que João Brandão estaria perante um

²⁷⁹ Álvaro Costa, 2001, cap. IV

²⁸⁰ “Seria esta forma frontal e decidida de combater os seus adversários políticos, derrotando-os à beira das urnas, que contribuiria para o aumento dos seus inimigos, que nunca lhe perdoariam o arrojo e que viam nele um alvo a abater.” (*Ibid.*)

²⁸¹ “A liberdade de João Brandão estava presa por um fio.” (*Ibid.*)

²⁸² Álvaro Costa, *op. Cit.*, cap. IV

processo crime por burla. Muitos duvidaram da credibilidade desta transação, aventando que as terras pertenceriam à Igreja. João Brandão seria inocentado de mais esta acusação.²⁸³

Dias Ferrão não acredita que tenha sido João Brandão a organizar este assassinio, até porque era ele que informava o padre acerca dos melhores caminhos a percorrer, de maneira a não ser assaltado, quando este se deslocava a Aveiro para entregar o dinheiro da venda das propriedades ao Visconde: «aconselhado por João Brandão a não passar por determinados caminhos onde pudesse ser assaltado».²⁸⁴ Que João Brandão não foi o autor material do crime é praticamente consensual, já que ele por volta das onze horas da manhã, chegou, vindo de Avô, onde se encontrava hospedado em casa do Dr. Bernal da Costa Godinho a passar a Semana Santa.

Seguindo os escritos de Dias Ferrão, parece-nos que ele quer fazer passar a ideia de que se teriam formado um conjunto de vontades de maneira a fazer condenar João Brandão. Se não vejamos: o administrador de Tábua, José Maria das Neves Rebelo Veloso «*que incompreensivelmente não daria início a qualquer investigação sobre o crime, facto que causou alguma estranheza*»²⁸⁵; e o delegado da referida comarca, Dr. António José de Carvalho Montenegro, em vez de se preocuparem com este caso, passaram o resto do dia, em Mouronho, em pura diversão, ao mesmo tempo que o clérigo estava em grande sofrimento, aguardando o seu último suspiro.²⁸⁶ As dúvidas sobre os verdadeiros autores desta morte, eram mais que muitas: «*Passaram cerca de três semanas e as autoridades de Tábua nada adiantavam, relativamente às investigações sobre o crime que tinha vitimado o padre Portugal.*»²⁸⁷. Foi então o momento adequado para que todos aqueles que não gostavam de João Brandão urdissem um plano para incriminá-lo. Para concretizar este objetivo de condená-lo, começaram por fazer chegar às mãos do governador civil de Coimbra, Dr. João da Câmara, várias cartas anónimas a denunciar João Brandão como principal responsável pela morte do padre Portugal.

²⁸³ *Ibid.*

²⁸⁴ *Ibid.*

²⁸⁵ *Ibid.*

²⁸⁶ *Ibid.*

²⁸⁷ Álvaro Costa, *op. Cit.*, cap. V

Entretanto, a conjura que conseguiria a prisão de João Brandão teria uma matiz política: Luis Pereira Abranches, administrador de Oliveira do Hospital, (filho de um conhecido absolutista), adversários dos Brandões do Casal da Senhora, pediu, no dia 4 de Maio de 1866, ao administrador de Tábua, Rebelo Veloso, ordem de prisão contra João Brandão. É preciso esclarecer que não existia qualquer processo instaurado sobre ele. Rebelo Veloso respondeu afirmativamente ao administrador de Oliveira do Hospital (passando-lhe o mandado de captura de João Brandão), depois de consultar alguns inimigos de João Brandão que viam nele um adversário político a eliminar.²⁸⁸

Junto ao mercado de Lourosa, uma força de cem homens armados e comandados pelo administrador de Oliveira do Hospital, Pereira Abranches, no dia 4 de Maio de 1866, prenderia João Brandão, quando este estava na casa do vigário desta povoação. No caminho até Tábua, muitos dos homens que compunham a força que prendeu João Brandão, deram-lhe oportunidade para fugir. Ele foi sempre recusando, até que quando estacionaram em Vilela, para descansarem, pensando melhor nas circunstâncias em que se via, decidiu aceitar a oferta de fuga, todavia, ao tentá-lo, saltando de uma janela, torceu um pé, o que o impediu de se afastar para muito longe, sendo encontrado pelo soldado Agostinho Meireles, de Travanca de Lagos, que o recapturou e o fez regressar ao local donde tinha fugido. Desta forma, João Brandão não poderia escapar ao seu destino, um cativo arbitrário na prisão de Tábua sem culpa formada.

Recorremos novamente ao prefácio de *João Brandão o Terror da Beira*, de Castro Pinto, porque achamos que ele mostra como este caso de homicídio e o consequente processo judicial foi a forma dos inimigos de João Brandão o fazerem pagar por tudo de errado que alegadamente tenha feito ao longo da sua vida. Foi, desta forma, que João Brandão foi, inevitavelmente, acusado da autoria moral deste crime: «*Mas os seus próprios inimigos que o odiavam e só ambicionavam sacrificá-lo dizem que era preciso castigá-lo, que há "indícios" de que foi ele o criminoso, mas também dizem que, provas, não há [...]*».²⁸⁹

²⁸⁸ “Foi após esta conjúria, que o administrador de Tábua mandou passar o mandato de captura e o entregou ao Dr. Luis Pereira Abranches”. (*Ibid.*)

²⁸⁹ Pinto, 2004, prefácio

Já Martins de Carvalho não tem qualquer dúvida que João Brandão e os seus “sequazes” foram os autores do assassinio:

Em a noite de 30 para 31 de março de 1866 foi morto e roubado em Várzea de Candosa, concelho de Taboa, o padre José da Anunciação Portugal, procurador do visconde de Almeidinha. [...]Os assassinos e ladrões foram Antonio Brandão, irmão de João Brandão, o celebre sicário José de Mattos, agente do mesmo João Brandão em todos os crimes que este lhe mandava praticar, e um certo Brito Penalva.²⁹⁰

O diretor do *O Conimbricense*, coevo dos acontecimentos, no capítulo atrás referenciado, apresenta, à sua maneira, todos os detalhes do processo que resultou no crime:

Da uma hora para as duas da madrugada de 31 os três salteadores que acima apontamos, embuçados, abriram a segunda porta da varanda, pelo lado da entrada principal, com uma pua, dirigindo-se ao quarto onde dormia o infeliz padre. Quando este acordou, viu logo apontados á queima roupa dois bacamartes, ao passo que o terceiro salteador lhe tirava do fato a chave da gaveta.²⁹¹

Este jornalista até consegue narrar o momento exacto do tiro fatal, com todos os pormenores: «*Foi ueste momento que dois dos facínoras, postados nos humbraes da porta do quarto, desfecharam sobre elle, feriu-do-o mortalmente com duas balas, que entraram perto do coração e sahiram pelo lado opposto.*»²⁹²

Resta questionar: como Martins de Carvalho teve acesso a todos estes detalhes do crime? Ou o que ele escrevia sobre o caso, não passa de ficção, e uma profunda má vontade, contra João Brandão? Contudo, esta sua citação: «*D. Rosa Cândida Nazareth de Oliveira, que vivia na mesma casa, acorda sobresaltada com a detonação, e vê ainda os vultos dos sicários fugindo em tropel.*»²⁹³ parece-nos encerrar a chave deste homicídio. Na realidade, esta senhora deveria estar a par de todas as manobras que levaram à execução e consumação do crime. Certamente que para alguém conseguir fazer a preparação do crime de maneira tão minuciosa teve de ter a colaboração de terceiros do interior da casa. Como puderam desaparecer na noite fatídica (30 para 31 daquele mês e ano) os cães que existiam na casa onde o sacerdote foi morto e roubado? São factos como estes que indiciam que este crime terá sido executado com premeditação; tal como as mossas ou sinais feitos na porta da entrada da casa, precisamente no lugar onde passava a tranca e onde se terá feito com uma

²⁹⁰ Carvalho, *op. Cit.*, cap. XLV

²⁹¹ *Ibid.*

²⁹² *Ibid.*

²⁹³ *Ibid.*

púa o arrombamento. É neste quadro de solidariedades que surge José de Matos, um amante de dona Rosa, como principal suspeito da perpetração do crime. Esta senhora poderá ter colaborado no homicídio, até porque estava descontente pelo facto do Visconde Almeidinha ir vender a casa em que vivia. Reforçando esta tese, estão duas alegadas frases proferidas a seguir aos tiros que vitimaram o padre Portugal. A frase de D. Rosa: «*Estou infeliz e desgraçada!*»,²⁹⁴ bem como uma das últimas frases que o padre Portugal terá proferido, perto da sua morte: «*Ai! Senhora D. Rosa que foi causa da minha morte!*»²⁹⁵

A conjuntura política na Beira, tinha mudado radicalmente. Estes já não eram tempos como aqueles em que João Brandão era incumbido pelos mais altos governantes para prestar serviços ao reino. Já não eram os tempos em que foi coberto pelos mesmos governantes de glória, em que recebeu louvores e condecorações oficiais, como, por exemplo, aquando da captura do Ferreiro de Várzea. Segundo Martins de Carvalho era generalizada a convicção na Beira de que João Brandão tinha sido o mandante do homicídio do padre Portugal. Não surpreendeu, então, que João Brandão fosse preso no dia 7 de maio de 1866, em Lourosa, pelo administrador do concelho de Oliveira do Hospital, o bacharel Luís Pereira de Abranches. De nada valeu a João Brandão ter testemunhas que podiam certificar que ele, na noite do crime, não estaria nesse local, mas sim em Avô, junto de um amigo, a passar a sexta-feira santa. Para o diretor do *O Conimbricense*, João Brandão planeou esta deslocação a Avô, de modo, a não ser acusado do crime.²⁹⁶ Ao contrário do verificado anteriormente, a partir de agora, os condecorados seriam os seus capturadores. Diante deste novo quadro de poder na Beira assistir-se-ia, sem surpresa, às condecorações dos dois homens que mais terão contribuído para meter João Brandão na cadeia, ou seja, o administrador do concelho de Tábua, José Maria das Neves Veloso, e Luís Pereira de Abranches, o administrador do concelho de Oliveira do Hospital:²⁹⁷ «*O juiz de direito de Taboa, o bacharel João Vasco*

²⁹⁴ Pinto, 2004, cap. XV

²⁹⁵ *Idem: ibidem*

²⁹⁶ “[...]que de propósito fora passar a noite de sexta-feira santa, em que se praticou o crime, a casa de um amigo de Avô [...]” (Carvalho, 2004, cap. XLV)

²⁹⁷ “Por decreto de 17 desse mez, referendado pelo ministro do reino, Martens Ferrão, foi o administrador de Oliveira do Hospital, bacharel Luiz Pereira de Abranches, agraciado com a ordem da Torre e Espada, do valor, lealdade e mérito pelos bons e valiosos serviços que havia prestado na perseguição dos indivíduos indicados como criminosos...” (Idem: *ibidem*)

*Ferreira Leão, por despachos de 19 de maio e 16 de junho de 1866, decidiu pronunciar os quatro réus, João Brandão, António Brandão, José de Mattos e Brito Penalva.»*²⁹⁸

João Brandão, encontrava-se enfim, para gáudio, dos seus inimigos, preso. Deambulava entre as prisões de Tábua, Coimbra e Porto. Os seus advogados desdobravam-se na tentativa da sua libertação, tentando vários recursos, mas sem êxito. Vejamos como M. de Carvalho, um defensor intransigente da imparcialidade da justiça (ou da sua justiça), apreciava esses recursos: «*A relação do Porto, onde os assassinos da Beira sempre tinham achado a protecção mais decidida e escandalosa, excepcionalmente não atendeu d'esta vez ao agravo de João Brandão. Os brados da imprensa e da opinião publica alguma coisa conseguiram*».²⁹⁹

A opinião pública e a imprensa a condicionar a invulnerabilidade da justiça. Era esta a justiça que Martins de Carvalho preconizava, uma justiça que cedesse às pressões populares. Conseguiram. E foi, na verdade, uma justiça, completamente afastada de todos os princípios basilares que devem presidir a qualquer justiça autêntica, aquela que iria condenar o "desventurado" de Midões.

Foram requisitados para decidir sobre a sentença, doze jurados da comarca de Tábua, doze jurados da comarca de Coimbra e doze da comarca de Santa Comba-Dão. Muitos destes jurados, tal como as testemunhas de acusação, eram ou tinham sido, no passado, adversários políticos e inimigos de João Brandão, como exemplifica o nomeado para jurado: Agostinho Vaz Pato Abreu e Castro, que se tinha degladiado com ele, nas lutas entre as guerrilhas liberais e absolutistas. Segundo Martins de Carvalho: «*O jury procedeu com a máxima independência, dando um grande exemplo de moralidade*».³⁰⁰

João Brandão e os outros três réus seriam condenados à pena de morte, todavia, comutada, devido a uma revisão na constituição, para degredo, por toda a vida, em África. Martins de Carvalho deu largas ao seu contentamento, por esta decisão judicial: «*Assim se viu, finalmente, desagradada a sociedade offendida. Já era tempo de se practicar um grande*

²⁹⁸ *Ibid.*

²⁹⁹ *Ibid.*

³⁰⁰ Carvalho, 2004 XLV

*acto de justiça! Honra ao digníssimo jury reunido em Taboa!»*³⁰¹ Como podemos ver, o jornalista não se exime de exprimir a sua opinião "imparcial": «*Longos annos tinham luctado o Observador e O Conimbricense até se conseguir este feliz resultado de incessantes fadigas e não vulgar energia.*»³⁰²

Depois do que vimos documentado, restam poucas dúvidas, de que a acusação, em forma de conluio, pela misteriosa morte do padre Portugal revelar-se-ia como o acontecimento decisivo na vida de João Brandão e que traçaria o seu destino, provocando a sua condenação e subsequente degredo para a África. Entretanto, as consequências por esta condenação, teriam continuação em terras africanas, onde ainda iria sofrer um fim de existência muitíssimo tormentoso.

Parece-nos inequívoco, que o principal modelador da imagem de João Brandão com cambiantes bastante negativas, foi Martins de Carvalho, contribuindo fortemente para a sua diabolização perante a opinião pública e consequente condenação pelos tribunais. O diretor de *O Conimbricense* chega a dizer que João Brandão por uma vez se dirigiu ao seu jornal em forma de intimidação «*esta foi a única vez que o assassino João Brandão teve o atrevimento de se nos dirigir por escripto*». ³⁰³ O jornalista prossegue, dando a entender que João Brandão e os seus protetores compravam os restantes órgãos de comunicação: «*Em logar d'isso elle e os seus alliados e protectores iam despejar em certa imprensa periódica de Aveiro e Coimbra, que a esse indigno mister se prestara, toda a qualidade de insultos e infâmias contra nós.*»³⁰⁴

3.2. Imprensa, testemunhos e acontecimentos da época que moldaram a imagem do Remexido

«*Era um homem levantado acima da craveira vulgar. Tinha em si a alma e o estofo de um herói.*»³⁰⁵

³⁰¹ *Ibid.*

³⁰² *Ibid.*

³⁰³ Carvalho, 2004, cap. VII

³⁰⁴ *Ibid.*

³⁰⁵ Pinto, 2005, prefácio

Estas são palavras que lhe dedica um seu adversário liberal, José Gascon. Como vemos, são inúmeras as citações que podemos encontrar de carácter laudatório acerca da figura do Remexido. Esta foi tirada do prefácio do livro *O Remexido, Entre a Guerra e o Amor*.

A figura de José Joaquim de Sousa Reis, conhecido pela alcunha de Remexido, suscitou grande repercussão, merecendo abundantes referências jornalísticas, literárias e históricas, que primam na quase totalidade pelo seu pendor apaixonado. Encarado por uns como herói romântico, que tudo sacrificou ao serviço da causa de D.Miguel, foi por outros considerado como chefe cruel de bandos de salteadores, que desde 1833 ensanguentaram o Algarve com as suas atrocidades, principalmente, as inesquecíveis chacinas de Loulé e de Albufeira.³⁰⁶

Certamente, que atraído pelas dramáticas vicissitudes da sua vida, também Camilo lhe dedicou algumas páginas num dos seus mais notáveis romances, *A Brasileira de Prazins*,³⁰⁷ (escrito em 1882, não obedecendo já aos cânones românticos, mas sim à nova estética realista, que Camilo antes, tanto tinha desdenhado). Apesar de ser ficção, a verdade é que traça um quadro muito aproximado da figura do Remexido. Pensamos, por isso, que este romance também pode ser considerado um importante documento histórico, porque não se caracteriza ou se reduz apenas ao seu valor estético/ficcional. É de realçar igualmente algumas das suas passagens com valor historiográfico. Vamos, por tal facto, analisar algumas citações contidas neste romance. Camilo através da correspondência da sua personagem Venâncio Borges para o pai, apresenta um facto histórico verídico, que foi a forma obstinada como José Joaquim de Sousa Reis se bateu para reaver o trono para D. Miguel:

Veríssimo Borges escreveu ao pai, a dar-lhe parte do seu heróico destino: que advogasse a sua nobre causa na presença da tia Águeda, e lhe dissesse que ele não podia largar a espada vencida enquanto visse no campo brilhar o ferro de um realista. Que o general Sousa Reis estava destinado a repor o Sr. D. Miguel I no trono, ou ser o último a morrer em sua defesa; que ele e um seu amigo e camarada tinham saído de Braga juramentados a morder o pó onde caísse o seu general.³⁰⁸

³⁰⁶ “O contumaz Remexido, que ficou ligado à História do Algarve como um idealista para uns e um bandoleiro sem escrúpulos para outros, é uma figura algarvia que merece um estudo objectivo à luz da realidade e enquadrado na época conturbada em que viveu.” (Chagas, 1997, p. 11-apresentação)

³⁰⁷ Castelo Branco, Camilo. *A Brasileira de Pranzins*. [em linha] s.l.: Luso Livros, [cons. em Fev. 2017]. Disponível em: <URL: <https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/03/A-Brasileira-de-Pranzins.pdf>>

³⁰⁸ *Ibid.*: pp. 124

A importância documental de *A Brasileira de Prazins* é confirmada, quando o seu autor relata com acentuada objetividade alguns factos históricos: a forma como o Remexido se refugiou na serra; o conhecimento minucioso que tinha do interior da mesma; as represálias que os seus adversários cometeram sobre o seu património e sobre a sua família:

[...] Sousa Reis com alguns cúmplices foragiu-se nos recôncavos do Penedo Grande, cujas veredas montanhosas conhecia. Deixou mulher e filhos, na primeira flor dos anos, inculcados idas paixões de seu pai, fiados na generosidade dos vencedores e na própria inocência. A vingança fez represálias na família do fugitivo. A mulher e os filhos foram espancados pela tropa, depois do roubo e do incêndio da sua casa de Messines.³⁰⁹

Na citação que deixamos a seguir Camilo ficciona sobre outro facto real, que foi quando o Remexido desceu do seu quartel general na serra para ir vingar as humilhações que a sua família tinha sofrido por parte dos seus inimigos. Falamos de dois tipos de humilhações: humilhações de carácter simbólico: o corte de cabelo feito à sua esposa, Maria Bastos, humilhação que, naquela altura, só era feita sobre prostitutas; e humilhações de carácter físico: as sevícias sob a forma de palmatoadas infligidas sobre a sua mulher e o assassinato perpetrado sobre um dos seus filhos:

O leão, como se ouvisse bramir os cachorrinhos nas garras do tigre, irrompeu da caverna, precipitou-se dos penhascais à frente da sua alcateia, e atacou Estômbar com irresistível ímpeto. Estava aí a sua família sob a pressão das baionetas que a vigiavam como armadilha à queda do guerrilheiro; mas a tropa não pôde resistir à fúria de pai. Ele atirava-se às descargas, abrindo com a espada a vereda do seu ninho. Os inimigos que o viram nesse dia conservaram longo tempo a lembrança da sua catadura transfigurada pela desesperação. E, todavia era um homem gentilíssimo.³¹⁰

Outro acontecimento que Camilo relata com objetividade histórica nesta obra é quando apresenta o Remexido como o último baluarte miguelista no sul do país, mais concretamente no Baixo Alentejo e Algarve; bem como as enormes dificuldades que as forças militares governativas tiveram em capturá-lo: «*Depois, senhoreou-se de povoações importantes do Algarve e estendeu até às fronteiras do Alentejo os seus domínios. Moveram-se contra ele muitos regimentos de primeira linha e de batalhões da guarda nacional.*»³¹¹

³⁰⁹ *Ibid*: p. 126

³¹⁰ *Idem*

³¹¹ *Idem*

Camilo, nesta obra, chega mesmo a elogiar os dotes físicos de Remexido: «*O Remexido, era um bem figurado homem de trinta e oito anos*». ³¹² Uma das suas personagens, Veríssimo Borges, vai para o Algarve para se juntar, incondicionalmente, ³¹³ às fileiras do Remexido. Nas linhas onde descreve a ação do Remexido, pinta a figura de um homem valente, ³¹⁴ contudo, que no fim, não teve a coragem de se suicidar, em vez de ser capturado e morrer fuzilado. Na sua narrativa, constrói o Remexido à imagem do tão glosado herói romântico, faltando, por isso, no final da narrativa, o suicídio libertador.

Camilo através de duas personagens deste romance, Veríssimo Borges e o amigo faz jus aos valores do romantismo, veicula a ideia do suicídio heroico, pondo na sua boca frases a exprimir sentimentos de grande exacerbação nacionalista: «*[...]e tinham duas carreiras abertas – uma que levava à glória, outra à sepultura – que também era uma glória morrer pela pátria.*» ³¹⁵ Será esta uma crítica implícita ao Remexido, por este se ter deixado capturar vivo? Não ter cometido suicídio, à boa maneira romântica, antes do exército liberal o apanhar, evitando, desse modo, a humilhação do fuzilamento? Porventura, se o romance não fosse já inserido na corrente realista, ele terminaria o ficcionamento de Remexido com o seu suicídio?

3.2.1. Na Gazeta de Lisboa: Quando Silves jurou fidelidade a D. Miguel

A Gazeta de Lisboa foi o primeiro jornal oficial do país, tendo nascido em 1715, no reinado de D. João V. Desde a sua origem até 1820, foi o periódico mais importante de informação política portuguesa. ³¹⁶

Alguna documentação existente sobre o período compreendido entre 1829-1832 mostra-nos que no concelho de Silves existiu, nas suas elites, uma considerável quantidade

³¹² *Ibid*: pp. 125

³¹³ “que ele e um seu amigo e camarada tinham saído de Braga juramentados a morder o pó onde caísse o seu general.” (*Ibid*: pp. 124-125)

³¹⁴ “Sousa Reis estava destinado a repor o Sr. D. Miguel I no trono, ou ser o último a morrer em sua defesa; [...]” (*Ibid*: pp. 124)

³¹⁵ *Idem*: p. 125

³¹⁶ [em linha], [cons. em 03-07-2017]. Disponível na Internet: <URL:<https://idi.mne.pt/pt/documentos-e-efemerides/2-uncategorised/443-gazeta-de-lisboa.html>>

de simpatizantes da causa realista, que por sincera adesão ou por conveniência estratégica, declararam em diversas ocasiões que estavam do lado dos miguelistas.³¹⁷ A célebre publicação jornalística coeva dos acontecimentos que envolveram o Remexido, a *Gazeta de Lisboa* (órgão oficial do governo), permite-nos compreender como o Remexido, em certos momentos da sua vida, teve o respaldo de algumas das elites algarvias, na luta de guerrilha que levou a efeito para defender a causa miguelista, como demonstra uma sessão extraordinária da Câmara de Silves, realizada em 11 de Maio de 1832, de que foi passada uma certidão enviada ao episódico soberano e publicada nesta *Gazeta de Lisboa* que vimos citando.

A subscrever a acta dessa sessão, encontramos praticamente todas as autoridades civis e eclesiásticas do concelho: vereadores e procurador do concelho, os párocos de Silves, Algoz, Pêra, S. Marcos da Serra, Porches, Alcantarilha e S. Bartolomeu de Messines, os juízes de vintena, os oficiais de milícias e ordenanças, funcionários de justiça e escrivães, e muitos lavradores e proprietários. De referir, que entre os subscritores, se encontrava também o próprio Remexido, José Joaquim de Sousa Reis, que futuramente viria a ser chefe de guerrilha.³¹⁸

De assinalar, que ao contrário do Remexido, que se manteve fiel, até ao fim a D. Miguel, alguns dos outros subscritores rapidamente mudaram de campo após a vitória dos liberais, como, por exemplo, Bernardo José de Loureiro e José Manuel Serpa, chegando o último a presidente da câmara (segue-se a transcrição de 107 assinaturas): «*E nada mais continha o dito Auto escripto, e feitas as ditas assignaturas no dito Livro, ao qual me reporto, em fé do que passei esta que assignei.*»³¹⁹

3.2.2. Uma visão romântica de Remexido pelo historiador Alberto Iria

Se, anteriormente, a *Gazeta de Lisboa* nos permitiu ver que, em várias ocasiões, o Remexido teve o respaldo de muitos membros dos órgãos municipais de algumas localidades

³¹⁷ Ver *Gazeta de Lisboa*, 13.06.1829, onde se podem ver listas de donativos para o exército realista, com indicação dos nomes de muitos notáveis do concelho e freguesias de Silves.

³¹⁸ Outro futuro chefe de guerrilha presente foi António de Sousa Grade.

³¹⁹ *Gazeta de Lisboa*, nº 146, 22.06.1832, pp. 726-727 Autor: José Manuel Vargas. Disponível na Internet em: <URL: https://books.google.pt/books?id=4lAZAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>

algarvias, iremos agora ver que o Remexido teve, também, a admiração de grandes intelectuais dessa mesma região do sul do país.

O consagrado historiador algarvio, Alberto Iria (1909-1992), é um dos grandes apologistas da figura do Remexido. A sua pequena publicação: *As Relíquias de Remechido*, encontrada na Biblioteca Municipal de Faro, datada de 1945, constitui uma verdadeira evocação do valoroso e nobre defensor da realeza de D. Miguel I no Algarve.

A perspetiva que traça acerca de Remexido colocam-no num patamar só reservado aos heróis e aos ídolos «*A figura histórica de José Joaquim de Sousa Reis Remechido, denegrada injustamente por alguns, mercê da cega paixão política, e muito mal compreendida por outros, [...]*»³²⁰. Alberto Iria não se limita à desculpabilização dos atos mais condenáveis, os bélicos, de Remexido, como vai mais além, achando-o merecedor de reverência, daquela devoção ou veneração só dispensada aos santos:

Em virtude do desconhecimento dos verdadeiros factos e intrigas partidárias, que se moveram nos bastidores da guerra civil no Algarve, de 1833 a 1838, tem hoje direito incontestável à veneração e ao respeito que são devidos a um grande cabo de guerra, de carácter íntegro e ímpoluto, por muito que isto pese aos fazedores de... fantasias histórico-literárias. [...]. Este historiador não tem pruridos em abandonar a objetividade exigida ao ofício de historiador, mostrando inequivocamente de que lado está. E foi por isso que, como bolsheiro do Instituto para a Alta Cultura, nos propusemos fazer uma revisão histórica à vida do notável Caudilho Algarbiense da Legitimidade de El-Rei D. Miguel, intenso fulcro de uma epopeia militar vivida nas serranias do sul de Portugal, [...].³²¹

Iria prossegue com o seu discurso historiográfico fortemente engajado, marcado pela desculpabilização e/ou reescrita da História?

É que REMECHIDO, ao contrário do que se tem escrito, não foi de modo algum aquêle temível Homem da Serra, criado pela falsa tradição do seu tempo e geralmente referida desde os finais do século passado, nem tão pouco o façanhudo e salteador guerrilheiro que muitos têm procurado pintar, como qualquer bandido ou chefe de quadrilha, à semelhança de um famigerado José Azeite ou de outros quejandos, êste último, até, tristemente celebrado na história do crime, no Algarve do século XVIII [...].³²²

Alberto Iria na citação que deixamos a seguir, continua na sua esteira de fazer um retrato panegírico do Remexido:

³²⁰ Iria, 1945

³²¹ *Ibid.*

³²² *Ibid.*

REMECHIDO foi, cômô civil e como militar, uma pessoa inteligente, dotada de uma alma boa e generosa, e —não de temperamento ferino, como já se escreveu, infelizmente,— cuja conduta nos revela, sob quaisquer aspectos por que a encaremos, desde a adolescência até o momento de morrer, com dignidade e grandeza, ao serviço dos seus ideais mais sublimes: Deus, Pátria e Rei, uma nobreza de sentimentos pouco comum à maioria dos mortais, posta à prova na mais dura luta que se pode imaginar.³²³

Para Alberto Iria, Remexido, se na sua vida, por vezes, teve comportamentos mais censuráveis, ou seja, de banditismo, esses atos mais violentos, foram feitos a favor dos mais débeis da sua comunidade. Deste modo, esta visão de Alberto Iria de um Remexido como protetor, “bandido bom”, que defende os mais fracos das opressões levadas a cabo pelos mais fortes, pode-se integrar no modelo criado por Eric Hobsbawm chamado de banditismo social.³²⁴ Um tipo de bandido que se distingue pela sua valentia, bem como pelo seu altruísmo a favor dos mais fracos, e por isso tendo a cumplicidade destes. Iria pinta ainda uma imagem de Remexido como o paradigma do justiceiro social:

A figura marcial de REMECHIDO, como um dos bravos soldados do Exército de D. Miguel, depois convertido pelas flutuações da luta em guerrilheiro, sempre pronto a castigar exemplarmente os desmandos e os excessos naturais dos que o acompanharam, numa guerra sem quartel, até o trágico momento de ser aprisionado, [...] testemunhas coevas e mudas daquela epopeia militar, evocam bem o valor pessoal, a argúcia e perspicácia do seu possuidor, que tinha, incontestavelmente, o Povo do Algarve a seu lado, [...].³²⁵

Alberto Iria, com esta última citação mostra o seu empenho em construir uma aura mítica do Remexido, uma imagem apenas daqueles que estão a caminho do panteão dos heróis, colocando-o no papel de vítima da nova ordem política. Afinal, o verdadeiro mártir da causa miguelista no sul do país, mesmo quando D. Maria II, a rainha, enviou uma carta de indulto para o Remexido. Mas as autoridades locais não pretendiam concretizar esse indulto real, mas sim, a vingança:

Mas, apesar disso, REMECHIDO caiu, finalmente, varado pelas balas de um pelotão executor, ém Faro, a 2 de Agosto de 1838, depois de um julgamento onde, em vez de Juizes, só encontrou algozes..., trágico fim que os mais exaltados políticos de D. Maria II não souberam evitar, embora a soberana tivesse usado, à última hora, de tôda a clemência e justiça, ao perdoar-lhe a pena capital.³²⁶

³²³ *Ibid.*

³²⁴ Hobsbawm, *Os Bandidos*, 1975, cap. I

³²⁵ Iria, 1945

³²⁶ *Idem: ibidem*

3.2.3. Ação do Remexido vista através dos registos paroquiais de S. Bartolomeu de Messines

Nos dois subcapítulos anteriores, apresentámos duas perspetivas favoráveis a Remexido. Primeiro, através dos relatos presentes na Gazeta de Lisboa, onde se documentava o apoio que Remexido encontrou em vários membros de órgãos concelhios algarvios; e depois, demos a ver a opinião bastante favorável a este mesmo Remexido por parte de Alberto Iria. A verdade é que as opiniões sobre a ação de Remexido durante e após a Guerra Civil não são unívocas. Isso pode ser atestado mediante as passagens, de um teor muito depreciativo sobre a guerrilha do Remexido, que José Manuel Vargas encontrou nos Livros de Óbitos dos registos paroquiais de S. Bartolomeu de Messines.³²⁷ Estas alusões colidem sobremaneira com o relato panegírico acerca da ação de Remexido/da sua guerrilha, feito por Alberto Iria. Para confirmar este confronto de ideias, seguidamente deixaremos algumas referências sobre o Remexido e a sua guerrilha encontradas por José Manuel Vargas nos Registos Paroquiais, registos efetuados entre 1836 e 1842 que nos parecem serem fontes documentais úteis e que têm sido bastante desprezadas quando se tenciona fazer uma reconstituição histórica. Ao selecionarmos alguns dos trechos encontrados por este investigador nos Livros de Óbitos de S. Bartolomeu de Messines, podemos encontrar uma série de informações, algumas inéditas e outras complementares, que vão até depois do fuzilamento do Remexido, ou seja, estendendo-se aos focos de guerrilha do tempo em que a guerrilha era comandada pelo seu filho e finalmente pelo padre Marçal José Espada, mas onde a responsabilidade moral era ainda atribuída ao criador original da guerrilha, José Joaquim de Sousa Reis. Através destes mesmos registos verificamos que a guerrilha do Remexido operou por vários anos, por distintas localidades algarvias e sul alentejanas, e que perpetrou atos violentos contra membros de várias classes sociais. Nestes registos aparecem com grande frequência ações condenáveis cometidas sobre os militares que defendiam a causa do governo liberal.³²⁸

³²⁷Vargas, José Manuel - *No tempo em que a serra estava "infestada dos guerrilhas"*. [Em linha], [cons. em 30-10-2014]. Disponível na Internet: <URL: <https://remechido.jimdo.com/artigos/>>

³²⁸ *Ibid.*

Alguns relatos contidos nestes registos permitem-nos perceber das grandes dificuldades com que as autoridades algarvias se deparavam para conseguir conter as ações, cada vez, mais violentas, da guerrilha do Remexido. É nesse sentido, que alguns concelhos pretendem tomar medidas radicais: o concelho de Silves apela à rainha para que se possa queimar parte da serra a fim de capturar os malfeitores.³²⁹ Ainda neste seguimento, da tomada de medidas, por parte do governo, para extinguir a guerrilha do Remexido; também podemos encontrar nestes registos relatos sobre esse facto, onde se mostra como o coronel Fontoura foi nomeado para esse efeito, e como o mesmo, não vai olhar aos meios para atingir esse fim: «em 15 de Dezembro, veio comandar a tropa no combate aos guerrilhas o coronel Fontoura e foram dadas ordens para fuzilar todos os que fossem encontrados de armas na mão.»³³⁰

A passagem seguinte encontrada nos registos paroquiais de S. Bartolomeu de Messines ilustra de forma cabal como, em muitas zonas do Algarve, devido à proliferação de guerrilheiros do bando do Remexido fortemente armados, muitas vezes, nem sequer se podiam realizar as cerimónias/rituais fúnebres dos seus habitantes: «Outubro, 29 -Faleceu Maria da Silva, viúva de Inácio da Costa do sítio do Semedeiro. Não recebeu os sacramentos, por se achar a serra infestada dos guerrilhas. Jaz no adro».³³¹

Aliás, abundam nestes registos paroquiais de S. B. De Messines, as referências aos casos de algarvios e algarvias que, por receio da grande violência praticada pelo bando do Remexido, sobretudo das regiões serranas, não puderam ter as exéquias que os seus familiares mais desejariam.³³² A seguir, achamos importante, também analisar os registos de algumas ações da guerrilha, já após a morte do seu criador, o Remexido, mas onde os seus detratores ainda lhe encontram uma responsabilidade (senão física, pelo menos, moral ou

³²⁹ “Em 21 de Janeiro, a câmara de Silves, numa carta à Rainha, tinha proposto que se queimasse uma parte da serra para acabar com os guerrilhas.” (*Ibid.*)

³³⁰ *Ibid.*

³³¹ *Ibid.*

³³² “1838, Abril, 27 -Brites Maria, de 60 anos, viúva de Manuel Gonçalves, dos Calvos. Não recebeu os sacramentos, por se achar a freguesia infestada dos guerrilhas. Também não recebeu os sacramentos, pelo mesmo motivo, António Gonçalves, de Vale de Fontes (Novembro, 12).” (*Ibid.*)

espiritual?): “Outubro, 27 -Morreu de morte violenta às mãos dos guerrilhas, em sua própria casa, Manuel Lourenço Sênior, casado com Maria Quitéria, do sítio da Nora”.³³³

Nestes registos, trazidos por João Manuel Vargas não encontramos apenas relatos acerca daqueles que caíram às mãos da guerrilha comandada pelo Remexido e, depois, pelos seus sucedâneos, como também existem relatos de guerrilheiros mortos pelos soldados do exército ao serviço de D. Maria II: «1840, Fevereiro, 12 -Num encontro da tropa com os guerrilhas na Corte Galega, S. Marcos, morreu o guerrilha chamado António Maria, que entre os mesmos se chamava alferes. Era filho do escrivão da Alfândega de Mértola».³³⁴

Após elencarmos algumas passagens destes registos, podemos concluir que os excertos documentais retirados por José Manuel Vargas dos Registos Paroquiais de S. Bartolomeu de Messines, se caracterizam por um único sentido. Todas as alusões à figura do Remexido e seus sequazes são de índole negativa. E isto, tanto sucede nos relatos em que se anuncia explicitamente o nome do Remexido, como naqueles que o omitindo, não deixam, de igual forma, de o considerar o autor moral ou material dos atos reprováveis.

3.2.4 Remexido: o relato de Francisco António da Silva Cabrita em memória dos desastrosos acontecimentos de Albufeira

Com acentuado grau de certeza, uma (ou a) das fontes bibliográficas que mais terá contribuído para formar uma imagem negativa do Remexido terá sido o manuscrito que deu origem ao livro: *Memória dos Desastrosos Acontecimentos de Albufeira* publicada por António Reis em 1990 e com prefácio e notas de Fernando Pereira Marques. Esta obra deriva de um manuscrito ao que tudo indica ter sido originalmente escrito por um freire conventual «supranumerário da Ordem Militar de Avis», Francisco António da Silva Cabrita (1787-1850). Ali se retratou o cerco e invasão a Albufeira, por parte de Guerrilheiros Miguelistas, iniciado a 26 de Julho de 1833, relatando-se na primeira pessoa, um dos episódios mais sangrentos da história recente do Algarve. A primeira edição oficial dos relatos é de 1873 (Lagos, Tipografia Lacobrigense,³³⁵) sendo bastante difícil ter acesso a essa edição; a

³³³ *Ibid.*

³³⁴ *Ibid.*

³³⁵ Cabrita, 1990

segunda edição é de 1893, edição da Typographia Burocrática de Tavira³³⁶ e foi esta edição que serviu de base ao livro editado pelas Publicações Alfa em 1990.³³⁷

O autor desta memória terá sido, como dissemos, Francisco António da Silva Cabrita, eclesiástico e personagem influente de Albufeira (chegou a ser deputado pelo Algarve na legislatura de 1842), que, em Julho de 1833, isto é, em plena guerra civil que ensanguentava o País, ver-se-ia chamado a desempenhar um papel central aquando do assalto e ocupação por Guerrilhas Miguelistas. De referir, ainda, que as Publicações Alfa, que reeditaram esta obra em 1990, não tiveram acesso ao manuscrito original, do qual se desconhece o paradeiro. Daí, que não se possa assegurar da autenticidade da versão que foi publicada em 1873. E, até que ponto, Manoel José de Paiva Negreiros, de Albufeira, que foi quem preservou e editou a obra, alterou ou não o original: «[...] movido pela preocupação de não ferir susceptibilidades de pessoas que ainda existiam nessa altura, protagonistas dos eventos descritos ou seus descendentes...».³³⁸

Tendo em conta o que atrás referimos, pensamos que esta publicação não pode ser considerada como uma completa história dos acontecimentos políticos, que tanto fizeram sofrer a vila de Albufeira, no mês de Julho de 1833. São unicamente apontamentos históricos, feitos muito depois desses acontecimentos, e que, por isso mesmo, serão mais imparciais, não sendo escritos sob o domínio da efervescência das paixões partidárias.³³⁹

Lamentavelmente, não podemos aceder ao manuscrito original, para nos certificarmos da descrição *ipsis litteris* feita por Cabrita, acerca do que experienciou e mais tarde narrou. A sua perspetiva dos acontecimentos terá sido passada para o papel três anos depois dos acontecimentos terem tido lugar, ou seja, em 1836, ainda muito pouco tempo decorrido sobre aquela violência nefanda. Se este clérigo foi comandante das forças encarregadas da resistência liberal, ele próprio muitas vezes perto da morte: «[...] que foi um dos principais personagens da vila, naquela época; um dos seus mais dedicados

³³⁶ *Ibid.*

³³⁷ O livro publicado em 1990, manteve as notas introdutórias da primeira edição.

³³⁸ Esta obra foi escrita a partir do manuscrito oferecido pela família do atrás citado Ex.Sr. Paiva Negreiros, que foi quem a preservou e possivelmente a modificou. (*Ibid.*)

³³⁹ Marques, 1990, Apresentação

*defensores; e mais no caso de bem contar todos as peripécias daquelas horrorosas cenas, por ter sido o comandante das forças que tiveram de capitular.»*³⁴⁰. Não será pois, de estranhar uma certa parcialidade no relato de Cabrita, não se lhe pedindo, por isso, a objetividade do historiador. Todavia, apesar da sua posição política, não deixa de retratar também os comportamentos reprováveis dos partidários da sua facção, os liberais, deixando perceber, através da sua narrativa, que os miguelistas não tiveram o monopólio dos actos arbitrários, da violência gratuita, dos ajustes de contas. Não se eximindo de mostrar que não foram só os homens do Remexido a cometer as maiores vilezas, pois, mesmo antes do ataque a Albufeira, já os liberais, tinham queimado a casa de um miguelista nesta povoação,³⁴¹ tal como tinham matado uma mulher que fugia durante um reconhecimento liberal.³⁴²

A citação que deixamos a seguir serve como exemplo paradigmático para moldar uma imagem negativa na figura do Remexido: «*Um dos desastres mais lastimosos produzidos pela usurpação de D. Miguel, e que não pode deixar de sensibilizar o homem endurecido, foi certamente o que aconteceu em Albufeira em 26 de Julho de 1833.*»³⁴³

Tendo sido os homens da guerrilha de Remexido a cometer, em defesa da legitimação do trono para D. Miguel, as maiores barbaridades, que ficariam gravadas para a posteridade como os *Desastrosos Acontecimentos de Albufeira*, não será possível ao seu chefe passar incólume, mesmo que não tenha sido ele a dar as ordens para a realização dessa selvajaria. Existem autores que defendem que não foi o grupo do Remexido a praticar a barbárie de Albufeira: «*À testa dos guerrilhas somente se puseram alguns aventureiros: Camacho, Remexido, António de Sousa Grade, António de Sousa Castelo Branco, o major das Casas, de Loulé, e o alferes da Ribeira do Algoz.*»³⁴⁴ Existiram, pois, além do Remexido, outros chefes de guerrilha no sul do país. Para Cabrita, se as autoridades governativas tivessem atuado com antecedência, certamente que as guerrilhas miguelistas já não teriam perpetrado o morticínio de Albufeira:

³⁴⁰ Cabrita, 1990

³⁴¹ *Ibid*: p. 56

³⁴² *Ibid*: p. 58

³⁴³ *Ibid*: p.1990

³⁴⁴ *Ibid*.

Quando a guerrilha do Remexido atacou S. Bartolomeu no dia 19 de Julho, contava apenas uns cento e cinquenta homens, a maior parte serrenhos, e alguns armados somente de paus. Se tivesse havido a política e adoptado a medida de chamar em massa às cabeças das capitánias-mores todos os habitantes das aldeias e campos por via dos seus oficiais que estavam em seus domicílios, e convidar os ausentes, o resultado seria infalivelmente a maior parte ter tomado partido, e comprometendo-se, e ao mesmo tempo ter-se tornado mais fácil a organização dos batalhões nacionais. Sucedeu, porém, o contrário, procedendo-se parcial e lentamente à organização destes corpos.³⁴⁵

Em *Os Desastrosos Acontecimentos de Albufeira*, Silva Cabrita dá-nos conta dos mais variados e requintados crimes perpetrados pela guerrilha realista. Não escapando à fúria da guerrilha, nem os lugares sagrados, as igrejas, e os seus ministros. Neste livro podemos encontrar uma lista de sacerdotes supostamente assassinados pelos guerrilheiros às ordens de Remexido:

[...]porventura a maioria, dos membros do clero e dos frades, ter havido não poucos que optaram pela causa liberal, pagando até tal opção com a vida. Foi o caso do padre Malveiro³⁴⁶, do prior de Alcantarilha³⁴⁷, do padre António Alexandre Gonçalves,³⁴⁸ do franciscano frei Gonçalo,³⁴⁹ do padre Lamim³⁵⁰, para citarmos alguns nesta Memória referidos.

Mas também existiram aqueles habitantes de Albufeira, que, por traição aos valores liberais ou por instinto de sobrevivência, conseguiram passar para o lado do Remexido:

[...]pouco depois do atroz assassinato, e tendo a arte, manha e lábia de enganar e introduzir-se com o Remexido, acompanhando-o em seguida nas suas vandálicas operações até à Mexilhoeirinha, donde, de noite, se escapou a nado para Vila Nova de Portimão.³⁵¹

Não será por acaso que o Remexido começou praticamente as suas operações — pelo menos as mais espectaculares — com o assalto a São Bartolomeu de Messines. Era aí que ele tinha casa e residira. E, era aí, que ele desejava levar a efeito as suas primeiras vinganças de cariz particular:

Ao romper do dia surpreendeu e entrou naquele povo, assassinando, além dalguns habitantes de ambos os sexos, o tenente comandante do destacamento, e sete praças

³⁴⁵ *Ibid.*

³⁴⁶ *Ibid.*: pp. 44

³⁴⁷ *Ibid.*: pp. 96

³⁴⁸ *Ibid.*: pp. 97

³⁴⁹ *Ibid.*: pp. 100

³⁵⁰ *Ibid.*: pp. 104

³⁵¹ Cabrita, *op. Cit.*

pertencentes ao batalhão de Albufeira, queimando-os depois, e a alguns ainda vivos, publicando ao mesmo tempo que marchavam sobre esta vila para matar a todos os habitantes porque todos eram malhados.³⁵²

Se Remexido tinha começado por executar os seus ajustes de contas pela terra onde tinha vivido, S. B. de Messines, a verdade, é que as autoridades não se precaveram para o que viria a acontecer, seguidamente, tanto em Albufeira, como em Loulé. Deste modo, os homens puderam espalhar a sua violência incontida sobre a vila de Albufeira:

Foi no dia 20 às oito horas da manhã que se rompeu em Albufeira a notícia de tão atrozes acontecimentos, dada pelos voluntários e arrieiro que escaparam. Deixo à consideração do leitor a impressão, os gritos de dor e de vingança que acometeram ao mesmo tempo aqueles cujos pais, maridos ou filhos tinham sido vítimas, e a todos pelo receio do iminente ataque! Em um momento se correu às armas.³⁵³

Como já vimos, também houve aqueles, pérfidamente, que se fizeram passar por defensores da causa da rainha D. Maria II, para depois, se irem juntar ao Remexido:

Tendo-se observado no decurso de todo este dia o capitão Lourenço Correia a escutar sorrateiro e aproximar-se de maneira a não ser sentido a quantas pessoas via conversar, nesta noite ele desertou, foi unir-se à guerrilha, com a qual depois nos atacou, informando de tudo o Remexido, e oferecendo-se-lhe para tomar imediatamente a peça volante colocada no rossio.³⁵⁴

Através do testemunho de Cabrita podemos verificar como os guerrilheiros do Remexido faziam o cerco à vila de Albufeira, aliás, um cerco quase inexpugnável:

[...]mas sendo ali chegado nessa mesma ocasião do Malhão com pólvora e bala Manuel Dias Pereira, de Boliqeime, este se ofereceu para continuar imediatamente a condução de parte delas para a guerrilha que cercava Albufeira; e então era ele que chegava escoltado por grande número dos mais ferozes guerrilheiros que o seguiram com a sede de sangue.³⁵⁵

Durante o seu julgamento, o Remexido foi confrontado com um habitante de Albufeira, que havia sido testemunha dos desastrosos acontecimentos:

Uma testemunha chamada a identificar Remexido durante o Conselho de Guerra que o julgou, refere-se a este habitante de Albufeira que acabará por ser morto. Tal facto merecerá o seguinte comentário do réu: «O Sr. sabe que eu não fui a Albufeira senão duas vezes por ocasião da feira, e que não fiz mal algum.»³⁵⁶

³⁵² *Ibid.*

³⁵³ *Ibid.*

³⁵⁴ *Ibid.*

³⁵⁵ *Ibid.*

³⁵⁶ Secco 1838, pp. 5 *apud* Cabrita, ed. 1990

Cabrita retrata, o assalto a Albufeira, por parte da guerrilha do Remexido, com matizes de grande crueldade. Depois deste testemunho legado na obra: *Os Desastrosos Acontecimentos de Albufeira*, as imagens da guerrilha e do seu chefe ficariam manchadas para sempre:

O aspecto ferino dos bárbaros, desconfiados, pálidos e desfigurados pelo cansaço e insonolência de muitos dias, e pela prática de tantas atrocidades, infundia horror e terror; mas debandando silenciosos pelas ruas nada mais faziam que lançar mão das armas que encontravam; adiantando-se alguns a procurá-las nas casas da Câmara, cujo cartório ou grande armário arrombaram.³⁵⁷

Os relatos pungentes dos acontecimentos de Albufeira, onde imperam as mais diversas crueldades praticadas pelos homens do bando do Remexido, até irão contaminar a maneira como este “caudilho” passará a ser descrito fisicamente. Não é de espantar, pois, a seguinte descrição física do Remexido feita no *Diário do Governo*, n.º 188 de 1838: «[...] baixo de estatura, corpulento, e com uma cabeça de tamanho disforme; suas feições eram graneiras, o rosto mui trigueiro, a voz grossa, e o olhar feroz: seu carácter atrevido e petulante se manifestava na sua fisionomia».³⁵⁸

Cabrita mostra como os liberais foram compelidos a um inevitável acordo de capitulação por parte da força realista, comandada pelo Remexido. Sem dúvida, que foi uma paz forçada em que os vencedores, os miguelistas, na pessoa do Remexido fizeram plasmar no acordo o que mais lhes aprouveram: «Então Remexido, ditando, mandou lavrar pelo escrivão da Câmara no livro das sessões o teor da capitulação, acto que ele, os seus sócios, os vereadores e todos os apinhados ali assinaram; e em seguimento outro acto de obediência, que foi também assinado por todos os mesmos.»³⁵⁹

Como sempre acontece nos acordos de paz forçados, há que dar uma aparência de igualdade e civilidade. Senão, vejamos como o Remexido tenta dar uma imagem de urbanidade e de bom trato para com os vencidos. Afinal, o próximo testemunho relata a generosidade e condescendência do comandante vencedor:

³⁵⁷ Cabrita, *op. Cit.*

³⁵⁸ *Ibid.*

³⁵⁹ *Ibid.*

O comandante da força que cerca a praça de Albufeira, e a Câmara da mesma vila como representante do seu município tem concordado na seguinte capitulação, que cada um da sua parte se obriga a observar e guardar fiel e inteiramente.

Art.º 1.º — «O comandante da força sitiante da praça de Albufeira garante e assegura a vida a todos os indivíduos que se acham dentro da mesma, ou sejam moradores da vila e seu termo, ou refugiados das povoações vizinhas.»³⁶⁰

Repare-se como a seguir à vitória de Remexido em Albufeira, o poder muda, instantaneamente, de cor. O poder legítimo, o liberal, dá lugar ao poder ganho através da luta de guerrilha, o absolutista. E isto acontece em plena guerra civil, pois está-se em julho de 1833. Os vencedores fazem assinar o armistício com as graças ao novo rei, D. Miguel:

Art.º 2.º — Franqueada a entrada a uma parte da força sitiada, bastante para manter a ordem e a segurança; lavrado o acto de reconhecimento do Governo do Senhor D. Miguel 1.º, e entregues fielmente as armas, nenhuma pessoa será presa ou perseguida pela sua anterior opinião e procedimento; ficando a sua responsabilidade somente sujeita às ordens de El-Rei.

Em Albufeira aos 26 de Julho de 1833.³⁶¹

A seguir mostra-se como é sempre inevitável a paz dos vencedores. Daqueles que fazem valer as suas ideologias pela força das armas. Remexido e alguns dos seus homens obrigam os antigos vereadores de uma câmara que era um bastião do liberalismo a assinar o documento da capitulação. Deu-se, deste modo, a transmissão de poder dos liberais para os absolutistas na vila de Albufeira:

Seguiam-se as assinaturas dos vereadores. Então Remexido, ditando, mandou lavrar pelo escrivão da Câmara livro das sessões o teor da capitulação, acto que ele, os seus sócios, os vereadores e todos os apinhados ali assinaram; e em seguimento outro acto de obediência, que foi também assinado por todos os mesmos.»³⁶²

Por esta altura, Portugal debatia-se com uma guerra fratricida, estando o país inundado de presos e mortos. A esse propósito e relativamente à citação seguinte de Cabrita, é pertinente questionar: será que não haveria, nas prisões, espaço, para tantos presos liberais? E, por esse facto, seria preferível matar os adversários ao invés de prendê-los? «*O Sr.*

³⁶⁰ *Ibid.*

³⁶¹ *Ibid.*

³⁶² *Ibid.*

Visconde de Molelos mandou dizer que não queria lhe mandassem lá nem um só malhado, e que não tinha cadeias para os ter presos.»³⁶³

Cabrita sempre esteve ciente da sorte que esperava os liberais em Albufeira: «*A desastrosa sorte que o esperava, e a alguns outros, caídos nas garras dos ferozes guerrilhas, jamais foi duvidosa a Cabrita; [...].*»³⁶⁴

Presume-se que Remexido tentou aplacar a insurreição dos seus homens, persuadindo-os a respeitar a capitulação:

[...]e mandando aos guerrilhas dar-lhe atenção, fez um discurso, que parecia preparado, mostrando a obrigação de se guardar fielmente a capitulação, coisa sagrada entre os povos os mais bárbaros desde a mais remota antiguidade; e que o senhor D. Miguel seria o primeiro, não somente em estranhar, mas até a castigar a sua violação. Neste sentido falou mais de um quarto de hora, mas Sousa, com gesto sinistro, virando-se de quando em quando para os da sua quadrilha, lhes dizia: “Deixá-lo falar, nós lhe cantaremos”³⁶⁵.

Entretanto, o dia 26, revelar-se-ia um dia fatal, de horror, luta e de cruel recordação, quando tiveram início os desastrosos acontecimentos de Albufeira.

O Remexido, como demonstrámos através da citação anterior, desde o início, que queteria respeitar a capitulação: «[...] fez um discurso, que parecia preparado, mostrando a obrigação de se guardar fielmente a capitulação.»³⁶⁶ Porém, não conseguiria resistir à pressão e ameaças dos elementos do seu próprio bando, que não queriam deixar de massacrar os "malhados":

[...]e ali se dirigiu à testa dos mais encarniçados o capitão António de Sousa da Silva, exigindo do chefe guerrilheiro o consentimento para assassinar os malhados; recusando primeiramente e pretendendo persuadi-los e acomodá-los, mas afinal ouvindo já ameaças de mudança de comandante, e até de ser morto com os malhados, para aplacar o motim que em breve se podia generalizar, teve a dar o exigido assento a tão bárbara pretensão; mas propondo-lhe que os levaria na sua saída para Monchique, e que na vargem da Orada com o pretexto de quererem fugir matassem então os que quisessem, porque desta maneira se figurava não ter violado a capitulação.³⁶⁷

³⁶³ *Ibid.*

³⁶⁴ *Ibid.*

³⁶⁵ *Ibid.*

³⁶⁶ *Ibid.*

³⁶⁷ *Ibid.*

E com o pretexto, do aparecimento de uma esquadra liberal, os guerrilheiros comandados por Remexido, concretizariam a chacina em Albufeira que maculou para sempre a imagem do Remexido: «[...]e então gritando: “Traição, traição!”» E apenas o Raimundo tocou um apito se derramaram pelas ruas casas perpetrando o mais atroz massacre, acompanhado da horripante vozzeria: «Viva a Virgem Santíssima, vivam as Cinco Chagas!»³⁶⁸

3.2.5 Registos de correspondência sobre o Remexido no Arquivo Histórico Militar: Operações contra a Guerrilha Miguelista (1834 -1844)³⁶⁹

Esta obra tem como Diretor o Tenente-Coronel Borges da Fonseca e como coordenadora arquivística a Dr^a Maria João Pires. Avisa-se que esta compilação não se encontra organizada. Os documentos foram reunidos e colocados na secção por ordem sequencial de entrada no Arquivo Histórico Militar, segundo a organização do seu património documental em 1931. Esta secção é constituída por correspondência dos comandantes das secções militares, destacamentos e colunas de operações contra as diversas guerrilhas miguelistas ao longo do país, no âmbito das operações, segurança e ordem pública; contudo, vamos apenas fixar-nos na correspondência e ordens da 8^a Divisão Militar relacionadas as acções contra a guerrilha realista do Remexido no Algarve.

Para esse efeito, examinaremos as seguintes correspondências: correspondência de Sá da Bandeira sobre as operações militares, em que aluda à guerrilha do Remexido; os documentos apreendidos a José Joaquim de Sousa Reis "O Remexido", comandante das guerrilhas miguelistas no Algarve, e remetidos pela 8^a Divisão Militar ao Ministério da Guerra, incluindo correspondência deste para diversas entidades sobre as suas ações; processos sobre a captura e fuzilamento do Remexido; concessão de indultos aos seguidores do Remexido; recibos de praças passados para José Joaquim de Sousa Reis, Remexido, brigadeiro e comandante das forças em operações nas serras do Algarve, governador das armas do Algarve e chefe de guerrilha; e relações de despesas feitas no ano de 1838 pela guerrilha comandada por Remexido.

³⁶⁸ *Ibid.*

³⁶⁹ *In.* Exército Português [em linha] [cons. em 30-10-2014]. Disponível na Internet em: <URL:http://www.exercito.pt/sites/AHM/Guia_de_Fundos/Documents/121%20Opera%C3%A7%C3%B5es%20contra%20a%20Guerrilha%20Miguelista%201834%20-%201844.pdf>

Das guerrilhas miguelistas, daquelas com relevância, a guerrilha do Remexido foi a mais difícil de combater e a última a ser eliminada por parte das tropas liberais. Porquê? Achamos que a interceção da correspondência oficial do governo estará na génese da resposta. A seguinte correspondência trocada entre vários comandantes militares constituirá um exemplo paradigmático de como era muito vantajoso para Remexido interceptar as comunicações militares. Ficava, assim, a saber em primeira mão, o que preparava o seu adversário para o derrotar. O ter acesso, com antecedência, à informação reunida pelo adversário foi um trunfo determinante para Remexido não ser capturado mais cedo. Muitas vezes, ele já estava a par das informações que as forças militares tinham sobre a sua guerrilha, o que lhe possibilitava arranjar antídoto para as ir continuando a contrariar:

1837, Julho, 1 -1838, Dezembro, 15

Correspondência entre vários comandantes sobre guerrilha de Remexido, relações, relatos de avistamento de guerrilhas em vilas do Algarve, disciplina, deserções, praças, revistas de tropas, forças de operações para defender as estradas do Algarve, crimes perpetrados pelos guerrilhas, presos, ordens de marcha, segurança pública, relação do estado da dívida e pagamentos aos oficiais do comando da força armada e das operações da 8ª Divisão Militar e relações de intendência.

O Remexido conseguia, muitas vezes, interceptar a correspondência das autoridades oficiais, sabendo com antecedência das suas intenções e manobras, o que lhe permitia defender-se com mais eficácia dos seus ataques.³⁷⁰ Esta situação verificava-se, sobretudo, quando o Remexido se deparava com grande escassez de homens e de armamento, optando, nestas alturas de crise, em que tinha poucos homens, por distribuí-los por pontos altos e estratégicos da estrada para Lisboa, a fim de interceptar as comunicações militares, os mensageiros pedestres e os correios equestres.³⁷¹

Vamos, agora, analisar, porventura, alguma dessa correspondência que Remexido poderá ter lido em primeira mão. A correspondência a seguir informa-nos sobre as diligências que iam sendo efetuadas pelo governo português para combater a guerrilha do

³⁷⁰ “E passando depois a S. Marcos, onde estabeleceu uma espécie de quartel general da tropa de 3.ª linha para interceptar as comunicações militares (mensageiros pedestres e correios equestres) e fustigar quando possível as colunas da retaguarda do exército invasor, dado que conhecia perfeitamente os recônditos da serra.” *In: Mesquita, op. Cit.*

³⁷¹ *Ibid.*

Remexido. Por exemplo a seguir podemos ver as comunicações que se iam estabelecendo entre a Rainha e personalidades proeminentes como Sá da Bandeira:

1836, Dezembro, 11 -1837, Março, 25

Aviso do visconde Sá da Bandeira sobre medidas sugeridas pela Rainha para combater a facção do Remexido e ofícios de José Manuel Serpa para o visconde sobre o mesmo assunto.

Esta correspondência dá-nos uma panorâmica diversificada e abrangente de como um comandante de uma guerrilha, no caso, Remexido, a liderava e organizava. Apresenta-se aqui a forma como o Remexido distribuía as tarefas militares aos seus subordinados. Tarefas que consistiam em ordens para melhor se defender e atacar as tropas reais:

1838, Janeiro, 24 -Julho, 12

Correspondência expedida pelo Remexido, brigadeiro das guerrilhas algarvias, para várias entidades sobre o fornecimento de munições, ordens de marcha para vários oficiais das guerrilhas, pedidos para espiar o inimigo, fornecimento de armamento e víveres, notícias sobre os movimentos do inimigo e planeamento de ataques em localidades do Algarve.

Esta correspondência permite-nos ter uma noção dos processos de averiguação levados a cabo pelas autoridades no sentido de saber se alguns homens presos pertenciam à guerrilha do Remexido, bem como se mostram exemplos de processos que culminariam em conselho de guerra que teriam sancionado com fuzilamento os soldados que haviam desertado das tropas militares da rainha e que alegadamente se teriam passado para o lado dessa mesma guerrilha:

1838, Janeiro, 10 -Dezembro, 19

Correspondência entre várias entidades enviando os “Conselhos Militares e Verbais” realizados a vários guerrilhas presos por suspeitas de pertencerem à guerrilha do Remexido, “Conselho de Guerra” realizado a dois desertores do Regimento de Infantaria 8, relação de testemunhas de defesa e ordens expedidas relacionadas com as decisões tomadas nos Conselhos.

1837, Abril, 9 -1839, Abril, 7

Correspondência entre várias entidades enviando os “Conselhos Verbais” realizados a guerrilhas suspeitos de pertencerem à guerrilha do Remexido, “Conselho de Averiguação” realizado a Francisco António, desertor do Regimento de Infantaria 7, diários semanais da 2ª Secção Militar, vencimentos em atraso no Corpo Franco de Évora e operações militares para a captura de guerrilhas.

Através desta correspondência verifica-se que a guerrilha do Remexido não era só composta por guerrilheiros oriundos do Algarve e do Alentejo, mas que a ela também

aderiam homens de outras partes do país, daí a preocupação manifestada por administradores de concelhos de outras regiões:

1837, Junho, 15 -Setembro, 30 -Leiria

Ofícios da administração geral de Leiria para o administrador do concelho de Óbidos sobre os indivíduos que têm acompanhado a guerrilha do Remexido, indivíduos indiciados no juízo de Lisboa e indivíduos que assassinaram três oficiais, conforme as relações (cópias) remetidas.

Esta correspondência mostra-nos os esforços que se iam efetuando para capturar não apenas o Remexido, como também líderes de antigas guerrilhas miguelistas, como os irmãos Baioas de Beja³⁷², que se tinham juntado à guerrilha do Remexido:

1838, Maio, 2 -Novembro, 14 -Beja

Correspondência de Francisco José de Araújo Lacerda para o conde de Bonfim sobre a transação com João Francisco de Borges Lança para a captura dos guerrilheiros de Leão Baioas e Remexido.

A próxima correspondência, presente no Arquivo Histórico Militar e que foi intercetada, pelas forças militares à guerrilha do Remexido, possibilita-nos ter uma ligeira visão de como este grupo funcionava, nas suas mais diversas vertentes, nos seus últimos anos de existência. Podemos avaliar como nesses derradeiros anos de operacionalidade, a guerrilha se debatia com grandes dificuldades. Era cada vez maior a pressão sofrida pela guerrilha por parte do exército governativo, e isto, principalmente, após a rainha D. Maria II ter indigitado o coronel Fontoura,³⁷³ em 15 de dezembro de 1837, como comandante das forças militares para o sul do país, com a estrita incumbência, de acabar com este bando que infestava a serra algarvia e que a punha a ferro e fogo, e que prejudicava de grande maneira o quotidiano dos camponeses, o que se refletia muito negativamente na economia do sul do reino.³⁷⁴

³⁷² “Na mesma ordem de serviço o caudilho faz algumas promoções: alferes Manuel Graça Reis Remexido, ajudante general; alferes João Luis Monteiro Leão Baioa, comandante do Regimento de Infantaria 2;[...]” (Chagas, *op. Cit.*)

³⁷³ “O governo nomeou, em 15-12-1837, para o comando da 8ª Divisão Militar o coronel José Joaquim Gomes Fontoura, dando-lhe plenos poderes para o extermínio das forças miguelistas que infestavam a serra algarvia” *In: Mesquita, op. Cit.*

³⁷⁴ “[...] resposta e sossegar os povos da serra algarvia (cujas contribuições fiscais não satisfaziam por não poderem ali amanhar as suas terras nem pastar seus gados [...])” (*Ibid.*)

Através desta correspondência podemos ver como, depois, da prisão de Baldi,³⁷⁵ que era quem trazia o apoio internacional para Remexido, as até aí relações de grande solidariedade entre os camponeses e a guerrilha, ir-se-ão quebrar rapidamente, visto que os homens de Remexido começam a roubar amiúde os serranos, para fazer face a essa falta de apoios que vinham do estrangeiro. Resta esclarecer, que a guerrilha do Remexido era a que mais apoio tinha dos amigos da causa miguelista, por ser considerada, por estes, a mais ativa e aguerrida. Pelo facto de ter um grande apoio internacional, o grupo do Remexido não se via até aí compelido a roubar, com tanta frequência, os serranos. Obviamente, que excetuando aqueles "bandoleiros" que apenas se tinham juntado à guerrilha para satisfazer a sua voracidade pelo saque. Ou seja, aqueles homens que não se juntaram ao grupo com o intuito de se baterem pela ideologia absolutista ou qualquer que ela fosse, vulgos mercenários, ainda que, esses guerrilheiros indisciplinados, fossem quase sempre castigados pelo Remexido. É este um dos motivos das boas relações entre guerrilha e habitantes da serra. Afinal, é um comportamento aproximado ao padrão de bandido social defendido por Eric Hobsbawm.³⁷⁶ Depois, da prisão de Baldi, em Grândola, o caso muda radicalmente de figura, passando os homens da guerrilha do Remexido a voltar a roubar mantimentos de vária ordem, principalmente, comida e cavalos:

[...] relato de roubos perpetrados pelos companheiros do Remexido, remessa de documentos, ordens de marcha, presos, disponibilidade de armamento, pedidos de fornecimento de munições, remessa de relações de oficiais inferiores da 1ª linha e mapas da força da Divisão de Operações do Sul, apresentação de oficiais, assaltos cometidos pelos guerrilhas, relações de vencimentos, pagamento de dívidas, relato de operações, encontros com outros grupos de guerrilhas e entrega de cavalos roubados.³⁷⁷

A realidade, é que a correspondência intercetada pelas autoridades oficiais a Remexido contribuiu decisivamente para acelerar a sua captura. Podemos verificar que, através da correspondência intercetada, as autoridades compreendem com grande detalhe do *modus operandi* utilizado no interior da guerrilha:

1836, Março, 21 -1838, Julho, 13

Relação de documentos que foram apreendidos ao rebelde Remexido e remetidos ao Ministério da Guerra pelo comandante da 8ª Divisão Militar, nomeadamente,

³⁷⁵ “ [...] quando Baldi foi preso em Grândola, o Remexido ficou sem meios e entregue à sua sorte, voltando a ter que assaltar os montes e aldeias para sustentar os seus homens e a causa miguelista.” *Ibid*: pp. 187

³⁷⁶ Hobsbawm, *Os Bandidos*, 1975, cap. I

³⁷⁷ Disponível no arquivo do Exército Português em: <https://arqhist.exercito.pt/details?id=186174>

passaporte do consulado italiano em Barcelona passado para Rachel Magnioni, ofícios, correspondência, relações de detalhes de serviço, proclamação de Remexido aos povos, circular do Remexido sobre a promessa de baixa de serviço às praças de 1ª e 2ª linhas e voluntários realistas, ordem do dia, copiador de ofícios expedidos pelo comandante em chefe do Exército de Operações do Sul, relações de antiguidades de oficiais e relação de vencimentos.

Também temos acesso a correspondência com descrição do processo judicial que levou ao fuzilamento de José Joaquim de Sousa Reis, vulgo Remexido, em agosto de 1838, em Faro:

1838, Julho, 28 -Agosto, 6 -Lisboa

Processo verbal sumário feito a José Joaquim de Sousa Reis Remechido, acompanhado do auto da sessão do Conselho de Guerra em que se sentenciou o fuzilamento do Remexido.

Depois de elencarmos este rol de correspondência acerca da guerrilha do Remexido, de avaliarmos como o governo se empenhou na captura do rebelde algarvio, com as mais diversas fontes de informadores, pode parecer muito surpreendente como foi tão difícil para as autoridades oficiais porem fim à resistência miguelista no sul do reino. Contudo, parece-nos que a resposta para a longa durabilidade desta guerrilha poderá ter estado precisamente na tática levada a cabo com grande acerto por Remexido de interceptar a correspondência militar, o que lhe ia permitindo saber em primeira mão dos planos governamentais para o aniquilarem.

3.3. Das imagens arquetípicas de Bandido(s) e de herói(s)

«Este processo é extraordinário, tudo nele há-de ser extraordinário»

Esta citação atribuída por João Brandão a Manuel Celestino Emídio sugerem a pré-intenção que este juiz que presidiu ao seu julgamento aquando da sua acusação pela morte do padre Portugal já teria a fim de o condenar.³⁷⁸

«Confronte-se agora este depoimento com a exposição exagerada do sr. Teixeira de Vasconcelos. A testemunha não tinha falado em João Brandão, mas o escritor diz que sim!»³⁷⁹

³⁷⁸ João Brandão, *op. Cit.*

³⁷⁹ *Ibid.*

Serve esta frase de João Brandão, contida no seu manuscrito: *Apontamentos da Vida de João Brandão : por ele escritos nas prisões do limoeiro envolvendo a história da beira desde 1834*, para ilustrar o antagonismo de posições que se podem estabelecer acerca de um mesmo acontecimento.³⁸⁰ E a partir deste dualismo, se formarem as imagens dicotómicas de bandido ou herói. Assim se criam as representações arquetípicas.³⁸¹

O limiar, na vida destas personagens de perfil dualista, como João Brandão e Remexido, entre o bem e o mal é bastante estreito, daí que, nos seus percursos de vida, caminhem lado a lado, os actos heróicos com os crimes tenebrosos. É, por tal facto, que se vão criar sobre si arquétipos tão díspares. O arquétipo é um modelo original que todo o homem possui no seu inconsciente coletivo³⁸² de forma inata, independentemente do tempo e do lugar onde nasça.³⁸³ É nesta estrutura da psique que residem as proto-ideias que moldam o pensamento de carácter mítico.³⁸⁴

É, pois, a partir desta estrutura cerebral, através do seu inconsciente coletivo, que o povo irá elaborar os seus juízos de valor sobre as atuações de João Brandão e do Remexido, decidindo se foram bandidos ou heróis. Esta citação é paradigmática de como se pode moldar de forma negativa uma imagem, e como disso João Brandão tem plena consciência: «*O sr.*

³⁸⁰ *Ibid.*

³⁸¹ “Na psicologia, o termo surge com Carl Jung, considerando que o arquétipo é um conjunto de disposições universais do imaginário humano. Os arquétipos estão presentes no inconsciente coletivo e revelam-se, independentemente do tempo e do espaço, na consciência das pessoas e dos povos através dos sonhos, da imaginação, do subconsciente, da infância, do primitivo, das imagens e dos símbolos e figuram nos contos, lendas e tradições populares.” *In: arquétipo in* Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-07-23 16:32:20]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/arquétipo>>

³⁸² O inconsciente coletivo é uma teoria criada pelo psiquiatra e psicanalista suíço Carl Jung, que desenvolveremos na 4ª parte deste trabalho.

³⁸³ “Deve-se notar quem em 1912, por ocasião de palestras no EUA, Jung visitou manicômios destinados aos negros, para poder estudar os sonhos e delírios desses pacientes, o que ele pode notar era que os conteúdos eram semelhantes aos de seus pacientes na Suíça e, alguns delírios e percebeu claro paralelo com a mitologia grega. Para Jung, a universalidade dessas representações psíquicas estavam relacionadas com a história do homem. Segundo ele, assim como o corpo humano representa todo um museu de órgãos com uma longa história evolutiva, devemos esperar que o espírito também esteja assim organizado, em vez de ser um produto sem história.” Moraes, Fabricio Fonseca, (2010) Arquétipo e Representações Arquetípicas, *Psique Objetiva* [em linha], [cons. em 23-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://psiqueobjetiva.wordpress.com/2010/05/21/arquetipo-e-representacoes-arquetipicas/>>

³⁸⁴ Significado / definição de arquétipo no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, [em linha], [cons. em 23-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.priberam.pt/dlpo/arqu%C3%A9tipo>>

*Teixeira de Vasconcelos, no seu preconizado folheto, pintou, a seu sabor, o meu carácter e a minha vida com considerações tão feias e horrorosas, que a serem a quarta parte delas verdadeiras, ninguém me daria guarida, e o mundo inteiro me seria adverso.»*³⁸⁵

Como temos vindo a dizer foram os folhetins/jornais; os livros, biografias e romances; a literatura de cordel, os veículos que mais contribuíram para a construção dos arquétipos positivos ou negativos junto da opinião pública e da subsequente moldagem de João Brandão e Remexido como bandidos ou heróis. Não citámos as obras de História de Portugal, aquelas que servem como manuais escolares, porque, essas, praticamente, que ignoram estas duas figuras do século XIX português.

No caso de João Brandão, como fontes primárias, quem mais terá contribuído para a sua moldagem como bandido foram Teixeira de Vasconcelos, que fez o relato do seu julgamento, no tribunal de Tábua, pela morte do padre Portugal, como o próprio João Brandão refere na conclusão dos seus apontamentos de vida; e Joaquim Martins de Carvalho, primeiro no periódico *Observador* e, depois, quando este mudou de nome para o jornal *O Conimbricense*, e por fim, no livro, *Os Assassinos da Beira*. Vejamos como João Brandão, nos seus apontamentos de vida, classifica a forma falsa como Teixeira de Vasconcelos faz a descrição do que se passou no seu julgamento.³⁸⁶ Como João Brandão se queixa da má vontade de Teixeira de Vasconcelos para com ele, e isto, a propósito da acusação pelo homicídio de João António Madeira de Vila Pouca da Beira: «*É esta uma das mortes que o sr. Teixeira de Vasconcelos me assaca no seu folheto!*»³⁸⁷

Nas próximas passagens João Brandão será mais duro para com Teixeira de Vasconcelos. E isto também sucederá porque estarão em causa os relatos sobre o momento capital da sua vida, o julgamento deste pela alegada morte do padre Portugal. João Brandão seria condenado e degredado para Angola. Para João Brandão, Teixeira de Vasconcelos

³⁸⁵ João Brandão, *op. Cit.*

³⁸⁶ “Não se pode duvidar disto, porque o sr. Teixeira de Vasconcelos também o conta com aquela elegância de frase e elevação de estilo com que, à falta de sã doutrina e verdade, orna os seus escritos.” (João Brandão, *op. Cit.*)

³⁸⁷ João Brandão, *op. Cit.*

estava ao serviço dos seus inimigos.³⁸⁸ Acusava-o de até receber dinheiro para denegrir a sua imagem, contribuindo para moldar a sua imagem de bandido.³⁸⁹ Continuando a criticar fortemente Teixeira de Vasconcelos, e isto, num caso em que João Brandão também reprova asperamente o comportamento parcial de Manuel Celestino Emídio, o juiz presidente do seu julgamento, pela morte do padre Portugal, realizado em 31 de Maio de 1869, no tribunal de Tábua.³⁹⁰ João Brandão prossegue na censura de Teixeira de Vasconcelos ao afirmar que ele, neste julgamento, só realçava os depoimentos das testemunhas que lhe eram desfavoráveis, omitindo as que lhe eram favoráveis.³⁹¹ E que também disvirtuava os depoimentos, como no caso da testemunha, Manuel Tavares.³⁹² Para culminar a crítica a Teixeira de Vasconcelos, diz que ele está a fazer o jogo dos seus inimigos, isto a propósito do muito propalado assunto,

³⁸⁸ “[...]para o testemunho insuspeito do sr. António Augusto Teixeira de Vasconcelos, que no seu muito célebre folheto promete dizer a verdade (aquela que lhe foi ministrada pelos meus inimigos e lhe conviesse) e não fala em tal deprecada.” (*Ibid.*)

³⁸⁹ “Como epílogo do acervo de perseguições atroz de que tenho sido vítima e que deixo expostas com toda a veracidade, segue-se relatar a história do processo instaurado pela morte do padre José da Anunciação Portugal, da cidade de Aveiro. Não só, como disse, para remate da multiplicidade de embaraços que à minha vida pública e particular meus inimigos se têm esforçado em opôr-se, como já demonstrei, mas ainda para pelo meu silêncio não dar razão à imparcialidade do sr. dr. A. A. Teixeira de Vasconcelos, Fouquier improvisado que, com a mira no ganho, desceu, se descer podia ainda, a ir especular com a triste celebridade dum pobre nome arrastado e vilipendiado, já pela malquerença e mesquinhos ódios, já pela sórdida inveja, exporei resumidamente, mas com todo o rigor verídico nos detalhes, a causa célebre que ao sr. Teixeira de Vasconcelos rendeu mais uma folha para aumentar a coroa de imarcessíveis loiros que lhe engrinalda a frente de escritor abalizado, e à sua algibeira mais algumas libras, que juntou a outras, produto, como estas, de alguma burla.” (*Ibid.*)

³⁹⁰ “Ainda outra vez chamo, neste ponto, a atenção do leitor para o folheto do sr. António Augusto Teixeira de Vasconcelos, onde a imparcialidade tão apregoada pelos bicos da pena de s. s.a, que prometeu seguir no meu processo a verdade, omitiu esta circunstância tão notável, e assaz significativa. Assim o fez, porque, na sua qualidade de bacharel em direito e de espírito cultivado, conheceu o alcance desta inconveniente manifestação do juiz.” (*Ibid.*)

³⁹¹ “Seguiu-se a testemunha 15.a, Manuel José de Macedo, afaiate, de Candosa, por alcunha "O Vinagre", compadre três vezes de minha esposa, como confessou a instância minha. — Esta circunstância também esqueceu notar ao sr. Teixeira de Vasconcelos no seu preconizado folheto. Tais esquecimentos são suspeitos e por isso não posso deixar de os fazer notar.” (*Ibid.*)

³⁹² “Agora a transcrição exacta do que a testemunha Manuel Tavares disse no auto administrativo, para se conhecer a boa fé do sr. Teixeira de Vasconcelos, e a maneira como desfigurou os factos para agravar mais a minha tão pouco invejável situação, e satisfazer a paixão rancorosa dos meus implacáveis perseguidores. Eila: «Manuel Tavares, casado, proprietário, de S. Giraldo, de idade 36 anos. Disse que no dia 2 do corrente (referia-se ao dia 2 de Abril de 1866) no fim da missa de Várzea, ouvira dizer publicamente, que quem fizera a morte do padre José da Anunciação Portugal, foram dois indivíduos, mas que ignorava quem eles fossem. E mais não disse.»” (*Ibid.*)

de que João Brandão, no julgamento pelo assassinato do padre Portugal, iria pagar por todos os seus alegados crimes registados no passado.³⁹³

Sousa Costa, em *Páginas de Sangue*, uma obra que poderemos considerar um romance histórico, publicado no primeiro quartel do século XX, também traça um quadro algo sombrio dos Brandões do Casal da Senhora, nomeadamente do pai de João Brandão, o que prejudica, por arrastamento, o filho João Brandão.³⁹⁴ A título de exemplo, examinemos esta passagem escrita em sentido figurado, mas bastante elucidativa da forma como este autor concebia os Brandões do Casal da Senhora:

Ora o nosso magno cronista, apesar das juntas ainda magoadas do morder da ferrugem articular, não hesitava no passo firme da sua tese. Os Brandões, os Cacos, os Marçais representavam para ele, e ele queria que o representassem para nós - lascas ardentes dum blóco em combustão. Do fogo que consumia o paíz saltavam, faulhantes, aquelas chispas a arder.³⁹⁵

Já outra obra publicada igualmente nos princípios do século XX, e que já analisámos anteriormente, da autoria do bacharel de Direito, Dias Ferrão, é uma obra bastante simpática para a figura de João Brandão. Há mesmo quem considere este livro uma forma de reabilitar a imagem de João Brandão.³⁹⁶

Podemos ainda falar ligeiramente da importância da literatura de cariz popular, ou seja, daquela forma de expressão, que mais influência tem na criação dos arquétipos junto das massas menos instruídas em termos de conhecimento livresco. daquelas populações que fazem uma apreensão do mundo, principalmente, através da informação oral. A este propósito, há que referir, o próprio testemunho de João Brandão na conclusão dos seus apontamentos de vida e da passagem sobre o mesmo tema do já citado Dias Ferrão.

³⁹³ “Passou-se ao meu interrogatório, e o juiz, em vez de me fazer as perguntas sobre o crime de que eu era acusado, interrogou-me sobre acontecimentos passados há 16-20-24-25-26-28 e 30 anos!!!... Eu, que não devia responder uma palavra senão relativamente ao de que era arguido no processo, satisfiz cabalmente ao sr. Celestino, e disto mesmo o sr. Teixeira Vasconcelos pretendeu tirar partido contra mim, invertendo as minhas respostas, e fazendo a vontade aos meus rancorosos inimigos!” (*Ibid.*)

³⁹⁴ “Quanto a Manuel Brandão-o-Velho, conhecia-mol-o já, suficientemente, para lhe não esquecermos o perfil e a intolerância. Régulo poderoso da sua região, iamos conhecer em minúcia os lances capitaes das suas hostes — em que se notabilisaram os sobrinhos e os irmãos, em que os filhos, principalmente o João, o celebre João Brandão, adquiriram fama que não morrerá no tempo nem se dissolverá no espaço.” (Sousa Costa, 1937, cap. V)

³⁹⁵ *Ibid.*: cap. XX

³⁹⁶ Ponto 3.1.1. desta dissertação

João Brandão considera que, quando estava recluso nas prisões do Limoeiro, também, a literatura de cordel³⁹⁷ contribuiu fortemente para disseminar a sua imagem negativa. Ele denuncia este facto nos seus apontamentos de vida que escreveu. Queixa-se de os jovens cegos estarem constantemente junto da prisão, mesmo defronte da sua janela, a entoar os pregões dessa literatura de cordel, que eram bastante difamatórios para ele e para a sua esposa.³⁹⁸ João Brandão dirige-se, então, ao governador civil de Lisboa, o conde da Lousã, a quem pede que dê ordens para impedir que os jovens cegos continuassem a cantar aquelas canções de conteúdo humilhante e degradante junto da sua janela.³⁹⁹

Como fontes secundárias, Álvaro Costa com *João Brandão: O Herói das Beiras*, segue na esteira de D. Ferrão e traça um retrato algo desculpabilizador da figura de João Brandão. José Manuel Castro Pinto com *João Brandão: O Terror da Beira* traça um retrato bastante equilibrado, onde tanto ataca como defende João Brandão, e isto, apesar do nome da obra, que sugere uma pré-intenção de denegrir a figura de João Brandão.

No caso do Remexido, como fontes primárias, a obra que mais terá construído a imagem maligna foi a obra, *Os Desastrosos Acontecimentos de Albufeira*, um manuscrito da autoria de Francisco António da Silva Cabrita, um clérigo que participou do lado dos liberais,

³⁹⁷ *Lá vem João Barandão,
tocando o seu violão,
casaca à moda na mão,
E então, e então, e então.
Trai, trai, olaré, trai, trai,
era a moda do meu pai.
Ó pastor, ah! ah! ah!...*

(Canção Popular cuja origem está na deportação de João Brandão, para Angola, em 1870, na sequência da condenação por homicídio do Padre José da Anunciação Portugal. *In*: Frádigas O Livro (blog)

[em linha], [cons. em 14-02-2014]. Disponível na Internet: <URL:

<http://fradigascjtm.blogspot.pt/2011/04/joao-brandao-o-terror-das-beiras-e-os.html>

³⁹⁸ “[...] e finalmente desde que os meus inimigos, para ainda mais me rebaixarem, inventaram a meu respeito umas cantigas torpes, e mandaram os cegos apregoá-las e recitá-las mesmo defronte das janelas da minha prisão!” (João Brandão, *op. Cit.* pp. 215)

³⁹⁹ “Sobre este facto de inaudito escândalo, e prostergação do decoro que se deve a todo homem, dirigi ao exmo. sr. conde da Lousã, actualmente governador civil do distrito de Lisboa Achando-me sob a tutela da lei, e encerrado numa masmorra, pedia a justiça e a humanidade, que eu fosse respeitado. Não sucede assim, infelizmente, porque oiço todos os dias, e a todas as horas, arrastar o meu nome e o de minha desventurada esposa, até mesmo defronte da janela da minha prisão, nas cantigas mais abjectas e degradantes, entoadas pelos cegos, e apregoada a obscenidade escandalosa e inaudita pelos garotos professos. Uns e outros representam, a meu ver, um papel ensaiado por aqueles que desejam a minha ruína e promovem a minha desgraça. E a polícia não terá meios de obstar a estes abusos inqualificáveis, que a sociedade rejeita, e a moralidade repele? Decerto que os tem. Ela, que não permite cantigas obscenas e irreligiosas; [...]” (João Brandão, *op. Cit.* pp. 215-216)

em 1833, na defesa de Albufeira, a maior chacina, juntamente com o morticínio de Loulé, levada a cabo pelos homens do Remexido.

Já em contra ciclo vai o historiador algarvio Alberto Iria, que descreve o Remexido com os tons de um retrato panegírico. Os artigos, disponíveis na *Internet*, que podemos consultar acerca de Remexido sugerem, maioritariamente, Remexido como um comandante de guerrilha cheio de predicados, como uma grande figura algarvia que urge reabilitar:

É uma das mais curiosas figuras que o Algarve forneceu para a história do país de que faz parte, uma figura que há o dever de reabilitar, que há obrigação de colocar no lugar que lhe pertence, de tão deturpada que a sua memória anda em miseráveis folhetos de cordel.⁴⁰⁰

O Remexido foi injustamente, condenado. O seu julgamento foi uma grande farsa. Fuzilaram-no à pressa, para não dar tempo a que chegasse o indulto de D. Maria II que o indultava:

Após ser julgado em conselho de guerra a 1 de Agosto, no Edifício da Misericórdia de Faro A acusação foi um chorrilho de falsidades, insultos e torpezas. Enfrentou o julgamento firme e sereno. Respondeu com facilidade, honradez e lucidamente Foi imediatamente condenado à morte. O tribunal não permitiu apelo e o fuzilamento, vilmente precipitado para anteceder a chegada do indulto concedido por Dona Maria efectuou-se a 2 de Agosto de 1838, no campo da Trindade em Faro.⁴⁰¹

Tal como João Brandão, o Remexido é apenas um produto das circunstâncias em que viveu, e que não tinha alternativa. Que matou para não ser morto, que não se entregou, porque não o deixaram entregar-se, que até tinha atos de grande cavalheirismo:

Produto de uma época atribulada, Remexido, que segundo as suas próprias declarações fez guerra por necessidade, matou para não ser morto, e desobedeceu aos poderes constituídos porque o não o deixaram obedecer, que recebeu de D. Miguel a Comenda da Torre de Espada e o Posto de Brigadeiro chegando a ser nomeado Governador Civil do Algarve, está muito longe de ser aquele criminoso célebre que para ai se apresenta, antes da sua agitada vida interessantes notas de bondade e cavalheirismo se poderiam apontar.⁴⁰²

Finalizamos, com esta citação, que pode ser considerada paradigmática sobre a visão dualista acerca de Remexido:

A Toca do Remexido

⁴⁰⁰ *O Homem da Serra* [em linha], [cons. em 23-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://quem-foi-o-remexido.blogspot.pt/>>

⁴⁰¹ *Ibid.*

⁴⁰² *Ibid.*

O Remexido, José Joaquim de Sousa Reis de seu nome (1796-1838), algarvio dos sete costados, esteve do lado errado da história a defender uma causa perdida. Para uns um herói romântico, para outros um guerrilheiro provinciano sem escrúpulos, acabou fuzilado em Faro após tardio perdão real. [...] ⁴⁰³

⁴⁰³ *A Toca do Remexido*, [em linha], [cons. em 23-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://remexido.blogspot.pt/>>

CAPÍTULO IV

DO BANDIDO E DO HERÓI OU DOS PERCURSOS DE

RECONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA

Depois de nos três anteriores capítulos termos feito a análise das vidas de João Brandão e Remexido, principalmente, através da historiografia clássica, vamos, neste derradeiro capítulo, abordá-las numa perspetiva multidisciplinar. Pensamos que, para perceber se estas duas figuras foram bandidos ou heróis, será imperativo dissecá-las sob a lupa de outras disciplinas, que não apenas a da história convencional.

*«Existem poucos assuntos que nos interessem mais, genericamente, do que as aventuras de salteadores e bandidos».*⁴⁰⁴

Os modelos historiográficos surgidos nos finais do séc. XIX e princípios do séc. XX ajudar-nos-ão a esmiuçar as personagens da tipologia em questão. Mesmo estando baseados em acontecimentos verdadeiros os registos sobre a memória pública e do mito, são muito propensos à dúvida. Dão-nos bastantes informações quanto ao meio ambiente do banditismo. Contudo, teremos sempre que aferir da subjetividade do autor da fonte e da possibilidade das informações se encontrarem deturpadas. Outra grande dificuldade será avaliar onde o "mito" do banditismo esclarece quanto ao comportamento real do bandido? Em que medida os bandidos correspondem ao papel social que lhes foi atribuído no drama da vida camponesa? Estabelecer estas diferenças, não raras vezes, ténues, direcionar-nos á para conceder aos bandidos a imagem de heróis. Daí que, recorrentemente, nos afastemos da racionalidade e resvalemos na ficção, protraindo os métodos científicos que a História exige (exame heurístico e hermenêutico) e caíamos na literatura.

Isso pode ser exemplificado na personagem do cónego Diogo, do romance naturalista/realista do séc. XIX escrito pelo brasileiro Aloísio de Azevedo, *O Mulato*.⁴⁰⁵ Este clérigo pode, de certa forma, enquadrar esta dialética bandido/herói, já que, aparentemente, teria uma ação filantropa na sua sociedade, um autêntico herói, porém, cometeu um ato de puro bandido, ao urdir um plano diabólico, quando foi o autor moral do homicídio de Raimundo, um mulato, e isto apenas por motivos de segregação racial.

⁴⁰⁴ Hobsbawm, 1976, prefácio

⁴⁰⁵ Azevedo, Aluísio (1973) *O Mulato*. [em linha], [cons. em 27-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/omulato.pdf>>

Por tais dificuldades de interpretação, é que esta matéria tem vindo, gradualmente, a merecer o interesse científico dos historiadores e sociólogos. Será, sobretudo, graças às metodologias introduzidas pelas teorias e correntes da História Marxista, História Social e História dos Annales, que disporemos de instrumentos capazes para ter uma perspetiva muito mais abrangente sobre o tipo de figuras como João Brandão e Remexido, que pouco interesse mereceriam por parte da antiga Historiografia (História Positivista/Metódica), por não terem pertencido às classes mais proeminentes e privilegiadas da sociedade (reis, governantes, nobres guerreiros ou altas figuras eclesiásticas), visto que foram duas personalidades oriundas do povo, que lograram ascender, na ainda rígida pirâmide social de Oitocentos, ou por casamentos, ou por influências políticas ou ainda por serviços prestados ao seu poder governativo. Recorreremos ainda à Micro-história, uma corrente historiográfica surgida no último quartel do séc. XX, para auxiliar-nos na perspetiva regionalista/localista da História para alcançar uma delimitação temática mais específica e rigorosa de João Brandão e Remexido da sua espacialidade e temporalidade.

Para tentar compreender a ambivalência bandido-herói em João Brandão e Remexido vamos de seguida apresentar algumas definições acerca desta dicotomia. Seguramente que Eric Hobsbawm com as obras: *Rebeldes Primitivos* e *Bandidos* é a grande referência no estudo da ambivalência bandido/herói, funcionando como o guia da nossa investigação. A forma como este autor explora o conceito de bandido social servir-nos-á para perceber quão perto ou quão longe JOÃO Brandão e Remexido estão de serem simples bandidos ou pelo contrário incensados heróis.

4.1. Várias tipologias de bandidos/heróis

Em todos os tempos e em todos os lugares, a personalidade/carácter dos homens foi moldada por valores, como a generosidade, a lealdade, a coragem, a independência e o desprendimento; e por contra-valores, como a ganância, a falsidade, a subserviência e a avaréza. Por conseguinte, estes são constituintes ou traços que fazem parte da moldagem do carácter ambivalente das figuras que aqui estudamos de bandidos/heróis.⁴⁰⁶ Se o bandido pode

⁴⁰⁶«Os valores são características positivas que devem nortear a nossa vida, e que nunca passarão. E os contravalores é todo o contrario: o que não tem valor e que deve ser descartado.» In: *Valores ou contravalores?* [em linha], [cons. em 07-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: http://www.paroquianossasenhoraabadia.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=153:valores-contravalores&catid=13&Itemid=134>

ser o criminoso, também pode ser o protetor, o justiceiro, o repartidor público, tornando-se desta feita o herói. Na maioria dos casos a sua vida traduz as duas faces da mesma moeda. Como bandido e herói são palavras polissêmicas, vamos de seguida, apresentar várias entradas:

Bandido: **1.** pessoa que pratica atividades ilegais e criminosas; malfeitor; criminoso **2.** pessoa sem carácter. **3.** ADJETIVO: banido; desterrado. **4.** ETIMOLOGIA: Do italiano *bandito*, «proscrito»⁴⁰⁷

Herói: **1.** indivíduo que se destaca por um ato de extraordinária coragem, valentia, força de carácter, ou outra qualidade considerada notável. **2.** aquele que é admirado por qualquer motivo, constituindo o centro das atenções. **3.** CINEMA, LITERATURA: protagonista **4.** MITOLOGIA: personagem nascida de um ser divino e outro mortal. **5.** ETIMOLOGIA: Do grego *héros*, «chefe», pelo latim *herōe-*, «herói; homem célebre»⁴⁰⁸

Não é casualmente que, na nossa investigação e circunscrevendo-nos ao nosso problema, optamos por lançar em primeiro lugar o conceito de bandido. E isto, porque verificamos logo a partir das primeiras leituras que, na ação destas duas figuras, a ideia de bandido prevalece sobre a de herói, ao contrário do que acontece, por exemplo, com Robin Hood, o bandido mais famoso do mundo. É o herói mais comum de baladas e canções. Aliás, Eric Hobsbawm insere-o na sua obra, *Bandidos*, na categoria dedicada ao ladrão nobre.⁴⁰⁹ E isto, porque este inglês passou à posteridade devido à generosidade que votava aos mais indefesos. Hobsbawm considera Robin Hood "a quinta essência" da lenda dos bandidos. Mas, a verdade, é que não existem certezas sobre a sua verdadeira existência. A lenda de Robin Hood já dura há cerca de 600 anos. Os primeiros testemunhos escritos acerca deste bandido são de antes do século XIV.⁴¹⁰ A ótica sob a qual fomos da lei como Robin Hood são

⁴⁰⁷ *bandido* in Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-06-23]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/bandido>>

⁴⁰⁸ *herói* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-06-23]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/herói>>

⁴⁰⁹ «Robin Hood, o ladrão nobre, é o tipo de bandido mais famoso e popular em todo mundo, o herói mais comum de baladas e canções na teoria, ainda que não seja assim na prática.» (Hobsbawm, 1975, cap. III)

⁴¹⁰ «[...] é também atípica. Jamais se identificou, incontestavelmente, a existência real de um Robin Hood, ao passo que nos casos de todos os outros bandidos-heróis que fui capaz de estudar, suas existências, ainda que

vistos, depende sempre dos ideais perfilhados pelo autor que o observa. Daí, que não seja surpreendente, que E. Hobsbawm retrate Robin Hood com grande benevolência. Afinal, Hobsbawm é um historiador com ligações à historiografia marxista,⁴¹¹ que, por isso, tem propensão para magnificar os bandidos com perfil revolucionário, ou seja, aquelas figuras que levam a efeito uma luta de classes e, sobretudo, fazem uma distribuição mais equitativa dos recursos económicos.⁴¹²

Percebemos rapidamente que João Brandão e Remexido eram muito mais catalogados com adjetivos com uma carga negativa, como criminoso, delinquente, assassino, bandoleiro, salteador, ladrão, facínora, sicário do que com adjetivos com uma carga positiva, como herói, santo/Cristo (o caso do andaluz Diego Currientes, que viveu no séc. XVIII, e que a lenda diz que nunca terá cometido qualquer assassinato: «*Se dice que nunca llegó a matar a nadie*»,⁴¹³ defensor/protetor, guerreiro, cavaleiro ou mesmo o dúbio anti-herói.

Hobsbawm em *Bandidos* apresenta-nos as diversas vertentes do banditismo: o bandido social, o ladrão nobre, os vingadores, os Haiduks,⁴¹⁴ os expropriadores, o bandido como símbolo. Propomo-nos também examinar se as figuras de João Brandão e Remexido poderão ser considerados guerrilheiros ou em oposição bandoleiros, uma vez que o perfil de guerrilheiro facilmente degenera para bandoleiro. Segundo a definição de guerrilheiro do

envolvidas em mito, podem ser retilhadas até algum indivíduo identificável, em alguma localidade identificável.» (Hobsbawm, 1975, cap. IX)

⁴¹¹ Woods, Alan (2012). Hobsbawm foi um marxista? Parte 1. *Esquerda Marxista*, [em linha], [cons. em 22-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.marxismo.org.br/content/hobsbawm-foi-um-marxista-parte-1/>>

⁴¹² Gasparetto Junior, Antonio (s.d.). História Marxista, *InfoEscola, Navegando e Aprendendo*. [em linha], [cons. em 22-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.infoescola.com/historia/historia-marxista/>>

⁴¹³ Mayordomo, Manuel Montoya – *Leyendas y Poesías* [em linha] Google Livros, pp. 16 [cons. jan. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <https://books.google.pt/books?id=tVP1rQ15obAC&lpg=PA16&ots=sSXsEZEpGA&dq=Se%20dice%20que%20nunca%20lleg%C3%B3%20a%20matar%20a%20nadie&hl=pt-PT&pg=PA16#v=onepage&q=Se%20dice%20que%20nunca%20lleg%C3%B3%20a%20matar%20a%20nadie&f=false>>

⁴¹⁴ “[...]o banditismo social constitui fenómeno universal, que ocorre sempre que as sociedades se baseiam na agricultura (inclusive as economias pastoris), e mobiliza principalmente camponeses e trabalhadores sem terras, governados, oprimidos e explorados — por senhores, burgos, governos, advogados, ou até mesmo bancos, é encontrado em uma ou outra de suas três formas principais, cada uma das quais será discutida num capítulo distinto: o ladrão nobre, ou Robin Hood, o combatente primitivo pela resistência ou a unidade de guerrilheiros formada por aqueles que chamarei de haiduks e, possivelmente, também o vingador que semeia o terror.” (Hobsbawm, 1976:12)

Michaelis Dicionário Moderno da Língua Portuguesa: «Bando armado de voluntários não disciplinados militarmente, que em geral atacam o inimigo pela sua retaguarda, com o objetivo de importuná-lo, interromper as suas linhas de comunicação e destruir seus suprimentos». ⁴¹⁵ Ou essa classificação de bandidos ou guerrilheiros depende de serem vitoriosos ou derrotados da História. Compararemos ainda estas duas figuras oitocentistas com criminosos de delito comum: homicidas passionais e violadores, delinquentes com objetivos materiais como ladrões, envenenadores ou simples sociopatas/psicopatas.

Será questionável se serão apenas os psicopatas, ou, *quicá*, mesmo qualquer tipo de bandido, a caracterizarem-se por uma estrutura psíquica, onde o *ID*⁴¹⁶ tem um papel hegemónico, ficando o superego com um papel bastante subalterno, limitando-lhes a função do remorso, sobressaindo-lhes desse modo a ausência de consciência. Estas personagens com um superego subalternizado, não têm uma estrutura que lhes possa fiscalizar os comportamentos mais censuráveis em sociedade, impedindo-as de cometer ações desviantes, como crimes hediondos. Pelo contrário, é o *ID* que comanda as suas ações, não se guiam pelo juízo, lógica, valores, ética ou moral, são exigentes, impulsivos, cegos, irracionais, antissociais, egoístas, movendo-se pelo prazer. Daí que pensemos que muitos dos bandidos, principalmente, os mais cruéis, são comandados pelo *ID*, enquanto os heróis são comandados pelo superego. ⁴¹⁷

4.1.1. Comparando João Brandão e o Remexido com bandidos sem o perfil dualista de bandido/herói: os casos de Diogo Alves e Matos Lobo

⁴¹⁵ *Guerrilheiro in*: Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. [Em linha] [Cons. em 23-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=guerrilheiro>>

⁴¹⁶ “Psicanálise: parte mais profunda da psique, que recebe os impulsos instintivos dominados pelo princípio do prazer e herdados como parte do inconsciente”. *id* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 23-06-2017]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/id>

⁴¹⁷ «O *id* é o reservatório das pulsões e responsável pelas demandas mais primitivas e perversas. O *superego* é a parte moral e representa os valores da sociedade, ele contra-age ao *id*. O *ego* está entre os outros dois, é onde nossas necessidades primitivas e nossas crenças éticas e morais se alternam. O nosso equilíbrio ou sanidade mental é dado pela habilidade em se adaptar à realidade e interagir com o mundo exterior de uma maneira que seja cômoda para o *id* e o *superego*. Os psicopatas têm um *id* exacerbado e um *superego* muito reduzido, ficando isentos do remorso e sobressaindo a falta de consciência moral.» *In*: Filosofias do Ego: *Psicopatia: Uma Filosofia do Ego*, [em linha], [cons. em 05-08-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://egofilosofante.blogspot.pt/2011/04/psicopatia-uma-filosofia-do-ego.html>>

Se Eric Hobsbawm defendia que o banditismo social, presumivelmente, terá sido a mais primitiva forma de protesto social organizado,⁴¹⁸ deixamos agora algumas figuras que nada têm a ver com essa configuração de banditismo, e isto, a fim de destrinçar o perfil de um delinquente puro e um delinquente que tenha "ambições" de chegar a bandido social e em consequência a herói. Este contraste também servirá para perceber como as sociedades lidam com os dois tipos de bandidos: os sociais e os antissociais. Não podemos equiparar todos os bandidos, que atingem certa popularidade, a Robin Hood. Existem aqueles bandidos de mais difícil catalogação. Nesse grupo, estão Diego Corrientes ou Janosik,⁴¹⁹ que mesmo não tendo atingido o modelo de perfeição do inglês, Hobsbawm não deixa de os inserir no seu modelo de ladrão nobre. Não são puros bandidos sociais, mas também não serão bandidos antissociais. Não são unânimes, mas recolhem uma grande simpatia dos mais fracos das suas comunidades. Exemplo disso, é a forma como o povo celebra o eslovaco Janosik em centenas de canções. Constituem canções de orgulho, e de saudade: «O cuco cantou no galho seco».⁴²⁰

Recorrentemente, o povo idealiza alguns criminosos, colocando-os, indevidamente, no panteão dos bandidos sociais. A este propósito, Hobsbawm adverte que a esmagadora maioria dos bandidos que o povo eleva à categoria de heróis enquadram-se muito mais no mito do crime urbano do que no banditismo social.

Diferentemente de Robin Hood, o arquétipo máximo do bandido “bom”, os pobres, não os auxiliam, não os consideram como seus defensores, não os idealizam nem os mitificam. Quando muito, e quando são formosos, têm a simpatia das mulheres, pela atração física que despertam.⁴²¹ Ao contrário do *modus faciendi* utilizado pelo arquétipo de rebelde social «que tirava dos ricos para dar aos pobres e que só matava em legítima defesa ou como justa vingança»,⁴²² estas personagens matam de maneira quase gratuita e com grandes requintes de malvadez.

⁴¹⁸Hobsbawm, 1979, Cap. 2

⁴¹⁹O protótipo dos bandidos dos Cárpatos em princípios do século XVIII

⁴²⁰Hobsbawm, 1975

⁴²¹*Ibid.*

⁴²²*Ibid.*

Em João Brandão e Remexido na sua controversa e ambivalente atividade libertadora *versus* opressora, podemos encontrar traços de inspiração política (o primeiro era liberal e o segundo era absolutista), daí que quer apoiantes quer detratores possam argumentar que ambos se bateram, em primeiro lugar, por uma causa ideológica; já nos casos de Diogo Alves (1810-1841) e Matos Lobo (1814-1842) não reconhecemos esse perfil ideológico. Pensamos que nestas duas figuras não haverá margem para a ambivalência bandido-herói. Indiscutivelmente, que são dois bandidos, que não tiveram qualquer reserva em matar para roubar. Esta tipologia de bandidos procurava atuar em grupo como bem demonstra o assalto encabeçado pelo galego Diogo Alves ajudado pelos seus cúmplices quando assaltam a residência do médico Pedro Andrade, situada no nº 16, da Rua das Flores, ao Chiado, em Lisboa.⁴²³ Eram indivíduos pertencentes a um gang ou quadrilha, normalmente como o seu líder, objetivavam com a sua ação acima de tudo benefícios materiais, não olhando aos meios para atingir os fins.⁴²⁴ Este tipo de bandido não revela qualquer preocupação de carácter social, como por exemplo, proteger os mais fracos da opressão dos mais fortes da sua sociedade, estando por tal facto muito longe do bandido social de Eric Hobsbawm,⁴²⁵ bem como do ladrão nobre.⁴²⁶ Pensamos que tanto Diogo Alves como Francisco de Matos Lobo enquadram-se no tipo de bandidos com um perfil psicopata/sociopata.⁴²⁷

Este tipo de bandido age sem qualquer objetivo nobre ou social. Utiliza na sua ação criminosa uma tal desumanidade e falta de escrúpulos, podendo mesmo ser conotado com um perfil misantropo. Revela total falta de sentimentos, tal como sucedeu no crime perpetrado por M. Lobo sobre as quatro pessoas (tia, prima, primo e criada).⁴²⁸ Este

⁴²³ O muito badalado, no século XIX, assalto da Rua das Flores, sucedido na noite de 26 de Setembro de 1839.

⁴²⁴ A quadrilha de Diogo Alves, neste assalto, chacinou com a mais bárbara violência, as quatro pessoas que estavam em casa, naquela altura. (Varatojo, 2003)

⁴²⁵Hobsbawm, 1976, cap. 1

⁴²⁶*Ibid*: cap. 3)

⁴²⁷ "O que é um psicopata?" *In*: *Mente e Cérebro - Duetto Editorial*, [em linha], [cons. em 22-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/o_que_e_um_psicopata_.html>

⁴²⁸ « O crime praticado por Francisco de Matos Lobo num primeiro andar do prédio nº5 da Rua S. Paulo, na noite de 25 para 26 de julho de 1841 – há perto de um século – é uma das maiores monstruosidades que a história criminal regista.» *in*: Machado, A. Victor (1933:13). *Do Crime e da Loucura*. Lisboa: Henrique Torres [em linha] [cons. em set. 2017]. Disponível em: <URL: <http://www.fd.unl.pt/anexos/investigacao/3593.pdf>>

bandido/homicida poderá sofrer de uma lesão no hemisfério direito do córtex cerebral, na região que regula os sentimentos.⁴²⁹ Este autor defende nesta obra, que as emoções também interferem na tomada das decisões.⁴³⁰ E é sob esta tese da importância das emoções na tomada das decisões, que pensamos que só homens com um cérebro com alguma lesão na região responsável pelas emoções poderão praticar crimes tão hediondos como os levados a cabo por Diogo Alves e Matos Lobo.⁴³¹ São homens que não sentem ou não têm a percepção do sentimento de culpa, isto, mesmo nos crimes mais bárbaros que possam cometer. Se mostram não possuir qualquer tipo de remorso, isso indica que são insensíveis à dor alheia, significando isto que o seu superego não lhes impõe limites de ordem moral.⁴³²

A atuação de João Brandão e Remexido, distancia-se grandemente das atuações de Diogo Alves ou de Matos Lobo, aproximando-se muito mais do *modus faciendi*, marcado por alguma inspiração de cariz político. Mas será importante, desde já, comparar João Brandão e Remexido com Diogo Alves e Matos Lobo para estabelecermos as diferenças entre os bandidos que apenas atuavam motivados pelo saque e utilizavam violência ilimitada com o outro tipo de bandidos que, nas suas atuações, também têm motivações políticas/ideológicas. Matos Lobo e Remexido tiveram em comum, a sua quase consumada carreira eclesiástica. Podemos ainda encontrar no banho de sangue realizado pelo bando do

⁴²⁹ Tese de António Damásio em *Erro de Descartes- "sinto logo existo"* (Damásio, 1995)

⁴³⁰ «Damásio admite que a razão e a emoção são processos inerentes à tomada de decisão, sendo que se complementam e se ajudam mutuamente.[...] Existo, sinto, logo penso. [...] Emoções como a compaixão, a culpa e a vergonha são importantes porque orientam o nosso comportamento moral.» *in*: Costa, Cristina, António Damásio - *"Razão e Emoção"*. Prezi. [em linha], [cons. em 22-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://prezi.com/zzhhdad36ml/antonio-damasio-razao-e-emocao/>>

⁴³¹ "Significado do Superego - O que é, Conceito e Definição", [em linha] [cons. em 22-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.significados.com.br/superego/>>

⁴³² «A cabeça do criminoso foi preservada por causa dos estudos sobre frenologia, que foram introduzidos pelo médico alemão Franz Joseph Gall nos anos de 1700. Vista como pseudociência atualmente, a frenologia buscava estudar partes do cérebro que julgava ter relações com os traços da personalidade de uma pessoa – essa área de pesquisa acreditava, por exemplo, que a cabeça de uma pessoa criminosa tinha nódulos cerebrais que poderiam ser apalpadados.

Foi com a intenção de estudar a cabeça de uma pessoa que teve um grande histórico criminal que os médicos conservaram essa parte do corpo de Alves. Não se sabe ao certo se pesquisas frenológicas foram, de fato, realizadas no cérebro do criminoso – outra cabeça, a de Francisco Mattos Lobo, contemporâneo de Alves e morto por matar quatro pessoas e um cachorro, foi motivo de estudo e está preservada na mesma universidade, embora não receba tantas visitas como a de Alves.» *In*: "A história do homem cuja cabeça está exposta em uma faculdade de Medicina". *Amazônia* [em linha], [cons. em 22-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://revistaamazonia.com.br/a-historia-do-homem-cuja-cabeca-esta-exposta-em-uma-faculdade-de-medicina/>>

Remexido, em Albufeira, em 1833, onde se praticaram as maiores crueldades, alguma similitude com o *modus faciendi* usado por Diogo Alves nos seus assaltos. Contudo, Remexido tinha subjacente à prática de atos violentos a defesa de uma ideologia, enquanto Diogo Alves e Matos Lobo apenas tinham a avidez dos bens materiais. De forma a vincar ainda mais a distinção entre Remexido e estes dois bandidos antissociais, resta acrescentar, que Remexido sempre se demarcou da chacina de Albufeira, e ainda dizia que tinha mandado fuzilar os verdadeiros responsáveis por esses atroz acontecimentos.⁴³³

4.1.2. Comparando João Brandão com um perfil passional de bandido/herói: Urbino de Freitas e Vieira de Castro

Estas duas personagens não se assumiram, enquanto bandidos, como aqueles homens de origem camponesa que se queriam revoltar contra um *status quo* injusto e cansados de suportar as dificuldades tradicionais do comum plebeu (pobreza e submissão) numa sociedade de classes. Pelo contrário, foram figuras proeminentes no séc. XIX graças ao estatuto adquirido: Urbino de Freitas⁴³⁴ foi um distinto médico/académico e Vieira de Castro⁴³⁵ foi um grande orador/político. Contudo, o primeiro teria a sua imagem de grande professor e médico maculada ao ser acusado de homicídio por envenenamento de alguns dos familiares da sua esposa por “simples” gula material, já que pretendia ser o único herdeiro na pessoa da sua esposa e ficar com a grande fortuna da família desta; enquanto o segundo que se notabilizou como ilustre orador, tanto nas tribunas parlamentares como no célebre caso que envolveu um aluno na universidade de Coimbra, numa ocasião, em que com todo o seu brilhantismo de exímio orador, defendeu Barjona de Freitas,⁴³⁶ quando este se candidatou a uma vaga de lente, e foi prejudicado pelos jús do concurso devido às suas

⁴³³Chagas, *op. cit*

⁴³⁴ "O Caso Urbino de Freitas" *in: De Rerum Natura (Sobre a Natureza das Coisas.)* [em linha], [cons. em 31-07-2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://dererummundi.blogspot.pt/2008/05/o-caso-urbino-de-freitas.html>>

⁴³⁵ "José Cardoso Vieira de Castro" *in: Casa de Camilo*, [em linha], [cons. em 06-08-2015]. Disponível na Internet: <URL: <https://casadecamilo.wordpress.com/2012/05/08/a-9-de-maio-de-1870-jose-cardoso-vieira-de-castro-amigo-de-camilo-desde-1852-assassina-a-sua-mulher-claudina-guimaraes-por-meio-de-cloroformio-e-estrangulacao-por-comprovado-ad/>>

⁴³⁶ «José Cardoso Vieira de Castro aparece a insurgir-se violentamente em defesa de Barjona de Freitas como candidato preterido num concurso interno.» *in: Monteiro, Miguel. José Cardoso Vieira de Castro.* [em linha] [Cons. em Jun. 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.museu-emigrantes.org/docs/laureados/Jose%20Cardoso%20Vieira%20de%20Castro.pdf>>

motivações políticas. No entanto, acabaria por cair em desgraça ao estrangular/assassinar, no dia 7 de Maio de 1870 a sua própria esposa, irado por um eventual adultério desta com José Maria de Almeida Garret (primo do afamado dramaturgo com o mesmo apelido).

Encontramos algum paralelismo destas duas figuras com João Brandão. A ganância irreprimível, de Urbino de Freitas, que o terá levado a assassinar os familiares da sua esposa, para que esta ficasse como a única herdeira, com o propalado assassínio de João Brandão do padre Portugal, a fim de também ficar com o dinheiro que este guardava, dinheiro esse, que era o resultado da venda das propriedades do Visconde de Almeidinha. De João Brandão com Vieira de Castro, na forma como ambos trabalham a palavra de forma superior. Vieira de Castro era um exímio orador que inflamava as massas e João Brandão escrevia de forma sublime, como demonstra a obra que criou (durante o seu cativo nas prisões do Limoeiro), onde recorre a elaborados recursos estilísticos, como anacolutos, o que não seria comum para um simples e rude guerrilheiro/bandido, e que para mais não nasceu num berço com qualquer tipo de tradição literária; ambos terminam, igualmente, degredados na costa ocidental africana.

Urbino de Freitas, visto que arquitetou um crime onde revelou total desprezo pelo valor da vida humana, pode ser considerado um puro bandido antissocial, enquanto Vieira de Castro, poderá ser visto como um homicida de delito comum, que não terá conseguido resistir a um impulso, a defesa da sua honra masculina. Verificamos, desta forma, que diferentemente de João Brandão e Remexido, tanto Urbino de Freitas, como Vieira de Castro, não agem em nome de qualquer ideal político.⁴³⁷

4.1.3. Comparando João Brandão e o Remexido com outras figuras também com perfil político: Tomás das Quingostas e António Macário

[...]os proscritos involuntários do campesinato, como os ex-soldados, desertores e pilhadores, que abundavam nos períodos de desordem e de guerras, serviam como elo

⁴³⁷ «No dia 7 de Maio de 1870, a tragédia aproxima-se, quando, julgando confirmadas as suas suspeitas de infidelidade da sua esposa, com o sobrinho de Almeida Garret, acaba por assassinar a sua jovem esposa, quando esta dormia, usando para isso, uma almofada com clorofórmio. No dia seguinte entregou-se às autoridades, confessando o crime. Em 1871, é julgado, partindo para Angola, a fim de cumprir a pena de 10 anos de degredo, vindo a falecer nos arredores de Luanda em 5 de Outubro de 1872, com apenas 36 anos de idade.» *in: Casa de Camilo*, [em linha], [cons. em 06-08-2015]. Disponível na Internet: <URL: <https://casadecamilo.wordpress.com/2012/05/08/a-9-de-maio-de-1870-jose-cardoso-vieira-de-castro-amigo-de-camilo-desde-1852-assassina-a-sua-mulher-claudina-guimaraes-por-meio-de-cloroformio-e-estrangulacao-por-comprovado-ad/>>

entre o banditismo social e o anti-social. Tais homens ter-se-iam ajustado facilmente a bandos sociais, mas ligavam-se com a mesma facilidade aos outros, levando para eles alguns dos valores e pressupostos de seu meio-ambiente nativo.⁴³⁸

Tomás das Quingostas (São Paio-Melgaço-Viana do Castelo) e António da Costa Macário, vulgo Caca ou Caco,⁴³⁹ (Midões-Tábua-Coimbra), foram dois guerrilheiros absolutistas mais ou menos contemporâneos de JOÃO Brandão e Remexido. Enquanto em Quingostas ainda podemos encontrar algum lastro do modelo dualista de bandido/herói, já no Caca isso não nos parece possível. O Caca, chefe dos “Garranos” tornou-se célebre pelas suas atrocidades, como exemplifica o bárbaro assassínio do cura de Fajão, Manuel Cardoso de Figueiredo, por este ser adepto do liberalismo. Podemos estabelecer um ponto de sintonia entre este episódio de uso de violência ilimitada sobre os padres simpatizantes da causa liberal com o extenso rol de padres assassinados pelo bando do Remexido por razões análogas. Parece-nos que Quingostas revela um comportamento que oscila entre o banditismo social e o banditismo antissocial. Tomás das Quingostas manifestou algumas contradições ideológicas, porque mesmo sendo defensor de uma ideologia que defendia a primazia do trono e do altar, não deixou de matar um agente da igreja. «*Na noite de 21 para 22 de Março de 1829 a quadrilha assassina, a sangue frio, o seminarista João Vicente da Costa Codesso, descendente, por parte da mãe, de famílias fidalgas*».⁴⁴⁰

Já o Caca parece-nos ser um bandido antissocial em toda a sua aceção, porque levou a cabo episódios da máxima crueldade, nunca denotando qualquer preocupação relativa ao doseamento no uso da violência. Andou também sempre muito longe de qualquer preocupação relacionada com o altruísmo e a justiça. Assumiu como prioridades boicotar a consolidação do liberalismo e das suas respetivas instituições, abandonou o seu antigo ofício de alfaiate, passando a dedicar-se ao assassínio por encomenda. O facto de Quingostas proceder de uma família com um estatuto social e económico relevante fazia com que o povo

⁴³⁸ Hobsbawm, 1975, cap. II

⁴³⁹ Tudo indica que certos autores mudavam o nome de Caca para Caco, apenas por uma questão de pudor. Daí que seja pouco provável existir qualquer conexão entre este Caco das Beiras e o Caco da mitologia romana, mas a verdade é que ambos tinham em comum o seu aspeto feroz. «Na mitologia romana, Caco era filho do deus do fogo Vulcano, e vivia numa caverna sob o monte Aventino. Segundo Virgílio, na epopeia Eneida, Caco é um gigante semi-humano. Já o poeta Dante Alighieri, na sua Divina Comédia, o retratou como um centauro, irmão dos centauros que guardam o Sétimo Círculo.» in *Dicionário Babylon* [em linha] [cons. em 06-08-2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://dicionario.babylon-software.com/caco/>>

⁴⁴⁰ Rocha, 2008: pp. 22

lhe devotasse algum respeito «e mais consolida o seu respeito porque este Rebelde he filho de boa família e que possui bens».⁴⁴¹ Quingostas tal como Remexido, teve o auxílio, até certa altura, das gentes da serra, que o escondiam e lhe disponibilizavam toda a sorte de víveres, sem os quais, estes homens, que viviam a monte não conseguiriam sobreviver. Porém, quando estes guerrilheiros/bandidos começaram a usar processos violentos para obter esses mesmos víveres, alguém desses antes solidários serranos, os iria delatar às autoridades, o que contribuiria decisivamente para a sua posterior captura.

O séc. XIX não terá sido um cenário social propício para o que hoje designamos de "igualdade de género", todavia, existem relatos de que no bando de Quingostas terão ocorrido algumas presenças femininas:

Apesar de a quadrilha ser, essencialmente, uma organização masculina, o certo é que em algumas ocasiões foram feitas referências à presença de elementos femininos, nomeadamente às duas irmãs que o acompanhavam e a duas mulheres, designadas pelas autoridades de “amigas” de Quingostas⁴⁴²

Este caso põe em causa os clichês de carácter ideológico entre conservadores e progressistas, porque no bando de um conservador deu-se espaço à igualdade entre homens e mulheres, enquanto num bando de um liberal, como o de João Brandão, isso não terá sucedido. Quingostas revela através deste episódio filoginia, ou seja, amor às mulheres, ainda que, o seu pensamento devesse andar relativamente afastado de filoginia como «Teoria da igualdade intelectual do homem e da mulher»⁴⁴³. Poderíamos confrontar este caso com aquele em que a quadrilha do Remexido usa de misoginia (ódio às mulheres), quando profana o cadáver de Felicidade Perpétua, e, a partir desta dialética comportamental, perguntar: Quingostas e Remexido bandidos ou heróis? Contudo, a resposta não é tão simplista, porque tanto Quingostas como Remexido em outros episódios tiveram comportamentos contraditórios com as mulheres.

4.1.4. João Brandão e o Remexido versus major Cristiano da Fonseca, o envenenador do Ervedal: um caso de moral e amor familiar

⁴⁴¹ Ferreira, *op. Cit.*, cap. 2

⁴⁴² Esteves, *op. Cit.*, pp. 553

⁴⁴³ Filoginia in *Dicionário Priberam*. [em linha] [cons. em mai. 2016] Disponível na Internet: <URL: <https://www.priberam.pt/dlpo/filoginia>>

O major Cristiano Augusto da Fonseca teria uma personalidade que, hoje, a ciência poderia classificar de psicopata/sociopata.⁴⁴⁴ E isto, porque na aparência, primava pela sedução e pelas boas maneiras, sendo também perito em fingir uma bondade que não possuía. Na realidade, não passava de um criminoso: envenenador, trapaceiro e extorsionista. Depois de 1834, associado com António Antunes, vulgo o Barbaças, e Lourenço Saraiva, o Cardador, ambos do Ervedal, dedicou-se ao roubo e à extorsão. Porém, seria a carreira de envenenador que o tornaria célebre. Primeiro em 1851, matou por envenenamento, o prior de Seixo do Ervedal, José Maria Calheiros. Este clérigo era, ou pensava, ser seu grande amigo, mas não aceitou ceder-lhe uma criada que ele desejava. Um dia ficou doente, e o "amigo" major Cristiano, depressa lhe "acudiu" com um caldo de galinha "bem temperado com veneno", que lhe provocaria a morte poucos dias depois, ficando assim vingada a desfeita de o sacerdote não lhe ter cedido a criada.⁴⁴⁵ O envenenamento mais famoso aconteceria no ano de 1852, quando este major resolveu matar grande parte da sua família, convidando-os para um jantar, onde os brindou com um guisado de arsénico. Alguns desses familiares conseguiram escapar ao envenenamento (os dois membros da família da sua mulher), porque, ao chegarem ao Ervedal, primeiro visitaram a casa de um amigo, Sebastião de Albuquerque Pinto Tavares Castelo Branco, que não os deixou sair sem jantarem. A mesma sorte não teriam o irmão, bacharel de Direito, José Augusto da Fonseca e a irmã D. Rosa, que sucumbiu ao veneno, juntamente com alguns pobres, por quem tinham repartido a comida.⁴⁴⁶

Se existe faceta em que as duas figuras centrais da nossa investigação se encaixam perfeitamente no estereótipo de herói é na questão de serem protetores intransigentes da sua família, ou mais rigorosamente, da sua família mais chegada (mulher, pais e filhos). Não ainda que, no referente a João Brandão, não possamos alargar esse instinto protetor a toda a

⁴⁴⁴ «São termos comuns para pessoas que exibem traços de personalidade patológicos [... APD e DPD são essencialmente a mesma coisa. Para ser diagnosticado com qualquer uma dessas condições, uma pessoa deve exibir "desrespeito e violação dos direitos dos outros.]" in: *Jornal Ciência*. "Qual é a diferença entre um psicopata e um sociopata?" [em linha], [cons. em 11-07-2017]. Disponível na Internet: <URL:<http://www.jornalciencia.com/qual-e-a-diferenca-entre-um-psicopata-e-um-sociopata/>>

⁴⁴⁵ «Em um caldo de galinha, que lhe subministrou, e por ele preparado com certa dose de veneno, ia a vingança do embaraço que lhe causara à sedução da criada, dando-lhe assim a morte dentro de poucos dias, o que sucedeu no referido ano de 1851.» (Pinto, 2004, cap. VII)

⁴⁴⁶ Carvalho, *op. Cit.*, cap. XXV

sua família, já que ele andou em constantes atritos com os seus parentes de Midões. Mas, este caso de animosidade parental, era recíproco, e manava de uma inconciliável divergência ideológica. No entanto, tanto ele como Remexido tudo fizeram para proteger os seus familiares mais chegados: é ver como João Brandão tudo fez para proteger o seu pai, durante vários confrontos bélicos, tendo algumas vezes de ficar sob fogo inimigo para o proteger e como o carregou nos seus braços quando ele ficou ferido;⁴⁴⁷ é ver como Remexido se vingou daqueles que inflingiram várias humilhações a sua mulher (palmatoadas e corte de cabelo como se fazia às prostitutas).⁴⁴⁸

Depois desta pequena descrição é fácil verificar como ambos estão longe do major Cristiano da Fonseca do Ervedal, que envenenou vários dos seus familiares, revelando o mais profundo desprezo pela espécie humana. A forma como o Major Cristiano da Fonseca matou os seus familiares demonstra autêntica misantropia. Se o protagonista Meursault do *Estrangeiro* de Albert Camus é condenado por não demonstrar qualquer emoção pela morte da sua mãe,⁴⁴⁹ o que se enquadra na corrente filosófica do existencialismo do absurdo, quando João Brandão e os seus comparsas profanam o cadáver do Ferreiro de Várzea, obrigando o irmão Miguel Nunes a transportar o corpo desfigurado e crivado de balas, ao mesmo tempo que iam apregoando que ali ia carne fresca, estão igualmente a revelar autêntico desprezo pela vida humana, como fez o major Cristiano da Fonseca, embora, não seja com um seu familiar.⁴⁵⁰

4.1.5. Comparando João Brandão e o Remexido com o exemplo paradigmático português de bandido/herói: José do Telhado

A acção do Zé do Telhado, alcunha de José Teixeira da Silva, integra-se no fenómeno organizativo de grupos de assaltantes que tem a sua génese, de formação espontânea, durante as invasões francesas. Perante a total falta de reacção do exército português à entrada dos napoleónicos, grupos de populares procuram quebrar a total impunidade dos invasores. Esses grupos, veras milícias populares, entretanto com experiência guerrilheira acumulada, foram aproveitados na guerra civil liberal por forças políticas e militares em campo: os "corcundas" (absolutistas) e os "malhados" (liberais).

⁴⁴⁷ Ferrão, *op. Cit.*,

⁴⁴⁸ Chagas, *op. Cit.*

⁴⁴⁹ *Falando em Literatura*. S.a. (2016) Resenha: "O Estrangeiro" de Albert Camus – Falando em Literatura", [em linha], [cons. em 12-08-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://falandoemliteratura.com/2016/06/13/resenha-o-estrangeiro-de-albert-camus/>>

⁴⁵⁰ Costa, 2001, cap. IV

Terminada a guerra, ficou o gosto e o proveito da guerrilha por conta própria: é o João Brandão, é o Remexido, é o Zé do Telhado. Este atingira, ao serviço liberal, a glória, com a atribuição da Torre e Espada. Finda a guerra pretendeu um emprego no Depósito do Tabaco, no Porto. Não conseguiu. Usava evoluída assinatura, com o último apelido abreviado (S.^a), curioso indício de cultura acima da vulgaridade.⁴⁵¹

Os relatos historiográficos existentes acerca dos bandidos/heróis portugueses levam-nos a constatar que José Teixeira da Silva, nascido em 1818 no lugar do Telhado, em Castelões de Recezinhos no concelho de Penafiel, distrito do Porto, tendo morrido em 1874 em Malanje, Angola, passando à posteridade como José do Telhado, será a personagem que melhor preenche a ambivalência bandido/herói. Isto também porque viveu numa época em que se deu um revigoramento das tradições nacionais que até aí andavam esquecidas (deixou-se o movimento estético do neo-classicismo, que privilegiava os valores das Antigas Grécia e Roma). Foi então o momento de se voltar aos acontecimentos medievais às suas narrativas e lendas, fossem elas reais ou imaginárias. É incluído neste movimento estético, que C. Castelo Branco vai fazer de José do Telhado, o Robin dos Bosques português.⁴⁵² É por esse facto que a sua vida mereceu e continua a merecer a atenção da literatura e do cinema. A construção e reprodução da memória da sua vida, alternada de ficção e realidade continua a ser um argumento muito apetecível para o público. Finda a guerra civil, «ficou o gosto e o proveito da guerrilha por conta própria: é o João Brandão, é o Remexido, é o Zé do Telhado».⁴⁵³ Este atingira, ao serviço liberal, a glória, com a atribuição da Torre e Espada. Terminada a guerra pretendeu um emprego no Depósito do Tabaco, no Porto. Não conseguiu.

Ainda hoje se pode perceber, como na complexidade da sua vida, se misturam os valores, à maneira como tanto é posto na posição de bandido como de herói. É analisando as representações feitas acerca da vida de José do Telhado que podemos encontrar algumas semelhanças com João Brandão e o Remexido como atores sociais, com vidas construídas

⁴⁵¹ Tribunal da Relação do Porto. Processos Emblemáticos *Processo Zé do Telhado – Marco de Canaveses* [Em linha] [Cons. em Junho de 2016] Disponível em: <URL: <http://www.trp.pt/museu-judiciario>>

⁴⁵² Guedes, Maria Estela - Comentário a “*José do Telhado: O Robin Hood Português?*” “de Pinto, José de Castro[em linha], [cons. em julho de 2014]. Disponível na Internet: <URL: http://www.triplov.com/castro_pinto/meg.htm>

⁴⁵³ Maria Ferreira, *op. Cit.*

num quadro de certa margem social, num mundo de contravenções, mas podendo passar a ser vistos, pelo povo, como seus heróis/protetores e como administradores de uma justiça popular, e até, em certos momentos, como repartidores públicos.

O surgimento da figura de José do Telhado é explicado, na historiografia, e justificado, na ficção, por ter vivido num quadro de miséria econômica. José do Telhado distinguiu-se pela sua coragem e destreza o que o levou a ter uma extraordinária carreira militar.⁴⁵⁴ Começou por pertencer aos Lanceiros da Rainha, voltando mais tarde às lides das armas quando irrompeu o movimento da Maria da Fonte e em consequência, a batalha da Patuleia, em 1847. Já havia participado na Revolta dos Marechais, em 1837, onde acompanhou o Duque de Saldanha nos combates de Ruivães.

A sua coragem e valentia permitiram-lhe executar feitos de grande heroicidade, como o salvamento de Sá da Bandeira, o que lhe valeu uma condecoração. Apesar disso, depois do liberalismo e das suas instituições estarem solidamente edificadas no reino, cheio de dívidas e desempregado, viu-se atirado para a margem daquela sociedade que tinha ajudado a apaziguar. Esse facto levou-o a ter que lutar contra o domínio de um sistema opressor, excludente e injusto.⁴⁵⁵

Sem dúvida que isto acontecia, no Portugal coetâneo, principalmente, nas áreas rurais. O que, aliás, despoletaria o aparecimento de outros bandos de salteadores. O clima turbulento/violento durante e após as guerras civis, proporcionou a existência de uma forte injustiça social e a ausência de uma justiça oficial. Terá sido este o enquadramento perfeito para que José do Telhado se tenha visto obrigado a dedicar-se a uma vida à margem da lei. Terá sido, por isso, devido às condições sociais desfavoráveis que José do Telhado enveredou pelo mundo do banditismo. Contudo, é bom não esquecer que essa vida de banditismo já era uma tradição familiar, praticada pelo seu pai e irmão, Joaquim do Telhado.⁴⁵⁶

⁴⁵⁴ Varatojo, *op. Cit.*

⁴⁵⁵ (*Ibid.*)

⁴⁵⁶ «Nesta altura, a quadrilha era numerosa e, mercê da experiência militar do chefe, estava organizada com um comandante, vários chefes de divisão e divisionários, distribuídos do seguinte modo: Comandante: José Teixeira da Silva. Ajudante: Joaquim do Telhado, seu irmão. Chefes de divisão: José Pequeno; António de

Já a ação à margem da lei de João Brandão e Remexido desenvolveu-se acima de tudo fundamentada nas condições políticas da época, ainda que possamos encontrar alguma similitude com João Brandão, já que o pai deste, Manuel Brandão, também legou algo dessa vida de bandoleiro ao seu filho. Já no caso do Remexido, isso não sucede, porque Remexido ficou orfão muito cedo, e foi criado com o seu tio, que era padre (um padre que não se envolvia em lutas políticas como outros). José do Telhado revelou muito mais do que João Brandão e do que Remexido, na sua ação ambivalente de bandido/herói, que tinha consciência das injustiças sociais. O bandido/herói douricense fazia gala desse facto, não se inibindo de apregoar o seu desvelo com os mais fracos da sociedade. Ufanava-se de proteger os humildes, de partilhar com eles os produtos dos seus assaltos:

Zé do Telhado ficou por momentos pensativo; depois disse: - Pois é; mas eles não se interessam com os pobres. - E que precisão tens tu de arranjares inimigos? - Se arranjar, é o destino. Hei-de desafiar todos os que se têm servido dos pobres para viverem à custa deles. - Eu sei que falas verdade, Zé. Mas muitos não hão-de perdoarte por mostrares as falsidades que eles fazem - Ana! - voltou Zé do Telhado, enquanto acabava de arranjar-se. - Eu disse que era repartidor público, e hei-de cumpri-lo. Cingiu com esmero a faixa à cinta e ajeitou a jaqueta. No final dirigiu-se ao quarto dos miúdos. Contemplou por momentos o mais pequeno, já conhecia as primeiras letras, e depois beijou-o.⁴⁵⁷

De certa forma, até de uma forma narcísica, pensamos que perseguia uma moral, uma honra, objetivando mesmo a instauração de uma justiça popular. Rebuscando a *Aurora* de Nietzsche, pensamos que sonhava pôr fim a uma sociedade caduca que se havia degenerado pelo vício e pelos valores corrompidos, ambicionando fundar uma nova ordem, «é também um novo despertar para uma verdadeira vida — do homem e da humanidade inteira»⁴⁵⁸, que se conseguisse libertar dos grilhões da tradição e dos costumes que tinha servido apenas para esmagar os mais débeis. Uma nova ordem, agora, alicerçada em novos valores, (como a Aurora da mitologia romana que se renovava todas as manhãs e voava pelos céus, anunciando a chegada do amanhecer)⁴⁵⁹. Não se cansava de se autointitular como repartidor

Vasconcelos Pereira Pinto e José de Vasconcelos Pereira Pinto (ambos filhos do Morgado de Canavesinhos); Eduardo Augusto Vieira Brandão, o "Serrazola".» (Artur Varatojo, *op. Cit.*)

⁴⁵⁷ Pinto, José Manuel de Castro, *José do Telhado: o Robin dos Bosques português?: vida e aventura*, Lisboa: Plátano, 2002

⁴⁵⁸ Mioranza, Ciro *in*: Nietzsche, *Aurora* [em linha]. (Apresentação, pp. 10). Google: Digital Source. [cons. em jul. de 2014]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/05/nietzsche-friedrich-aurora.pdf>>

⁴⁵⁹ *Mitologia Online* "Deusa Aurora (Eos) - Mitologia Grega" em linha], [cons. em 13-07-2014]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.mitologiaonline.com/mitologia-grega/deuses/deusa-aurora-eos-mitologia-grega/>>

público. Na verdade, nos casos de João Brandão e Remexido, não encontramos atos de tanta solidariedade social como encontramos na práxis de José do Telhado. João Brandão e Remexido não se intitulavam de repartidores públicos e também não eram vistos, pelos seus contemporâneos, como tal. Verificamos, deste modo, que o perfil do “bandido social” criado por Eric Hobsbawm, que tem na valentia, na coragem, na força (nomeadamente a física, aqui uma força à imagem de um herói mítico como Sansão ou Hércules) e no aventureirismo a observância das qualidades indispensáveis, encaixando-se, indubitavelmente, muito melhor na figura de José do Telhado do que em João Brandão ou em o Remexido.

Poderemos pensar que José do Telhado não pode ser considerado de forma leviana como um bandido e um culpado a necessitar de punição, mas, que terá sido antes um produto das suas circunstâncias. Foi antes um produto do seu meio social adverso, injusto, propiciador desses bandidos/heróis. Enquanto João Brandão e Remexido foram da mesma forma produtos do seu meio, tinham, contudo, ferramentas do foro da formação livresca e intelectual que José do Telhado não possuía. A forma erudita e elaborada como João Brandão escreveu o manuscrito dos apontamentos da sua vida, aquando do seu encarceramento na Prisão do Limoeiro, são testemunho eloquente do seu arcaboço intelectual; o Remexido também era portador de uma forte formação intelectual, já que tinha estudado para padre, quase tinha sido ordenado, também fora Oficial de Ordenanças etc..

*«Somos tristes, é verdade, mas porque somos sempre perseguidos. Os nobres usam a pena; nós, a carabina. Eles mandam na planície; nós, nas montanhas.»*⁴⁶⁰

Esta passagem extraída do capítulo relativo ao estereotipo do banditismo social de E. Hobsbawm parece não se enquadrar nas figuras de João Brandão. Será que esta discrepância de formação intelectual desculpabiliza o que fez José do Telhado de prejudicial contra a sociedade e culpabilizam João Brandão e o Remexido? Podemos ver na ação de José do Telhado um protesto de matiz camponesa contra a opressão e a pobreza; um grito de vingança contra os ricos e os opressores, um vago sonho de conseguir impor-lhes alguma forma de controlo, uma reparação de injustiças individuais. Os valores e as práticas sociais de José do Telhado enquadram-se, por isso, muito mais nas perspetivas analíticas de Eric

⁴⁶⁰ Hobsbawm *apud* Molfese, 1975, pp. 9

Hobsbawm do que as de João Brandão ou do Remexido, nomeadamente no capítulo relacionado com o banditismo social.

4.2. Das imagens especulares de uma memória de João Brandão e do Remexido

Sempre que numa determinada comunidade, apareça um bandido/fora da lei que apresente um *modus operandi* marcado por uma certa filantropia em favor dos mais desfavorecidos da mesma haverá a grande possibilidade de ser “santificado” por ela. Começará a ser visto por essa camada da sociedade como alguém que carrega uma aura mística. Há tendência para, rapidamente, associá-lo a figuras míticas da história que praticaram atos de grande abnegação. Na temática que vimos explorando o arquétipo máximo é Robin Hood. A seguir será nossa intenção perceber se podemos comparar João Brandão/Remexido com este inglês do medievo. Avaliar, até que ponto, o beirão e o algarvio foram à imagem de Robin Hood repartidores públicos e defensores dos mais oprimidos. Se podem ou não enquadrar-se nas categorias Hobsbawnianas de bandidos sociais e ladrões nobres como ele.

4.2.1. De Robin Hood e do ideal de cavalaria em João Brandão e em o Remexido



Fig 1 – Robin Hood

Quando se glosa esta temática dualista e muitas vezes até maniqueísta, é incontornável não fazer a comparação com aquela que é desde a Idade Média a figura prototípica do herói-bandido: Robin Hood. Robin Hood era natural da cidade inglesa de Nottingham. Viveu durante o reinado do famoso Ricardo II – Coração de Leão, aquando da usurpação do trono deste pelo seu irmão, João Sem Terra. Ficou imortalizado pela historiografia e pela literatura pelas suas aventuras na Floresta de Sherwood. O “roubar aos ricos para dar aos pobres” foi o apotegma que o celebrou e que se tornaria para a eternidade como a qualidade máxima e consequentemente, o requisito imprescindível para qualquer

outra figura marginal, com uma ação dúbia na sua sociedade poder preencher o modelo bandido/herói. Poderemos encontrar entre as duas figuras que investigamos e R. Hood um paralelismo, relativamente à cambiante política da sua rebelião. Visto que, se Robin Hood se rebelou contra João Sem Terra, também o Remexido se rebelou contra o poder liberal, tanto durante a guerra civil como depois da paz de Évora-Monte em 1834. O inglês revoltar-se-ia contra o irmão do rei Ricardo Coração de Leão, João Sem Terra, que lhe usurpou as propriedades, obrigando-o a refugiar-se na floresta. O português também viu a sua família e propriedades serem atacadas, tendo que buscar um esconderijo no intrincado da serra algarvia.

Existem bastantes dúvidas se, realmente, Robin Hood existiu, e quando existiu. Daí que hajam diferentes narrativas sobre a sua vida. Narrativas romanceadas e narrativas historiográficas. Duas das obras do género ficcional que mais celebrizaram esta mítica figura foram *Robin dos Bosques* de Henry Gilbert;⁴⁶¹ e *Ivanhoé* de Walter Scott: a imortal história da cavalaria, de quando a Inglaterra aguardava o regresso do rei Ricardo I, enquanto que na floresta de Sherwood lutava Robin dos Bosques. Este livro alcançou tamanho sucesso que o seu autor foi agraciado com um título nobiliárquico. Nele, os valores da cavalaria medieval são enaltecidos, assim como o heroísmo inglês.⁴⁶²

A versão que mais prolifera defende que Robin de Locksley foi um cruzado que esteve na Terra Santa, juntamente, com Ricardo I Coração de Leão a combater os infiéis. Foi preso, mas conseguiu fugir e regressa à Inglaterra. Ao chegar a Inglaterra, Robin verifica que o príncipe João, o segundo herdeiro direto, tinha usurpado o trono de Ricardo I. O novo rei não só aumentara os impostos como matara o pai de Robin e destruíra-lhe o castelo. Vendo-se sem habitação junta-se a um grupo de homens na floresta. É com estes homens que vai tentar reaver a sua posição de nobre, bem como os seus bens.⁴⁶³ Numa versão do autor Howard Pyle, em *As Alegres Aventuras de Robin Hood*,⁴⁶⁴ Robin Hood na juventude

⁴⁶¹ Gibert, Henry, *Robin Dos Bosques*, 1ªed.: (1912-1914?)

⁴⁶² Rodrigues, Welma (2013). *Welma na historia: resumo do livro Ivanhoé*, [em linha], [cons. em 24-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://welmarodrigues.blogspot.pt/2013/04/resumo-do-livro-ivanhoe.html>>

⁴⁶³ British History – History Chanel. *The Real Robin Hood*. [em linha], [cons. em 06-08-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.history.com/topics/british-history/robin-hood>>

⁴⁶⁴ Pyle, Howard. *Las alegres aventuras de Robin Hood*. Anaya: 1989

num concurso de arco e flecha matou um guarda, passando doravante a ser considerado um fora da lei por esse crime, sendo obrigado a refugiar-se na floresta.

Mas a verdade é que, independentemente das diferentes biografias acerca de Robin Hood, é consensual considerá-lo o arquétipo do bandido social. Um daqueles rebeldes primitivos que sociólogos e historiadores têm estudado de *Rebeldes primitivos: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*, de Eric Hobsbawm,⁴⁶⁵ ou melhor, movimentos de rebeldia social, que se situam à margem dos padrões clássicos. O banditismo é, talvez, a forma mais primitiva de protesto social organizado, caracterizando-se por figuras que emergem nas suas comunidades, e que se dispõem a jogar a sua própria integridade física e moral. Robin Hood insere-se neste quadro, que corresponde ao perfil do bandido social e do ladrão nobre, duas categorias criadas por Eric Hobsbawm.⁴⁶⁶ Era um bandido que se distinguia pela sua generosidade e sentido ético da "profissão", tirava aos ricos para dar aos pobres e só matava em legítima defesa ou como "justa vingança". É por esta peculiaridade de comportamento, que estes bandidos, como Robin Hood, têm o reconhecimento público. Em muitas sociedades é assim que os pobres os vêem, e em consequência, protegem-nos. Consideram-nos como seus defensores, passando a idealizá-los e a mitificá-los. Robin Hood, segundo Hobsbawm, terá sido um camponês que se rebelou contra os latifundiários, usurários, bem como contra outras opressões que os ricos infligiam sobre os pobres.⁴⁶⁷ Para preencher na totalidade o mito de bandido social/herói, também Robin Hood era um defensor implacável do género feminino, vivendo uma grande paixão, com Maid Marian⁴⁶⁸ e terminaria a sua carreira traído. O bandido social jamais poderá roubar aos pobres, bem como cometer assassinatos que não sejam "legítimos". E não ser um ladrão que rouba e mata gratuitamente é o que o distingue dos bandidos vulgares, e o que lhe confere grande simpatia e admiração junto da sua comunidade. Se não respeitar os códigos de honra que o ligam à sua comunidade, poderá ver quebrados os laços de solidariedade que partilha com ela. Contudo, Robin Hood não é o único bandido, desta categoria, que a história tornou

⁴⁶⁵ Hobsbawm, 1970

⁴⁶⁶ Hobsbawm, 1975

⁴⁶⁷ *Ibid.*

⁴⁶⁸ Friedman, Amy e Johnson, Meredith (2006) "Robin Hood and Maid Marian (An English Legend) Tell Me a Story *in: uexpress*, [em linha], [cons. em 06-08-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.uexpress.com/tell-me-a-story/2006/4/30/robin-hood-and-maid-marian-an>>

famoso. Ao longo dos tempos, existiram mais figuras que revelaram coragem e altruísmo que resolveram enfrentar a tirania dos mais poderosos. Foram homens deste calibre que destruíram muitas das correntes de uma sociedade de classes. Sem eles ninguém questionaria uma tradição injusta em que os mais pobres não teriam outra alternativa do que suportar o poder arbitrário dos mais ricos. Era assim o destino dos servos perante os senhores e dos plebeus perante os nobres. Assim se definia uma relação de forças completamente desequilibrada numa sociedade estamental. Apenas homens destemidos como Robin Hood poderiam aliviar a injustiça, a pobreza e a submissão em que viviam os mais desfavorecidos. Em qualquer sociedade camponesa existem este tipo de bandidos. Ao adquirirem um certo poder e proeminência social, estes marginais podem optar por continuar a lutar contra os opressores ou, em alternativa, juntar-se a eles. Por exemplo, no Nordeste brasileiro, muitos dos cangaceiros, que no início defendiam os camponeses da tirania dos coronéis, passaram, mais tarde, para o lado destes. É, precisamente, devido às escolhas destas figuras de perfil ambivalente, que no futuro umas serão recordadas no imaginário popular como bandidos sociais/heróis e outras como façanhudos bandidos.

4.2.2. O que há do modelo de ideal cavaleiresco em João Brandão/Remexido

Após verificarmos que Robin Hood, devido aos seus singulares atributos de coragem, abnegação e grande deferência e gentileza para com as mulheres, passou à história como não só o exemplo do bandido social e ladrão nobre como também o exemplo de ideal cavaleiresco, agora, será o momento de irmos perceber se tanto João Brandão como o Remexido preenchem igualmente esse perfil muito apreciado na Idade Média.

A par da figuração de traços medievos, o ideal cavaleiresco percorre o imaginário popular em torno de João Brandão e do Remexido. O cavaleiresco foi um conceito que nasceu nas obras escritas na idade média. A cavalaria era o objetivo mais alto de qualquer jovem nobre.⁴⁶⁹ Isso pode ser observado pela produção literária do medieval, onde o cavaleiro está representado como a personagem essencial. Nas canções de gesta são relatados feitos, fatos e gestos de cavaleiros cristãos e sarracenos ou grandes senhores feudais. O cavaleiro

⁴⁶⁹ Sérgio, Ricardo - *Recanto das Letras*. "ROMANCE DE CAVALARIA e AMADIS DE GAULA" Estudos Literários: 2013, [em linha], [cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/373313>>

errante e solitário é uma personagem de ficção inverosímil, que se tornaria por vários séculos a figura romanesca maior. O cavaleiro era um apaixonado e tirava do seu amor o seu valor e proeza, como Lancelot apaixonado pela rainha Guinevere.

Mas o cavaleiro era um cristão, assim a busca do Graal passou a ser a prova última e santificada reservada aos cavaleiros da Távola Redonda.⁴⁷⁰ Os verdadeiros cavaleiros imitavam os da literatura. Habitualmente no perfil do tipo de personagens como João Brandão ou Remexido existe uma construção mítica e romântica, onde se procura alcançar um estatuto similar aos cavaleiros da Idade Medieval. Isto também porque estas personagens do séc. XIX viveram numa altura em que se renovavam os valores do romantismo (neorromantismo). Também estes “heróis” de Oitocentos são descritos com uma faceta de grandes defensores/protetores/respeitadores das mulheres. No concernente aos bandidos/heróis portugueses, José do Telhado será o exemplo máximo do “cavaleiro”, aquele que melhor preenche os requisitos formais e substanciais deste termo. Senão vejamos como José do Telhado era um bandido que se distinguia pelo seu estilo: «nenhum camarada caía tão airoso na sela, nem meneava mais garboso a lança».⁴⁷¹ Mas José do Telhado não se caracterizava apenas pela parte estética, pois, também, se definia pela sua alegada “ética profissional de bandido”. Isso fica extraordinariamente bem documentado quando o seu bando assalta o solar do Carrapelo, e ele terá atuado com certa moral, impedindo que alguns dos seus homens pusessem em causa a “virtude” das senhoras:

Voltaram à sala, onde se encontrava D. Ana Vitória e D. Rita, e depois o José do Telhado abriu o quarto das meninas. - Alguém as incomodou? –perguntou ele. - Não! – responderam todas as três, sentindo-se já protegidas, apesar dos terríveis acontecimentos que estavam vivendo. O comandante virou-se para as duas senhoras e as duas criadas, e apontando o quarto disse: - Entrem todas para aqui. E antes de as fechar todas às chaves, recomendou-lhes: -Agora vou deixá-las aqui fechadas à chave. E estejam caladinhas, porque são muito bonitas! Não gritem nem se mexam antes de eu estar longe, que ninguém lhes fará mal. Adeus, minhas senhoras, até à vista! Fechou a porta à chave e, passo calmo, abandonou a Casa do Carrapelo.⁴⁷²

⁴⁷⁰ Gerenstadt, Helena (s.d.). *Templo de Avalon - Caer Siddi*. "A Távola Redonda: A mesa redonda de Camelot na visão moderna", [em linha], [cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: http://www.templodeavalon.com/modules/mastop_publish/?tac=A_T%Elvola_Redonda>

⁴⁷¹ Castelo Branco, Camilo, *Memórias do Cárcere*, Estarreja: Mel, 2014

⁴⁷²*Ibid.*



Fig. 2 - José do Telhado

Contudo, a autenticidade desta sua tão propalada intervenção de carácter cavalheiresco neste episódio é discutível, porque existem outras fontes, que dizem que José do Telhado parece ter utilizado de grande violência sobre a proprietária do solar, dona Ana Vitória. No entanto, a maioria dos relatos são bastante favoráveis à imagem de José do Telhado, neste tema da relação cavalheiresca com o sexo feminino. Nessa esteira, existe um caso em que ele, num assalto, terá elogiado uma mulher, pela sua grande coragem, visto que ela não teve receio de afrontar o seu bando de arma em punho. Aliás, a gentileza para com as senhoras, é uma característica universal dos bandidos/heróis, como fica ilustrado no caso de Diego Corrientes, quando este protegia as donzelas andaluzes.⁴⁷³

Nalgumas obras apologéticas da imagem de João Brandão e Remexido também existem, ainda que muito escassos e ténues, relatos de alguns episódios dessa versão cavalheiresca por si protagonizadas. A forma como José Joaquim de Sousa Reis se tornou Remexido pode consubstanciar algumas nuances do ideal cavalheiresco. É isso que vamos ver comparando-o com a figura que deu título ao primeiro romance histórico português. Escolhemos este romance porque nele estão presentes algumas características que também acompanharam a vida do Remexido. O sentimento bucólico inspirado pelo cenário da natureza em que atuou: a serra; os grandes conflitos pessoais que enfrentou durante a sua vida, tal como ocorre com as personagens deste romance; a grande beleza que viu em Maria Bastos e que o levou a abandonar a futura carreira de padre; Maria Bastos, deste modo, poderá ser considerada o ser angelical preconizado pelos cânones do romantismo; o amor platónico, que, de certa maneira, votou a Maria Bastos antes de poder casar com ela e mesmo quando estava longe dela, “recluso” no esconderijo da serra.⁴⁷⁴ A figura de Eurico o

⁴⁷³ Hobsbawm, 1975

⁴⁷⁴ Sousa, Roberta de, *Infoescola. Navegando e Aprendendo. “Eurico, o Presbítero”*, [em linha], [cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.infoescola.com/livros/eurico-o-presbitero/>>

Presbítero de Alexandre Herculano será um, ou melhor, o modelo de ideal cavalheiresco. Neste romance escrito em Oitocentos existe uma sublimação romântica deste estereótipo quando se assiste a todos os sacrifícios que Eurico leva a cabo para salvar a sua amada, Hermengarda, que havia sido raptada pelos sarracenos. Exemplo arquetípico desta situação era quando Eurico se transformava no “Cavaleiro Negro” e adquiria enormes poderes como guerreiro.⁴⁷⁵ E foi sob esta metamorfose no “Cavaleiro Negro” que o cristão Eurico venceu todos os árabes e conseguiu resgatar Hermengarda.⁴⁷⁶ Também Remexido teve um ato com certa proximidade ao de Eurico, isto quando se vingou dos liberais que tinham praticado humilhações sobre a sua esposa, Maria Bastos (palmatoadas e corte de cabelo). Remexido, em muito menor grau, teve que levar a efeito árduos trabalhos para casar com Maria Clara Bastos. Tal como Eurico, que foi impedido de casar com Hermengarda por ser de um estrato social inferior⁴⁷⁷ também José Joaquim de Sousa Reis teve de vencer um obstáculo do mesmo tipo, por ele ser de uma classe inferior à da sua amada. Por outro lado, também, tal como Eurico, que se tornou eclesiástico pela tristeza de não poder casar com a sua amada, e mais tarde não pôde quebrar o voto de castidade, já o Remexido teve que vencer a vontade do seu tio, o prior de Alcantarilha, que não queria que o sobrinho deixasse a sua vocação, ou melhor dizendo, a carreira de padre. No entanto, a grande diferença, entre Eurico e Remexido, é que o primeiro foi impotente para vencer o grande obstáculo que constituía as diferenças de estrato social entre ele e a amada, enquanto o célebre guerrilheiro algarvio conseguiu atingir o seu objetivo e casar com Maria Bastos.

Mas, para além da evocação de Robin Hood e do ideal de cavalaria no modo como João Brandão e o Remexido foram biografados ao tempo, importa ter em atenção alguns

⁴⁷⁵ «Contudo, os árabes decidem invadir de novo a península e o sacerdote decide alertar o seu amigo e companheiro de guerra e cria assim uma nova identidade que permite que este lute contra os invasores. Nasce, então, o enigmático Cavaleiro Negro.» in: RODRIGUES, Madalena, *ESCS magazine*. "O Cavaleiro Negro". [em linha], [cons. em julho de 2017] Disponível na Internet: <URL: <http://escsmagazine.escs.ipl.pt/o-cavaleiro-negro/>>

⁴⁷⁶ «Quando a vitória parece garantida o povo árabe decide raptar Hermengarda por esta pertencer a poderosas e ricas famílias. Eurico, enquanto Cavaleiro Negro, resgata a sua amada quando esta está prestes a ser vítima de abusos e leva-a para junto do seu irmão.» (*Ibid.*)

⁴⁷⁷ «Já em segurança numa gruta escondida a dama encontra Eurico e decide declarar o seu amor por ele. No entanto, o Presbítero não acredita que possam ficar juntos e revela a sua identidade secreta como Cavaleiro Negro. Ambos desolados, despedem-se e o Cavaleiro, ciente da sua obrigação para com a pátria, parte para um combate suicida contra os árabes e desaparece.» (*Ibid.*)

dos possíveis arquétipos que subliminarmente podemos vislumbrar nesta reconstrução de uma memória.

4.3. Revisitando arquétipos através dos percursos de João Brandão e do Remexido

Começamos pela conceção mítica/filosófica/psicológica nesta dialética bandido/herói, em que se insere a vida de João Brandão e do Remexido e para isso teremos que ir até aos finais do Séc. VI a.C. e relembrar aqueles que foram, provavelmente, os introdutores do dualismo, os pitagoristas com os seus ensinamentos, e as diferenças que estes pensadores de cariz metafísico estabeleceram entre o espírito e a matéria, a harmonia e a discordância, o bem e o mal etc...⁴⁷⁸ Pitágoras, ao contrário dos outros filósofos pré-socráticos, não era monista, porque havia aprendido o dualismo com o persa Zoroastro. Esta antinomia ficou bem patente no panteão greco-romano através das deusas Eris e Harmonia, ambas gregas, tia e sobrinha, correspondentes à Discórdia e à Concórdia.

Esta temática da permanência e da mudança foi desde o momento em que o homem atingiu o pensamento abstrato uma questão recorrente. Digamos, que foi, durante muito tempo, campo para duas conceções antagónicas: Heráclito defendia que o Universo estava em constante transformação, enquanto Parmênides perfilhava o seu contrário, acreditava num ser/Universo uno e imutável.⁴⁷⁹ Deste modo, se optássemos por seguir o pensamento de Parmênides não seria possível fazermos este nosso trabalho, porque este filósofo da Antiga Grécia defendia que a natureza real das coisas consiste na estabilidade ou permanência,

⁴⁷⁸ "Pitágoras, quien desarrolló la teoría de los números. Nació en la Isla de Samos en Jonia (572-496 a.C.). Filósofo presocrático, con una visión diferente de los jonios que eran monistas, especialmente los milesios. Se cree recibió instrucción de Anaximandro y Anaxímenes, ambos de Mileto. Aparentemente, Pitágoras aprendió el dualismo de Zoroastro, en un supuesto viaje que realizó a Babilonia (Oriente Medio). El maestro persa fundador de la religión dualista. «La visión de Pitágoras se caracterizó por la observación de los opuestos. La primera posición es de (límite-ilimitado), la segunda constituye los elementos de los números (par-impar)». Está visión de Pitágoras, es una versión más de la doctrina de los opuestos que desarrollaron los jonios. Aunque no comprendemos bien, si todo comienza a partir en su teoría ¿Cómo no es considerado monista? Y si el origen es uno ¿Por qué desarrolla una teoría de opuestos? Bueno, del uno pasa al dos, ahí ya entramos en un estado de dualidad, él desarrollo una perspectiva escalonada" in: Corales, Eduardo - *Dimensiones de la Naturaleza Humana*. "Dualismo de Pitágoras" [em linha], [cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://dimensionesdelavidahumana.wordpress.com/2013/04/19/dualismo-de-pitagoras-2/>>

⁴⁷⁹ «Duas concepções dominaram o pensamento filosófico durante bastante tempo: por um lado, as ideias de Parmênides e, por outro, o pensamento de Heráclito. Heráclito defendia a ideia de um mundo contínuo, enquanto Parmênides definia um ser único, um ser imóvel.» in: Silva, Débora (s.d.). *Estudo Prático*, "Heráclito e Parmênides - Filosofia e pensamento" [Em linha] [Cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.estudopratico.com.br/heraclito-e-parmenides-filosofia-e-pensamento/>>

sendo a mudança e a diversidade puras ilusões dos sentidos.⁴⁸⁰ Heráclito preconizava uma tese completamente oposta, já que defendia que a permanência é uma ilusão e apenas a mudança é real. Para ele o Universo está num fluxo constante, não sendo por isso possível banharmo-nos duas vezes na mesma água de um rio. O Universo, e por consequência, a vida dos homens, rege-se por um processo de evolução ou mudança constante, exemplos como a criação e a destruição ou a vida e a morte.

Por meados do século V a.C. o sofista Protágoras de Abdera asseverava que «o homem é a medida de todas as coisas», ou seja, a vontade, a verdade, a justiça e a beleza dependem das circunstâncias do próprio homem.⁴⁸¹ Podemos encaixar esta visão sofista na forma como tanto João Brandão como Remexido atuaram conforme as necessidades e interesses que tiveram nos vários momentos da sua existência. O Universo não se rege por um sistema estanque de verdades absolutas ou de padrões eternos de direito e justiça. Como quaisquer outras partículas do cosmos, João Brandão e Remexido estão sujeitos ao conceito de relatividade. Quer isto dizer, que a sua classificação como bandidos ou como heróis pode mudar.⁴⁸²

João Brandão e Remexido, sendo comuns homens constituintes do Universo, era através da percepção sensorial que formavam a sua fonte exclusiva de conhecimento e a partir daí elaboravam as suas verdades; todavia, também era seguindo os mesmos mecanismos percetivos que aqueles que os rodeavam iriam fazer os seus processos de intenção e juízos

⁴⁸⁰ «Parmênides nasceu em Eleia, na Itália, por volta de 530 a. C e a sua filosofia define que o ser é único, imutável, infinito e imóvel, sempre idêntico a si mesmo. O filósofo também defende que a aparência sensível do mundo não existe. O que o filósofo quer dizer é que o nosso conhecimento sensitivo das coisas só nos dá uma ilusão do movimento, uma aparência, sendo que apenas o conhecimento intelectual permite com se conceba a realidade como idêntica a si mesma.» (*Ibid.*)

⁴⁸¹ «A base da filosofia de Protágoras está na máxima "O Homem é a medida de todas as coisas, daquelas que são por aquilo que são e daquelas que não são por aquilo que não são.» "∴ (Of all things the measure is man, of the things that are, that [or "how"] they are, and of things that are not, that [or "how"] they are not.) Frase de Protágoras de Abdera (480 - 411 a.C.) In: Carol, Poster - *Internet Encyclopedia of Philosophy IEP*. "Protogoras" [em linha]. Florida State University: s/d. Atual: s/d. [cons. em 16-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.iep.utm.edu/protagor/#SH3b>>

⁴⁸² Relatividade: 1. qualidade ou estado do que é relativo; condição daquilo cujo valor ou importância devem ser avaliados em contexto. 2. característica do que depende de outra(s) coisa(s); condicionalidade. 3. ausência de parâmetros de aplicação absoluta ou universal. In: Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico", [em linha], [cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/relatividade>>

de valor acerca da bondade ou maldade das suas ações. Ou seja, recriando os seus arquétipos morais, válidos para o seu tempo e lugar.

É cruzando os pensamentos de Carl Jung e de Joseph Campbell que vamos tentar perceber a trajetória do conceito de herói ao longo do tempo na psique humana. Joseph Campbell, um dos mais proeminentes especialistas do séc. XX explica a importância da mitologia em todas as civilizações, desde a pré-história até a atualidade, revelando as suas crenças, ritos, mitos, deuses e heróis. Salienta as semelhanças encontradas entre os mitos de todas as culturas e povos, inclusivamente naquelas civilizações que nunca tiveram quaisquer tipo de contactos entre si.⁴⁸³

Estes estudos de mitologia/religião comparada acerca de todos os povos e de todas as épocas da humanidade, indiciam fortemente a existência de um modelo universal. Esta visão de Campbell encaixa na teoria psicanalítica de Carl Jung que defende existir um inconsciente coletivo, igual ou distribuído igualmente entre todas as culturas e povos.⁴⁸⁴ Pode-se dizer, que seria assim como que uma base psíquica comum a todo ser humano, formada por arquétipos (padrões de personalidade descobertos pelo psicólogo Carl Jung) ou protótipos, ou seja, os primeiros modelos.⁴⁸⁵

Pensamos, que, sob uma perspetiva mais popular, poder-se-á enquadrar esta questão da ambivalência bandido/herói presente em João Brandão e no Remexido, como uma percepção resultante do inconsciente coletivo e dos arquétipos, ou seja, à luz do que Carl Jung

⁴⁸³ Campbell, Joseph (1949) *O Herói de Mil Faces* [em linha], [cons. em nov. de 2015]. Disponível na Internet: <URL: <https://projeto-phronesis.files.wordpress.com/2009/08/joseph-campbell-o-heroi-de-mil-faces-rev.pdf>>

⁴⁸⁴ «O psiquiatra enfatiza que o inconsciente coletivo é o centro de todo aquele material psíquico que não surge a partir da experiência pessoal. Seu conteúdo e imagens parecem ser compartilhados por pessoas de todas as épocas e culturas, enquanto o inconsciente pessoal envolve o passado e memórias de cada indivíduo. O conceito afirma que nossa mente já nasce com uma estrutura capaz de determinar seu desenvolvimento no futuro e sua interação com o meio em que vive.» *In: Revista Galileu*, "6 reflexões para entender o pensamento de Carl Jung" [em linha], [cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/02/6-reflexoes-para-entender-o-pensamento-de-carl-jung.html>>

⁴⁸⁵ «Os elementos comuns no inconsciente coletivo são chamados de arquétipos, ideias e imagens herdadas para responder ao mundo de certas maneiras. Jung identificou-os ao notar que vários pacientes descreviam sonhos e fantasias que incluíam referências que não poderiam ser rastreadas em seus passados pessoais. O estudioso também observou que muitos desses elementos envolvem figuras e temas religiosos encontrados em diversas culturas e mitologias.» (*Ibid.*)

e Joseph Campbell defendem: que nos primeiros homens, já existiria um proto modelo, com imagens primordiais que já contemplaria a figura do herói.

Joseph Campbell no tema: “Jornada do Herói” da obra: *Herói de Mil Faces* confirma cabalmente este poder da perspectiva mitológica na mente humana. As várias etapas comuns por que passa o herói é um modelo de jornada encontrado nas histórias mitológicas da generalidade das antigas culturas. O herói caracteriza-se pela sua abnegação, sacrificando-se por um bem coletivo. As populações identificam-se com a sua figura benigna. Nem sempre aquele que é visto como herói é um herói genuíno. Muitas vezes, tem um comportamento espúrio. O anti-herói, insere-se neste perfil, porque não se sacrifica por bondade, para servir os outros, mas, sim, visando obter os seus próprios benefícios. Achamos que o perfil de herói, na sua vertente de Camaleão será aquele que melhor se coadunará com João Brandão e com o Remexido, já que são aquelas figuras com personalidade dúbia, imprevisíveis, tanto podem estar do lado do bem como do lado do mal. Na verdade, João Brandão e o Remexido, na sua ação ambivalente, incorporaram este estereótipo ancestral de Campbell em *O Herói de Mil Faces*. Assim como, quando vistos positivamente, pelos seus conterrâneos, a figura de heróis lhes assenta como uma máscara de eternidade.⁴⁸⁶ Contudo, o discurso efabulatório percorre os percursos biográficos de João Brandão e do Remexido.

4.3.1. Os ensinamentos das Fábulas de Hesíodo e Esopo na problemática dualista de João Brandão/Remexido

De certa forma, terão sido, na nossa perspectiva, os autores da Antiga Grécia, Hesíodo e Esopo os primeiros a explorar as contradições entre o arquétipo de bandido/herói existente no inconsciente coletivo.⁴⁸⁷ O primeiro notabilizou-se mais pela perspectiva mitológica de explorar a natureza humana, já o segundo conhecemo-lo como grande mestre do género da fábula, igualmente para esse efeito, e assim com a sua utilização como forma didática de tirar ensinamentos morais.

Ambos os autores têm no seu repertório uma fábula paradigmática nesta problemática de Janos, ou seja, com duas faces: falamos da fábula do Gavião e do Rouxinol,

⁴⁸⁶ Joseph Campbell, *op. Cit.*

⁴⁸⁷ "Significado de Fábula - O que é, Conceito e Definição" [em linha], [cons. em 15-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.significados.com.br/fabula/>>

em Hesíodo e o Falcão e o Rouxinol, em Esopo. Consideramos que a fábula: o Burro, a Raposa e o Leão reflete de forma alegórica a vida de João Brandão, situando-se João Brandão no papel da raposa, quando tentou de forma, muitas vezes, capciosa, tirar vantagens da situação, aliando-se aos mais fortes e poderosos, como os governantes locais e nacionais, os leões, para enganar os mais lerdos, os que agiam com menos racionalismo, como, por exemplo, o Ferreiro de Várzea da Candosa e o Major Cristiano da Fonseca do Ervedal. Contudo, também passou pelo papel de burro, quando foi enganado por aqueles que antes se haviam aliado a ele e tinham tirado partido dos seus ofícios de guerrilheiro.⁴⁸⁸

Enquanto, segundo a nossa perspetiva, o Remexido, nesta fábula de Esopo, não interpreta o papel da raposa, ficando quase sempre no papel antitético de burro, por continuar a defender uma causa perdida, a miguelista, e interpreta o papel do leão, quando supostamente terá sido o algoz de morticínios como os de Albufeira e Loulé e dos ajustes de contas perpetrados em S. Bartolomeu de Messines.

Através das fábulas, Esopo e Hesíodo apresentam as grandes contradições que, desde tempos imemoriais, residem na mente humana. Estes dois autores da Antiga Grécia utilizam um discurso implícito, caracterizado por um discurso em sentido metafórico. Este tipo de composição literária é simples, o que permite que, o seu objetivo, que é ditar um ensinamento moral, rapidamente seja compreendido por qualquer pessoa. A forma literária da fábula tem ainda a vantagem de ser curta e entrar facilmente no ouvido, visto que, muitas vezes, é transmitida, de geração em geração, em forma poética ou prosa poética. É mesmo a sua enorme tradição oral que possibilita a sua popularidade. Daí que, em populações com grandes taxas de analfabetismo, como eram as da Beira e Algarve do Portugal de Oitocentos, fosse este o melhor método para as populações irem fazendo os seus juízos de valor sobre figuras como João Brandão e Remexido.

E é mediante esta apreensão de cariz efabulatório que João Brandão e Remexido podiam passar rapidamente de bandidos a heróis e vice-versa. Ou seja, devido ao caráter dicotómico do discurso da fábula se metamorfosearem em rouxinóis ou gaviões. Tudo dependia da perceção que o povo tinha acerca das suas ações. Por isso é que foi a voz popular

⁴⁸⁸ Disponível em: *Youtube*, "Os Teus Contos Clássicos - O burro, a raposa e o leão. [em linha] [Cons. em julho de 2017]. Disponível em: <URL: <https://www.youtube.com/watch?v=jMuFt9CzeZ0>>

a moldar definitivamente a imagem de João Brandão e Remexido como bandidos ou heróis. Digamos que todos (ou quase) os protagonistas deste dualismo bandido/herói são vistos pelos seus coevos por um prisma com alguma transcendentalidade,⁴⁸⁹ atingindo, por esse facto, uma aura mítica. Recorrentemente, são-lhes atribuídos poderes antinaturais, como serem invisíveis e invulneráveis, por roubarem aos ricos para dar aos pobres; não atacarem mulheres, crianças e velhos etc.; que só poderão ser detidos por serem traídos; É devido a estas contradições contidas na vida de João Brandão e Remexido, que, no seguinte subcapítulo, os iremos observar através de uma perspectiva filosófica heraclitiana e maniqueísta.

4.3.2. Observando João Brandão e Remexido pela Filosofia Heraclitiana e Maniqueísta

Segundo o *devoir* de Heráclito o mundo está em permanente transformação.⁴⁹⁰ Partamos deste princípio filosófico para analisar as grandes contradições presentes nas vidas de João Brandão e de Remexido. O homem não é nunca um ser moral, se esse ser moral significa sê-lo definitivamente, porque a cada instante o homem pode cair na violência, seguir o desejo e a paixão. Isto não significa que o homem não possa ser moral, que sua vida não possa ser formada pela moral, desde que se admita que a sua moralização nunca é definitiva, o que ela não o pode ser sem que o indivíduo se torne Deus ou uma pedra. Se Sócrates fosse absolvido, teria tempo de cair em toda espécie de crimes; ele não seria por isso menos moral e feliz no momento de seu processo.⁴⁹¹

⁴⁸⁹ Dicionário Online: *Aulete Digital*. Transcendente: 1. Ref. a experiências místicas ou sobrenaturais e, portanto, além do mundo material; MÍSTICO [Antônimo: concreto, imanente, material.]; 2, Fil.: No kantismo, ref. à experiência enquanto ainda formulada na mente; que transcende a experiência mas não o conhecimento humano; 3. Fil. Na escolástica, diz-se de conceito que supera qualquer outro em abrangência na identificação de um objeto ou realidade. [Em linha], [Cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.aulete.com.br/transcendental>>

⁴⁹⁰ «Heráclito é o filósofo do *devoir*. A fórmula clássica de seu pensamento foi reconhecida por Aristóteles. É célebre também pela frase: “Não podes banhar-te duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti”. [...] tudo coincide, o todo é único, o Uno. Mas essa unidade brota da diversidade, da tensão dos opostos. A harmonia do Universo resulta da coincidência dos distintos e o nascimento e conservação dos seres se devem a um conflito de contrários.» In: *História da Filosofia Ocidental*. [Em linha], [Cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://historiadafilosofia.wordpress.com/tag/devir/>>

⁴⁹¹ Alves, Maria Gabriela Feio Bacelar (1999). *Violência e Educação – Da razão filosófica à razão pedagógica*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Consultado em 11 de Novembro de 2015 em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13015/2/2913TM01PGABRIELAALVES000069239.pdf>

Já na antiguidade, na Mitologia Grega as grandes contradições humanas eram dissecadas pormenorizadamente, por representarem para os maiores intelectuais helénicos da época fonte de grande inquietação existencial. Anteros (deus da separação e do desamor) e Eros (deus do amor) são filhos de Áries com Afrodite, ou seja, resultado da união do deus da guerra com a deusa do amor.⁴⁹² E esta recorrência ao panteão helénico para introduzir no nosso trabalho a filosofia dos contrários de Heráclito e de Maniqueu, com o seu dualismo antitético e extrapolando-o para a vida de João Brandão e Remexido. Como já vimos, anteriormente, a filosofia heraclitiana defende, com a sua tese do *devoir*, que tudo está em constante transformação.

Já o maniqueísmo preconiza que o Universo é criação de dois princípios que se combatem: o Bem, ou Deus, e o Mal, ou o Diabo.⁴⁹³ E é isto que podemos verificar com as nossas duas personagens, que tanto praticam ações malignas como ações benignas.

Esta dicotomia comportamental pode ser apreciada em João Brandão, no caso da morte de João Nunes, o Ferreiro de Várzea de Candoza, na vertente do mal, quando obriga o irmão Miguel Nunes a transportar o cadáver do próprio irmão no lombo de um cavalo, ao mesmo tempo que os companheiros do bando de João Brandão iam anunciando: «Aqui há carne fresca»; já neste mesmo caso pode ser apreciada na vertente oposta, a do bem, se considerarmos que João Brandão presta um grande serviço ao reino e região ao capturar uma personagem como o Ferreiro de Várzea, que causaria bastante dano à mesma.⁴⁹⁴ Ainda que, neste episódio também se possa invocar que não passa de um caso onde imperam as ligações de carácter nepótico e clientelar entre a família dos Brandões do Casal da Senhora e o ministro do reino Rodrigo da Fonseca (um amigo e ainda com leves ligações familiares), tal como já

⁴⁹² Mitologia Grega - *Eros e Anteros* [Em linha], [Cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.pt/2010/12/eros-e-anteros.html>>

⁴⁹³ «O maniqueísmo é considerado uma filosofia religiosa, fundada na Pérsia por Mani Maquineu, no século III, sendo bastante disseminada por todo o Império Romano. Maniqueísmo é a ideia baseada numa doutrina religiosa que afirma existir o dualismo entre dois princípios opostos, normalmente o bem e o mal.» *In: Significados*. Maniqueísmo - "O que é Maniqueísmo" [Em linha] [Cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.significados.com.br/maniqueismo/>>

⁴⁹⁴ Álvaro Costa, *op. Cit.* cap IV

acontecera aquando da procuração real para capturar o major Cristiano da Fonseca, o envenenador do Ervedal.⁴⁹⁵

Nos apontamentos de vida escritos por João Brandão na prisão do Limoeiro, podemos igualmente perceber como ele vê/concebe/apresenta o mundo em dois pólos opostos, defendendo-se a si, a sua família (Brandões do casal da Senhora) como pertencentes ao campo do bem, enquanto os seus adversários e seus familiares (Brandões de Midões), como o primo Manuelzinho, como o reduto do mal.

Em Remexido, podemos encontrar esta dicotomia comportamental no caso de São Bartolomeu de Messines, no caso do mal, quando, em 1836, ataca esta vila e age simplesmente por motivos de ajuste de contas, para vingar a morte de um dos seus filhos e as humilhações sofridas pela sua mulher, aproveitando ainda para eliminar algumas pessoas para acabar com antigas dívidas; já no caso do bem, podemos citar as obras que antes tinha construído em benefício da terra, como a edificação de uma escola e de uma feira.⁴⁹⁶

4.3.3. O que há de Hércules em João Brandão e Remexido?

Por outro lado, quando equacionamos esta questão ambivalente bandido-herói e nos fixamos na segunda parte da equação, a de herói, parece-nos pertinente chamar à colação, a figura que nos parece mais emblemática do herói: Hércules do panteão romano ou Hércules do panteão grego.⁴⁹⁷ Não será certamente pela analogia física entre estas figuras, mas sim pelas possíveis várias similitudes de cariz comportamental. A maneira ambivalente como atuavam, ora com medida, ora com desmedida; ora com amor, ora com ódio; ora com racionalidade, ora com irracionalidade. Poder-se-ia ainda encontrar alguma relação entre a extrema dureza dos doze trabalhos a que Hércules foi submetido e as enormes privações que JOÃO Brandão e Remexido tiveram que se confrontar durante a sua vida de guerrilheiros.

⁴⁹⁵ *Ibid.*

⁴⁹⁶ Ofir Chagas, *op. Cit.*

⁴⁹⁷ «Entre os heróis gregos destacava-se Hércules, mais conhecido pelo nome romano - Hércules - cultuado em toda a Grécia. Tratava-se de um herói nacional. Tornou-se famoso por ter realizado doze trabalhos, em benefício dos gregos. Hércules, filho de Zeus e da princesa Alcmena era odiado por Hera, mulher de Zeus.» *In: Historia Mais. "Os Doze Trabalhos de Hércules"* [em linha], [cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.historiamais.com/hercules.htm>>

Importa, aliás, ter em atenção que, para alguns dos seus biógrafos, João Brandão é um alegado assassino e logo aos 12 anos.

4.4. João Brandão um homicida precoce?

Assim se fêz a reputação dum homem à volta do qual circularam as mais inverosímeis versões, desde a morte do pastor, na Serra da Estrêla, para afirmar a pontaria, até à do pequeno Melro, que diziam ser seu afillado, sobre um pinheiro, para revelar a sua perversidade logo de começo. Assim se fêz um herói de tragédia!...“Cantado em verso pelas portas e pelas romarias, recitados os seus feitos supostos ás crianças desobedientes, para lhes meter mêdo, quando não queriam dormir tranquilas nos seus berços!”⁴⁹⁸

Porventura, este será o episódio mais inverosímil contado acerca da vida de João Brandão, e que muito foi publicitado, sobretudo, na literatura de cordel, o que contribuiu para a fama precoce de João Brandão como bandido. Vislumbramos neste episódio pouco plausível uma tentativa de, desde logo, estabelecer uma comparação de teor pejorativo entre pai e filho. Os seus detratores tentam fazer uma ligação entre pai e filho, através dos pressupostos científicos do naturalismo, ou seja, da passagem, principalmente, do legado hereditário como fator para pré-determinar o seu comportamento.

Desta maneira, autores como Martins de Carvalho, pretendiam passar a ideia de que o jovem João Brandão seria inevitavelmente um bandido, devido às suas circunstâncias ambientais: físicas, sociais, culturais, psicológicas e genéticas. Ele herdara, de forma inata, os “maus instintos” de quem já tinha uma carreira de banditismo, no caso o seu pai, Manuel Brandão - o velho.⁴⁹⁹ João Brandão era filho de Manuel Brandão que era ferreiro de profissão. O seu pai, na época de conflito entre liberais e absolutistas, terá encabeçado uma luta de guerrilha, terá sido o líder de um grupo de criminosos, quase todos da sua família. É nesta conjuntura de violência que João Brandão nasce e cresce, ou seja, à luz da teoria naturalista de Aiden,⁵⁰⁰ ou citando a frase de José Ortega e Gasset:⁵⁰¹ “O Homem é o homem e as suas

⁴⁹⁸ Ferrão, *op. Cit.*, prólogo

⁴⁹⁹ Carvalho, *op. Cit.*

⁵⁰⁰ Naturalismo: 1. FILOSOFIA doutrina que não admite outra realidade ou outra norma além da da natureza, rejeitando a existência do sobrenatural; 2. FILOSOFIA doutrina segundo a qual a maneira de viver deve estar em conformidade com as leis da natureza *in Dicionário Infopédia* da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha] [Cons. em julho de 2017]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/naturalismo>

⁵⁰¹ Ortega e Gasset, José - N. 1883-F. 1955. foi um filósofo espanhol. Também atuou como ativista político e como jornalista. Famosa frase: Debaixo de toda vida contemporânea se encontra latente uma injustiça. *In*: Kd frases. Disponível em :<URL: <https://kdfrases.com/frase/104958>>

circunstâncias”, que João Brandão encontra no seu ambiente as condicionantes para o seu comportamento "maléfico". Um determinismo de cariz hereditário, emanado pela parte do pai, e um ambiente social muito favorável a desenvolver uma personalidade violenta.⁵⁰² João Brandão, afinal, e na opinião de Martins de Carvalho, reunia todas as condições hereditárias e ambientais para se ter tornado um bandido. A seguinte citação representa um exemplo paradigmático do que o diretor do *O Conimbricense* pensava acerca dos Brandões do Casal da Senhora e da sua propensão inata/patológica para o banditismo: « [...] o velho Manuel Brandão, pae da sucia Brandoal». ⁵⁰³ Este pré-determinismo como os seus putativos maus instintos seriam incentivados pelos familiares. É devido a este quadro de violência prematura que surge o mito de aos doze anos eventualmente ter cometido o seu primeiro homicídio: com o intuito de treinar a pontaria, matou um pastor.⁵⁰⁴

Contudo a construção de uma imagem especular e dicotómica de José Joaquim de Sousa Reis, como o seminarista cujo reverso é o Remexido, apelidado como o lobo da serra, deve ser, agora, por nós revisitada.

4.5. De José Joaquim de Sousa Reis, o seminarista até Remexido, o Lobo da Serra

Lobo do Mato foi como José Joaquim dos Reis se intitulou durante o julgamento, em agosto de 1838, em Faro. O percurso de teor metafísico de Remexido começará pela sua vertente de seminarista, prosseguindo no emaranhado da serrania algarvia e sul alentejana, consubstanciado na forma transcendental como ele se escondia na mesma. E sabe-se como uma das facetas míticas do herói, é o mesmo se tornar invisível, inatingível e que só pode

⁵⁰²«Entre os numerosos assassinos e ladrões em que tem abundado esta província, um dos mais insignes foi o famoso Antonio da Costa, o Caca, que era natural de Midões, e fora primeiramente alfaiate. Pertenceu a um batalhão de voluntários de D. Miguel; mas, acabada a guerra em 1834, teve artes de se ligar com o velho Manuel Brandão, pae da sucia Brandoal. Foi o Caca sócio nos roubos com Manuel Brandão; porém desavieram-se por causa da partilha das presas, e entre Caca e Brandões rompeu-se guerra declarada.» Carvalho, *op. Cit.*, cap. XXI

⁵⁰³*Ibid.*

⁵⁰⁴ A Guarda - *João Brandão, O Terror da Beira* [em linha] Jornal a Guarda: s.d. Atual.: s.d. [cons. em 14-02-2014]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.jornalaguarda.com/index.asp?idedicao=216&idseccao=2487&id=9601&action=noticia>

ser morto caso seja traído. Foi o que sucedeu com o Remexido, quando foi denunciado o seu esconderijo o que permitiu a sua captura pelo Coronel Fontoura.⁵⁰⁵

A partir de uma certa altura, as populações rurais, nomeadamente do interior baixo alentejano e algarvio, começaram a ver o Remexido sob uma perspectiva mística, detentor de poderes sobrenaturais e com uma faceta de Messias. Para estas gentes o Remexido era invencível, tinha a proteção divina, tinha o dom da invisibilidade. O Remexido aproveitou esta sugestão de cariz transcendental que difundia para passar a ideia de cruzada contra os infieis e hereges liberais.⁵⁰⁶ O Remexido assumia-se assim como o defensor do trono e do altar, e que tinha como suprema missão derrotar o Anticristo “malhado”.⁵⁰⁷ No pós-guerra civil o Remexido terá sido o único chefe de guerrilha que conheceu, ainda em vida, uma verdadeira notoriedade nacional. Poderá advir daí a inigualável repercussão que esta figura deixou na memória das lutas liberais. Na génese dessa singular celebridade contemporânea, de que nenhum outro cabecilha desfrutou, estão acontecimentos como uma peça teatral coeva, representada sobre si, em Lisboa, no Teatro do Salitre. A fama do Remexido não se circunscrevia apenas ao âmbito local, o seu nome era já sobejamente conhecido pelas esferas militares, chegando mesmo a ser referenciado por diversas vezes nas «Memórias» de oficiais

⁵⁰⁵«Sabia-se que a prisão da mulher e das filhas faria Remexido expor-se mais, procurando uma possível aproximação do litoral algarvio. A sua presença veio, efectivamente, a ser sentida próximo de Sant'Anna da Serra e a notícia chegou ao coronel Fontoura, que logo ordenou que a 1-coluna, sob o comando do major José Inácio de Vasconcelos, composta por unidades de Caçadores 5 e Cavalaria 5, marchasse de Almodôvar para a Portela da Corte das Velhas; a 5- coluna, comandada pelo capitão Manuel Maria, que integrava algumas unidades de Caçadores 5 e Cavalaria 5. e que estava em S. Martinho das Amoreiras, foi mandada seguir na mesma direcção; e a 3- coluna, que tinha como comandante o conhecido capitão Joaquim Mendes Neutal, composta de Infantaria 8 e da Guarda Nacional de S. Bartolomeu de Messines, conjuntamente com a 6a coluna, comandada pelo major Nunes Cardoso, integrada por homens de Caçadores 5 juntaram-se ao coronel Fontoura e seguiram de S. Bartolomeu de Messines em direcção a Sant'Anna da Serra. Todas estas unidades, partindo de pontos opostos e em direcção ao refúgio da guerrilha, vão desencadear um cerco a Remexido, tão forte e tão apertado, como definitivo. A ofensiva dos constitucionalistas preparava-se, desta forma, para passar a pente fino toda a área onde havia a certeza de se acoitar o caudilho-guerrilheiro com a maioria dos seus homens.» (Chagas, *op. Cit.*, pp. 103)

⁵⁰⁶«Na pregação desta espécie de cruzada política contra os supostos inimigos do Trono e do Altar, conseguiram convencer e arrebatar o povo ignaro, quer os camponeses da zona adjacente ao litoral, quer os serrenhos do interior montanhoso, explorados e espoliados desde há séculos pelos senhorios da velha fidalguia terratenente e pelos novos proprietários da burguesia urbana.» (Mesquita, *op. Cit.*)

⁵⁰⁷«O povo escolheu então o nome de "malhados" para as cavalgaduras dos liberais.» *In*: ASCENDENS - *O acidente de D. Miguel I - Os "Malhados"*, [em linha], [cons. em 17-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://ascendensblog.blogspot.pt/2012/02/o-atentado-d-miguel-i-os-malhados.html>>

estrangeiros que participaram na guerra civil portuguesa. Ele tornou-se «[...]uma exceção em relação à atitude geral de demissão e absorção pela nova ordem política»⁵⁰⁸

4.6. Seguindo Eric Hobsbawm: João Brandão e o Remexido ou dois exemplos que podem confirmar a existência de um modelo uniforme de um banditismo social

Subscrevemos Eric Hobsbawm e a sua tese de que, como escreve:

Em primeiro lugar, ficará claro que minha tese é a de que o banditismo social constitui fenômeno de notável uniformidade, em todas as épocas e Continentes. Pode essa tese ser testada? Sim, na medida em que prevê, num sentido lato, como agirão os bandidos e que histórias serão contadas sobre eles em áreas até agora não pesquisadas. [...] O banditismo social dessa espécie é um dos fenômenos sociais mais universais da História, e um daqueles de mais impressionante uniformidade.⁵⁰⁹

Estas citações de Eric Hobsbawm em *Os Bandidos* dar-nos-ão a possibilidade de estabelecer um ponto de charneira entre as personagens que dão origem à nossa investigação com outras do mesmo género a nível global.

4.6.1. Semelhanças com os cangaceiros do Nordeste brasileiro

Como ponto prévio, diremos que naquela época a população sertaneja via o cangaceiro como uma alternativa ao vazio de poder deixado pelo Estado.

O cangaço foi um movimento que surgiu no Brasil por volta do século XIX. Este fenómeno ocorreu, principalmente, no nordeste brasileiro (Recife). Este movimento ter-se-ia, originariamente, formado para combater as graves injustiças sociais que assolavam a região desde antanho, como as questões fundiárias. Os primeiros e genuínos cangaceiros tinham como objetivo acabar com essa opressão ancestral infligida pelos grandes latifundiários e oligarcas sobre as camadas populares/rurais. Os cangaceiros atuavam isoladamente ou em grupo, assaltando fazendas, sequestravam e matavam coronéis.⁵¹⁰ Entretanto, mais tarde, passaram a existir, também, aqueles cangaceiros que já não defendiam o povo, mas sim o poder dos coronéis. Os cangaceiros, na sua generalidade, eram

⁵⁰⁸ Ferreira, 2002, pp. 263 *apud*. Saraiva, *História de Portugal*, Lisboa, Vol. 3, pp. 422, s.d.

⁵⁰⁹ Hobsbawm, 1976, pp. 7-8

⁵¹⁰ Sua Pesquisa.com. Portal de Pesquisas Temáticas e Educacionais. *O Cangaço*. [em linha], [cons. em 16-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/cangaco.htm>

exímios conhecedores da geografia local, dos emaranhados dos cerrados, o que lhes permitia escapar às autoridades policiais.

É fixando-nos na ação “benigna” dos primeiros cangaceiros, que podemos fazer uma associação com o modelo de herói, daquele que Eric Hobsbawm chamou de bandido social; enquanto que, fixando-nos naqueles que se desviaram da sua antiga prática original, quando se assumiam como um núcleo de resistência dos mais fracos, oprimidos e defraudados da sociedade, e que passaram a optar por servir antes os coronéis, podemos-os associar com o modelo de simples bandidos. Poder-se-á comparar estes últimos cangaceiros que passaram a utilizar a sua força apenas para servir os mais fortes da sociedade da seguinte forma: os coronéis com João Brandão, quando este “vendia” a sua força consubstanciada nos seus préstimos de antigo guerrilheiro, ou, mesmo, apenas a sua influência aos mais fortes da sociedade: os políticos/governantes.⁵¹¹

Diferentemente dos proto cangaceiros, pensamos que João Brandão e mesmo o Remexido nunca se revelaram como verdadeiros bastiões de defesa do povo mais débil. Notamos, no agir, tanto dos cangaceiros que degeneraram, como em João Brandão, traços de clientelismo, corrupção e tráfico de influências. Os interesses, tanto de João Brandão como de Remexido situaram-se sempre mais nas classes altas do que nas baixas. E, deste modo, nunca se terão preocupado em se alcandorar à posição mítica de Robin Hood, preferindo antes constituir um subsistema onde se pudessem estabelecer relações políticas, onde uma pessoa pudesse receber de outra a proteção em troca de apoio político. João Brandão, tal como os coronéis, manifestou algum poder político constituindo-se como um líder local, que era muito importante ter do lado dos candidatos que queriam ser eleitos. Como escreve o seu biógrafo :

Sucederam-se as legislaturas e João Brandão foi participando nas campanhas eleitorais, acabando por saírem vencedores, com o precioso empenhamento do João, os vários candidatos por ele apoiados, naquela região, como foi o caso do Dr.

⁵¹¹«Depois de ouvir João Brandão, mandaria pôr em prática as deliberações constantes na portaria de 10 de Setembro de 1853, e a conseqüente nomeação dos administradores'101 que teriam à muito, sido indicados para os vários concelhos da Beira, especialmente de Francisco Augusto da Costa Amaral para o concelho de Tábua, que teria sido recusada, tal como todas as outras, pelo anterior governador civil de Coimbra - conselheiro António Luis de Sousa Henriques Seco, agora substituído no cargo pelo general Jerónimo da Silva Maldonado de Eça. Das conclusões a que chegaram o ministro do Reino, o administrador de Tábua e o governador civil de Coimbra, tomaria conhecimento João Brandão que ficaria incumbido de dar “caça” ao Ferreiro de Várzea. Para esta mesma tarefa seria designado o Destacamento de Infantaria 14, aquartelado em Midões, e comandado pelo sargento Augusto César de Carvalho Vasconcelos.» (Costa, 2001, pp. 64-65)

Fernando Augusto Pimentel de Melo, por Penacova, e por o Dr. Pedro Augusto Monteiro Castelo Branco, por Oliveira do Hospital, candidatos pela oposição ao governo.⁵¹²

O coronelismo caracterizava-se por uma influência dos coronéis na política; uma organização social com este tipo de grande proprietário rural que demonstrava um comportamento despótico e patriarcal que, por força do consenso geral de um sistema de obrigações e favores, confunde em sua pessoa atribuições de caráter privativo e público.⁵¹³ Verificamos assim como João Brandão, em certos momentos da sua vida, serviu as elites locais que se comportavam, grosso modo, como os coronéis brasileiros. Também o Remexido serviu o seu "coronel", D. Miguel, quando teve um comportamento menos "social" (quando o seu bando extorquia os víveres das populações da serra) no sul do reino. Os cangaceiros que degeneraram tornaram-se forças paramilitares, aquelas que substituíram as forças oficiais do país, agora para satisfazer os interesses dos coronéis.⁵¹⁴ João Brandão e Remexido também encabeçaram forças paramilitares que ocuparam o vazio de autoridade provocado por regimes ainda pouco consolidados. Isto sucedeu com o Batalhão Nacional de Caçadores de S. João de Areias que foi capitaneado por Manuel Brandão e João Brandão, enquanto que com Remexido, foi em 26 de novembro de 1836, quando foi nomeado por D. Miguel como o comandante da causa realista nas Províncias do Sul.⁵¹⁵ Não obstante, estas figuras terem vivido após a queda do Antigo Regime, e quando já se sentia uma nova aurora de valores, aqueles provenientes da Revolução Francesa, a verdade é que se relacionam num quadro muito análogo àquele que se fazia sentir, antigamente, nos feudos. Pois, na Beira e

⁵¹² Costa, 2001, cap. III

⁵¹³ *Coronelismo*: O poder ou a influência do proprietário rural, em pequenas cidades do interior do Brasil, na vida política e social. In Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa [em linha] [Cons. em julho de 2017]. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/coronelismo/>>

⁵¹⁴ o posto de Coronel da Guarda Nacional nasceu quando foi criada a Guarda Nacional no Período Regencial quando era Ministro da Justiça o Padre Feijó (1831), não era o mesmo que a patente militar do Exército e, como fenómeno social e político, teve lugar após o advento da república. (Câmara dos Deputados - Legislação Informatizada - LEI DE 18 DE AGOSTO DE 1831 - Publicação Original [em linha] Brasília: s.d. Atual.:s.d.[cons. em Out. 2017]. Disponível na Internet em: <URL: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37497-18-agosto-1831-564307-publicacaooriginal-88297-pl.html>

⁵¹⁵ «26 Novembro 1836 - A guerrilha, ao mesmo tempo que vai engrossando, procura organizar-se. Remexido diz ter sido nomeado "Governador do Reino do Algarve e Comandante em Chefe Interino de todas as Tropas Realistas, Regulares e Irregulares, do Exército de Operações do Sul, pelo chefe do Estado Maior General e Comandante em Chefe do Exército de Operações em Portugal".» (Chagas, *op. Cit.*)

no Sul do país de então ainda podemos encontrar muitas relações de interdependência entre os "nobres".

Mas seguindo a proposta de Eric Hobsbawm e tomando os casos brasileiros, José Gomes, o Cabeleira (1751-1786), de Pernambuco, terá sido o primeiro dos cangaceiros. Também ele um jovem homicida como o nosso João Brandão. Na diversa bibliografia existente sobre esta figura, principalmente em *O Cabeleira* de Franklim Távora⁵¹⁶ é recorrente depararmos com a narração de episódios eivados de crueldade, e isto, praticados logo na tenra idade. É neste sentido que podemos encontrar certa analogia entre os percursos de vida de João Brandão e o Cabeleira.

Estas semelhanças podem ser concretizadas no célebre caso em que se narra como João Brandão aos 12 anos, na serra da Estrela, supostamente terá matado um pastor, e isto, apenas por uma questão fútil: apurar a pontaria. Outro paralelo que pode ser estabelecido tem que ver com a sua eventual tendência para a atividade criminosa ser herdada do seu pai «Ao lado do pai, Joaquim Gomes, ele assombrou Pernambuco».⁵¹⁷ Como anteriormente referimos, os romances acerca destas figuras, escritos incorporados no movimento estético naturalista,⁵¹⁸ estabeleceram as reciprocidades comportamentais entre o pai e o filho Brandões do Casal da Senhora. Isto passar-se-á igualmente com os Gomes, pai e filho. Deste modo, o Cabeleira filho vai receber a vocação para a crueldade do seu pai: «sujeito de más entranhas, dado à prática dos mais hediondos crimes»⁵¹⁹ Outro ponto de sintonia que encontramos entre o Cabeleira e João Brandão reside na literatura que se fez sobre as suas vidas. Na época do Cabeleira, pelas feiras de Pernambuco, cantavam-se diversas trovas populares a seu respeito, tal como acontecia acerca de João Brandão, nomeadamente com os cegos a entoar pregões e distribuir literatura de cordel muito adversa à sua imagem.⁵²⁰

⁵¹⁶TÁVORA, Franklim, *O Cabeleira*. [em linha], [cons. em 09-08-2015]. Disponível na Internet: <URL: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2073>

⁵¹⁷*Idem*

⁵¹⁸ V. nota de rodapé 499

⁵¹⁹ Távora, *op. cit*

⁵²⁰ « [...] porque oiço todos os dias, e a todas as horas, arrastar o meu nome e o de minha desventurada esposa, até mesmo defronte da janela da minha prisão, nas cantigas mais abjectas e degradantes, entoadas pelos cegos, e apregoada a obscenidade escandalosa e inaudita pelos garotos professos. Uns e outros representam, a meu

Mas este não é o único exemplo, também importa confrontar, seguindo o mesmo propósito hermenêutico, o percurso biográfico de o Remexido, com outros dois bandidos brasileiros, subscrevendo a categorização dado por Eric Hobsbawm, António Silvino e o Lampião.

Estes dois brasileiros que apresentamos a seguir, deixaram, igualmente, aquela imagem dualista já muito rebuscada, de justiceiros sociais para uns, ou de bandidos que matavam a sangue frio, para outros. Manoel Batista de Moraes (1875-1944), natural de Pernambuco, tornar-se-ia António Silvino o "Rifle de Ouro" (tomou o nome, e a profissão, de Silvino do seu tio: Silvino Aires Cavalcanti de Albuquerque).⁵²¹ Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como o Lampião, (1898-1938) nasceu no estado de Pernambuco.⁵²²

Tanto António Silvino como lampião iniciaram-se no banditismo para vingar os seus pais que haviam sido mortos pelas forças policiais. A. Silvino herdou a propensão para a marginalidade do pai Batistão e do tio: «*Batistinha havia entrado no cangaço com o seu irmão, Zeferino, para vingar a morte do pai, Batistão do Pajeú, que havia tombado morto em um dos combates com a polícia*»⁵²³. Já Lampião resvalou para a atividade criminosa, quando não tinha antecedentes de práticas criminosas na sua família. Mas, não obstante, terem sido narrados como violentos, estas duas figuras nordestinas também passaram à história como praticantes de boas ações o que os aproxima do perfil de bandido social de Eric Hobsbawm. Tal como João Brandão, quando foi capitão do Batalhão de S. João de Areias, Lampião, em Juazeiro, também recebeu a patente de “Capitão” e foi integrado nas forças do governo para combater a coluna Prestes. João Brandão foi "usado" pelo governo

ver, um papel ensaiado por aqueles que desejam a minha ruína e promovem a minha desgraça.» (Brandão, 1990, Conclusão-p. 215-216)

⁵²¹GOETHE, Paulo, *O rei do cangaço antes de Lampião*, [em linha], [cons. em 17-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2012/10/02/o-rei-do-cangaco-antes-de-lampiao/>>

⁵²²Frazão, Dilva, *Biografia de Lampião* [em linha], eBiografia: s.d. atual.: 2017 [cons. em jul.2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.ebiografia.com/lampiao/>>

⁵²³ Vainsencher, Semira Adler, *Antônio Silvino*. Fundação Joaquim Nabuco. [Em linha]. [Cons. ago. 2015] Disponível em: <URL: http://basilio.fundaJoãogov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=329:antoni-o-silvino&catid=35:letra-a&Itemid=180>

liberal para capturar as guerrilhas realistas. Lampião foi "usado" para capturar a coluna "subversiva" comunista.

Ficaram com a fama, como Robin Hood, de serem impiedosos para os ricos avaros, e compassivos para os pobres carenciados. Deste modo, tal como José do Telhado, e muito mais do que João Brandão ou o Remexido, também se podem intitular de repartidores públicos, visto que partilhavam o fruto dos seus assaltos com as populações mais desfavorecidas. É devido a este comportamento revelador de solidariedade que ficaram, junto do povo, com a imagem de heróis. No entanto, no caso de Lampião e à semelhança de João Brandão, parece nunca ter existido, da sua parte, uma preocupação de levar a efeito qualquer revolução social, até porque estas duas personagens estiveram, quase sempre, do lado das elites agrárias. Lampião e João Brandão têm um percurso de vida com várias similitudes: no princípio agiram por vingança e depois por ganância, que se podia concretizar em poder e bens materiais: terras e dinheiro. As quadrilhas de Lampião e de João Brandão chegaram a funcionar como um poder paralelo e isto devido às vitórias que iam obtendo sobre as autoridades, muitas vezes baseadas no suborno das forças militares e na conivência do povo. No respeitante ao paradigma de ideal cavaleiresco, podemos encontrar algumas semelhanças, entre Lampião e Remexido, já que o brasileiro não admitia que se violassem mulheres. Tal como Remexido, que vingou fortemente a humilhação que os liberais praticaram sobre a sua esposa. Ainda que, segundo parece, só tenha concretizado a vingança em Benafim, tendo-se atirado a ele gritando: «*não tornas a mandar palmatoadas em mulheres!*»⁵²⁴ Mais uma vez vamos dar realce ao que vimos chamando, neste tipo de bandos, de “proto igualdade de género”: no bando de Lampião existiam, pelo menos duas mulheres, Maria Bonita, companheira de Lampião e Dadá, companheira do Courisco de Ouro. Possivelmente, no bando do Remexido, poderá ter havido Joana Mendes ou Jina, natural de Monchique (neste caso a lenda parece superar o facto histórico).⁵²⁵ Contudo, paralelamente,

⁵²⁴ Pinto, 2004, pp. 299

⁵²⁵ «Por último urge aqui recordar uma figura mais lendária do que histórica. Trata-se de Joana Mendes (ou Jina), que segundo alguns autores era natural do concelho de Monchique e cujo nome ficou na toponímia local. Consta-se que terá sido companheira do Remexido e segundo reza a tradição, pereceu ao lado de vários guerrilhas, num confronto contra os liberais, dias antes do seu companheiro ser capturado.» *In*: Sampaio, José Rosa, *A Guerrilha do Remexido no Concelho de Monchique*, [em linha], [cons. em 04-12-2012]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12549388/a-guerrilha-do-remexido-no-concelho-de-monchique-jose-rosa-4>>

surge-nos nestas figurações a carga mística que as suas acções e traços biográficos por vezes comportam .

Recorrendo, pois, às definições atrás elencadas podemos estabelecer uma comparação entre o brasileiro do século XIX, António Conselheiro, e o seu contemporâneo português Remexido. Também as ações do brasileiro António Conselheiro (Antonio Vicente Mendes Maciel,⁵²⁶ 1830-1897, Seará) estão envoltas num misticismo como aliás aconteceu com o Remexido. Muito mais do que este último, António Conselheiro sentiu e compreendeu as injustiças de que eram alvo os mais fracos da sua sociedade. No sertão as vítimas eram os ex-escravos, os indígenas e os mestiços. Assim decidiu tentar mudar este estado de coisas a fim de emancipar este povo das condições ultrajantes por que passava. Envolveu-se com as comunidades, tornou-se um missionário, edificou obras sociais. O sertão, durante mais de 20 anos, viu nascer um pregador, que deixou um lastro da sua fé, bem como do seu compromisso social, construindo, mediante trabalho comunitário, pequenas represas, capelas, cemitérios, etc. Peregrina durante duas décadas pelo nordeste, onde é amado pelo povo e visto como um messias ou um profeta, sendo, ao invés, incompreendido e perseguido pelas autoridades. Conselheiro observou de perto o atraso em que o povo se encontrava e o descontentamento que sentia. Assim, resolveu, na última década do século XIX, pôr em prática o seu objetivo, de formar uma comunidade igualitária: Belo Monte (Canudos, no interior da Bahia). Rapidamente a comunidade cresceu e tornou-se numa das maiores cidades do Nordeste, com 25.000 habitantes. Uma cidade organizada, religiosa, produtiva e comunitária.⁵²⁷ A reação das pessoas de posses, dos políticos e de alguns setores da igreja, deu início à Guerra dos Canudos, que teve seu início em 1896, a maior guerra campesina do século XIX. Foram necessárias quatro tentativas do exército do estado para derrotar a comunidade dirigida por António Conselheiro e em 1897 aniquilar Canudos.⁵²⁸ A cidade de

⁵²⁶ UOL Educação: Biografias – *António Conselheiro* [em linha] Atual.: 1996-2017 [cons. em 17-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://educacao.uol.com.br/biografias/antonio-conselheiro.htm>>

⁵²⁷ CUNHA, Euclides da - *Os Sertões* [em linha] S. Paulo: 1984 [cons. em 13-08-2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>>

⁵²⁸ Velasco, Valquíria - *Antônio Conselheiro*. [em linha] InfoEscola, Navegando e Aprendendo: 2014. Atual.: 2006-2015 [cons. em 13-08-2015] Disponível na Internet: <URL: <http://www.infoescola.com/biografias/antonio-conselheiro/>>

Canudos seria reduzida a cinzas, contudo, ficaria para a história como uma forma alternativa de organização social mais igualitária.

Por outro lado, importa ter em atenção, que sempre seguindo o modelo explicativo hobsbawniano, não vislumbramos nos perfis de João Brandão e do Remexido propósitos revolucionários.



Fig. 3 - “A única foto conhecida de Antônio Conselheiro, místico rebelde e líder espiritual do arraial de Canudos (1893-1897), Bahia, Brasil. Foto tirada duas semanas após sua morte, pelo fotógrafo Flávio de Barros, a serviço do Exército.”⁵²⁹

4.6.2. Paralelismos com Pancho Villa e Emiliano Zapata

Doroteo Arango, mais conhecido por Pancho Villa, e Emiliano Zapata foram duas figuras preponderantes da História do México, mais concretamente da Revolução Mexicana. Através dessa participação popular lograram atingir, tal como João Brandão e Remexido uma mesma ou aproximada conceção ambivalente bandido/herói. Contudo, pensamos que são muito mais as diferenças do que as semelhanças entre os dois mexicanos e os dois portugueses. Pancho Villa e Zapata empenharam-se num processo revolucionário com a finalidade de se realizar a muito necessitada reforma agrária e, conseqüentemente, distribuir muito melhor a riqueza, principalmente no caso das terras, o que poria em causa o poder dos grandes latifundiários. Já no caso dos dois portugueses, além de não lhes encontrarmos características de revolucionários, no caso de Remexido, o algarvio, até se encaixa muito melhor no perfil de um reacionário⁵³⁰ Nenhum deles, alguma vez, se propôs fazer uma

⁵²⁹ In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Conselheiro [cons. Out. 2017]

⁵³⁰ *Reacionário* - Adjetivo: 1. POLÍTICA: que defende um sistema político contrário ao progresso ou à mudança social, resistindo às tendências revolucionárias. 2. POLÍTICA que revela uma posição conservadora. Nome masculino: 2. indivíduo antiliberal. Fonte: *Reacionário* in Dicionário infopédia da Língua

repartição mais justa das riquezas. No caso da terra, dos bens fundiários, pelo contrário, o beirão João Brandão tentou acima de tudo fazer crescer o seu património: por exemplo, quando consuma a aquisição, através do padre Portugal, das propriedades do Visconde Almeida. Contudo, o Remexido tem uma clara intervenção política no Portugal de Oitocentos. Remexido tentou restaurar o absolutismo, e, por via disso, recolocar D. Miguel no trono, restaurando o poder do binómio trono/altar, desalojando o liberalismo e D. Maria II.⁵³¹

4.6.3. Comparando João Brandão/Remexido com alguns homólogos do Far West Norte americano

Se é certo que as categorias hobsbawonianas se socorreram de exemplos que corporizavam tipos como: o dos ladrões nobres, casos de Jess James e Billy, The Kid ou de vingadores como Tibúrcio Vasquez e Joaquim Murieta, a verdade, é que nas biografias todos eles encarnam os vingadores.

No primeiro caso, e tal como a João Brandão as narrativas atribuem a Jesse James (1847-1882) a autoria de um assassinato ainda em idade muito jovem (14 anos). Jesse James partilha com João Brandão e Remexido o facto de também ter participado numa guerra civil (Guerra Civil Americana 1861-1865) do lado dos confederados (fação dos estados do sul, partidária do escravagismo). Após o final da guerra, Jesse James passou a liderar um gangue (James-Younger), que se tornou famoso por assaltos a bancos, feiras, diligências e comboios. Os proveitos destes roubos seriam motivo para a criação de uma aura de Robin Hood na figura de Jesse James, já que se espalhou a mensagem de que este bandido distribuía o fruto dos seus assaltos pelos mais carenciados da sua comunidade «*Consta que Jesse James haja emprestado a uma viúva pobre 800 dólares para que ela saldasse sua dívida com um banqueiro, e depois assaltado o banqueiro e recuperado o dinheiro*».⁵³² A forma como Jesse James morreu, ainda contribuiria mais para a sua lenda.

Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-09-12 20:37:24]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/reacionário>>

⁵³¹ Chagas, *op. Cit.*

⁵³² Hobsbawm, 1975, cap. III

Este cowboy do Missouri tornar-se-ia uma lenda não só pela sua singular destreza no manejo da arma, mas também pela sua suposta faceta de repartidor público. Ele foi assassinado de costas, pelos antigos "amigos" irmãos Fords (Robert e Charley), que o traíram para ganharem a recompensa. Para aqueles que o incensam de herói, Jesse James foi apenas e tão só uma vítima do seu meio e das suas circunstâncias, sobretudo das envolvências que decorreram da Guerra de Secessão, como a violência e a injustiça social; se foi ladrão, foi um ladrão nobre, que se limitou a transferir a riqueza dos mais ricos para os mais pobres; se foi bandido, foi um bandido que deu a sua vida pelos injustiçados da sua sociedade.⁵³³

Ainda no âmbito da tipologia hobsbawniana de ladrão nobre Billy The Kid (1859 - 1881) terá sido para muitos, a par de Jesse James, o bandido mais famoso do Velho Oeste, apesar de ter tido uma existência muito breve. Os relatos sobre as suas "façanhas" dizem que cometeu cerca de duas dezenas de homicídios. Terá tido uma infância feliz e seria proveniente de uma família sem grandes dificuldades económicas. A morte da sua mãe desencadearia a sua vocação para a marginalidade. The Kid irá ter uma carreira de sucesso como bandido no Novo México, onde passou a fazer parte do imaginário popular como um Robin Hood, que roubava aos ricos para dar aos pobres.

Em outras palavras, tirar dos ricos para dar aos pobres é costume familiar e arraigado, ou, pelo menos, uma obrigação moral ideal, seja na verdejante Floresta de Sherwood, seja no sudoeste norte-americano de Billy the Kid, que, segundo consta, era bom para os mexicanos. Era como Robin Hood: roubava dos brancos ricos e dava aos mexicanos, que por isso julgavam que ele agia corretamente.⁵³⁴ Este comportamento de The Kid deixaria a imagem de um ladrão nobre. A este propalado comportamento marcado pela generosidade que dispensava aos mais desprotegidos da sua sociedade ainda acrescentaria a sua faceta de excelente pistoleiro em duelos e um grande galã junto das mulheres. Indubitavelmente, que este norte americano, preenchia os requisitos de um autêntico cavaleiro medieval e com grandes possibilidades de subir ao panteão dos heróis, isto, para mais, quando facilmente conquistava a predileção dos corações femininos.

⁵³³Medeiros, Rostand - *Jesse James – O Grande Bandoleiro Americano* [em linha] TOK de HISTÓRIA: 2013. Atual.: s.d. [cons. em 17-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://tokdehistoria.com.br/2013/09/21/jesse-james-o-grande-bandoleiro-americano/>>

⁵³⁴ Hobsbawm, 1975, Cap. III, pp. 41

Verificam-se, pois, poucas semelhanças entre os norte-americanos Jesse James e Billy the Kid e os portugueses João Brandão e Remexido, porque os norte-americanos nada têm de guerrilheiros, preenchendo o modelo hobsbawmiano de ladrão nobre. Os norte-americanos são, essencialmente, ladrões, que por vezes repartem o resultado dos saques com a sua comunidade e é graças a essa faceta solidária que granjearam a simpatia do povo. João Brandão e Remexido são principalmente guerrilheiros que se batem por uma causa política, e pouco terão zelado pelos mais pobres da sua comunidade, estando por isso, longe do atrás citado ladrão nobre.⁵³⁵

No que concerne à segunda tipologia: a dos vingadores, sinalizado por Eric Hobsbawm nas figuras de Tiburcio Vasquez (1835-1875)⁵³⁶ e de Joaquim Murrieta (1829 - 1853)⁵³⁷ Importa ter em atenção que a violência manifesta por Murieta revela algumas semelhanças com João Brandão, quando este se vingou dos seus inimigos, e do Remexido, quando este cometeu os crimes mais cruéis, até na própria terra, os ajustes de contas em S. Bartolomeu de Messines. Resta ainda acrescentar, que as lendas populares que romantizaram

⁵³⁵ Hobsbawm, 1975, cap. III

⁵³⁶ Foi um bandido californiano que afirmava que o início da sua atividade criminosa que o tornaria num fora da lei deveu-se à forma discriminatória como os norte-americanos tratavam os latinos-americanos. Vasquez fez o seu tirocínio na quadrilha do temível Anastacio Garcia, seu primo mais velho. Tudo terá começado aos 17 anos, durante um baile em que ele e o primo se encontravam e se desencadeou uma briga em que um agente da autoridade foi morto. Embora Vasquez e o primo não estivessem diretamente envolvidos fugiram, mas um amigo de Vasquez, José Higuera, não fugiu e no dia seguinte foi linchado por vigilantes. Revoltado, Vasquez juntou-se de imediato ao gangue do seu primo e assim começa a sua carreira de criminoso em 1852. Em consequência de vários roubos de lojas e de gado iria parar à prisão em inúmeras ocasiões. Ao contrário do que fazem os ladrões nobres, Vasquez, durante os seus roubos, matou algumas pessoas inocentes. Mas como todo o bandido de matriz ambivalente, continha na sua essência alguns predicados cativantes: era bonito, culto gostava de ler romances e escrever poesia, excelente dançarino, o que fazia dele uma personagem deveras sedutora, principalmente, para as mulheres. Como, a maioria dos que enveredam pela carreira de bandido, acabaria condenado e enforcado em São José da Califórnia, em 1875. Fonte: Weiser, Kathy - *Tiburcio Vasquez - California Desperado*. [Em linha] Legends of America: s.d. Atual.: 2017 [Cons. em 11 jun. 2017]. Disponível em: <URL: <https://www.legendsofamerica.com/we-tiburciovasquez.html> >

⁵³⁷ Mais uma personagem que manifestou na sua ação, na Califórnia, laivos de Robin Hood. Terá nascido no Chile ou no México. Como tantos outros latinos americanos, no séc. XIX, emigrou para a Califórnia à procura do El Dorado. Os vários maus tratos de que ele e outros latino-americanos terão sido alvo, levaram-no a formar uma quadrilha. Assim se iniciou no roubo de gado e no assalto de carregamentos de ouro. Mais uma vez, parece que a lenda supera a realidade, porque a lenda diz que Murieta era um fora da lei que roubava e, depois, distribuía o resultado desses assaltos pelos mais desvalidos. Na realidade, investigações históricas mais rigorosas dizem-nos que ele não terá passado de mais um bandido que utilizava bastante violência e crueldade, espalhando o terror junto dos mineiros da região de Sierra Nevada até ao Rio Sacramento. «Joaquim Murieta, que defendia os mexicanos contra os ianques durante a ocupação da Califórnia.» Podemos reconhecer neste *modus operandi* muito mais do que um simples bandido social ou um ladrão nobre à maneira de Robin Hood, um vingador. (Hobsbawm, 1975, cap. IV).

a sua figura e a de Tibúrcio Vasquez, depois dele ser morto, inspiraram a criação do Zorro. Zorro foi uma personagem criada por Johnston McCulley, em 1919, inspirada num lendário herói mexicano, que terá sido o próprio Murrieta, da Califórnia, que lutava contra os colonizadores espanhóis de Los Angeles.⁵³⁸ Se Zorro lutava para expulsar os espanhóis do México, Remexido lutava para expulsar a "heresia" liberal do sul do país. Aliás, estas novas ideias liberais, que vieram pôr em causa, o poder absoluto de que Remexido era indefectível partidário, também tinham manado do estrangeiro, da Revolução Francesa de 14 de Julho de 1789. Portanto, Zorro combate uma invasão física, a dos espanhóis, enquanto Remexido combate uma invasão mental, das ideias, a dos franceses.

4.6.4. Comparando João Brandão com um bandido urbano: Al Capone

Achamos que ao introduzir neste capítulo, e fugindo dos bandidos do Velho Oeste Americano, um exemplo de bandido urbano, como Al Capone, poderemos fazer o contraste com o bandido de origem camponesa, aquele que poderá almejar a entrar, através de uma prática de bandido social, no quadro de herói. Al Capone terá sido o mais famoso gângster americano (1899-1947), tendo dominado o crime organizado em Chicago durante a Lei Seca. O mercado negro de bebidas alcólicas (também o jogo e a prostituição) permitiu-lhe alcançar lucros estrondosos. Não olhou a meios para atingir os seus fins, como exemplifica o brutal Massacre do Dia de São Valentim. Tal como João Brandão, Al Capone iniciou-se na delinquência precocemente (deixou a escola para se juntar ao bando de delinquentes do seu bairro). Al Capone sempre conseguiu escapar às malhas da justiça, pelos crimes maiores, os de sangue, e viria a ser preso por um crime de natureza económica: evasão fiscal. Também João Brandão foi sempre conseguindo escapar de ser encarcerado, pelas mortes de Estanislau Xavier de Pina e do Ferreiro de Várzea, e, todavia, viria a ser preso por um crime, que, eventualmente, não terá cometido. Tirando estas ligeiras semelhanças entre os percursos de Al Capone e João Brandão, parece-nos que a sua tipologia de bandidos andarà muito distante, até porque o americano é um bandido de natureza urbana, enquanto o português é um bandido de origem camponesa, das serranias beirãs, e por isso, muito mais próximo de

⁵³⁸ Fonte: Miss Cellania. - *The Real Zorro?* [Em linha] Neatorama: 2017. Atual.: s.d. [Cons. em set. 2017]. Disponível em: <URL: <http://www.neatorama.com/2017/04/24/The-Real-Zorro/>>

poder ser considerado bandido social e às portas de entrar no imaginário popular como herói.⁵³⁹

4.6.5. A vendeta como ponto de contacto entre os bandos/quadrilhas de João Brandão/Remexido e as organizações criminosas/mafiosas da Península Itálica

Parece-nos pertinente comparar estas organizações do Sul de Itália com os bandos de João Brandão e Remexido, por acerca da sua imagem, também existir uma perspetiva, principalmente, por parte do povo, ambivalente. Se não, vejamos a definição no Dicionário Babylon de «*Ndrangheta*»: (do grego *andragathía*, heroísmo e virtude, ou talvez do grego *andros agathos*, "homem bom"), ou (*Famiglia Montalbano, Onorata società ...*) Esta entrada do Dicionário demonstra claramente como este significado não corresponde ao que o senso comum, à primeira vista, percebe acerca deste termo, que associa, primeiramente, a uma organização criminosa e de práticas maléficas.

Uma última reflexão deve ainda ser considerada, a que se prende com a imagem dos bandos de João Brandão e do Remexido, junto das populações. Para além das repercussões, as modalidades de atuação, podem, em nossa opinião, aproximar-se, considerando o arco cronológico do nosso séc. XIX, às organizações criminosas do sul da Itália como a *Cosa Nostra, Ndrangheta e Camorra*.

Atente-se que estas associações marginais surgiram na Itália durante o século XIX, e ainda sob o jugo do Reino das Duas Sicílias, dos Bourbons. A *Cosa Nostra*, da Sicília, e a *Ndrangheta*, da Calábria, são de tipo rural, enquanto a *Camorra*, de Nápoles, é a única associação mafiosa, de tipo urbano. Apesar de terem construído uma teia de informantes e colaboradores junto das classes sociais mais pobres da Itália, a verdade, é que estes grupos secretos não praticam um “banditismo social”, uma vez, que, no seu *modus operandi*, não está insito qualquer preocupação de carácter social, como proteger os mais fracos da sua comunidade.

Tal como estas organizações criminosas italianas, também os bandos de João Brandão/Remexido nunca se caracterizaram por ser movimentos sociais puros. Muito pelo contrário, a sua *práxis*, assemelhava-se muito mais à usada pelos grupos de pressão política,

⁵³⁹ Powell, Edgar. AMORIM, Guedes, trad. - *Al Capone Rei dos Bandidos de Chicago*. Lisboa: João Romano Torres & C.^a – Editores, s.d.

chegando mesmo a constituir-se, por vezes, como complexos grupos de extorsão. Tanto os grupos mafiosos como os bandos de João Brandão e do Remexido, visavam manter os modos tradicionais da sua sociedade,⁵⁴⁰ ou seja, estabelecer um *status quo* com um sistema pautado pela proteção paternalista; com vários seguidores, uma rede de influências em redor do líder, levando as pessoas a procurarem a sua proteção. Havia, assim, uma tentativa de manter ou resgatar as formas feudais de lealdades. Havia igualmente, um controlo da vida da comunidade por quadrilhas, que atuavam através de um sistema secreto, que estava fora da alçada das entidades oficiais.⁵⁴¹

À semelhança das três organizações mafiosas do sul de Itália, também os bandos de João Brandão e do Remexido, em certos momentos, se constituíram numa máquina paralela de leis e poder organizado. Isso pode ficar demonstrado, quando João Brandão está no auge da sua influência. Quando é recebido por governadores civis e por ministros. Ou seja, num daqueles momentos da sua vida de elevada proeminência social. Quando é recebido em Lisboa pelo ministro Rodrigo da Fonseca Magalhães e recebe dele uma procuração, um mandato de captura, para prender o Ferreiro de Várzea. Quando tinha poder para escolher os administradores de concelhos que mais lhe aprouvesse, mais se coadunassem com os seus interesses materiais e políticos, como foi o caso do administrador do concelho de Tábua, Costa Amaral.⁵⁴² Quando controlava as testemunhas, quando escolhia os julgados que lhe eram mais favoráveis. Quando era peça indispensável nos jogos eleitorais da Beira etc.⁵⁴³ Foi em comunidades, como a siciliana, onde o governo oficial não pôde ou não quis exercer um predomínio efetivo, que surgiu esse sistema de poder alternativo. Foi num enquadramento social deste tipo que na Beira se registou um assalto ao poder e ao domínio da justiça pelas quadrilhas. Foi sob o manto deste poder alternativo que João Brandão se tornou um justiceiro em nome individual. Deste modo, os bandos de JOÃO Brandão e Remexido, muitas vezes, funcionaram, de certa forma, como estas organizações italianas, como um sistema legal paralelo e muito mais eficiente do que o estado, capaz de prestar serviços a quem lhes

⁵⁴⁰ «a aglutinar-se em torno de núcleos fortes locais.» (Hobsbawm, 1975, cap. III)

⁵⁴¹ *Ibid*

⁵⁴² Carvalho, *op. Cit.*, cap. VI

⁵⁴³ Álvaro Costa, 2001

pagasse. Nos casos de João Brandão e Remexido, a retribuição era essencialmente sob a forma de um reconhecimento social, possibilitando as suas ascensões sociais.⁵⁴⁴

As guerrilhas de João Brandão e do Remexido, ou apenas alguns dos seus elementos, também levaram a cabo práticas de extorsão, mataram por encomenda e perseguiram bandidos por conta própria. Os *Mafiosi*,⁵⁴⁵ muitas vezes, exerciam funções soberanas, habitualmente da incumbência das autoridades públicas, bem como ainda davam proteção aos governantes.⁵⁴⁶ Um papel semelhante teve João Brandão nos seus tempos áureos, quando detinha uma posição forte no tabuleiro político da Beira, quando se dava ao luxo de vender o seu apoio aos vários partidos e quando, mandatado pelo governo, teve ordem para capturar os malfeitores da sua sociedade.⁵⁴⁷ Foi nestes momentos, de apogeu social, que João Brandão ia conseguindo escapar às malhas da justiça, evitando ser preso, não pagando, por isso, pelas transgressões praticadas. Afinal, este estado de exceção, não aconteceu apenas com João Brandão. Estes privilégios de impunidade, perduram enquanto o caudilho⁵⁴⁸ detém grande poder e influência na sua comunidade. Chegando mesmo alguns desses chefes locais a ter as suas penas suspensas durante o período eleitoral, para, desta forma, poderem exercer a sua influência no sentido conveniente.⁵⁴⁹

É ainda de referir, que nesta categoria de bandidos/caudilhos, ou seja, num sistema que poderemos chamar de caudilhismo, muito prolífico na América Latina do século XIX, o argentino Juan Facundo Quiroga (1788-1835), conhecido pelo Tigre de Lanos, patenteia algumas similitudes com o Remexido, já que ambos se distinguiram pela sua luta violenta em defesa de ideologias. Facundo Quiroga teve um papel relevante na vida política da Argentina nos princípios do século XIX. O Remexido teve esse mesmo tipo de papel político, igualmente, nos princípios do mesmo século, ao combater a constituição liberal de

⁵⁴⁴ *Ibid.*

⁵⁴⁵ Termo italiano para Máfia.

⁵⁴⁶ Hobsbawm, 1975

⁵⁴⁷ Álvaro Costa, 2001

⁵⁴⁸ "Significado / definição de caudilho no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa", [em linha], [cons. em 97-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.priberam.pt/dlpo/caudilho>>

⁵⁴⁹ Hobsbawm, 1978, cap. III

20. O argentino combateu a constituição centralista de Rivadavia. Se Remexido controlou o Algarve e Baixo Alentejo, Quiroga controlava «*las provincias norteñas desde Catamarca hasta Mendoza*».⁵⁵⁰



Fig. 4 - Juan Facundo Quiroga

4.6.6. O que há de espírito de *Vendetta* nas atuações de João Brandão/Remexido

A *vendetta* carrega na sua essência mais remota um código de honra, escrito a sangue, consubstanciando um tipo de espírito de vingança entre famílias, provocado por um assassinio ou uma ofensa.⁵⁵¹ Com efeito, podemos encontrar esse quadro marcado por retaliações violentas, em algumas situações, nas vidas de João Brandão e do Remexido.

O espírito de *vindicta*⁵⁵² ou de vingança está presente, recorrentemente, nas constantes e violentas lutas de índole familiar⁵⁵³ que opõem os Brandões do Casal da Senhora aos Brandões de Midões, mais concretamente, quando João Brandão se envolve em lutas ferozes com os seus primos Manuelzinho e Francisco Elísio; bem como, ainda, quando João

⁵⁵⁰ Biografias Y Vidas - *Juan Facundo Quiroga*, [em linha] [S. l]: s.d. Atual.: 2004-2017 [cons. em 17-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: https://www.biografiasyvidas.com/biografia/q/quiroga_juan_facundo.htm>

⁵⁵¹ *Vendeta* in: Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, [em linha] [cons. em jul. 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vendeta/>>

⁵⁵² Significado / definição de *vindicta* no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa", [em linha], [cons. em 22-01-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.priberam.pt/dlpo/vindicta>>

⁵⁵³ Como já dissemos, anteriormente, no capítulo primeiro, havia três ramos de Brandões: Os Brandões do Casal da Senhora, os Brandões de Midões e os Brandões do Pombeiro; estes últimos não terão tido relevância política, nem se meteram em desavenças; já os ramos dos Brandões do Casal da Senhora a que João Brandão pertencia e os Brandões de Midões tiveram uma relação pautada primeiro pela amizade e depois por um ódio de morte, a partir do momento que uns optaram pela facção cartista e os outros pela setembrista (ver capítulo III)

Brandão se vinga de João Nunes (o Ferreiro de Várzea), que já o havia tentado assassinar por diversas vezes, muitas delas, em conluio com esses mesmos seus dois primos.

No caso do Remexido, no momento em que praticou a vingança pelas humilhações infligidas à sua esposa (corte do cabelo e palmatoadas); e a vingança pela morte de um dos seus filhos, terá menos semelhanças com o espírito gregário da *vendetta*, e parecendo-nos apenas uma vingança de caráter pessoal. Conforme defendem alguns autores, foi o firme desejo de vingar essas perseguições e humilhações sofridas por parte dos liberais que impeliu o Remexido a reativar a guerrilha em 1836.⁵⁵⁴

Podemos encontrar a percepção dualista bandido/herói na *vendetta*, na forma como é vista a ação dos membros dessas comunidades. Se praticam um crime condenável para a comunidade exterior, o mesmo ato é o que tem que ser bem visto pelo grupo a que pertencem, sob pena de sofrerem punições. É nesse momento que surgem certos códigos de honra, como o célebre código de *omertà*. Este código caracteriza-se por forte sentido de família e voto de silêncio.⁵⁵⁵

Os grupos com um perfil secreto, necessitam destes códigos para manter a lealdade grupal, a fim de afastar possíveis delatores. No sul da Itália peninsular, na Sicília, Sardenha e Córsega, os mafiosos, regem-se por estes pactos de silêncio.⁵⁵⁶

O *modus operandi* de João Brandão está mais de acordo com o utilizado pelas organizações mafiosas italianas do que o usado pelo Remexido e isso, porque o algarvio foi em mais ocasiões do que o beirão, um guerrilheiro a operar por um ideal político ou religioso. Ao contrário, pensamos que João Brandão, acima de tudo, defendia a sua posição social e

⁵⁵⁴«Segundo alguns biógrafos e historiadores, as razões que levaram o Remexido a voltar a pegar em armas deveu-se às humilhações, vinganças e perseguições a que ele e a sua família foram submetidos após a vitória liberal. Ele teve que se esconder na gruta do Barranco e Maria Bastos, sua mulher, foi humilhada publicamente com palmatoadas no Largo da Igreja, em Messines. A guerrilha seria assim reactivada pelo Remexido,26 a partir de Julho de 1836, [...]» Sampaio, *op. Cit.*

⁵⁵⁵«Código de omerta: fundamenta-se num forte sentido de família e num voto de silêncio que impede de cooperar com autoridades policiais ou judiciárias, seja em direta relação pessoal como quando fatos envolvem terceiros.» - LEITÃO, Mateus - *Omertà, o código de silêncio das máfias* [em linha] Blog Matheus Leitão da Rede Globo: 2016. Atual.: 2000-2017 [cons. em 17-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/omerta-o-codigo-de-silencio-das-mafias.html>>

⁵⁵⁶ «Ele não admitia nenhuma obrigação, exceto as do código de honra ou *omertà* (hombridade), cujo principal artigo proibia dar informações às autoridades públicas. Em outras palavras, a máfia (que escreveremos com um “m” minúsculo, quando usada nesse sentido) era uma espécie de código de comportamento que sempre tende a se desenvolver nas sociedades que não dispõem de uma ordem pública eficaz, ou nas sociedades em que os cidadãos consideram as autoridades como hostis, no todo ou em parte [...]» (Hobsbawm, 1978, cap. III)]

económica. Remexido não atuou, isto durante o período de guerrilha, para obter proveitos económicos ou sociais, mas sim para tentar restaurar o ideal absolutista e restituir o trono a D. Miguel. Já João Brandão, sempre que se meteu em confrontações, foi para melhorar a sua posição social e económica. Exemplo disso, foi quando auxiliou certos políticos a serem eleitos ou quando ajudou a rainha a restaurar a ordem nas beiras: captura do Major Cristiano da Fonseca e do Ferreiro de Várzea. Ainda poderíamos chamar à colação, no respeitante à sua tentativa de melhorar a sua condição económica, o alegado roubo do padre Portugal. No entanto, esse episódio, confronto aliás, como quase toda a vida de João Brandão, reveste-se de muitas sombras. É um percurso de vida cheio de zonas cinzentas, tornando-se terreno fértil para nascerem as teses mais antagónicas. Daí que seja bastante controverso que o homicídio tenha sido mesmo por si perpetrado. Diferentemente de Remexido, que era o líder incontestável no sul do reino,⁵⁵⁷ João Brandão tinha muitas vezes que confrontar-se com outros elementos que tentavam discutir a sua liderança na região. Beirã.⁵⁵⁸ Não poucas vezes, João Brandão sofreu ataques de antigos chefes de guerrilhas realistas, como Estanislau Xavier de Pina ou Agostinho Vaz Pato. Um retrato muito parecido ao existente entre dois chefes mafiosos. Ambos os cenários, os portugueses e os italianos, eram cenários onde proliferava a traição e a vingança.⁵⁵⁹

4.6.7. Existe ideal cavaleiresco em João Brandão/Remexido como em Salvatore Giuliano?

Neste último subcapítulo vamos debruçar-nos sobre mais uma figura de perfil dualista, que mereceu ser ficcionada em «*O Siciliano*» pelo autor norte americano Mário Puzo.⁵⁶⁰ Este antigo bandido transalpino tem a seu favor, no que concerne a um juízo moral feito pelo povo, o facto de ter sido perseguido e assassinado pela *Cosa Nostra*. O bandido/herói siciliano Salvatore Giuliano (1922-1950) poderá ser considerado um modelo de ideal cavaleiresco, não obstante ter matado muitas pessoas, mas ficaria igualmente na

⁵⁵⁷ «Dos diversos líderes guerrilheiros que no Algarve conseguiram dar algum alento à causa miguelista nesta fase em que declinava, Remexido foi sem dúvida o mais importante.» (Cabrita, *op. cit.*, Prefácio)

⁵⁵⁸ Ferrão, *op. Cit.*

⁵⁵⁹ Hobsbawm, 1978, cap.III

⁵⁶⁰ Estadão – Cultura: *O 'Bandido Giuliano', o melhor de Rosi* [Em linha] Agência estado: 2001. Atual.: 1995-2017 [Cons. em 08-07-2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,o-bandido-giuliano-o-melhor-de-rosi,20011011p2647>>

memória e no imaginário coletivo por também se assumir como um Robin Hood, que repartia o produto dos seus assaltos pela sua comunidade. Todavia, um dos fatores que mais contribuiu para estabelecer uma relação de simpatia e empatia foi o seu tipo charmoso e a sua figura esbelta: um autêntico galã.⁵⁶¹



Fig. 5 - Salvatore Giuliano

Últimas notas naquilo que consideramos ser uma condição de passagem no imaginário popular. Na verdade, nesta problemática de ser considerado simples bandido ou herói, a beleza e empatia contribuem para essa definição. Parece que ser belo é um requisito indispensável, isto, porque as mulheres são muitas vezes as responsáveis pela atribuição desse estatuto de herói. Achamos que nestes casos a estética funde-se com a ética e até a suplanta. Daí que Remexido, que não era belo, tivesse dificuldade em ser considerado um exemplo de ideal cavalheiresco, um degrau que qualquer bandido terá que subir para ser considerado herói. João Brandão, segundo as descrições, não seria um exemplo primoroso de beleza, mas teria um aspeto agradável. Tudo indica que para atingir este estatuto de herói será necessário ter um aspeto físico apolíneo, ligado à luz, à medida e à simetria; pelo contrário, os bandidos que nunca conseguem preencher os requisitos do ideal cavalheiresco e do heroísmo são conotados com um aspeto dionisíaco, ligado às trevas, à desmedida, à assimetria e à selvajaria.

⁵⁶¹ “[...] era de estatura média, extremamente vigoroso e de corpo proporcionado, tinha um rosto quadrado com vagos laivos helénicos [...]” in: Fava, Giuseppe – *A Mafia*. Lisboa: Edições 70, 1984, pp. 22

Se não se poderá comparar Giuliano com Remexido no correspondente ao seu aspeto físico, pode-se dizer que ambos terminaram delatados, o que resultaria num fator determinante para as suas mortes.⁵⁶²

Podemos dizer, que à semelhança de Salvatore Giuliano: «*Como acontece frequentemente na história siciliana, Giuliano foi tudo e o contrário de tudo.*»⁵⁶³ também João Brandão e Remexido, são caracterizados por um perfil ambivalente, moldados por uma vida cheia de contradições, daí que tanto o italiano como os dois portugueses possam suscitar as duas questões dicotómicas centrais desta investigação: Bandidos ou heróis? Culpados ou inocentes?

⁵⁶² «Giuliano foi traído, bem como Angiolillo e Diego Corrientes. De outra forma, como poderiam tais homens morrer? Não eram eles invisíveis e invulneráveis? Assim se crê que sejam todos os "Bandidos do povo", provavelmente ao contrário de outros fora da lei, e a crença reflete sua identificação com o campesinato.» (Hobsbawm, 1975)

⁵⁶³ Fava, *op. Cit.*, pp. 23

CONCLUSÃO

Ao longo desta investigação, para examinarmos a dialética bandido/herói existente nas vidas de João Brandão e de Remexido, apoiámo-nos no modelo que o historiador Eric Hobsbawm criou para estudar os bandidos, nas obras *Rebeldes Primitivos* e *Bandidos*, mais precisamente, nas suas duas categorias de bandidos: O bandido social e o ladrão nobre.⁵⁶⁴

Em quatro capítulos discorremos sobre as condições espaço-temporais, na nossa opinião, favoráveis, e que, desse modo, terão contribuído para esse desiderato, ou seja, a modelação de uma imagem ambivalente de duas figuras da época da guerra civil entre liberais e absolutistas, no Portugal de meados de oitocentos. No primeiro capítulo, vimos como as circunstâncias históricas, geográficas, políticas e ideológicas do tempo em que estas duas personagens viveram foram grandemente caracterizadas pelas intervenções de carácter violento/belicoso, o que favoreceu o aparecimento de figuras de perfil dualista como as duas que estudámos.

No segundo capítulo, analisámos as modelações regionais das imagens de bandido/herói em João Brandão e José Joaquim de Sousa Reis.

Pudemos verificar que João Brandão e Remexido não pautaram sempre as suas atuações em consonância com as suas ideologias. A violência que muitas vezes utilizaram também objetivou tirar benefícios materiais. Essa violência aumentou a partir do momento em que as suas ideologias foram derrotadas, bem como, no momento em que os antigos laços de solidariedade/lealdade com figuras proeminentes da sociedade começaram a enfraquecer ou mesmo a faltar.

No terceiro capítulo, percebemos como a imprensa da época de João Brandão e do Remexido contribuíram decisivamente para as suas figurações de *bandidos/heróis*.

Concluimos que a imprensa coeva de João Brandão e de Remexido, foi a principal responsável pela modelação da imagem destas figuras de perfil ambíguo. Se as atuações de João Brandão e do Remexido não foram relatadas de forma positiva nos jornais, a verdade, é que, em contraponto, estas duas figuras também não tiveram a sorte de ver as suas vidas immortalizadas, de forma panegírica, por um grande escritor, como sucedeu com outro bandido desta tipologia, o duriense, José do Telhado, por Camilo de Castelo Branco, em

⁵⁶⁴ Hobsbawm, *op. Cit.*

Memórias do Cárcere.⁵⁶⁵ Os protagonistas que estudámos, foram, principalmente, objeto dos relatos da imprensa e dos escritores locais, que categorizaram os seus percursos de vida na sua dupla representação de bandido/herói. Pudemos ver como esta dissecação de cariz local se afasta, não raras vezes, da objetividade que a História, como ciência, requer. Daí, não é de espantar visões contraditórias de bandido face a herói.

Indubitavelmente, que os principais modeladores da imagem de João Brandão com tons bastante negativos, foram Teixeira de Vasconcelos, que fez o relato jornalístico, um relato muito subjetivo e adverso à imagem de João Brandão e do seu julgamento no tribunal de Tábua, aquando do processo pela morte do Padre Portugal;⁵⁶⁶ Martins de Carvalho, primeiro nos periódicos: *O Observador* e *O Conimbricense*, e, depois, no livro *Os Assassinos da Beira*⁵⁶⁷. Foram estes dois autores e estas obras que mais contribuíram para a diabolização do beirão perante a opinião pública e consequente condenação pelos tribunais. Em sentido contrário, vai Dias Ferrão, por vezes até de forma apologética e desculpabilizadora em relação a João Brandão, que, na sua obra *João Brandão*, tenta rebater as teses dos dois autores anteriormente citados, optando por enquadrar os eventuais excessos praticados por esta controversa personagem, no clima de grande turbulência e violência que campeava nessa altura na sua região, uma Beira a ferro e fogo.⁵⁶⁸

No respeitante à modelação da imagem dicotómica de Remexido, é o manuscrito: *Os Desastrosos Acontecimentos de Albufeira*, da autoria do clérigo Francisco António da Silva Cabrita que participou, do lado dos liberais, nos horríveis acontecimentos de Albufeira, o que mais contribuiu para a modelação de carácter deletério da figura do Remexido.⁵⁶⁹ Em oposição, o afamado historiador algarvio, Alberto Iria, de forma benigna, insere o Remexido nas condicionantes da sua época e, amiúde, em vários dos seus artigos, faz um retrato laudatório deste guerrilheiro miguelista.

No quarto capítulo, “**Do Bandido e do Herói ou dos Percursos de Reconstrução de Uma Memória**”, fizemos uma análise de cariz pluridisciplinar às duas figuras em apreço. Se nos

⁵⁶⁵ Branco, op. Cit.

⁵⁶⁶ Vasconcelos, op. Cit.

⁵⁶⁷ Carvalho, op. Cit.

⁵⁶⁸ Ferrão, op. Cit.

⁵⁶⁹ Iria, op. Cit.

três capítulos anteriores abordámos as vidas de João Brandão e do Remexido principalmente, através da historiografia clássica, optámos por, no último capítulo, fazer essa abordagem numa perspetiva multidisciplinar. Achámos que para perceber se estas duas figuras foram bandidos ou heróis, seria indispensável dissecá-las sob a ótica de outras disciplinas, que não só a da história convencional. Para este efeito, de esmiuçar as personagens da tipologia em questão, usámos os modelos historiográficos surgidos nos finais do século XIX e princípios do século XX. E isto, porque mesmo estando fundamentados em acontecimentos verdadeiros, os registos sobre a memória pública e do mito são muito atreitos à dúvida. Dão-nos bastantes informações quanto ao meio ambiente do banditismo. No entanto, tivemos sempre que aferir da subjetividade do autor, da fonte, e da possibilidade das informações se encontrarem deturpadas. Outro enorme obstáculo foi separar a realidade da ficção; o que era ato heróico ou mito. Daí, que fiquem as seguintes questões:

- O "mito" do banditismo esclarece quanto ao comportamento real do bandido?
- Em que medida os bandidos correspondem ao papel social que lhes foi atribuído no drama da vida camponesa?

Demarcar estas fronteiras, não raras vezes, ténues, levar-nos-á facilmente a atribuir aos bandidos a imagem de heróis. Daí, que teremos que ter o maior cuidado, para não, recorrentemente, nos afastarmos da racionalidade e resvalarmos na ficção, protraindo os métodos científicos que a História exige (exame heurístico e hermenêutico) e cairmos na literatura.

Depois da longa viagem que fizemos, ao longo das vidas de João Brandão e de Remexido, ainda assim, não conseguimos formar uma conclusão categórica sobre as duas questões centrais que lançámos na introdução deste trabalho:

- **João Brandão/Remexido bandidos ou heróis? Culpados ou inocentes?**

E isto, porque a verdade é que, independentemente destas duas figuras terem ficado inscritas nos livros de História como guerrilheiros, salteadores, bandidos sociais, heróis, idealistas, justiceiros de inspiração messiânica, bárbaros, delinquentes sanguinolentos, chefes de uma qualquer quadrilha de ladrões e assassinos, a verdade, é que a forma como os veremos estará sempre enviesada por eles terem sido dois derrotados da História.

Como vimos, as classes mais altas, como o poder régio e o poder político (nacional e regional/local), tanto se aproveitaram/usaram como deixaram cair João Brandão e Remexido de acordo com as suas conveniências. Foi nas classes mais baixas, nos membros do povo, que João Brandão e Remexido encontraram os seus maiores e mais fiéis aliados, e isto, provavelmente, porque a grande maioria dos componentes desta classe não tinham com eles grandes conflitos de interesses (principalmente materiais, políticos e de promoção social que pudessem colidir com a sua ação). As grandes ideologias da época (absolutismo/catolicismo e liberalismo) tiveram em certos momentos influência no destino destas figuras, granjeando-lhes apoios ou hostilidades, mas não foram a causa decisiva para o traçar do seu funesto destino, já que terão sido os problemas mais interstícios do homem (invejas, vinganças, ódios, rivalidades locais e regionais etc.) a estarem nessa origem. Na maioria das vezes, aquando do refúgio destes dois bandoleiros/guerrilheiros no emaranhado das serranias beirãs e algarvias, foram auxiliados pelas populações locais, umas vezes de forma voluntária e noutras, por medo de sofrerem represálias. Pensamos que o desenlace da guerra civil e o facto de João Brandão e Remexido estarem ou não do lado dos vencedores, foi o fator determinante para se criar neles o rótulo de bandidos, bandoleiros, contrarrevolucionários e em oposição, guerrilheiros, justiceiros ou heróis. A imagem negativa que estes dois homens provocaram no seu tempo e ainda podem continuar a provocar hoje, provém, essencialmente, das más práticas de elementos do seu grupo que fugiram do seu controlo. Contribuem decisivamente para a moldagem dessa má imagem, principalmente factos marcantes, como os assassinatos de alguns clérigos (do padre Portugal, no caso de João Brandão e dos padres Alexandre José Águas e Malveiro, no caso do Remexido); e também a sua eventual, ou quase certa, responsabilidade por acontecimentos com uma matiz bastante sanguinária (profanação do cadáver do Ferreiro de Várzea no caso de João Brandão e os morticínios de Albufeira, Loulé e Messines, no caso do Remexido).

Mas, estes dois homens também poderão ter feito uma deriva na sua forma de agir, passando de guerrilheiros a bandoleiros, impelidos pelo desejo de vingar as humilhações públicas infligidas a alguns dos seus familiares mais próximos (perseguições aos seus pais por parte dos seus inimigos, no caso de João Brandão; palmatoadas à sua mulher e execução do seu filho de 14 anos, no caso do Remexido).

Se grande parte dos conterrâneos dos *mafiosis* da Cosa Nostra,⁵⁷⁰ não os consideram criminosos, indo mais além, considerando-os, antes, seus defensores e modelos, será ainda mais difícil considerar as duas figuras que investigamos puros bandidos. Pois, nem João Brandão, nem o Remexido, apesar de recorrentemente fazerem juz à expressão «*Capo di tutti capi*», o que significa o “chefe de todos os chefes” da máfia siciliana, a verdade, é que estiveram algo distantes do *modus operandi* desses chefes mafiosos. E isto, porque não terão o rol de homicídios de carácter antissocial, de um Totó Riina,⁵⁷¹ uma vez que a esmagadora maioria dos assassínios que perpetraram, foram enquadrados no calor da disputa entre guerrilhas, o que se poderá designar de forma eufemística de “danos colaterais”.

Por outro lado, achamos que compará-los a figuras com um rótulo de justiceiro como o célebre Robin Wood, será igualmente deveras exagerado, porque achamos que tanto João Brandão como o Remexido nunca se terão batido pela defesa dos fracos e oprimidos, muito menos pela justiça social, efetuando, altruisticamente, a distribuição do proveito dos saques pelos mais pobres da sua sociedade, como terá feito essa figura britânica, que continua até hoje a ser vista como o exemplo máximo de bandido social.

Digamos que João Brandão, acima de tudo, o que sempre desejou foi atingir uma posição social e económica de realce na sua comunidade. Já o Remexido estará mais na linha do espanhol Miguel Muñoz, líder da guerrilha carlista, na Andaluzia, que visava recolocar no trono o rei absolutista Fernando VII. Na nossa opinião, o Remexido bateu-se mais por uma causa ideológica do que João Brandão. João Brandão, juntamente com o pai e irmãos, enveredou pela carreira de guerrilheiro, prioritariamente, para defender os seus interesses, e depois, num plano secundário, para defender os ideais constitucionais do liberalismo na Beira. É certo que, para o prolongamento desta guerrilha contra o governo instituído,

⁵⁷⁰ «Muitos sicilianos não consideraram esses homens como criminosos, mas como modelos ou protetores, uma vez que o Estado foi incapaz de oferecer proteção aos fracos e pobres. Por volta da década de 1950, a inscrição fúnebre do lendário chefe de Villalba, Calogero Vizzini dizia que "sua máfia não foi criminosa, mas manteve o respeito à lei, à defesa de todos os direitos e à grandiosidade de carácter. *"Sessant'anni fa moriva Calogero Vizzini, il celebre capomafia villalbese che ebbe un posto nella Storia"* in: Castello Incantato", [em linha], [cons. em 10-09-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.castelloincantato.it/2014/07/11/sessantanni-fa-moriva-calogero-vizzini-il-celebre-capomafia-villalbese-che-ebbe-un-posto-nella-storia/>>

⁵⁷¹ Salvatore Riina, um dos mafiosos mais celebres de todos os tempos da Cosa Nostra nascido em 1930. Algañaraz, Julio in: Clarin *"El final de la "Bestia": así vive Totó Riina, el feroz capo mafioso italiano"*, [em linha] Piedras: 2017. Atual. 1996-2017 [cons. em 10-09-2017]. Disponível na Internet: <URL:https://www.clarin.com/mundo/final-bestia-vive-toto-riina-feroz-capo-mafioso-italiano_0_BkU1Otbm-.html>

beneficiária das permanentes revoltas com que os liberais se deparariam ao longo do país, e ainda do receio da junção da guerrilha do Remexido com a guerrilha do partido carlista, tendo assim o governo liberal que manter um número considerável de militares junto à raia norte alentejana, que depois faltariam para combater o Remexido na serra. Já João Brandão beneficiou da anarquia que as antigas guerrilhas realistas iam provocando nas Beiras, para com autorização ou sem ela, as ir combatendo. Poder-se-á pensar que mais do que uma luta de cariz idealista, as ações de João Brandão e do Remexido visaram a manutenção dos seus interesses. Poder-se-á questionar se, estas duas personagens, terão sempre agido em nome de uma bandeira ideológica, porque a certa altura das suas vidas optaram por cores diferentes. Confirmando essa ideia, está o facto, de a certa altura, em Messines, o cidadão José Joaquim de Sousa Reis não ter sentido qualquer reboço em servir as instituições liberais, no posto de Juiz da Vintena. Porém, estes zigue-zagues de teor ideológico, não impediram que João Brandão e Remexido sejam ainda hoje lembrados, principalmente, nas zonas serrenhas beirãs, sul-alentejanas e algarvias com uma aura mística. Nem alguns documentos coetâneos, relatores das suas ações belicosas, como, sobretudo, o jornal *O Conimbricense*, e as monografias *Os Assassinos da Beira* e *Os Desastrosos Acontecimentos de Albufeira*, terão conseguido abalar definitivamente a fama de heróis que alcançaram junto de alguma parte dos seus conterrâneos. Com efeito, estas publicações constituem, pese embora o seu maior valor antropológico do que historiográfico (pela incerteza no que concerne ao seu rigor científico), um valioso instrumento de clarificação da História, da Sociedade e da Cultura. Isto, nomeadamente, para as classes mais eruditas, e não para as classes populares que alicerçam, preferencialmente, o seu conhecimento e existência num arquétipo mítico-narrativo,⁵⁷² e facilmente modelam o misterioso, neste caso, o «Encoberto» acoitado e dissimulado no emaranhado das Serras com um invólucro sobrenatural e messiânico. Só

⁵⁷² O pensamento estruturalista que Lévi-Strauss defendeu na sua Antropologia Estrutural encaixa-se nesta concepção universal do herói, quando analisa milhares de mitos nas mais variadas sociedades humanas e conclui que existem modos de construção análogas em todas elas. In: Schilling, Voltaire – *Educação > História* – “Lévi-Strauss e o Estruturalismo I” [em linha]. [S. l.]: s.d. Atual.: 2017. Disponível na internet: <URL: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/historia/levi-strauss-e-o-estruturalismo-i.5708c438bb1ea310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>>

desse modo, podemos, no fim desta perscrutação pelas existências dos cidadãos José Vítor da Silva Brandão e José Joaquim de Sousa Reis, compreender a aura que mantêm ainda hoje de heróis românticos e justiceiros junto, especialmente, das classes menos conduzidas pelo saber livresco e menos propensas à crítica historiográfica. Não obstante, também existir uma margem residual nestas populações que projetam nas figuras de João Brandão e do Remexido, figuras com um aspeto intimidatório, como o «Lobisomem», aquele que vagueia à noite pela floresta, e a coberto do breu devora os rebanhos, no caso as indefesas populações serrenhas...

Terminamos achando que João Brandão e Remexido, não terão sido heróis, muito longe disso, mas também não terão sido bandidos inomináveis. Certamente que não se poderão enquadrar no modelo de heróis do espírito, como foram Jesus para os cristãos, Siddhartha Gautama para os budistas ou Maomé para os islâmicos; também estão distantes do modelo de heróis de força, como foram Hércules para os habitantes do Peloponeso, Teseu para os atenienses ou Sansão para os hebreus. A dinâmica da sua vida resultou numa adaptação constante, comportando-se muitas vezes como os camaleões, mudando de cor para acompanhar o colorido do ambiente. Para melhor os qualificar, diremos que oscilaram entre o bandido social e o bandido antissocial, tudo dependendo das várias circunstâncias em que se viram envolvidos.

Poderemos afirmar, deste modo, sempre com algumas reservas, que não foram puros bandidos sociais ou puros ladrões nobres à imagem do arquétipo Robin Hood, estando, igualmente, distantes de preencher completamente o mesmo perfil de bandido de Urbino de Freitas, Diogo Alves ou Matos Lobo, que consideramos, estes, sim, puros bandidos anti-sociais, marcados por uma tez patológica/psicopata.

Esperamos que o resultado final desta pesquisa tenha trazido bons resultados no concernente a um melhor conhecimento do que terá sido o verdadeiro papel de João Brandão e Remexido nas suas sociedades; que possa desvendar certas zonas obscuras das suas ações como militares, políticos, cidadãos, bem como das suas vidas pessoais.

Mas, a realidade, é que estas duas personalidades são quase totalmente ignoradas pela produção historiográfica mais oficial e conceituada, sendo só possível o seu melhor

conhecimento devido à investigação e, sobretudo, à vontade de autores locais/regionais não pertencentes à Academia da História, como jornalistas, romancistas etc.

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

Brandão, João - *Apontamentos da Vida de João Brandão : por ele escritos nas prisões do Limoeiro envolvendo a História da Beira desde 1834*. Lisboa: Vega, D. L. 1990

Cabrita, Francisco António da Silva, 1787-1850, ant. bibliog.; MARQUES, Fernando Pereira, 1948, pref.; REIS, António, 1948, dir.- *Memória Dos Desastrosos Acontecimentos de Albufeira*. Lisboa: Alfa, cop. 1990

Carvalho, Joaquim Martins de, - *Os Assassinos da Beira: Novos Apontamentos para a História Contemporânea*. [data original: 1890, versão fac-similada] 1ª edição, Lisboa: Arquimedes Livros, 2004

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

A' Casa de Camilo [em linha]. S. Miguel de Seide: s/d. Atual. 2017 [cons. em 06-08-2015]. Disponível em: <URL: <https://casadecamilo.wordpress.com/2012/05/08/a-9-de-maio-de-1870-jose-cardoso-vieira-de-castro-amigo-de-camilo-desde-1852-assassina-a-sua-mulher-claudina-guimaraes-por-meio-de-cloroformio-e-estrangulacao-por-comprovado-ad/>>

A Guarda – “João Brandão: O Terror da Beira” [em linha] *Jornal A Guarda*: s.d.. Atual.: s.d. [cons. em 14-02-2014]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.jornalaguarda.com/index.asp?idedicao=216&idseccao=2487&id=9601&action=noticia>>

A Toca do Remexido - [em linha], [cons. em 23-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://remexido.blogspot.pt/>>

Algañaraz, Julio - *CLARIN* - "El final de la "Bestia": así vive Totó Riina, el feroz capo mafioso italiano", [em linha] *Piedras*: 2017. Atual. 1996-2017 [cons. em 10-09-2017]. Disponível na Internet: <URL: https://www.clarin.com/mundo/final-bestia-vive-toto-riina-feroz-capo-mafioso-italiano_0_BkU1Otbm-.html>

Alves, Maria Gabriela Feio Bacelar - *Violência e Educação – Da razão filosófica à razão pedagógica*. Porto: Faculdade de Letras, 1999. Dissertação de Mestrado. [Cons. em 11 -11-2015] Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/10216/13015>>

Amazônia - “A história do homem cuja cabeça está exposta em uma faculdade de Medicina.” [em linha] Editora Cirios S.S Ltda.: 2017. Atual.: 2017 [cons. em 22-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://revistaamazonia.com.br/a-historia-do-homem-cuja-cabeca-esta-exposta-em-uma-faculdade-de-medicina/>>

Ascendens – O Acidente de D. Miguel I: “Os Malhados” [em linha] [S. l.]: 2012. Atual.: s.d. [cons. em 17-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://ascendensblog.blogspot.pt/2012/02/o-atentado-d-miguel-i-os-malhados.html>>

Aulete Digital [em linha] [S.l.]: Lexicon Editora Digital, s/d. [cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.aulete.com.br/transcendental>>

Azevedo, Aluísio – *O Mulato*. [em linha] Versão para ebook - ebooks Brasil.com. Ministério da Cultura. Fundação BIBLIOTECA NACIONAL [cons. em 27-07-2017]. Disponível na Internet em: <URL: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/omulato.pdf>>

Bento, Tó - *A Influência dos mass media na nossa sociedade*. [em linha]. Caldas de Vizela [blog]: 2010 [cons. em 11-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://regressofuturo.blogspot.pt/2010/03/influencia-dos-mass-media-na-nossa.html>>

Black, Graham – *Who Was Robin Hood?* [Registo video]. British History [em linha] History Chanel: s.d. [cons. em 06-08-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.history.com/topics/british-history/robin-hood>>

Brandão, Junito de Souza - *Mitologia Grega*. Vol. I, Cap. VIII. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1986

British History – History Chanel – “The Real Robin Hood” [em linha], [cons. em 06-08-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.history.com/topics/british-history/robin-hood>>

Byografias y Vidas - “Juan Facundo Quiroga” [em linha] [S. l.]: s.d. Atual.: 2004-2017 [cons. em 17-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: https://www.biografiasyvidas.com/biografia/q/quiroga_juan_facundo.htm>

Câmara dos Deputados - Legislação Informatizada – “Lei de 18 de Agosto de 1831” - Publicação Original [em linha] Brasília: s.d. Atual.:s.d.[cons. em Out. 2017]. Disponível na

Internet em: <URL: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37497-18-agosto-1831-564307-publicacaooriginal-88297-pl.html>

Campbell, Joseph - *O Herói de Mil Faces* [em linha]. S. Paulo: Editora Pensamento, 1949. Google: Digital Source. [cons. em nov. de 2015]. Disponível na Internet: <URL: <https://projetophronesis.files.wordpress.com/2009/08/joseph-campbell-o-heroi-de-mil-faces-rev.pdf>>

Carol, Poster - *Internet Encyclopedia of Philosophy IEP*. "Protagoras" [em linha]. Florida State University: s/d. Atual: s/d. [cons. em 16-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.iep.utm.edu/protagor/#SH3b>>

Castelo Branco, Camilo - *A Brasileira de Pranzins*. [em linha] s.l.: Luso Livros, [cons. em Fev. 2017]. Disponível em: <URL: <https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/03/A-Brasileira-de-Pranzins.pdf>>

Castelo Branco, Camilo - *Memórias do carcere* [em linha]. Universidade de Michigan: S.d. Atual.: S.d. [cons. em 15-4-2017] <URL: <https://archive.org/details/memoriasdocarce01brangoog>>

Castello Incantato – “Sessant’anni fa moriva Calogero Vizzini, il celebre capomafia villalbese che ebbe un posto nella Storia” [em linha] Villalba: 2014. Atual.: 2014 [cons. em 10-09-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.castelloincantato.it/2014/07/11/sessantanni-fa-moriva-calogero-vizzini-il-celebre-capomafia-villalbese-che-ebbe-un-posto-nella-storia/>>

Chagas, Ofir - *Remexido: guerrilheiro realista do Algarve* [S.l.]: edição do autor, 1997

Corales, Eduardo - *Dimensiones de la Natureza Humana*. [em linha] “Dualismo de Pitágoras”. Wordpress: 2013. S/l. Atual: S.d. [cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://dimensionesdelavidahumana.wordpress.com/2013/04/19/dualismo-de-pitagoras-2/>>

Costa, Álvaro; VAZ, Artur, 1952, pref; - *João Brandão: O Herói das Beiras*. Alpiarça: Garrido, 2001

Costa, Cristina - *António Damásio - “Razão e Emoção”*. [em linha]. Prezi: 2015. Atual.: 2017 [cons. em 22-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://prezi.com/zzhdaad36ml/antonio-damasio-razao-e-emocao/>>

Costa, Rodrigues - *Coimbra e as suas personalidades: Joaquim Martins de Carvalho* [em linha] Atual: s.d. [cons. em 08-08-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://acercadecoimbra.blogs.sapo.pt/coimbra-e-as-suas-personalidades-33203>>

Costa, Sousa; Brandão, João, co-autor – *Páginas de Sangue*. 4ª ed. Lisboa: Liv. Guimarães, [1937?]

Cunha, Euclides da - *Os Sertões* [em linha] S. Paulo: 1984. [cons. em 13-08-2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>>

Damásio, António – *O Erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano*. Mem Martins: Europa América, 1995

Dicionário Babylon Online – *Caco* [em linha]. Babylon Software Ltd. Atual. 2012-2016. [cons. em 06-08-2015]. Disponível na Internet em: <URL: <http://dicionario.babylon-software.com/caco/>>

Estadão – Cultura: *O ‘Bandido Giuliano’, o melhor de Rosi* [Em linha] Agência estado: 2001. Atual.: 1995-2017 [Cons. em 08-09-2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,o-bandido-giuliano-o-melhor-de-rosi,20011011p2647>>

Esteves, Alexandra Patrícia Lopes - *Entre o crime e a cadeia : violência e marginalidade no Alto Minho (1732-1870)* [em linha]. Tese de Doutoramento em História (ramo de Conhecimento em Idade Contemporânea). Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais [cons. em 24-10-2014]. Disponível na Internet: <URL: <http://hdl.handle.net/1822/11894>>

Exército Português [em linha] [cons. em 30-10-2014]. Disponível na Internet em: <URL:http://www.exercito.pt/sites/AHM/Guia_de_Fundos/Documents/121%20Opera%C3

[%A7%C3%B5es%20contra%20a%20Guerrilha%20Miguelista%20_1834%20-%201844.pdf>](#)

Exército Português [em linha] [cons. em 30-10-2014]. Disponível na Internet em: <URL: <https://arqhist.exercito.pt/details?id=186174>>

Expresso – “20 Perguntas Sobre as Invasões Francesas.” [em linha] [cons. em abr. de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://expresso.sapo.pt/actualidade/20-perguntas-sobre-as-invasoes-francesas=f279250>>

Falando em Literatura - Resenha: “O Estrangeiro” de Albert Camus [em linha]. S.a.: 2016. Atual.: 2017 [cons. em 12-08-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://falandoemliteratura.com/2016/06/13/resenha-o-estrangeiro-de-albert-camus/>>

Fava, Giuseppe; Carvalho, Carmen, trad. – *A Máfia*. Lisboa: Edições 70, 1984

Ferrão, JOÃO M. Dias - *João Brandão*. Edição digital da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo. Ed. original: Lisboa: Livraria Morais, 1931

Ferreira, Maria de Fátima Sá e Melo, - *Rebeldes e insubmissos : resistências populares ao Liberalismo : (1834-1844)*. Porto : Afrontamento, cop. 2002

Filosofias do Ego – “Psicopatia: Uma Filosofia do Ego” [em linha], [cons. em 05-08-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://egofilosofante.blogspot.pt/2011/04/psicopatia-uma-filosofia-do-ego.html>>

Fiolhais, Carlos – *De Rerum Natura (Sobre a natureza das coisas)*. O Caso Urbino de Freitas [em linha] Atual.: s.d. [cons. em 31-07-2015]. Disponível na Internet: <URL: <http://dererummundi.blogspot.pt/2008/05/o-caso-urbino-de-freitas.html>>

Frazão, Dilva - *Biografia de Lampião* [em linha] eBiografia: s.d. Atual.: 2000 - 2017 [cons. em jul.2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.ebiografia.com/lampiao/>>

Friedman, Amy; Johnson,,Meredith - *Robin Hood and Maid Marian (An English Legend)* [em linha]. uexpress: 2006. Atual.: 2017 [cons. em 06-08-2017]. Disponível na Internet:

<URL: <http://www.uexpress.com/tell-me-a-story/2006/4/30/robin-hood-and-maid-marian-an>>

GALILEU - "6 reflexões para entender o pensamento de Carl Jung"[em linha] [S. l.]: Editora Globo. S.d. Atual: 2017 [cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/02/6-reflexoes-para-entender-o-pensamento-de-carl-jung.html>>

Gasparetto Junior, António – *História Marxista* [em linha] Infoescola: s.d. Atual.: 2017. [cons. em 22-07-2017]. Disponível na Internet em: <URL: <http://www.infoescola.com/historia/historia-marxista/>>

Gazeta de Lisboa [em linha] [cons. em 03-07-2017]. Disponível na Internet: <URL:https://books.google.pt/books?id=4lAZAAAAYAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>

Gil, José Maria – *Valores ou Contravalores?* [em linha]. Paróquia Nossa Senhora D'Abadia. Goianesia: s.d.. Atual.: 2016 [cons. em 07-07-2017]. Disponível na Internet: [URL:http://www.paroquianossasenhoraabadia.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=153:valores-contravalores&catid=13&Itemid=134](http://www.paroquianossasenhoraabadia.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=153:valores-contravalores&catid=13&Itemid=134)

Gerenstadt, Helena - *Templo de Avalon - Caer Siddi*. "A Távola Redonda: A mesa redonda de Camelot na visão moderna", [em linha] S/d. [cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: http://www.templodeavalon.com/modules/mastop_publish/?tac=A_T%Elvola_Redonda>

Goethe, Paulo, *O rei do cangaço antes de Lampião* [em linha] Pernambuco: 2012. Atual.: s.d. [cons. em 17-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2012/10/02/o-rei-do-cangaco-antes-de-lampiao/>>

Guedes, Maria Estela - *José do Telhado: O Robin Hood Português?* [em linha]. Triplov.com: 2002 Atual.: s/d. [cons. em julho de 2014]. Disponível na Internet: <URL: http://www.triplov.com/castro_pinto/meg.htm>

História da Filosofia Ocidental - *Heráclito* [Em linha] [S. l.]: 2009. Atual: s.d. [Cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://historiadafilosofia.wordpress.com/tag/devir/>>

Historia Mais - *Os Doze Trabalhos de Hércules* [em linha] [S.l.]: 2006. Atual.: 2005-2014 [cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.historiamais.com/hercules.htm>>

Hobsbawm, Eric – *Bandidos*. 2ª ed. brasileira. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1976

Hobsbawm, Eric - *Rebeldes primitivos: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX*. 2ª ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Zahar cop. 1978

Instituto Diplomático. Ministério dos Negócios Estrangeiros - *Gazeta de Lisboa* [em linha] [cons. em 3-07-2017]. Disponível em: <URL: <https://idi.mne.pt/pt/documentos-e-efemerides/2-uncategorised/443-gazeta-de-lisboa.html>>

Iria, Alberto – *O Remexido: José Joaquim de Souza Reis*. Lisboa: [s.n.] 1945.

KDfrases – *José Ortega y Gasset* [em linha] [S.l.]: s.d. Atual.: 2012-2017. [cons. em jul. 2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://kdfrases.com/frase/104958>>

Legends of America. Old West Legends - *Tiburcio Vasquez - California Desperado*. [Em linha] [Cons. em junho de 2017]. Disponível em: <URL: <http://www.legendsofamerica.com/we-tiburciovasquez.html>>

Leitão, Mateus - *Omertà, o código de silêncio das máfias* [em linha] Blog Matheus Leitão da Rede Globo: 2016. Atual.: 2000-2017 [cons. em 17-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://g1.globo.com/politica/blog/matheus-leitao/post/omerta-o-codigo-de-silencio-das-mafias.html>>

Lilienfeld ,Scott O.; Arkowitz, Hal - “O que é um psicopata?” *Mente e Cérebro* [em linha]. 2008. Atual.: 2016 [cons. em 22-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: http://www2.uol.com.br/vivermente/artigos/o_que_e_um_psicopata_.html>

Maltez, José Adelino - *Joaquim Martins de Carvalho*. [Em linha]. Almocreve das Petas [blog]: 2003. Atual.: s.d. [Cons. em 08-08-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://maltez.info/respublica/portugalpolitico/classepolitica/carvalhojoaquimmartinsde.htm>>

Marques, A. H. de Oliveira - *Das Revoluções Liberais aos nossos dias*. “História de Portugal: Desde os tempos mais antigos até ao governo do sr. Pinheiro de Azevedo: Manual para uso de estudantes e outros curiosos por assuntos do passado Pátrio”. Vol. 2, 2ª ed.. Lisboa: Palas [1975?]

Martins, Cândido José - *João Brandão (o Terror das Beiras) e os Cacas* [em linha]. Frádigas O Livro: 2011. (Blog) [cons. em 14-02-2014]. Disponível na Internet: <URL: <http://fradigascjtm.blogspot.pt/2011/04/joao-brandao-o-terror-das-beiras-e-os.html>>

Martins, Oliveira - *Portugal Contemporâneo*, Vol. I e II. Lisboa: Circulo de Leitores, imp. 1987

Mayordomo, Manuel Montoya – *Leyendas y Poesías* [em linha] Google Livros, pp. 16 [cons. jan. 2015]. Disponível na Internet: <URL: <https://books.google.pt/books?id=tVP1rQl5obAC&lpg=PA16&ots=sSXsEZEpGA&dq=Se%20dice%20que%20nunca%20illeg%C3%B3%20a%20matar%20a%20nadie&hl=pt-PT&pg=PA16#v=onepage&q=Se%20dice%20que%20nunca%20illeg%C3%B3%20a%20matar%20a%20nadie&f=false>>

Medeiros, Rostand - *Jesse James – O Grande Bandoleiro Americano* [em linha] TOK de HISTÓRIA: 2013. Atual.: s.d. [cons. em 17-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://tokdehistoria.com.br/2013/09/21/jesse-james-o-grande-bandoleiro-americano/>>

Mesquita, José Carlos Vilhena - “O Remexido e a resistência miguelista no Algarve” *Revista do Arquivo Municipal de Loulé* [em linha] Nº 113 (2009), pp. 163-199. Atual. s/d. [cons. em 4 Dez. 2012]. Disponível na internet: <URL: <https://pt.slideshare.net/JosMesquita/o-remexido-e-a-resistncia-miguelista-no-algarve-48936632>>

Michaelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa [em linha] Atual.: 2017 . Disponível na Internet em: <URL: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>>

Mioranza, Ciro *in: Nietzsche, Aurora* [em linha]. Google: Digital Source. [cons. em jul. de 2014]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/05/nietzsche-friedrich-aurora.pdf>>

Miss Cellania - *The Real Zorro?* [Em linha] Neatorama: 2017. Atual.: s.d. [Cons. em set. 2017]. Disponível em: <URL: <http://www.neatorama.com/2017/04/24/The-Real-Zorro/>>

Mitologia Grega - *Eros e Anteros* [Em linha] Belo Horizonte:2010. Atual.: s.d. [Cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://eventosmitologiagrega.blogspot.pt/2010/12/eros-e-anteros.html>>

Mitologia Online - *Deusa Aurora (Eos) - Mitologia Grega* [em linha]. S.l.: s.d. Atual.: 2014 [cons. em 13-07-2014]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.mitologiaonline.com/mitologia-grega/deuses/deusa-aurora-eos-mitologia-grega/>>

Monteiro, Miguel - *José Cardoso Vieira de Castro*. [em linha] [Cons. em Jun. 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.museu-emigrantes.org/docs/laureados/Jose%20Cardoso%20Vieira%20de%20Castro.pdf>>

Moraes, Fabricio Fonseca - *Arquétipo e Representações Arquetípicas* [em linha]. Psique Objetiva:2010. Atual.: s.d. [cons. em 23-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://psiqueobjetiva.wordpress.com/2010/05/21/arquetipo-e-representacoes-arquetipicas/>>

Nietzsche, Friedrich - *Aurora* [em linha]. S. Paulo: Escala, s.d., pp. 10 [cons. em jul. de 2014]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/05/nietzsche-friedrich-aurora.pdf>>

O Homem da Serra [em linha], [cons. em 23-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://quem-foi-o-remexido.blogspot.pt/>>

Pinto, José Manuel de Castro, - *João Brandão : O terror da Beira*, 1ª ed., Lisboa: Plátano, 2004

Pinto, José Manuel de Castro - *O Remexido: entre a guerra e o amor* [em linha]. Lisboa: Plátano, 2005. [Consult. 04-12-2012]. Disponível na Internet: <URL: <http://joserosasampaio.com.sapo.pt/livros/livro%20remexido.pdf>>

Porto Editora - *Infopedia – Dicionários Porto Editora. Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico*. [em linha]. Porto. Atual. 2003-2017. Disponível na Internet: <URL: <https://www.infopedia.pt/>>

Powell, Edgar. Amorim, Guedes, trad. - *Al Capone Rei dos Bandidos de Chicago*. Lisboa: João Romano Torres & C.^a – Editores, s.d.

Priberam – Dicionário. [em linha]. [S. 1.]: Atual. 2003. Disponível na Internet: <URL: <https://www.priberam.pt/dlpo/Default.aspx>>

Proaíresis - *Kierkegaard, um existencialista cristão* [em linha], S. 1.: s.d.. Atual.: s.d. [cons. em 04-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://conhecerepensar.wordpress.com/2016/05/21/kierkegaard-um-existencialista-cristao/>>

Pyle, Howard. *Las alegres aventuras de Robin Hood*. Anaya: 1989

Rafael, Gina Guedes – “Jornais, romance-folhetim e a leitura feminina no século XIX: influências transatlânticas?” *IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia*. [Em linha]. v. 1, n. 1 (2012) pp. 32-42 Atual. 2017. [Cons. em 11-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/18181>>

Reis, Jaime - *O analfabetismo em Portugal no século XIX: uma interpretação (1850-1914)*. [em linha]. [Apresentação Prezi]. S. 1: TEIXEIRA, Laureen, 2015 (com descrição textual). [Cons. em 11-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://prezi.com/kcbqvkjbbelc/o-analfabetismo-em-portugal-no-seculo-xix/>>

Rocha, Joaquim – *Tomaz das Quingostas*. Ed. Digital da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo. Editora original: Câmara Municipal de Melgaço, s/d.

Rodrigues, Madalena - *O Cavaleiro Negro*. [em linha] ESCS magazine: 2017. Atual.: 2016. [cons. em julho de 2017] Disponível na Internet: <URL: <http://escsmagazine.escs.ipl.pt/o-cavaleiro-negro/>>

Rodrigues, Welma - *Resumo do livro Ivanhoé* [em linha]. Welma na História (blog): 2013. Atual.: s.d. [cons. em 24-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://welmarodrigues.blogspot.pt/2013/04/resumo-do-livro-ivanhoe.html>>

Sampaio, José Reis - *A Guerrilha do Remexido no concelho de Monchique*, [em linha], 2ª edição, Monchique: 2006. [cons. em Dez. 2012]. Disponível na internet: <URL: <http://joserosasampaio.com.sapo.pt/livros/livro%20remexido.pdf>>

Schilling, Voltaire – *Educação > História – “Lévi-Strauss e o Estruturalismo I”* [em linha]. [S. l.]: s.d. Atual.: 2017. Disponível na internet: <URL: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/historia/levi-strauss-e-o-estruturalismo-i,5708c438bb1ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>

Secco, António L. S. H. - *Memórias do Tempo Passado e Presente Para Lição dos Vindouros*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1880

Sérgio, Ricardo - *Recanto das Letras*. "Romance de Cavalaria e Amadis de Gaula" Estudos Literários: 2013, [em linha], [cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/373313>>

Significados: descubra o que significa, conceitos e emoções [em linha] S. l. Atual.: 2017. [cons. em 22-07-2017]. Disponível na Internet : <URL: <https://www.significados.com.br/superego/>>

Silva, Célia Taborda – “Guerrilheiros e Bandidos no Douro na primeira metade do séc. XIX” - *Douro – Estudos & Documentos*, [em linha]. Vol. I (3) (2º), pp. 111-122 [Cons. em abr. de 2017]. Disponível na Internet : <URL: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9342.pdf>>

Silva, Débora - *Estudo Prático*, "Heráclito e Parmênides - Filosofia e pensamento" [Em linha] S/d. Atual: 2017 [Cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.estudopratico.com.br/heraclito-e-parmenides-filosofia-e-pensamento/>>

Sobral, Anabela Silva - *O ensino e a população em Portugal do século XIX*:« [em linha]. [Apresentação em Slide Share] S. l.: 2012 (com descrição textual) [cons. em 11-06-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://pt.slideshare.net/anabelasilvasobral/o-ensino-e-a-populao-em-portugal-do-sculo-xix>>

Sousa, Roberta de, - "Eurico, o Presbítero" [em linha], *Infoescola. Navegando e Aprendendo*. S/d. [cons. em julho de 2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.infoescola.com/livros/eurico-o-presbitero/>>

Sua Pesquisa.com - Portal de Pesquisas Temáticas e Educacionais - *O Cangaco*. [em linha] [S.l.]: s.d. Atual.: 2004-2017 [cons. em 16-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/cangaco.htm>>

Tagino, E.S. - *Folheando com...E. S. Tagino*. [Em linha]. Portal da Literatura: 2009. Atual.: 2006-2017. [Cons. em 11 jun. 2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://www.portaldaliteratura.com/entrevistas.php?id=23>>

Távora, Franklim – *O Cabeleira*. [em linha] Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. [cons. em 09-08-2015]. Disponível na Internet em: <URL: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2073>

Teixeira, Gustavo - *Qual é a diferença entre um psicopata e um sociopata?* [em linha]. *Jornal Ciência*: 2015. Atual.: 2017 [cons. em 11-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.jornalciencia.com/qual-e-a-diferenca-entre-um-psicopata-e-um-sociopata/>>

UOL Educação: Biografias – *António Conselheiro* [em linha] Atual.: 1996-2017 [cons. em 17-07-2017]. Disponível na Internet: <URL: <https://educacao.uol.com.br/biografias/antonio-conselheiro.htm>>

Varatojo, Artur - *O José do Telhado*. Lisboa: Correio da Manhã, 2003

Vargas, José Manuel – *No tempo em que a serra estava “infestada de guerrilhas”*. [em linha]. Portal do Remexido: 2012. Atual.: 2009?. [cons. em 30-10-2014]. Disponível na Internet: <URL: <https://remechido.jimdo.com/artigos/>>

Velasco, Valquíria – “Antônio Conselheiro” [em linha] *InfoEscola, Navegando e Aprendendo*: 2014. Atual.: 2006-2015 [cons. em 13-08-2015] Disponível na Internet: <URL: <http://www.infoescola.com/biografias/antonio-conselheiro/>>

Weiser, Kathy - *Tiburcio Vasquez - California Desperado*. [Em linha] Legends of America: s.d. Atual.: 2017 [Cons. em 11 jun. 2017]. Disponível em: <URL: <https://www.legendsofamerica.com/we-tiburciov Vasquez.html> >

Wikipedia – “Antônio Conselheiro” [em linha] [Cons. em Out. 2017]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B4nio_Conselheiro>

Woods, Alan – “Hobsbawm foi um Marxista? Parte 1” - *Esquerda Marxista. Corrente Marxista Internacional* [em linha] Atual.: 2017 [cons. em 22-07-2017]. Disponível em: <URL: <http://www.marxismo.org.br/content/hobsbawm-foi-um-marxista-parte-1/>>

Youtube - “Os Teus Contos Clássicos - O burro, a raposa e o leão” [Registo audiovisual] Publicado por Rui Tico: 2016. Licença padrão do Youtube.[Cons. em julho de 2017]. Disponível em: <URL: <https://www.youtube.com/watch?v=jMuFt9CzeZ0>>

FONTE DAS IMAGENS

CAPA

João Brandão: <URL: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Brand%C3%A3o>
[cons. em Fev. 2017]

José Joaquim de Sousa Reis [em linha] <URL:
<http://www.sulinformacao.pt/2013/07/albufeira-viveu-momentos-de-terror-ha-180-anos-com-o-ataque-de-remexido/>> [acedido em set. 2017]

Foto 1 – Robin Hood [em linha] <URL: <http://www.history.com/topics/british-history/robin-hood>> [acedido em out. 2017]

Foto 2- José do Telhado [em linha] <URL: <http://www.cm-penafiel.pt/pt-pt/visitar-penafiel/personalidades/ze-do-telhado.aspx?PID=346&M=NewsV2&Action=1¤tPage=4>> [acedido em out. 2017]

Foto 3 – Antônio Conselheiro [em linha] <URL:
<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1185889>> [acedido em out. 2017]

Foto 4 – Juan Facundo Quiroga [em linha] <URL:
https://www.biografiasyvidas.com/biografia/q/quiroga_juan_facundo.htm> [acedido em out. 2017]

Foto 5 – Salvatore Giuliano *in*: Fava, Giuseppe – “O Evangelho e o Presidente” *in*: *A Mafia*. Lisboa: Edições 70, fig. 1

ANEXOS

Anexo I

Para se tentar perceber as possíveis interações de carácter psíquico que, eventualmente, poderão estar subjacentes na dicotomia bandido/herói, achamos relevante deixar o seguinte artigo:

Freud dividiu o inconsciente em id, ego e superego. A relação entre estas três partes é influenciada por fatores ou energias inatas que ele chamou de pulsões. Descreveu duas pulsões antagónicas, a da preservação da vida e a da morte, chamada também da luta entre Eros e Tanatos. Elas não atuam isoladamente, mas sempre em conjunto. O equilíbrio entre elas é o responsável pela nossa sanidade mental. O desequilíbrio leva a um estado patológico. O id é o reservatório das pulsões e responsável pelas demandas mais primitivas e perversas. O superego é a parte moral e representa os valores da sociedade, ele contra-age ao id. O ego está entre os outros dois, é onde nossas necessidades primitivas e nossas crenças éticas e morais se alternam. O nosso equilíbrio ou sanidade mental é dado pela habilidade em se adaptar à realidade e interagir com o mundo exterior de uma maneira que seja cômoda para o id e o superego. Os psicopatas têm um id exacerbado e um superego muito reduzido, ficando isentos do remorso e sobressaindo a falta de consciência moral. Em outras palavras, como o superego é o local dos valores da sociedade, se estes se encontram reduzidos teremos um superego fraco e uma sociedade gravemente enferma.

In: Filosofias do Ego - “Psicopatia: Uma Filosofia do Ego” [em linha], [cons. em 05-08-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://egofilosofante.blogspot.pt/2011/04/psicopatia-uma-filosofia-do-ego.html>>[em linha], [cons. em 05-08-2017]. Disponível na Internet: <URL: <http://egofilosofante.blogspot.pt/2011/04/psicopatia-uma-filosofia-do-ego.html>>

Anexo II

Achamos relevante apresentar, de seguida, um rol de crimes atribuído por JOÃO M. de Carvalho (2004, cap. VIII) a João Brandão:

Ouve, finalmente, tigre com figura humana, mau grado teu, a nossa sentença a teu respeito, e a relação de parte de teus crimes. És um vil assassino e um refinado ladrão!

Mataste no anno de 1837 a um homem próximo de Gouveia, em uma das tuas excursões á serra da Estrella.

Ajudaste a matar em 1842 o juiz de direito de Midões, Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco Telles.

Mataste em 1845 próximo de Midões a teu primo, Manoel Rodrigues da Silva Brandão.

Mataste em 1847 um homem em Correios, concelho do Carregal.

Mataste no mesmo anno em Pindello, concelho de Senhorim, a um primo do administrador do mesmo concelho, Francisco Coelho.

Mataste em 1850 a Estanislau Xavier de Pina, de Várzea de Meruge, concelho do Ervedal.

Mataste no mesmo anno a um homem no logar de Fiães, concelho do Carregal.

Mataste em 1851 a teu primo, Francisco Elysio da Silva Brandão.

Mataste em 1852 a um fulano Guimarães no logar dos Cabris, concelho do Carregal.

Mataste no dia 5 de outubro do corrente anno o irmão do Ferreiro de Várzea de Candosa em Villa Chã, concelho de Taboa.

E, finalmente, para cumulo das tuas atrocidades, mataste a João Nunes, Ferreiro de Várzea de Candosa, da maneira a mais barbara, na noite de 9 para 10 de novembro ultimo, no sitio da Bemfeita.

[...]Além d'estas onze mortes, feitas ou mandadas fazer por João Brandão, adicionámos no “Conimbricense” de 6 de janeiro de 1855 mais as quatro seguintes:

No dia de entrudo de 1851 tinha sido assassinado em Lourosa um homem do Espadanai pelos facinoras Gralha e Gratina, estando João Brandão pessoalmente a incitar os matadores.

Por ordem d'elle foram os scelerados Anginho e Juliana assassinar no logar de Vide a João Gaspar, do Pisão de Coja.

Havia assassinado, no anno antecedente de 1854, a José Nogueira e José Bernardo, de Villa Pouca. Ambos os assassinatos haviam sido feitos por elle no mesmo dia e próximo d'aquella povoação.

In: Carvalho, Joaquim Martins de, - Os Assassinos da Beira: Novos Apontamentos para a História Contemporânea. [data original: 1890, versão fac-similada]1ª edição, Lisboa: Arquimedes Livros, 2004

Anexo III

No Arquivo Histórico Militar, sobre a guerrilha do Remexido:

1836, Março, 21 -1838, Julho, 13

Relação de documentos que foram apreendidos ao rebelde Remexido e remetidos ao Ministério da Guerra pelo comandante da 8ª Divisão Militar, nomeadamente, passaporte do consulado italiano em Barcelona passado para Rachela Magnioni, ofícios, correspondência, relações de detalhes de serviço, proclamação de Remexido aos povos, circular do Remexido sobre a promessa de baixa de serviço às praças de 1ª e 2ª linhas e voluntários realistas, ordem do dia, copiador de ofícios expedidos pelo comandante em chefe do Exército de Operações do Sul, relações de antiguidades de oficiais e relação de vencimentos.

1837, Fevereiro, 23 -1838, Outubro, 28

Correspondência entre as guerrilhas comandadas por Remexido sobre a marcha de uma força de praças, caçadores, despesas, remessa de mantimentos ao grupo de guerrilhas, espionagem dos movimentos do inimigo, ordens do dia, relato de roubos perpetrados pelos companheiros do Remexido, remessa de documentos, ordens de marcha, presos, disponibilidade de armamento, pedidos de fornecimento de munições, remessa de relações de oficiais inferiores da 1ª linha e mapas da força da Divisão de Operações do Sul, apresentação de oficiais, assaltos cometidos pelos guerrilhas, relações de vencimentos, pagamento de dívidas, relato de operações, encontros com outros grupos de guerrilhas e entrega de cavalos roubados.

1836, Dezembro, 11 -1837, Março, 25

Aviso do visconde Sá da Bandeira sobre medidas sugeridas pela Rainha para combater a facção do Remexido e ofícios de José Manuel Serpa para o visconde sobre o mesmo assunto.

1837, Dezembro, 16 -Beja -1838, Julho, 4

Correspondência de várias entidades para José Joaquim de Sousa Reis Remexido sobre as desordens provocadas pela força de Cavalaria a comando do major Velhana, memorial das operações feitas no Algarve, ataque ao Destacamento de São Brás e sobre a relação do dinheiro retirado de diferentes populações no Algarve pelo sargento Ventura.

1836, Novembro, 30 -1837, Janeiro, 26 -Tavira

Correspondência de José Pedro Celestino Soares e de Francisco Pedro Celestino Soares para várias entidades sobre a partida de um Regimento de Cavalaria 4 para Torres Novas, abonos mensais para despesas do expediente da Secretaria, medidas para o extermínio da guerrilha do Remexido.

1833, Setembro, 1 -1835, Janeiro, 3 -Lisboa

Correspondência do barão de Sá da Bandeira para várias entidades sobre presos, remessa de documentação, a reunião de guerrilhas em Serpa e Mértola, relato de lutas contra os comandos de guerrilhas de Camacho, Remexido e Ramos e ataque em São Bartolomeu de Pexão.

1838, Janeiro, 24 -Julho, 12

Correspondência expedida pelo Remexido, brigadeiro das guerrilhas algarvias, para várias entidades sobre o fornecimento de munições, ordens de marcha para vários oficiais das guerrilhas, pedidos para espiar o inimigo, fornecimento de armamento e víveres, notícias sobre os movimentos do inimigo e planeamento de ataques em localidades do Algarve.

32 fls. manuscritas e 1 fl. em branco.

45 fls. manuscritas, 2 fls. impressas e 14 fls. em branco.

1837, Junho, 15 -Setembro, 30 -Leiria

Ofícios da administração geral de Leiria para o administrador do concelho de Óbidos sobre os indivíduos que têm acompanhado a guerrilha do Remexido, indivíduos indiciados no juízo de Lisboa e indivíduos que assassinaram três oficiais, conforme as relações (cópias) remetidas.

1838, Julho, 28 -Agosto, 6 -Lisboa

Processo verbal sumário feito a José Joaquim de Sousa Reis Remechido, acompanhado do auto da sessão do Conselho de Guerra em que se sentenciou o fuzilamento do Remexido.

1838, Janeiro, 10 -Dezembro, 19

Correspondência entre várias entidades enviando os “Conselhos Militares e Verbais” realizados a vários guerrilhas presos por suspeitas de pertencerem à guerrilha do Remexido, “Conselho de Guerra” realizado a dois desertores do Regimento de Infantaria 8, relação de testemunhas de defesa e ordens expedidas relacionadas com as decisões tomadas nos Conselhos.

1837, Abril, 9 -1839, Abril, 7

Correspondência entre várias entidades enviando os “Conselhos Verbais” realizados a guerrilhas suspeitos de pertencerem à guerrilha do Remexido, “Conselho de Averiguação” realizado a Francisco António, desertor do Regimento de Infantaria 7, diários semanais da 2ª Secção Militar, vencimentos em atraso no Corpo Franco de Évora e operações militares para a captura de guerrilhas.

1837, Junho, 22 -Dezembro, 30

Correspondência entre várias entidades sobre reuniões de guerrilhas miguelistas no Algarve, mapas da força, transferências de pessoal, relações, diários, notícias de guerrilhas, praças, ordens de marcha, crimes, movimentos de guerrilhas, munições, comando de operações no Algarve, solípedes, segurança, ordem pública, guerrilha de Remexido, relatos de marchas no Alentejo e Algarve, intendência, víveres, presos, oficiais, saúde, deserções, colunas militares, delitos, disciplina, desarmamento das guerrilhas, Corpo Franco de Évora e Faro, Guarda Nacional de Faro, Salir, Odemira e Silves, participações, aquartelamento, guarnição, encontros entre tropas fiéis e guerrilhas e sobre guerrilhas carlistas.

1837, Agosto, 13 -Ameixial -1838, Dezembro, 31

Correspondência expedida por comandantes de secções militares do Alentejo e Algarve para várias entidades sobre ordens de marcha, operações contra as guerrilhas miguelistas, solípedes, ordem pública, participações, crimes, avistamento de guerrilhas, reuniões e roubos perpetrados por guerrilhas, relatos de movimentos das guerrilhas de Remexido, João Baiôa, Casimiro e Rachado, deserções, fortificações,

relatos dos avistamentos de guerrilhas em Silves, relações, logística, presos, guerra civil, praças, lavradores, embarcações, escoltas, participações, transferências de pessoal e armamento.

1837, Julho, 1 -1838, Dezembro, 15

Correspondência entre vários comandantes sobre guerrilha de Remexido, relações, relatos de avistamento de guerrilhas em vilas do Algarve, disciplina, deserções, praças, revistas de tropas, forças de operações para defender as estradas do Algarve, crimes perpetrados pelos guerrilhas, presos, ordens de marcha, segurança pública, relação do estado da dívida e pagamentos aos oficiais do comando da força armada e das operações da 8ª Divisão Militar e relações de intendência.

1838, Maio, 2 -Novembro, 14 -Beja

Correspondência de Francisco José de Araújo Lacerda para o conde de Bonfim sobre a transação com João Francisco de Borges Lança para a captura dos guerrilheiros de Leão Baiões e Remexido.

In: Exército Português [em linha] [cons. em 30-10-2014]. Disponível na Internet em: <URL: <https://arqhist.exercito.pt/details?id=186174>>

ANEXO IV

Abaixo deixamos excertos documentais encontrados por José Manuel Vargas nos Registos Paroquiais de S. Bartolomeu de Messines. Alusões negativas à guerrilha do Remexido, relatos de ações, que são atribuídas explicitamente, anunciando, e implicitamente, omitindo, o nome do Remexido, como autor moral ou material dos atos reprováveis:

Aos vinte e três dias do mês de Agosto de mil oitocentos e trinta e seis, morreu Gonçalo Francisco de Sales, solteiro, filho de Francisco Simão de Sales e de Feliciano Maria, da cidade de Lagos, soldado do Batalhão Naval da dita cidade, que depois de ter combatido contra os guerrilhas comandados pelo facinoroso Remechido, no dia acima dito, foi assassinado por um deles, estando já prisioneiro. Foi encomendado e jaz no campo que se benzeu e destinou para cemitério dos valorosos combatentes que no mesmo dia perderam gloriosamente a vida em defesa da Rainha e da Pátria, de que fiz este termo que assinei.

O pároco encomendado: Joaquim Veríssimo dos Reis Almeida.

Outubro, 7 -Morreu o tenente de Infantaria da Linha nº 4, Alberto António da Fonseca, casado com D. Maria Catarina de Freitas, actualmente moradores na cidade de Lagos, em um combate sustentado contra os guerrilhas *comandados pelo Remechido, na serra do Malhão, da freguesia de Salir. Jaz na igreja.*

Actos atribuídos implicitamente a, mas sem citar o seu nome: Remexido:

1836, Agosto, 23 -Faleceu Manuel Veríssimo Ribeiro, anspeçada da Companhia de Atiradores do Regimento de Infantaria da Linha nº 4, casado com Maria das Dores, natural de Faro, combatendo contra os guerrilhas que no mesmo dia atacaram o povo de S. Bartolomeu de Messines pelas três horas e meia da manhã. Foi encomendado e jaz no campo que se benzeu e destinou para cemitério dos bravos soldados que naquele dia perderam heroicamente a vida em defesa da Rainha e da Carta.

Em 21 de Janeiro, a câmara de Silves, numa carta à Rainha, tinha proposto que se queimasse uma parte da serra para acabar com os guerrilhas. Em 15 de Dezembro, veio comandar a tropa no combate aos guerrilhas o coronel Fontoura e foram dadas ordens para fuzilar todos os que fossem encontrados de armas na mão.

1838, Abril, 27 -Brites Maria, de 60 anos, viúva de Manuel Gonçalves, dos Calvos. Não recebeu os sacramentos, por se achar a freguesia infestada dos guerrilhas. Também não recebeu os sacramentos, pelo mesmo motivo, António Gonçalves, de Vale de Fontes (Novembro, 12).

Junho, 25 -João Gonçalves Valente, casado com Isabel Cabrita, da Corte Pereiro, foi morto violentamente pelos guerrilhas.

Outubro, 29 -Faleceu Maria da Silva, viúva de Inácio da Costa do sítio do Semeideiro. Não recebeu os sacramentos, por se achar a serra infestada dos guerrilhas. Jaz no adro.

1837, Julho, 2 -Inácio Martins, do sítio da Gralha, Não recebeu os sacramentos, por se achar a serra infestada dos guerrilhas.

A seguir deixamos registos de ações da guerrilha, já após a morte do seu criador, o Remexido, mas onde os seus detratores ainda lhe encontram uma responsabilidade (senão física, pelo menos, moral ou espiritual?)

1839, Fevereiro, 3 -Manuel da Silva, solteiro, de S. Marcos, morreu fuzilado por ter sido encontrado com as armas na mão contra a Pátria. No mesmo dia, faleceu Carlos Coelho, do sítio do Pomar, sem ter recebido os sacramentos pelo perigo dos guerrilhas. E, em Dezembro, 16, Maria Catarina, do Pereirinho.

Junho, 19 -Morreu fuzilado o guerrilha Agostinho Eduardo Brinquena, de 19 anos, filho de Francisco Eduardo Brinquena, coronel de Infantaria, de Elvas.

Julho, 25 -Manuel João, casado com Rosália Maria, de Vale Fuzeiros, guerrilha fuzilado pela tropa no Monte Branco, S. Marcos.

Setembro, 6 -Morreu fuzilado no campo próximo a este povo de S. Bartolomeu de Messines, Bento José, natural de Monchique, de 25 anos, solteiro. Recebeu o sacramento da Penitência e não recebeu a Sagrada Eucaristia, por não estar em jejum. No mesmo dia, foi fuzilado, nas mesmas circunstâncias, Manuel Francisco, solteiro, de 33 anos, natural de S. Teotónio.

1840, Fevereiro, 12 -Num encontro da tropa com os guerrilhas na Corte Galega, S. Marcos, morreu o guerrilha chamado António Maria, que entre os mesmos se chamava alferes. Era filho do escrivão da Alfândega de Mértola.

Abril, 3 -Morto junto ao Monte da Azilheira, freguesia de S. Marcos, o guerrilha José Ramos, viúvo de Maria Paula, filho do alferes João António, da Guia.

Agosto, 26 -Fuzilado no sítio da Silveira, S. Marcos, e sepultado no mesmo sítio Francisco Dores, de Alte.

Outubro, 27 -Morreu de morte violenta às mãos dos guerrilhas, em sua própria casa, Manuel Lourenço Sénior, casado com Maria Quitéria, do sítio da Nora.

Em 1840, não receberam os sacramentos, pelo perigo dos guerrilhas, António Duarte, do Talurdo (Julho, 24) e Maria Perpétua, da Corte Galega (Abril, 2).

1841, Junho, 31 -A freguesia de S. Marcos ocupada pelos guerrilhas.

1842, Fevereiro, 17 -José Aleixo, casado com Maria de Jesus, da Amorosa, foi fuzilado junto ao cemitério. Não lhe deram tempo para receber os sacramentos.

Novembro, 9 -Faleceu em Messines, Manuel Dias, de Salir. Havia um mês que fora preso em Sabóia. Foi ferido nas costas por dois soldados, junto à Silveira.¹

Sobre o Remexido na *Brasileira de Prazins* de Camilo Castelo Branco.

Com quem ele se parece é com o Remexido do Algarve – afirmava o 14 [...]

[...] Em 1836 apareceu no Algarve a poderosa guerrilha de José Joaquim de Sousa Reis, o Remexido, em São Bartolomeu de Messines. Os dois ex-sargentos alvorçaram-se com a notícia e resolveram apresentar-se ao formidável caudilho. Veríssimo pediu à tia uma quantia mais avultada para pagar as últimas despesas do sacerdócio.

A velha mandou-lhe o preço de uma vinha vendida e a sua bênção. Os aventureiros partiram para o Algarve. O general recebeu-os nos braços, e deu-lhes divisas de capitães. Veríssimo Borges escreveu ao pai, a dar-lhe parte do seu heróico destino: que advogasse a sua nobre causa na presença da tia Águeda, e lhe dissesse que ele não podia largar a espada vencida enquanto visse no campo brilhar o ferro de um realista. Que o general Sousa Reis estava destinado a repor o Sr. D. Miguel I no trono, ou ser o último a morrer em sua defesa; que ele e um seu amigo e camarada tinham saído de Braga juramentados a morder o pó onde caísse o seu general. Que eram já comandantes de companhias, e tinham duas carreiras abertas – uma que levava à glória, outra à sepultura – que também era uma glória morrer pela pátria.

José Joaquim, o Remexido, era um bem figurado homem de trinta e oito anos. Nascera em Estômbar, estudara para clérigo no seminário de Faro, e distinguira-se em perspicácia e subtileza na percepção das teologias. O amor inutilizou-lhe o talento aplicado a um pacífico e humaníssimo destino. Viu uma esbelta moça de São Bartolomeu de Messines quando aí foi pregar um sermão, sendo minorista. As serenas visões do levita deslumbrou-lhas a formosa algarvia. Não hesitou entre o amor da humanidade e o culto egoísta da família. Casou, e de homem estudioso e contemplativo, volveu-se lavrador, lidou rudemente nas searas, e redobrou de esforços à proporção que os filhos lhe multiplicavam o amor e os cuidados. Insensivelmente compenetrava-se da paixão política. Nesta província, onde em 1808 estalou o primeiro grito contra o domínio francês, a liberdade proclamada em 1820 abriu um abismo entre duas facções que por espaço de dezoito anos se despedaçaram. José Joaquim de Sousa Reis alistou-se entre a clerezia de quem recebera as boas e as más ideias, e manifestou-se em 1823 um ardente sectário das más, perseguindo os afeiçoados à revolução do Porto.

Em 1826 emigrou para Espanha, e voltando em 1828 extremou-se entre os aclamadores do rei absoluto. Daí em diante, receoso das retaliações, não teve mais uma hora de remansoso contentamento nem abriu mão da espada tão afoita quanto cruel. Logo que o duque da Terceira aportou com a divisão expedicionária às praias da Lagoa, em 24 de Junho de 1833, Sousa Reis com alguns cúmplices foragiu-se nos recôncavos do Penedo Grande, cujas veredas montanhosas conhecia. Deixou mulher e filhos, na primeira flor dos anos, inculcados idas paixões de seu pai, fiados na generosidade dos vencedores e na própria inocência. A vingança fez represálias na família do fugitivo. A mulher e os filhos foram espancados pela tropa, depois do roubo e do incêndio da sua casa de Messines. O leão, como se ouvisse bramir os cachorrinhos nas garras do tigre, irrompeu da caverna, precipitou-se dos penhascais à frente da sua alcateia, e atacou Estômbar com irresistível ímpeto. Estava aí a sua família sob a pressão das baionetas que a vigiavam como armadilha à queda do guerrilheiro; mas a tropa não pôde resistir à fúria de pai. Ele atirava-se às descargas, abrindo com a espada a vereda do seu ninho. Os inimigos que o viram nesse dia conservaram longo tempo a lembrança da sua catadura transfigurada pela desesperação. E todavia era um homem gentilíssimo. Depois, senhoreou-se de povoações importantes do Algarve e estendeu até às fronteiras do Alentejo os seus domínios. Moveram-se contra ele muitos regimentos de primeira linha e de batalhões da guarda nacional. Ele tinha adoecido de fadigas incomportáveis, e descansava com algumas centenas de homens num desfiladeiro da serra, chamado a Portela da Corte das Velhas. Aí o atacou uma coluna de caçadores. O Remexido, afinal, faltou-lhe a coragem de se fazer matar. Viu talvez a mulher e os filhos, entre a sua agonia e as baionetas. Deu-se à prisão, e cinco dias depois era arcabuzado em Faro.²

¹ Vargas, José Manuel – *No tempo em que a serra estava “infestada de guerrilhas”*. [em linha]. Portal do Remexido: 2012. Atual.: 2009?. [cons. em 30-10-2014]. Disponível na Internet: <URL: <https://remechido.jimdo.com/artigos/>>

² Castelo Branco, Camilo, *A Brasileira de Prazins*, Edição conforme a 1a, revista pelo autor, Porto: Livraria Lelo [188-] <URL: <https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/03/A-Brasileira-de-Prazins.pdf>>, pp. 109; 124-127